



# PELAS TRILHAS DE MINAS

A LÍNGUA NAS GERAIS

Evelyne Dogliani e Maria Antonieta A. M. Cohen  
(organizadoras)

**Pelas trilhas de Minas:  
a língua nas Gerais**

Evelyne Dogliani  
Maria Antonieta A. M. Cohen  
Organizadoras

**Pelas trilhas de Minas:  
a língua nas Gerais**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2011

Copyright © 2011 dos Autores

Projeto Gráfico e Editoração: Marco Antônio e Alda Durães

## Capa

Arte: Augusto Molinari

Projeto: Marco Antônio Durães

Produção: Liliana Dogliani

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

P381      Pelas trilhas de Minas : a língua nas Gerais / Evelyne Dogliani,  
Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, organiza-  
doras. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG,  
2011.  
270 p. : il., fots. ; 22,5 cm

Inclui referências.

ISBN: 978-85-7758-094-1

1. Mudanças linguísticas. 2. Língua portuguesa - Variação.  
3. Língua portuguesa - Dialetos - Minas Gerais. 4. Língua  
portuguesa - Regionalismos - Minas Gerais. 5. Estrada Real.  
I. Dogliani, Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine. II. Cohen,  
Maria Antonieta Amarante de Mendonça.

CDD : 469.798

A revisão dos textos é responsabilidade dos autores.

# Sumário

## Apresentação

*Evelyne Dogliani*

*Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen* . . . . . 7

## RELATOS

Barra Longa: cidade mineira de muita história para contar

*Ana Paula Mendes Alves de Carvalho* . . . . . 13

Pelas trilhas de Minas até Belo Vale...

*Eunice Maria das Dores Nicolau* . . . . . 19

O município de Papagaios

*Karoline Biscardi*

*Evelyne Dogliani* . . . . . 25

Paracatu

*Eduardo Tadeu Roque Amaral* . . . . . 31

Um pouco da história de Santa Luzia

*Gabriele Cristine Carvalho* . . . . . 35

Pelos caminhos do Serro

*Evelyne Dogliani* . . . . . 41

## ANÁLISES

1 – Um panorama do apagamento do clítico “se”  
no dialeto de Belo Horizonte

*Carolina Dias Cunha* . . . . . 49

2 – O apagamento do pronome *se* na cidade de Santa Luzia/MG

*Gabriele Cristine Carvalho* . . . . . 71

3 – A influência da variável redes sociais na variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos <i>Ana Paula Mendes Alves de Carvalho</i> . . . . .	83
4 – A ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios na zona rural das cidades de Matipó e Abre Campo – MG <i>Andréia Almeida Mendes</i> . . . . .	103
5 – A variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na cidade de Paracatu <i>Eduardo Tadeu Roque Amaral</i> . . . . .	127
6 – Pelas trilhas de Minas até Belo Vale: garimpando em busca de traços conservadores do português do Brasil <i>Eunice Nicolau</i> . . . . .	145
7 – Descrição e análise das preposições em dois recortes sincrônicos: dados orais da região de Sumidouro – MG e do Livro das Aves <i>Maria Auxiliadora da Fonseca Leal</i> <i>Soelis Teixeira do Prado Mendes</i> . . . . .	163
8 – A consoante lateral palatal na região do Serro <i>Evelyne Dogliani</i> . . . . .	199
9 – Vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG <i>Karoline Biscardi</i> <i>Evelyne Dogliani</i> . . . . .	211
10 – Variação e mudança dos róticos no português do Brasil: dados do sul de Minas Gerais <i>Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen</i> <i>Soelis Teixeira do Prado Mendes</i> . . . . .	229
11 – O comportamento da variável lateral palatal na comunidade de fala belorizontina <i>Neffe Luiza de Aguiar Pinheiro</i> . . . . .	245

# Apresentação

O livro *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais* traz à luz uma parte dos produtos obtidos a partir de desenvolvimentos do projeto *Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas gerais*<sup>1</sup> que se desenvolveu na Faculdade de Letras da UFMG de 2002 a 2005. Esse projeto teve como objetivo a coleta de dados orais contemporâneos e escritos pretéritos de localidades que tenham sido rota das bandeiras paulistas nos territórios mineiros em séculos anteriores, a partir do XVII, ou que tenham surgido em decorrência desses múltiplos caminhos. Posteriormente tais dados seriam submetidos à análise sociolinguística, dialetológica e/ou histórica, dentro do escopo da linha de variação e mudança linguística do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Fale/UFMG.

Os dados do português falado contemporâneo foram gravados e transcritos segundo critérios já estabelecidos, nessas comunidades, cuja localização seguia em parte a rota das bandeiras, conforme a proposta inicial do *Filologia Bandeirante*<sup>2</sup> em 1997,<sup>3</sup> ao qual se seguiu o *Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*. Conforme Cohen (2010),<sup>4</sup> em ambos os projetos foram definidas áreas de investigação: no *Filologia*

---

<sup>1</sup> Projeto Fapemig, SHA 844/2, de 2002 a 2005.

<sup>2</sup> Projeto temático apoiado pela Fapesp (1998-2001) que congregava equipes e dados de quatro estados: São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

<sup>3</sup> COHEN, M. A. et al. *Filologia Bandeirante. Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 1. São Paulo: Humanitas, 1997.

<sup>4</sup> A importância dos projetos *Filologia bandeirante* (1998-2002) e *Pelas trilhas de minas: as bandeiras e a língua nas gerais* (2002-2004) para descrição e análise da diversidade linguística de Minas Gerais. Palestra apresentada durante o 1º Encontro sobre a diversidade linguística em Minas Gerais: cultura e memória. Mesa redonda *Pesquisa sobre diversidade linguística em Minas Gerais: resultados e perspectivas*. Ouro Preto: 2010.

Bandeirante, que se iniciou em 1998, o eixo espacial da exploração linguística eram as trilhas dos bandeirantes paulistas em suas expansões para o Sul, Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. No caso de Minas Gerais, esse eixo eram o caminho velho e o caminho novo dos bandeirantes, a famosa Estrada Real, em especial o caminho velho no sentido norte a partir de Santos, cuja rota foi reaproveitada e configura-se em linhas gerais como a atual rodovia Fernão Dias. A bandeira de 1672 era o marco inicial, mas outras rotas anteriores a essa acabaram por se incorporar nos diversos subprojetos.

Quase à mesma época do desenvolvimento desses projetos é aprovada em Minas Gerais a *Lei 13.173, de 20/01/99 "Lei pela Conservação da Estrada Real"*, que tinha como objetivo o incentivo pela recuperação econômica dessas áreas do estado apoiando projetos de história, turismo, cultura. Apesar de os estudos linguísticos não serem um objetivo específico da lei, ela propiciou o lançamento de editais que focalizaram as pesquisas sobre acervos documentais em Minas, o que indubitavelmente aproximou as questões da língua a esses objetivos primeiros. Observa-se aí a convergência dos interesses: a língua portuguesa e sua expansão pelas rotas das bandeiras, que nada mais é, em Minas Gerais, que a Estrada Real, com o projeto Filologia Bandeirante, e o apoio ao turismo, à cultura, a pesquisas históricas nesse mesmo roteiro.

Toda essa efervescência em torno da Estrada Real, com seus descaminhos, pois a rota era longe de ser uma estrada como a entendemos hoje, mas uma soma de caminhos, de idas e vindas, gerou muitos produtos: criou-se o Instituto Estrada Real. Através desse muitas localidades passaram a integrar a rota, que era a das bandeiras e mais antigamente, as trilhas indígenas que os chamados 'bandeirantes' reaproveitaram em suas incursões pelo sertão.

Os trabalhos da equipe mineira com *o Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*, que tem desdobramentos até hoje, manteve entre seus objetivos, o estudo da língua antiga. Os dados do português escrito pretérito, encontrados em arquivos/centros de memória das localidades pesquisadas



foram reproduzidos e transcritos segundo critérios da crítica textual: os textos tinham de ser datados e autógrafos, preparados para uma análise linguística posterior. Os produtos dessas pesquisas reservam-se para uma publicação futura.

Os resultados das pesquisas com a língua falada aqui apresentados tomam por base dois tipos de *corpora*. Os do primeiro tipo são aqueles que se constituíram na vigência do projeto e cobrem as localidades de Paracatu, Belo Vale, Serro, Sumidouro e, no sul de Minas, Lavras, Novo Macaia (Ijaci), Cervo, Carmo da Cachoeira. Os do segundo tipo constituíram-se ulteriormente, a partir da participação de novos pesquisadores, que, motivados pelos resultados divulgados, ou estenderam a pesquisa para novas regiões ou revisitaram algumas. Assim dois trabalhos retratam aspectos da fala de Belo Horizonte, outros, de Matipó e Abre Campo, Santa Luzia, Papagaio e mais uma vez Barra Longa.

A maioria dos fenômenos linguísticos analisados a partir dos *corpora* constituídos com tais dados evidenciam casos de variação morfossintática ou fônica. Assim, Carolina Dias Cunha e Gabriele Cristine Carvalho descrevem o fenômeno de apagamento variável dos pronomes reflexivo e pseudo-reflexivo, com base no *corpus* organizado com falantes de Belo Horizonte e de Santa Luzia, respectivamente. O uso do artigo definido diante de antropônimos é objeto de estudo desenvolvido por Ana Paula Mendes Alves, sobre Barra Longa, por Andréia Almeida Mendes, sobre Matipó e Abre Campo, e por Eduardo Amaral, sobre Paracatu. Eunice Nicolau analisa a variação da forma *você*, com base em dados de Belo Vale. A frequência de uso das preposições é explorada por Maria Auxiliadora da Fonseca Leal e Soéllis Prado Mendes, que, a partir de dados contemporâneos da região de Sumidouro, voltam ao passado e propõem uma análise diacrônica do uso de preposições. A vocalização da lateral palatal é descrita através da fala de informantes de Papagaio, por Karoline Biscardi e Evelyne Dogliani; do Serro, por Evelyne Dogliani e de Belo Horizonte, por Neffer Luiza de Aguiar. Outra pesquisa, apresentada por Maria Antonieta Amarante de Mendonça

Cohen e Soelis Teixeira do Prado Mendes, contempla os róticos a partir da fala de informantes da região Sul: Lavras, Novo Macaia (Ijaci), Cervo, Carmo da Cachoeira.

Deixamos ao leitor, na parte seguinte, relatos sobre algumas das localidades onde as pesquisas foram realizadas: Barra Longa, Belo Vale, Papagaios, Paracatu, Santa Luzia e Serro. Essas informações derivam de anotações feitas pelos pesquisadores como preparação para suas pesquisas de campo e durante as incursões *in loco*,<sup>5</sup> que propiciaram também a observação assistemática de alguns fenômenos típicos das falas locais. Seguem, na segunda parte, os capítulos das análises linguísticas.

Evelyne Dogliani e Maria Antonieta A. M. Cohen  
Organizadoras

---

<sup>5</sup> As fotos incluídas nesses relatos são do arquivo pessoal dos pesquisadores.

# RELATOS

## Barra Longa: cidade mineira de muita história para contar

Ana Paula Mendes Alves de Carvalho<sup>1</sup>

*“No curso de seus rios correndo  
Encontramos uma bela história  
Que ecoa do descobrimento  
Seguindo pelo tempo afora.”<sup>2</sup>*



FOTO 1: Vista parcial de Barra Longa – MG (Acervo pessoal)

<sup>1</sup> Cf. Cap. 3 deste volume: A influência...

<sup>2</sup> TRINDADE (2004, p. 14).



FOTOS 2a e 2b: Portal da cidade de Barra Longa – MG (Acervo pessoal)

No início do povoamento de Minas Gerais, vários colonizadores chegaram às margens do rio Carmo, formando pequenos núcleos de povoamento. Barra Longa foi um desses núcleos, pois teve num primitivo arraial fundado no início do século XVIII, pelo coronel Matias Barbosa da Silva, senhor de muitos escravos e poderoso em armas.

De acordo com os registros encontrados, o bandeirante Francisco Bueno de Camargo é apontado como o primeiro a passar pela região à procura de ouro. Outros se seguiram, sendo que os primeiros habitantes chegaram entre os anos de 1701 e 1704. É nessa época, que, a pedido do Governador Arthur Sá de Menezes, Matias Barbosa se dirige à localidade para combater os índios que aí se encontravam, recebendo em troca vasta extensão de terras onde constrói sua fazenda – a Fazenda dos Fidalgos ou Fazenda da Barra – no local onde se dá o encontro dos rios Carmo e Gualacho do Norte.

Nos arredores da referida fazenda, o coronel Matias Barbosa manda erigir a Capela de São José da Barra do Gualacho, em 1729. Assim, nos entornos da capela se desenvolve um povoado, de acordo com Seabra (2004: 120), chamado inicialmente de *Barra dos Gualachos do Norte*, depois de *Barra de Mathias Barbosa* e, posteriormente, de *São José de Barra Longa*, em 1741, ano que se dá a instituição da paróquia no povoado.

Com a denominação atual, a Freguesia de Barra Longa é elevada à categoria de vila submetida à cidade de Mariana, por lei n.º 202, de 1º de abril de 1841, artigo 16. Em 1857, é transferida para o município de Ponte Nova. Mas a transferência é temporária, pois em 1870 volta a pertencer a Mariana, sendo novamente transferida para Ponte Nova em 1923. O município é emancipado em 17 de dezembro de 1938.

Segundo Trindade (1917), a motivação para o topônimo Barra Longa<sup>3</sup> se deve ao encontro dos rios que banham o município. Observa-se, de acordo com o autor, que o rio Carmo tem suas águas barrentas, enquanto o Gualacho tem águas claras, ao se encontrarem, é formada uma acentuada divisão de cores, uma *longa barra*, até se fundirem. Assim, banhada pelos rios Carmo e Gualacho, Barra Longa está situada na região do Carmo, juntamente com os municípios Acaiaca, Alvinópolis, Dom Silvério, Diogo de Vasconcelos, Mariana, Ponte Nova, Ouro Preto e Rio Doce. De acordo Trindade (1962), é nessa região que se inicia o povoamento do estado de Minas Gerais.

Foi ao findar do século XVII que o distrito das Minas Gerais, já então visitado por seguidos exploradores, em realidade começou a povoar-se. Entre as regiões primeiro penetradas e habitadas figura a do Ribeirão do Carmo (16 de julho de 1696). Riquíssimas em ouro, num ponto se viram as margens do decantado ribeirão buscadas e revolidas por uma multidão ingente de aventureiros atraídos de longe e várias terras pela sedução do ouro que empolgava, deslumbrando-as, tôdas as imaginações. Dados inteiramente à cata do precioso metal, esqueceram-se êsses primeiros colonos e mineiros da cultura da terra e em pouco vieram a sentir as tristes conseqüências de sua imprevidência e de sua desvairada ambição. A fome declarou-se impiedosa, impondo-lhes a dispersão: povoaram-se, então, num átimo, com os desertores do Carmo e do Ouro Prêto, as margens dos dois Gualachos, do Carmo, e do Rio Doce até o Sem Peixe, e se além não foram na primeira investida é que naqueles sertões imperava

---

<sup>3</sup> A respeito da motivação de outros topônimos desse e de outros municípios que se encontram às margens do rio Carmo, vale a pena conferir SEABRA (2004), tese de doutoramento intitulada *a Formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*, em que são encontradas informações linguísticas e culturais da primeira região povoada de Minas Gerais: a Região do Carmo.

ainda mais atrevido e mais bruto o bárbaro botocudo. Datam de então os estabelecimentos das primeiras fazendas, povoados e capelas da zona do Carmo e dos Gualachos. Barra Longa foi um desses povoados. (TRINDADE, 1962: 11)

A fertilidade das terras, própria para a agricultura e a exploração do ouro aluvião, abundantes em seus rios, foram fatores determinantes na fixação dos primeiros habitantes e no desenvolvimento do povoado. Além disso, a proximidade dos prósperos centros mineradores de Vila Rica e Vila de Nossa Senhora do Carmo – atuais Ouro Preto e Mariana – trouxe a prosperidade à região onde foram sendo instalados ranchos, fazendas, capelas e pousos de onde nasceram vários outros povoados, além do arraial originário, que atualmente ainda compõem sua unidade.

Localizada a 172 Km de Belo Horizonte, Barra Longa está situada na Zona da Mata, na fronteira com a Zona Metalúrgica (ver figura 1). O município possui uma área total de 389 Km<sup>2</sup> e cerca de vinte e cinco comunidades rurais, com distâncias que chegam a 30 Km da sede, muitas delas tão antigas quanto a própria sede. A atividade agropecuária representa o principal setor da economia do município, tendo o leite como o seu mais importante produto.

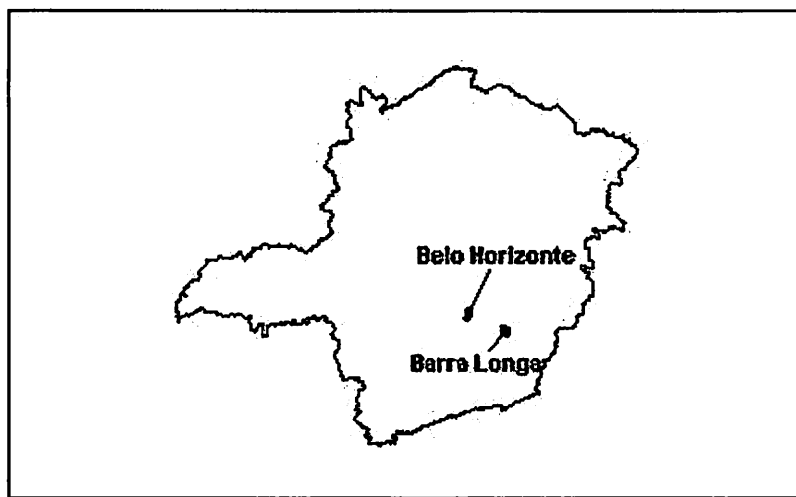


FIGURA 1 – Localização de Barra Longa em relação à Belo Horizonte.  
Fonte: IGA (Instituto de Geociência Aplicada) em 10/05/1999.

A população estimada do município de acordo com a contagem do IBGE de 2007 é de 6.965 habitantes, dos quais 70% habitam a zona rural, onde estão localizadas muitas fazendas construídas desde os primórdios do povoamento até os dias atuais, o que confirma a tradição agropecuária do município.

Além das atividades agropecuárias, como a produção de leite e de seus derivados, de cachaça e rapadura, outra atividade que se destaca na região é o bordado artesanal, cuja qualidade e tradição ultrapassam os limites regionais, conferindo à cidade o título de “Cidade dos Bordados”. Cumpre lembrar que, além dos bordados, Barra Longa mantém costumes tradicionais que são transmitidos de geração para geração, como festas religiosas, carnaval de rua, a festa do barra-longuense ausente – festa em que se comemora o encontro das pessoas da cidade que moram fora – e artesanatos em geral.

Quanto à religiosidade, observa-se que a maioria da população do município é católica. Há na sede a Igreja Matriz de São José, construída em 1774 e ornamentada pelos artistas José de Arouca e Francisco Vieira Servas, grandes nomes do barroco mineiro. Além da Matriz, há ainda, na sede, duas capelas e, geralmente, em cada comunidade rural e/ou fazendas há capelas que foram construídas coletivamente.

Sobre a educação do município, há nas comunidades rurais escolas municipais onde são ministradas as séries iniciais do ensino fundamental. Na sede, são encontradas duas escolas estaduais: a E.E “Claudionor Lopes” e a E.E. “Padre José Epifânio Gonçalves”. Na primeira, são oferecidas as séries iniciais do Ensino Fundamental e na segunda, as séries finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Barra Longa não possui escola técnica ou universidades, os jovens e outros interessados em cursos técnicos ou cursos superiores necessitam deslocar-se diariamente para municípios mais próximos como Ponte Nova ou Mariana, ou se mudar para Ouro Preto, Viçosa e Belo Horizonte, por exemplo.



No que se refere aos usos linguísticos da comunidade, cumpre dizer que desde 1992, talvez por sua tradição histórica, Barra Longa tem sido considerada um solo fértil para as pesquisas linguísticas tanto no que diz respeito à língua escrita pretérita quanto à língua oral contemporânea. Evidenciou-se, através dessas pesquisas realizadas em Barra Longa, a inter-relação existente entre língua, cultura e sociedade.

# Pelas trilhas de Minas até Belo Vale...

*Eunice Maria das Dores Nicolau<sup>1</sup>*

## **1. Pelas trilhas da história**

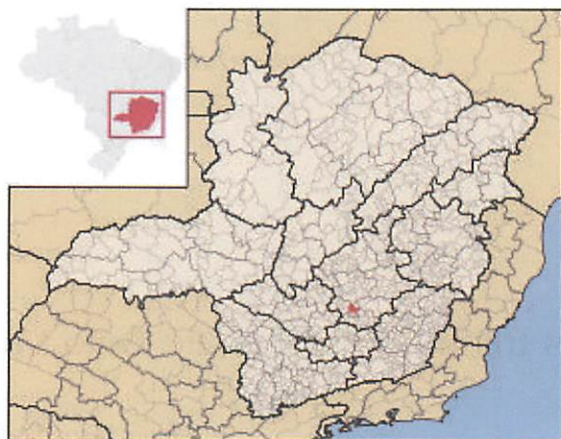
### **1.1 Localizando e “retratando” a região**

Belo Vale é um município localizado na região central do estado de Minas Gerais, integrando o Quadrilátero Ferrífero de Minas e a mesorregião metropolitana de Belo Horizonte. Com a sede a 82 km da Capital e a 21 km da BR-040 (sua principal via de ligação), o município ocupa uma área de 365 km<sup>2</sup> e tem como limites os municípios de: Bonfim, Brumadinho, Congonhas, Jeceaba, Moeda, Ouro Preto e Piedade dos Gerais.

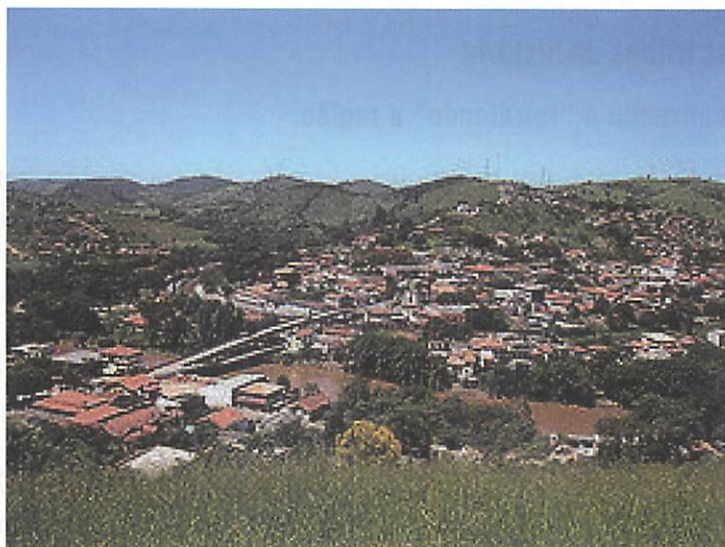
A população do município – em 2009, estimada em 7.470 habitantes (4.290 na área urbana e 3.180, na rural) – distribui-se pela cidade de Belo Vale (um perímetro urbano com cerca de 5 km<sup>2</sup>, cortado pelo rio Paraopeba, afluente do São Francisco) e dois distritos (Costas e Santana), além de várias localidades rurais, dentre as quais se destacam: Arrojado, Barra Nova, Boa Morte, Chácara dos Cordeiros, Chacrinha, Curral Moreira, João Alves, Lajes, Laranjeiras, Noiva do Cordeiro, Palmital, Pedra, Pintos, Roças Novas, Salgado, Vargem e Troia.

---

<sup>1</sup> Cf. capítulo 6 deste volume: Belo Vale...



Localização de Belo Vale em Minas Gerais



Vista do centro de Belo Vale

No município de Belo Vale, há três escolas na cidade e 19 escolas nos arredores, sendo que apenas uma – a Escola Estadual Gama Cerqueira – oferece os cursos completos de Ensino Fundamental e, também, de Ensino Médio; as demais escolas, todas municipais, oferecem somente as quatro primeiras etapas do Ensino Fundamental. Na cidade de Belo Vale, há um hospital (empresa privada, que mantém atendimento

através de convênios com a Prefeitura Municipal de Belo Vale e com a UNIMED) e uma policlínica com atendimento em diversas especialidades. Em 2005, o município passou a contar com o PSF (Programa Saúde da Família), cuja atuação beneficia as famílias belovalenses, inclusive da zona rural.

A economia de Belo Vale agrega intensa extração de minério de ferro, mas o principal gerador de emprego no município é o setor agropecuário: é intensa a cultura de citros (hoje Belo Vale é o maior produtor de Tangerina Pokan de Minas Gerais) e, na pecuária, prevalece a criação de gado de corte. No município, encontram-se, também, alambiques, responsáveis pela produção de cachaça de excelente qualidade.

Belo Vale é um município com um grande potencial de turismo, mas ainda explora pouco tal atividade; entre os seus principais pontos turísticos, merecem destaque:

- ❖ **Igreja de Santana** – situada a 8 km da sede do município, construída em 1735 em São Pedro do Paraopeba, pela bandeira de Fernão Dias.
- ❖ **Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte** – situada a 6 km da sede do município, construída, em 1760, pela bandeira de Gonçalo Alvares e Paiva Lopes.
- ❖ **Igreja de São Gonçalo** – situada na sede do município, construída, em 1764, por Gonçalo Alvares e Paiva Lopes.
- ❖ **Museu do Escravo** – localizado na sede do município, é o único museu no gênero em todo Brasil.
- ❖ **Fazenda Boa Esperança** – situada a 6 km da sede do município e construída, provavelmente, em meados do século XVIII, pertenceu ao Barão do Paraopeba e abriga pinturas do Mestre Ataíde, atualmente, é tombada e pertence ao IEPHA.



A cachoeira da Boa Esperança

## 2. Pelas trilhas da história – conhecendo as origens e o ente jurídico

Belo Vale teve sua origem em um dos primeiros arraiais de Minas Gerais, fundado por bandeirantes, em 1681. Os fatos relativos ao seu surgimento são registrados no texto “A Nossa História”, disponível no Site <http://www.belovale.mg.gov.br>. (Acesso em 26/10/2010), que inclui as informações transcritas, a seguir:

Em 21/07/1674, Fernão Dias começou sua aventura na companhia de grande comitiva, com aproximadamente 1241 homens. Nesta comitiva se destacavam entre outros, seu irmão sacerdote e católico, Padre João Leite da silva, seu genro Manoel Borba Gato, seu filho Garcia Rodrigues Paes e um segundo, filho bastardo, José Dias - que mais tarde se rebelou contra o pai.

(...)

(...)

Já no ano de 1675, a Bandeira chegou numa linda região, às margens do Rio Paraopeba (que quer dizer rio do peixe chato) e ali fundou o segundo povoado de Minas gerais, São Pedro do Paraypeba.

Em 09/03/1681, D. Rodrigo de Castelo Branco, de origem portenha (Castel Branco), saiu de São Paulo como enviado real para encontrar a Bandeira de Fernão Dias , acompanhado de um dos filhos do bandeirante. Quando se encontrava repousando no povoado de São Pedro do Paraypeba (Distrito Belovalense, Santana do Paraopeba), foi surpreendido com a chegada da Bandeira chefiada por Garcia Rodrigues Paes. Esta voltava do sertão, das paragens do Vupabuçú, trazendo o corpo do bandeirante Fernão Dias Paes que morreu sem encontrar as pedras preciosas, que na verdade encontrou turmalinas. Em

28/06/1681, o nome de São Pedro do Paraypeba foi oficializado quando aconteceu a transcrição do primeiro documento público, realizado em toda a história de Minas Gerais. Isto se deu em razão deste fato ter sido na véspera do dia dedicado ao apóstolo Pedro. Hoje, infelizmente, este lugar está reduzido a umas poucas ruínas. Entre os anos de 1675 e 1681, fazia parte da Bandeira de Fernão Dias, o Sr. Antônio Gonçalves Figueira [a quem] alguns historiadores, entre eles Décio Lima Jardim e Márcio Cunha Jardim, creditam a fundação do arraial (...) a 8 Km de Sant'Ana, [que] mais tarde, ficou conhecido como São Gonçalo da Ponte. Em 1757, dois portugueses, Gonçalo Álvares e Paiva Lopes chegaram ao arraial, próximo ao Rio Paraopeba, onde construíram duas igrejas. Uma dedicada a Nossa Senhora da Boa Morte, localizada a 06 Km do arraial e inaugurada em 1760. A segunda dedicada a São Gonçalo e inaugurada em 1764. Posteriormente, com a construção de uma ponte em frente à igreja, o arraial passou a ser conhecido com São Gonçalo da Ponte. Em 1839, foi aprovada a Lei 116 de 09/03 criando o distrito de São Gonçalo da Ponte [que] perdeu esta condição em 01/04/1842 (Lei 1667) e [recuperou tal] "status" através da Lei 472 de 31/04/1850.

Os fatos relativos à origem e ao estatuto jurídico de Belo Vale são explicitados no "artigo sobre Geografia de Minas Gerais"; algumas das informações contidas nesse artigo podem ser, assim, retextualizadas:

- 1 - O distrito de São Gonçalo da Ponte teve o seu nome mudado para Belo Vale. em 1914; mais de duas décadas depois (em 1938), o então interventor de Minas Gerais, Benedito Valadares, instituiu o município de Belo Vale, que incorporou os distritos de Santana do Paraopeba, Moeda e Coco.
- 2 - Em 1953 os distritos de Moeda e Coco se emanciparam de Belo Vale, com a criação do município de Moeda. Nesse mesmo ano, foi criada a Comarca de Belo Vale, que, após vários anos, foi extinta; Belo Vale passou a integrar a Comarca de Congonhas.
- 3 - Atualmente, entre as comarcas de Minas Gerais, figura a comarca de Belo Vale, que abrange os municípios de Belo Vale e Moeda.

Os dados coletados incluem fatos relevantes que dizem respeito ao léxico, na medida em que alguns encontrados na fala de pessoas com idade acima de 70 anos (**cantilena** [o falar em excesso], **impropérios** [palavrões] a **patena** [= patente], que confirmam a hipótese geral da investigação, enquanto outros são elementos inovadores de variação comumente encontrada no PB (como é o caso do verbo **ter**, que alterna com o verbo **haver** (no sentido de existir).

## **Agradecimentos**

A cada um dos meus conterrâneos que se dispuseram a contribuir para a realização desta investigação sobre a diversidade da língua portuguesa falada no Brasil, os meus afetuosos agradecimentos.

## O município de Papagaios

*Karoline Biscardi<sup>1</sup>  
Evelyne Dogliani*



A primeira casa de Papagaios foi restaurada em 2008 e é hoje a Casa da Cultura, pequeno museu que abriga algo da história de nossa cidade.  
Acervo pessoal. Setembro de 2009.

A nossa casa ainda existe  
Foi nossa primeira escola  
Não tínhamos livros, nem sacolas  
Mas tínhamos mestre e lição.  
D. Petita<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. Cap. 9 deste volume: Vocalização da....

<sup>2</sup> Obrigada à Olga, à Oneide, ao João Márcio... e à Alice por ter ido correndo buscar as palavras de D. Petita.

Nossa enorme gratidão aos informantes que colaboraram com esta pesquisa, pela doação do seu tempo e pela boa vontade com que nos receberam em suas casas pra nos dar causos do Papagaio dos tempos idos: o que aprendemos com vocês sobre a história da nossa cidade não está nos livros – ainda.



Segundo dados do IBGE, o município de Papagaios está localizado na mesorregião metropolitana de Belo Horizonte, microrregião de Sete Lagoas, e conforme a Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Papagaios encontra-se na macrorregião central, microrregião de Sete Lagoas. Localizada a 150 quilômetros da capital do estado, a cidade contava com 14.410 habitantes em 2007.<sup>3</sup> A principal atividade econômica atualmente é a extração e o beneficiamento de pedra ardósia. O declínio dessa atividade tem, no entanto, preocupado a população, que vem buscando novas formas de geração de renda, através do plantio de eucalipto, por exemplo.

Papagaios ocupa uma área de 355 quilômetros quadrados. É constituído pela sede e por treze povoados: Riacho de Areia, Pontinha, Boa Vista, Costa, Córrego do Ouro, Buriti dos Veados, Bom Jardim, Boi Pintado, Taquara, Aguada, Troncha, Capivara e Vargem Grande, sendo este último o maior deles.

A colonização do território onde hoje se encontram os atuais municípios de Pitangui, Pompéu, Papagaios, Maravilhas e outros teria sido levada a cabo por bandeirantes paulistas, por volta de 1709, devido ao avistamento de ouro abundante na região. Segundo o IBGE, em 1911, o município de Pitangui tinha sete distritos, a saber: Pitangui, Abadia, Cercado, Conceição do Pará, Conceição do Pompéu, Maravilhas e Papagaios.<sup>4</sup> Foi nesse ano de 1911 que o povoado “do Papagaio” desmembrou-se do distrito de Maravilhas e passou a ser também distrito do município de Pitangui.

Em 1929, houve a inauguração do primeiro grupo escolar do distrito de Papagaios, e, em 1931, foi inaugurada a biblioteca Ernestina Luiza Amorim. Em 1953, pela Lei Estadual número 1.039, o distrito foi emancipado e elevado à categoria de município. Sua instalação aconteceu em 20 de janeiro de 1954, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade.

---

<sup>3</sup> Dado disponível no site <http://www.ibge.gov.br/>.

<sup>4</sup> Dados disponíveis em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/pitangui.pdf>

Na década de 60, a principal atividade econômica da cidade era a extração e comercialização de cristais. Na década de 70, houve o ciclo do carvão, que passou a ser a principal fonte de renda da cidade e contribuiu para o desmatamento de vegetação nativa de cerrado em áreas próximas ao município. Na década de 80, iniciaram-se, a partir de empresas familiares, as atividades de extração e beneficiamento de pedra ardósia. Papagaios tornou-se a “capital mundial da ardósia”, nessa época, e atualmente é responsável por metade da produção nacional da pedra. O Produto Interno Bruto do município em 2005 foi estimado pelo IBGE em 113.833.000 reais, e a renda per capita no mesmo ano era de 8.162 reais.<sup>5</sup>

A pesquisa linguística apresentada na segunda parte deste livro surgiu da perplexidade causada pela pergunta “Por que você conversa assim, se você não é paulista?”, ouvida repetidamente por papagaienses em visita a municípios próximos – ou nem tanto – que não partilham conosco do R retroflexo, também chamado por alguns de “R caipira”. Embora esse traço não seja objeto específico da pesquisa apresentada a seguir, foi a aura de mistério em torno dele a responsável por despertar interesses em relação às peculiaridades do falar de Papagaios e de municípios da região.

Embora Papagaios seja uma cidade geográfica e culturalmente próxima a Belo Horizonte, seu dialeto apresenta diferenças fonéticas marcantes em relação ao da capital, sendo a mais evidente delas a pronúncia retroflexa do /r/ pós-vocálico, ou [ɻ]. Os falantes do lugar costumam ter consciência desse fenômeno e chamam a sua pronúncia de “‘R’ puxado”. Segundo observação intuitiva, essa realização do /r/ pós-vocálico ocorre, inclusive, em situações extremamente formais. A pronúncia [ɻ] também pode ser observada em outras cidades da região, como Pitangui, Pompéu, Pequi, Maravilhas, Abaeté, Martinho Campos, Pará de Minas e Florestal.

Outro fenômeno linguístico recorrente em Papagaios e também nos municípios vizinhos mencionados é o apagamento

---

<sup>5</sup> Dados disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2005/tab01.pdf>

das vogais finais. Quando pronunciadas, as vogais finais [e] e [o] tendem a ser alçadas, tornando-se [i] e [u], como se registra em grande parte dos dialetos falados no Brasil.

Na transcrição da entrevista-piloto que foi realizada antes da finalização do projeto deste trabalho, foi registrada alta frequência do fenômeno de apagamento da vogal final na fala de uma informante pertencente ao grupo mais escolarizado e mais economicamente favorecido:

ENTREVISTADOR:

quem morre num parto é quem já tava pra morré  
memo

INFORMANTE:

não mia fia um part' é uma coisa muĩt' milindrosa eu  
ach' que tem pirig' sim e nas istrada eu tô semp'  
corren' pirig' de vida... semp' qu' eu tô numa BR eu  
tô no pirig' de vida... pirig' de morte.<sup>6</sup>

O fenômeno de apagamento das vogais finais não foi transcrito nas outras sete entrevistas por se julgar que, pela sua recorrência, dificultaria muito a leitura, bem como a transcrição dos dados.

Ainda sobre o apagamento de vogais finais, é interessante observar que a pronúncia de /r/ intervocálico no dialeto de Papagaios será sempre o tepe, ou [r], como em ago[r]a. No entanto, se ocorre a queda da vogal final, o /r/ pode passar de tepe, [r], a retroflexo, [ɻ], podendo a palavra "agora" ser pronunciada como ago[ɻ]. Mantém-se, assim, o padrão da pronúncia de /r/ pós-vocálico do dialeto da cidade.

Outro fenômeno linguístico explicável pela fonotática foi detectado nas entrevistas realizadas para este trabalho. Trata-se da despalatalização das africadas [tʃ] e [dʒ], como são

---

<sup>6</sup> Este trecho foi extraído da entrevista-piloto, cuja transcrição não seguiu os critérios adotados para as outras sete entrevistas, que foram transcritas segundo critérios adaptados daqueles propostos pelo Projeto Pelas Trilhas de Minas.

pronunciados o “d” e o “t” antes da vogal “i”, som da vogal final em itens como “prioridade” e “tomate”. Assim como no caso do “r” retroflexo, a despalatalização parece ocorrer como consequência do apagamento da vogal final quando esta é “i”. Acerca das consequências que o apagamento da vogal final tem sobre a consoante que a precede, é interessante observar que, no dialeto em questão, em caso de apagamento de vogal precedida do som [l], este não passa a ser pronunciado como o “l” pós-vocálico, que tem som, na grande maioria das vezes, de “u” (representado foneticamente por [w]). Assim, o “l”, apesar de não estar seguido de vogal, continua sendo pronunciado como lateral.

## Paracatu

*Eduardo Tadeu Roque Amaral*<sup>1</sup>

O município de Paracatu está situado na região Noroeste de Minas Gerais, a 500 km de Belo Horizonte e a 220 km de Brasília. Com uma população estimada de 83.560 habitantes,<sup>2</sup> localiza-se às margens da rodovia BR 040, que liga a capital do estado à capital federal.

Ao buscar informações sobre a história de Paracatu, verifica-se que na *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (Ferreira, 1959) consta que em 1746 a região mantinha comércio com a Bahia (pelos rios Paracatu e São Francisco) e com Sabará, São João del Rei e Vila Rica (por via terrestre). A extração do ouro nessa época era atividade econômica de grande importância e contribuiu para o rápido crescimento do então Arraial de São Luiz e Sant'Anna das Minas do Paracatu. Por alvará de D. Maria, rainha de Portugal, em 1798, o arraial foi elevado à categoria de vila com o nome de Paracatu do Príncipe, desmembrado do município de Sabará.

Com o declínio da produção aurífera, a vila sofreu uma crise econômica e um forte despovoamento (Prado Júnior, 1977). Posteriormente, retoma seu crescimento com base na

---

<sup>1</sup> Cf. Capítulo 5.º do presente volume: A variação presença/ausência....

<sup>2</sup> Estimativa 2009, segundo o IBGE.

agropecuária. Em 1840, elevou-se à categoria de cidade. Fizeram parte de Paracatu o julgado de Araxá, os distritos de Buritis, Guarda-Mor, Santo Antônio da Água Fria (atual Veredas), Rio Preto (atual Unaí), Lajes (atual Bonfinópolis), Morrinhos (atual Arinos), entre outros (cf. Costa (1997), Ferreira (1959) e Pimentel (2009)).

Em meados do século XX, Paracatu sofre transformações econômicas e sociais devido à construção de Brasília, que passa a ser a capital do país. O município mineiro beneficia-se por estar às margens da BR 040, via de acesso à nova capital. Com efeito, os moradores mais velhos de Paracatu destacavam, durante o trabalho de campo que realizamos para esta pesquisa, as diferenças da cidade entre o *antes* e o *depois* da construção de Brasília.

Atualmente, Paracatu desenvolve atividades de agropecuária (soja, milho, feijão e gado nelore) e mineração. Com relação a esta última, o ouro é explorado com tecnologia avançada por uma empresa pertencente a um grupo canadense. A cidade possui grande importância para a região noroeste de Minas Gerais, divulgando-se como centro de história, cultura e ecoturismo.



Matriz de Santo Antônio (séc. XVIII)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> As fotos são do autor e foram tiradas durante o período das gravações, em 2001.



Câmara Municipal de Paracatu

Os dados que são analisados foram coletados em gravações de língua oral espontânea realizadas em Paracatu no mês de dezembro de 2001. As entrevistas foram conduzidas por mim e por outros integrantes da equipe mineira do projeto *Filologia Bandeirante*,<sup>4</sup> frequentemente com a presença de um intermediário, ou seja, uma pessoa que havia mantido contato prévio entre os pesquisadores e os entrevistados. O papel desse intermediário é o de propiciar uma atitude mais cooperativa do informante, a fim de que se possa garantir maior espontaneidade no diálogo.

Conforme apontado acima, a área de mineração que hoje forma parte do município de Paracatu foi uma das que sofreu despovoamento após o declínio dessa atividade, o que não contribuiu para se defender a preservação de traços linguísticos da época. Contudo, o fato de a história do município remontar ao período colonial justifica a inclusão da cidade nas pesquisas que buscam caracterizar os falares de Minas Gerais, uma vez que se pressupõe que povoamentos recentes teriam características linguísticas ainda não consolidadas. De qualquer forma, acredita-se que este trabalho, que se configura como uma descrição linguística de um fenômeno variável do falar paracatuense contemporâneo, possa lançar hipóteses para estudos sobre os falares pretéritos da região.

---

<sup>4</sup> Participaram dessa coleta de dados as professoras pesquisadoras Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen e Soélis Teixeira do Prado Mendes.

Antes de passar à análise linguística, queremos agradecer àquelas pessoas que contribuíram para a realização desta pesquisa. Agradecemos à professora Idalena Chaves por ter contribuído como intermediária nos contatos entre os pesquisadores e os informantes. Agradecemos também aos paracatuenses que nos receberam na cidade e em especial àqueles que abriram as portas de suas casas para, durante alguns momentos, propiciarem conversas agradáveis que constituiriam a matéria prima essencial para este trabalho.



Chafariz da Traiana



Cine Teatro Santo Antônio



## Um pouco da história de Santa Luzia

*Gabriele Cristine Carvalho*<sup>1</sup>



Igreja Matriz de Santa Luzia (acervo pessoal)

Depois da descoberta de ouro em Sabarabuçu, os bandeirantes continuaram a busca pelo metal em outras regiões de Minas Gerais. Nos fins do século XVII, os bandeirantes Fernão Dias Paes e Borba Gato descobriram ouro na região do Rio das Velhas. Como consequência dessa descoberta, muitos povoados foram criados, dentre eles, a cidade de Santa Luzia.

Segundo Dolabela (1984), há controvérsias acerca do período em que a cidade ficou conhecida com o nome de Santa Luzia. Alguns documentos relatam que a cidade recebeu esse nome depois que a imagem de Santa Luzia foi encontrada em

---

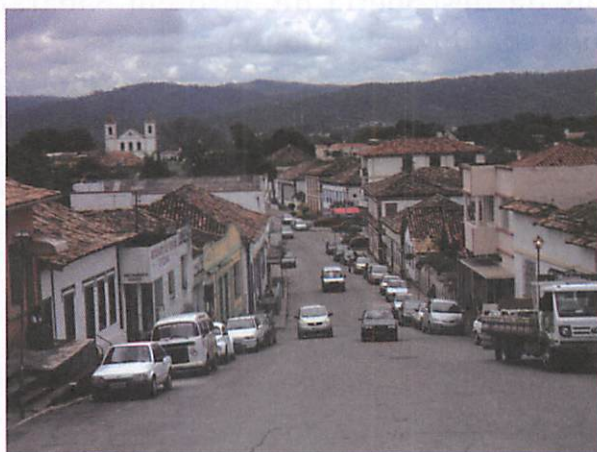
<sup>1</sup> Cf. Capítulo 2.º do presente volume: O apagamento do pronome...

13 de dezembro de 1704. Contudo, segundo a tradição oral, a imagem foi encontrada em 1744 ou 1746. Dolabela (1984: 72) acredita que a data correta do surgimento do nome da cidade é de 1744, uma vez que “historiadores e documentos consultados contradizem a data de 1704, porque a descoberta da Virgem é contemporânea à mudança de nome de Bom Retiro para o de Santa Luzia, o que só acontece depois de 1744 ou 1746”.

O povoado que deu origem à cidade surgiu em 1692 e foi criado por remanescentes da bandeira de Borba Gato (José Corrêa de Miranda e outros). Esse primeiro núcleo criado recebeu o nome de Santana de José Correia e foi destruído por uma enchente do Rio das Velhas, o que resultou na retirada da população para a colina da fronteira (TRÊS, 2007, p.7). Nessa colina (atual Rua Direita, situada no Centro da cidade), formou-se um novo povoado com o nome de Bom Retiro, “nome que se originou do asilo e abrigo que este local foi para a povoação” (DOLABELA, 1984, p.50)

Dolabela (1984, p.51) assim resume a história da cidade:

Em 1692, foi fundado o povoado de Bicas pelo bandeirante José Corrêa de Miranda, companheiro do Padre Faria. Em 1677 (*sic*), surgiu um novo povoado com o nome de Bom Retiro – o precursor de Santa Luzia – e, finalmente em 1744, com o aparecimento da imagem da Virgem, nasceu a Vila de Santa Luzia do Sabará, (...) ou melhor Santa Luzia do Rio das Velhas, atual Santa Luzia.



Centro Histórico – vista parcial da Rua Direita de Santa Luzia (acervo pessoal)

Em uma pesquisa sociolinguística, o pesquisador consegue observar toda a riqueza linguística de uma região, mas concentra o seu olhar em um determinado objeto de estudo. No caso desta pesquisa, observou-se o apagamento do pronome *se* reflexivo, pseudo-reflexivo e recíproco na classe dos verbos experienciais na cidade de Santa Luzia. Entretanto, há vários outros fenômenos que podem ser destacados.

Um objeto de estudo saliente na fala dos informantes é a ausência de artigo definido diante de antropônimos. Observações não sistemáticas e dados do *corpus* mostram que muitos moradores da cidade, principalmente do Centro histórico e do bairro Adeodato, onde as gravações da minha pesquisa se concentraram, não usam o artigo diante de nomes próprios. Vejamos algumas ocorrências do *corpus* de Santa Luzia:

3MF2A – mudamo pr'aqui...( ) região aqui de Santa Helena...( ) faz divisa aqui com o pai **de Elvira** que mixia com lavora né?...

5FP1A – só pra diverti...era na casa dos parente assim...porque sempre tinha um aniversário tinha/fazia os aniversário no aniversário **de Zilda**...

3F2C – e aquelas minina **de Antônio Nonato...de Duca Santana** tudo istudava lá porque naquela época não tinha...e iscola particular o Modestino que era...o melhor né?...

8FP1A – (não que...o mantimento que istragava ...aqui no Campo tinha um homem **Geraldo de Biana** tamém tinha...tinha um carro...intão chegava aqui...eles passava pro carro de **Geraldo de Biana** e pro carro de...**de Cuquim**.

Uma pesquisa lexical na região também seria muito interessante, já que, na fala dos informantes mais velhos, encontramos muitas palavras e expressões que já não se usam mais. Observemos alguns trechos das entrevistas em que esses vocábulos ou expressões ocorrem:

8FP1A – é é um pano listado assim...de cima embaxo assim oh...a gente fazia camisa pra home..de toda cor tinha...mais era isso...**zefiro de jasmim**...e ropa pra mulher tamém tinha..era **ganga** que chamava

7MP1A – trazia pra roça tudo no lombo de burro...e carregano assim no...burro balai de banana...e levava daqui pra lá...**surrão** de (sala)...aquele **surrão** de sessenta quilo num sabe?...tornava a carregá os burro de mantimento...levava lá pra roça de novo

7MP1A – fazê o caldo da cana ...punha ele tem o Ingenho...aquela **muenda** de em pe assim...de primero aquelas **muenda** de pau assim...tinha aqueles dente assim né?...infiava a cana assim né?...passava pra lá passava pra cá pra lá pra cá até secá o bagoço...pra fazê a garapa pra podê faze a rapadura

7MP1A – tem que **iscumá** a garapa né?...colocá fogo...põe a garapa no tacho tacho desse tamanho assim...ali agora...a garapa ia...ferveno num sabe?...e soltava aquela **escuma**...a gente tinha uma **iscumadera**...tirava aquela **iscuma** toda fora ... (...)

2MP1C – ( ) junto toda vida tu’ des’ de quando eu trabalhava na/na... mes’ na/no fábrica eu num **dava gelo**...minina

6FP2C – não sei porque... não sei pra lá porque não **tinha conhecimento com ninguém**

7MP2C – ah mais isso aí era só a noite...durante o dia só podia saí na rua nos **mandado**...a num ser nos **mandado** num tinha direito não

6FP2C – ai meu Deus do céu...dimais da conta...apanhei dimais da conta...teve uma vez que meu pai...eee...nós tava / ele tava com umas vaca...eee...tinha uma vaca brava...e eu ...piava a vaca pra tira o leite... eu que tirava o leite...aí eu fiquei com medo dessa vaca...eu era bem nova... eu fiquei com medo dessa vaca ele pegô...me jugô lá debaxo da vaca... e a **taca** em cima era **taca** mesmo...me jugô embaixo da vaca

Outro fenômeno muito recorrente, nas gravações, é a vocalização do fonema [λ]. Observem-se alguns exemplos de vocalização na fala dos moradores da região:

8FP1A – junto e...tudo no terreno dele mesmo...e os minino de papai tamém foi a mesma coisa...foi casano e ficano lá/trabalhava assim em **famia**

8FP1A – miséria não...ovo punha até dá ponto d’oce inrolá...uns inrolava na... **foia** de banana...e punha inrolado na **foia** de banana

e punha pra assá...aí quando ocê tirava aquilo da foia de banana ele tava macinho minha fia..pareceno coisa que e...(..)

7MP1A – e lá no sítio nosso lá...eu tenho um sítio lá...trabai' lá direto...eu fui criado lá nesse terreno lá...trabalho lá toda vida...aí eu saí de lá saí mei' atrasado...curri um poco assim tem uma subida..é quase um quilômetro a subida ...eu curri quando eu cheguei no ponto eu moei a ropa toda de suor assim... mais suave que...moiei todo e deu uma dor no peito...uma dor quemano

7MP1A – eles tá dem' de casa lá eu tô pros mato afora..rodano oiano cerca...oiano tudo né? ...não paro não

6FP2C – que ele tinha caído ali em cima mexeno com o teiado...eles levaram ele no hospital o médico não deu ele nada não diz que ele num tinha nada não...

Esses são alguns fenômenos que pude observar de forma assistemática na fala dos meus informantes. Esperamos que esses temas possam inspirar trabalhos futuros.

## **Agradecimentos**

É indispensável agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa. Agradeço em especial a minha mãe, que me ajudou a localizar e estudar o perfil de cada informante, além de me acompanhar em todas as entrevistas, fazendo perguntas aos entrevistados e deixando o ambiente mais informal, já que conhecia os informantes. Agradeço aos meus informantes, que dispuseram gentilmente de seu tempo para contribuir com o meu trabalho e confiaram em mim. Agradeço a Ana Paula que carinhosamente fez a revisão do artigo. Agradeço também a minha orientadora Evelyne por ter me ajudado a transformar as entrevistas em dados e os dados em uma pesquisa.

## Pelos caminhos do Serro

*Evelyne Dogliani<sup>1</sup>*

*O Serro é...*

*A festa de Nossa Senhora do Rosário*

*O biscoito de goma*

*A rosquinha*

*O cheiro do Serro...*

*Tudo isso concentrado*

*Na casa de Efigênia....*

*No fogão de lenha.*

*Saudades!...*



*À família Madureira, amor sempre!*

*Obrigada a Teresinha, Marlene, Tãozinho, Geomara, à família do Marlinho...Obrigada a todos os amigos que nos ajudaram na pesquisa, que nos concederam entrevistas... Com seu carinho vocês consagram a hospitalidade serrana!*

---

<sup>1</sup> Cf. cap.8 deste volume: A consoante lateral...



A comarca do Serro Frio limitava-se “ao norte com a província da Bahia, (...) ao nascente com Porto Seguro, ao sul com a Comarca de Vila Rica e ao poente com a de Sabará”, conforme nos informa Souza (1999) apoiada em dados coletados na Geografia Brasileira de Aires do Casal.

Encravado no “alto azul do Espinhaço”, conforme se registra em seu hino, o Serro, com 1113 km<sup>2</sup> de área, integra a microrregião mineradora de Diamantina, limitando-se, segundo Souza (op. cit.),

com Couto Magalhães de Minas, Rio Vermelho, Serra Azul de Minas, Santo Antônio do Itambé, Alvorada de Minas, Presidente Kubitschek, Diamantina e Datas. Divisor de água das bacias do rio Doce e do rio Jequitinhonha, a cidade do Serro abriga as nascentes de ambos. Destacam-se as serras de Santo Antônio, do Itambé, da Bocaina, do Capivari, entre outras que integram a cadeia do Espinhaço, que tem esse nome, segundo Goulart (2000, p. 6), “porque lembra a coluna vertebral de um grande animal com seu dorso ondulado. É uma imensa corcova que separa geograficamente as terras de mato-adentro, a leste, do sertão dos gerais, a oeste.”

Ainda segundo Goulart (2000, p. 46), “a Serra do Espinhaço serviu de marco de orientação para o desbravamento e a colonização dos gerais.” Conhecida como Matos Gerais do Cataguás, a região formava, com São Paulo, a Capitania de São Paulo e das Minas Gerais, um território administrativamente único até 1720, quando São Paulo foi separado das minas de ouro. O primeiro nome oficial de Minas Gerais foi Minas dos

Matos Gerais. Goulart (2000, p. 47) associa o surgimento da cidade do Serro à bandeira de Fernão Dias Pais Leme “que iniciou o povoamento da rota que ia de São Paulo ao Serro”. Segundo Souza (1999, p. 629), a versão mais aceita acerca do descobrimento do Serro é a que o atribui a Antônio Soares, cujo nome consta do Livro de Receitas da Fazenda Real como Guarda-Mor “destas minas do Serro Frio e Tucambira”. Por essa versão incluem-se, nessa bandeira, Antônio Rodrigues Arzão e Lucas de Feitas.

Os mais antigos municípios mineiros estão, de acordo com Goulart (*ibidem*, p. 47), “no alinhamento das bandeiras: Mariana, chamada a princípio de Arraial do Ribeirão do Carmo; Ouro Preto, antes de Vila Rica era conhecida como Arraial do Tripuí; Sabará, antes Arraial do Sabará-Boçu; e a mui bela Vila do Serro Frio, inicialmente Vila do Príncipe”, nome que, segundo Souza (1999, p. 33) substitui o antigo – Arraial das Lavras Velhas – quando se eleva o povoado a vila, em 29 de janeiro de 1714, com o nome Vila Nova do Príncipe.

Outros nomes foram atribuídos à cidade anteriormente. Souza (1999, p. 30) relata que “do território de Sabará, começou a penetração dos ousados bandeirantes até aportarem numa região ‘frígida, penhascosa e intratável’, a que os índios do lugar davam o nome de Ivituruí - hoje assim grafado, habitada por selvagens da tribo dos botocudos.” Acrescenta que o nome provoca polêmica em relação a sua grafia, “querendo uns grafá-la Hibi-turuy, outros Hivituraí”. Esse nome, motivado pelos ventos frios que caracterizavam a região, substituiu-se oficialmente por Serro Frio: segundo Souza (1999, p. 31) em memória mencionada por Silvia Pontes [s.d.] “o sertanista Antônio Soares, vindo do norte de Caeté e seguindo a vereda dos indígenas pela cumeada da Serra da Lapa, descobriu as minas do Serro Frio.”

Uma análise geral do material coletado entre 2000 e 2003 permitiu que se identificassem fenômenos que distinguem a produção linguística dos serranos da fala do belorizontino. Trata-se de fenômenos lexicais, fonológicos e sintáticos.



## Lexicais:

### a) *Estriçado*

“...aí eu...eu tô lá *istriçado* lá...marrá’ de pé e mão...aí eu /olhei tem um litrão/dipindurá’ lá...na/na/na veia...eu tô *istriçado*... deu na hora qu’eu fui acordano...eu via...tá ficano tuto craro aqui é tudo... /oiei e vi aquês gorro por todo canto...faei “uai ...onde é qu’eu tô aqui...lá im casa num tem luz...aonde qu’eu tô aqui”...ô ô quand’eu oiei p’um lado oiei pu oto...tá/tá ...gent’*istriçado* pu todo canto...” (IJC, homem, 92, p. 7)

Em Cunha (1982) registra-se: *Estricção* (lat. *strictu* + *ção*) 1 constrição, 2 med. sobrecarga ou excessiva solicitação do organismo, estresse.

### b) *Estilar*

“(...) essa noite eu tussi anoite *interinha*...e *cusfino cusfino cusfino*...é...o nariz *istilano*...quano...o nariz *istilano*...” (ILP, homem, 82, p. 9)

O dicionário Aurélio ilustra o item com o sentido de *chorar – estilar lágrimas* e com o sentido de *consumir-se pouco a pouco de dor, febre, etc.* Da ocorrência ilustrada – *nariz estilando* – extrai-se o sentido de *em estado de/com coriza*.

### c) Expressões: *saber entrar e sair*

“(...) a gente sabe...tem de sabê *intrá e saí né?*... A mesma coisa...ês *sab’intr’* aqui sabe *saí ês né?*...Tem de sabê *intrá e saí lá tamém*...” (ID, homem, 17anos, p. 26)

“Lá im São João toda vez qu’eu ia lá matava um...mia mãe falá’ num deve *viará p’esse lad’aí* num deve *i ((barulho))*...mais...a gente *sab’intrá e saí*...a vez até que era o criminoso...já tinha matado ( ) *((barulho))* mas só veno...a gente *sab’intrá né?*...” (IT, homem, 86 anos, p. 23)

A expressão não se registra nos dicionários consultados. Tem o sentido de *saber comportar-se, agir preservando-se*.

### Fonológicos:

a) **Alçamento da vogal média pretônica em itens lexicais que não ilustram o processo em Belo Horizonte.** Ex.: *faliceu, suninho, puquinho, biscuitinho, dipois, cuisinha*.

“Nós era...dez pessoa...faliceu tudo...só mora um lá em Bel’orizonte” (IT, homem, 86 anos, p. 2)

“É que faz’esse biscuitinho...faz biscoito pão e a rosquim’...” (IG, mulher, 72 anos, p. 1)

“Ingual...tenh’o otro lá que tá istudano pa...sê...guia...ai parô/parar’um puquinho... e...tabém ajudo meu padrasto (...)” (ID, homem, 17 anos, p. 7)

“Até que nos dias qu’eu saí da Santa Casa né?...E eu inda passei suninh’assim durante o di’ mai’ depois disso...” (IG, mulher, 72 anos, p. 1)

“Eu tinha (...) e dipois viajá com irmão que tinha (...).” (IT, homem, 86 anos, p. 4)

“É que dipois que ocê já cuzinhô a maaassa já lavô a massa fal’assim lavá puque...” (IL, mulher, 82 anos, p. 9)

“...tomó quarqué cuisinha de manhã cedo armoço cabô...” (IT, homem, 86 anos, p. 4)

Como se pode observar, pelos exemplos, apenas um deles se ilustra na fala de um jovem – *puquinho*; os demais casos registram-se na fala de idosos. A ausência desse tipo de ocorrência na fala dos jovens pode ser interpretada como retrocesso do processo em alguns itens, o que talvez se explique pelo paradigma da palavra, em casos como os de *falecer* e *biscoito*.

## **b) Palatalização da oclusiva alveolar desvozeada diante de [o]**

“Com dez quinze burro...aí pra mais demorava **muitcho...**” (IT, homem, 86 anos, p. 4)

Apesar de ilustrado por apenas um informante, o fenômeno estende-se a muitos serranos idosos, mas não se observa entre os medianos e jovens, conforme a observação não sistemática permite constatar.

### **Sintáticos:**

#### **a) Ausência de artigo diante de antropônimos**

“*O neguinho que mora mesm’ali poco prá lá da casa del/del/de...don’elide sió nu sabe?*” (ILP/homem/ 82 anos, p. 4)

“*É filho de D. tamém....*” (IL, mulher, 82 anos, p. 16)

“*Filha de V. J.*” (IF, mulher, 15 anos, p. 3)

A ausência do artigo diante de antropônimos, que se ilustra preferencialmente nas estruturas de genitivo, caracteriza a fala dos serranos, de modo geral, e não parece distingui-los, nesse aspecto, por faixa etária.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Ver, a respeito desse fenômeno, as pesquisas de Alves, Amaral e Mendes, descritas neste livro.

# ANÁLISES

## Um panorama do apagamento do clítico “se” no dialeto de Belo Horizonte

Carolina Dias Cunha\*

**RESUMO:** Este capítulo tem como objetivo analisar os verbos experienciais e beneficiários que aceitam a propriedade da ergativização e a realizam na forma pronominal. Assume-se que as construções sem o pronome constituem um processo sintático em expansão no português brasileiro, em particular na modalidade coloquial. Acredita-se, igualmente, que o fator item lexical influencie o uso ou o apagamento do mesmo. A pesquisa revela percentuais de presença e ausência do pronome de acordo com a classe semântica em que o verbo se encontra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clítico *se*. Verbos experienciais e beneficiários. Itens lexicais.

**ABSTRACT:** This chapter aims to analyze experiential and beneficiary verbs which accept the property of ergativity and realize it in a pronominal form. It is believed that constructions without the pronoun constitute a growing syntactic process within Brazilian Portuguese, particularly in the colloquial language. It is also believed that the lexical item factor influences the use of the pronoun. The research shows percentages of presence and absence of the pronoun according to the semantic class to which the verb belongs.

**KEYWORDS:** Clitic *se*. Experiential and beneficiary verbs. Lexical items.

---

\* Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG.  
Contato: carol\_dias68@hotmail.com

## 1 Introdução

A alternância causativo-ergativa consiste, sintaticamente, na mudança de transitividade, em que o complemento é alçado para a posição de sujeito sintático da frase, e o sujeito pode ser apagado. Diversos estudos identificaram com certa regularidade a atuação de traços semânticos que licenciam em maior ou menor grau essa alternância (cf. CIRÍACO, 2007; CIRÍACO & CANÇADO, 2006, 2007).

Numerosos verbos desenvolvem a ergativização através da forma pronominal, que, por vezes, sofre apagamento, como o reconhecem os trabalhos na área da teoria da variação. Outros a realizam, de forma categórica sem o pronome. Considerem-se os exemplos (1) e (2):

- (1) a. Fábio quebrou o vaso chinês.  
b. O vaso chinês se quebrou.  
c. O vaso chinês quebrou.
  
- (2) a. A dieta rica em gordura enfartou José.  
b. José enfartou por causa da dieta rica em gordura.  
c. \*José se enfartou por causa da dieta rica em gordura.

O exemplo (1) ilustra o verbo *quebrar*, que admite a propriedade da ergativização com ou sem o pronome, como ilustrado em (1b) e (1c), respectivamente. Tal variação no uso do *se* é determinada por contexto de uso. O exemplo (2), entretanto, ilustra o verbo *enfartar* que só aceita a ergativização sem o pronome.

Ao analisar os dados, distinguiram-se os verbos que exibem variação em suas ergativas pronominais daqueles que exibem ergativas não-pronominais categóricas, como no exemplo (2). A respeito dos verbos do primeiro grupo, acredita-se que as construções ergativas sem o pronome constituem um processo sintático em expansão no português brasileiro, em particular na modalidade coloquial.

Para a presente pesquisa, optou-se por analisar o grupo dos verbos experienciais, que abrange verbos psicológicos,

epistêmicos, físicos e de percepção. Foram consideradas, também, ocorrências de verbos beneficiários. O acréscimo desses tipos verbais nos permitirá observar se a variação no preenchimento do pronome *se* exibe o mesmo perfil em outras classes semânticas. Da mesma forma, conforme os exemplos dados, ao observar que o apagamento estende-se aos pronomes reflexivos, decidiu-se que os mesmos farão parte da análise. Assim, a análise do apagamento do clítico *se* reflexivo ou ergativo (doravante pseudo-reflexivo) será realizada com base em um *corpus* que também se estende a outras classes semânticas.

Acredita-se que o uso do pronome *se* com valor de reflexivo e pseudo-reflexivo esteja caindo em desuso no dialeto de Belo Horizonte. Sustenta-se igualmente que os fatores extralinguísticos idade, gênero e escolaridade influenciem na escolha do uso ou do apagamento do pronome.

## **2 Considerações quanto às classificações e nomenclaturas do *se***

A classificação do pronome *se* é de extrema importância para a orientação das pesquisas que se propõem a trabalhar com o tema. Embora alvo de controvérsias, assume-se que o pronome ganhará devida classificação de acordo com os pressupostos teóricos sob os quais o pesquisador está trabalhando. Observe-se o quadro a seguir, que compara os diferentes pontos de vista de Bechara (1982), Cegalla (2000) e Kury (2003):

QUADRO 1

As funções do pronome *se* de acordo com alguns gramáticos.

<b>Bechara (1982)</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. sujeito de infinitivo;</li> <li>2. objeto direto (voz reflexiva);</li> <li>3. objeto indireto (voz reflexiva);</li> <li>4. Acompanha verbos que expressam sentimento, movimento e atitudes da pessoa em relação ao próprio corpo.</li> </ol>
<b>Cegalla (2000)</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. pronome reflexivo com função de objeto direto;</li> <li>2. pronome reflexivo com função de objeto indireto;</li> <li>3. pronome reflexivo com função de objeto direto de verbos reflexivos recíprocos;</li> <li>4. pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos;</li> <li>5. pronome reflexivo, sujeito de infinitivo;</li> <li>6. pronome apassivador;</li> <li>7. índice de indeterminação do sujeito;</li> <li>8. palavra expletiva de realce.</li> </ol>
<b>Kury (2003)</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. voz reflexiva;</li> <li>2. voz medial recíproca;</li> <li>3. voz medial dinâmica;</li> <li>4. voz média pronominal (não possui função sintática).</li> </ol>

Assume-se que a questão da presença ou da ausência do pronome deve ser tratada como um caso de variação linguística. Diversos trabalhos anteriores corroboram essa afirmação: os resultados de Veado (1980) mostraram somente um caso de “*se*” reflexivo, que foi tratado como empréstimo do dialeto urbano de São Paulo; além do mais, ao fazer as entrevistas, a autora deparou-se com problemas relativos à compreensão do “*se*” e concluiu que o pronome não faz parte do dialeto da comunidade de fala estudada. D’Albuquerque (1984), ao estudar o “*se*” recíproco e reflexivo nos dialetos de Manhuaçu e do Rio de Janeiro infere que o processo de mudança gramatical encontra-se mais avançado em Minas Gerais, onde foram encontrados somente 35% de presença do pronome reflexivo e 53% do pronome recíproco (ao passo que no Rio, os percentuais foram 81% e 88%, respectivamente). Rocha (1999) também se depara com expressivas porcentagens de apagamento do pronome em Ouro Preto, a saber: 44% de



supressão do “se” reflexivo e 46% de supressão do falso reflexivo. Os fatores extralinguísticos idade e escolaridade mostraram-se relevantes para o resultado final. Melo (2005) encontrou 49% de apagamento no dialeto de Uberlândia e, por fim, Carvalho (2008), que, apesar de ter obtido resultados praticamente categóricos em relação ao apagamento do pronome (98%), apresenta considerações relevantes sobre a classe dos verbos experienciais, descrevendo comportamentos sintático-semânticos e idiossincrasias dos verbos concernentes.

A presente pesquisa observará o comportamento do clítico *se* em contextos reflexivos e pseudo-reflexivos. Para tal, optou-se por considerar o pronome como “reflexivo” nas situações em que seja possível a substituição do pronome por “a si mesmo” e como “pseudo-reflexivo” nos contextos de ergativização. Observem-se os exemplos abaixo:

- (3) Pedro *se* vestiu rapidamente.
- (4) Maria *se* decepcionou com a atitude de Pedro.

Em (3), o verbo *vestir-se* pode ser substituído pela expressão “vestir a si mesmo”: Pedro vestiu a si mesmo rapidamente. O exemplo (4), por sua vez, apresenta um verbo causativo-ergativo (*decepcionar*) que exige o pronome *se* quando se encontra na forma ergativa. Desta maneira, verbos que, segundo Kemmer (1994, *apud* LIMA, 2005) produziram um contexto de voz média (como *sentar-se* ou *preocupar-se*) ou que, segundo Rocha (1999) produziram pronomes “verdadeiros reflexivos” (como *pentear-se* ou *vestir-se*), serão tratados como verbos ergativos e os pronomes serão devidamente classificados.

Os verbos que permitem a propriedade da ergativização nem sempre requerem um pronome pseudo-reflexivo. O exemplo (3) acima, exhibe um verbo causativo-ergativo que exige um pronome reflexivo. Observem-se:

- (5) A mãe vestiu os filhos com cuidado.
- (6) a. Os filhos *se* vestiram rapidamente.  
b. Os filhos vestiram *a si mesmos* rapidamente.

O contexto de ocorrência do verbo é um elemento essencial para uma classificação coerente.

### 3 Metodologia

A teoria da variação e mudança linguística consiste em “um modelo teórico-metodológico que assume o ‘caos’ linguístico como objeto de estudo” (TARALLO, 2003). Este modelo foi introduzido por Labov (1972), e propõe a relação entre língua e sociedade como princípio para os estudos linguísticos. Assim, assume-se que o objeto de estudo principal da teoria da variação e mudança é a fala dos indivíduos dentro de uma comunidade. Este novo modelo de análise linguística é também chamado de “sociolinguística quantitativa”. Para a realização da análise dos dados, foram considerados os seguintes fatores linguísticos: o tipo de verbo e o item lexical. No que concerne aos fatores extralinguísticos, foram levados em consideração idade, gênero e escolaridade dos informantes. Os dados recolhidos foram codificados e analisados pelo programa de análise quantitativa *Goldvarb 2.0*. Observem-se algumas ponderações sobre os fatores linguísticos e extralinguísticos:

#### 3.1 As ocorrências com contexto de pronome

Foram consideradas todas as estruturas de verbos que aceitam a alternância causativo-ergativa, que apresentam o contexto do pronome e que pertençam ao grupo dos verbos experienciais ou beneficiários. Os exemplos (7) e (8) ilustram tal contexto através dos verbos *interessar* e *formar*.

(7) Eu realmente não *me interessava* (Informante 3)

(8) Eu acho que vou *formar* em Jornalismo (Informante 3)

Desta maneira, ocorrências que apresentaram verbos que não admitem a alternância causativo-ergativa (como *arrepender-se* e *suicidar-se*) ou pronome com contexto de indeterminação do sujeito foram excluídas. Os exemplos (9) e (10) ilustram

ocorrências que apresentam, respectivamente, o pronome *se* e o apagamento do mesmo.

(9) (...) dá pra você *se adaptar* (Informante 1)

(10) (...) vários lugares pra gente poder *ø distractir* (Informante 1)

### 3.2 O fator item lexical

O fator item lexical pode favorecer ou desfavorecer o uso do pronome. Ele é justificável, pois diversas pesquisas nos apontam esse fator como um dos responsáveis pela variação e implementação da mudança linguística, entre elas citem-se D'Albuquerque (1984), Madureira (2000, 2002), Dogliani (2007, 2009) e Carvalho (2008). Phillips (1984 *apud* MADUREIRA, 2000:41) ressalta que a frequência dos itens lexicais interfere na mudança da seguinte maneira: nas mudanças fisiologicamente motivadas, as palavras mais frequentes são as primeiras atingidas em oposição aos processos não fisiologicamente motivados, nos quais são as menos frequentes que incorporam a mudança em primeiro lugar. Por não permitir o monitoramento dos itens, o programa *Goldvarb 2.0* não foi utilizado nesta etapa da pesquisa; os dados foram analisados manualmente.

### 3.3 Os fatores extralinguísticos

Ao todo, 24 informantes nascidos e criados em Belo Horizonte foram entrevistados. Destes 24, 12 são do gênero feminino e 12 do gênero masculino. Foram considerados 2 grupos de faixas etárias: o grupo 1 (informantes de 19 a 25 anos) e o grupo 2 (informantes de 35 a 45 anos). Também foram considerados dois níveis de escolaridade: ensino médio completo e ensino superior (em curso ou completo). As entrevistas gravadas somam um total de, aproximadamente, 22 horas e 38 minutos. É importante ressaltar que, apesar de haver um roteiro guiado que induzisse o informante a produzir as construções desejadas, a entrevista realizou-se no ritmo do entrevistado para que, assim, fosse possível obter a amostra linguística desejada: o vernáculo (cf. LABOV, 1984).

## 4 Análise dos dados

### 4.1 A análise do fator tipo de pronome

Para a análise do apagamento do pronome foram consideradas todas as estruturas de verbos que apresentam o contexto do pronome pseudo-reflexivo ou reflexivo. Essas ocorrências correspondem a 556 dados, e se distribuem da seguinte maneira:

TABELA 1

A relação entre os subtipos verbais e a presença/ ausência do pronome

Classe verbal		Presença de se		Ausência de se		Total	
		N	%	N	%	N	%
Experienciais	Psicológicos	65	45	79	55	144	26
	Físicos	31	17	95	83	126	22
	Epistêmicos	4	7	55	93	59	11
	Percepção	0	0	0	0	0	0
	"Outros" <sup>1</sup>	36	25	119	75	155	28
Beneficiários		38	53	34	47	72	13
Total		174	31	382	69	556	100

Das 556 ocorrências com contexto de pronome, 174 (31%) se realizaram com a presença do pronome enquanto 382 (69%) se realizaram sem o mesmo. No que concerne ao apagamento do pronome conforme as classes verbais, observa-se que os predicadores epistêmicos são os que mais ilustram o apagamento do pronome (93% de apagamento), no que são seguidos pelos físicos, que registram 83% de apagamento. A subclasse "outros" apresentou 75% de apagamento do pronome. Os predicadores psicológicos apresentaram 55% de apagamento. Contrariamente, os predicadores beneficiários registraram

<sup>1</sup> O subgrupo "outros" foi inicialmente criado para abranger aqueles verbos presentes no *corpus* que possuem características de verbos experienciais, isto é, verbos que possuem um argumento afetado ou estativo e que expressam eventos de emoção, cognição, sentimento ou sensação, mas que não se encaixam em nenhum dos subgrupos já definidos: psicológicos, físicos, epistêmicos e de percepção.

mais presença que ausência de pronome, 53% e 47%, respectivamente.

Ao analisar o tipo de pronome presente no *corpus*, observou-se que o contexto das ocorrências de pronome pseudo-reflexivo somam 508 (91%) dados e as ocorrências de pronome reflexivo, 52 (9%). Observe-se a tabela a seguir:

TABELA 2  
O apagamento por tipo de pronome

Tipo de pronome	Presença de <i>se</i>			Ausência de <i>se</i>			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Pseudo-reflexivo	145	29	.51	363	71	.49	508	91
Reflexivo	29	60	.36	19	40	.64	48	9
Total	174	31	-	382	69	-	556	100

A tabela 2 exibe significativos percentuais de apagamento de pronome pseudo-reflexivo (71% das ocorrências). No que diz respeito ao pronome reflexivo, identifica-se um percentual menor de apagamento, qual seja, 40%. Entretanto, analisando-se os pesos relativos, tem-se .51 de probabilidade de presença do pseudo-reflexivo e .36 de presença do pronome reflexivo. Desta maneira, a análise mais refinada dos pesos relativos nos leva a concluir que os pronomes com maior probabilidade de sofrerem apagamento são os reflexivos, ao contrário do que alguns trabalhos já afirmaram. As análises de Rocha (1999) e Lima (2006) mostraram que os pseudo-reflexivos seriam os mais propensos a serem apagados, por não exercerem função sintática, ao contrário dos reflexivos.

O apagamento dos pronomes sugere que pode estar havendo um processo de gramaticalização. Considerado um processo essencial para a mudança linguística, a gramaticalização, segundo Lopes (s. d.), se dá quando um item lexical passa a assumir um novo status como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, “podendo mudar de categoria sintática (recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações

semânticas e fonológicas". A autora observa, ainda, que a frequência de uso é um fator primordial na geração de uma mudança, pois "fixa o uso, o rotiniza, outorga apoio paradigmático e cria estabilidade no sistema". Além disso, a repetição leva à perda do conteúdo semântico, o que resulta no emprego da construção em outros contextos com novas associações, estabelecendo mudança semântica. Lehman (1982 *apud* Lima, 2006) afirma que quanto mais gramatical é um elemento, mais ele: a) perde traços semânticos; b) reduz seu paradigma; c) é empregado obrigatoriamente; d) se posiciona fixamente nos sintagmas ou palavras.

Vitral & Ramos (2006), ao descreverem o percurso do *se* apassivador e indeterminador, declaram que esse percurso pode ser identificado como um processo de gramaticalização. Segundo os autores o clítico *se* é originário do pronome reflexivo latino SE, que se vincula à raiz indo-européia que significa "à parte, separado, para si". A partir da construção reflexiva, expandiu-se na língua de maneira a formar, inicialmente, a chamada construção passiva-se, com concordância e, posteriormente a construção conhecida como *se*-impessoal. O pronome *se*, em princípio, tinha uma origem lexical e, atualmente, apresenta o terceiro estágio do processo de gramaticalização, a saber: 1. item lexical > 2. item gramatical > 3. clítico > 4. afixo (cf. Hopper e Traugott, 1993 *apud* Vitral & Ramos, 2006). Lima (2006) acrescenta que, considerando-se os estágios da gramaticalização propostos por Hopper e Traugott, esta só se realiza da esquerda para a direita, isto é, "um determinado item não poderia se desgramaticalizar, mas só poderia movimentar-se de um estágio inferior para um estágio superior, e não o contrário" (p.38).

Ao tentar traçar o percurso diacrônico dos verbos com o pronome *se* na língua portuguesa, Lima (2006) observa que o elevado índice de 85% de apagamento do pronome *se* na modalidade falada seria uma indicação de que podemos estar diante do estágio zero da gramaticalização. Considerando a idéia do ciclo da gramaticalização, o autor destacou os verbos de movimento como sendo os primeiros a se pronominalizar

e os que se apagaram mais rapidamente. Os verbos pronominais com leitura psicológica são os mais preponderantes no *corpus*. Por não ter função, o pronome *se* no radical desses verbos tende a desaparecer. A análise do comportamento do pronome proposta neste trabalho não pode ser conclusiva à respeito da gramaticalização, uma vez que esta é uma análise sincrônica e que os comentários aqui expostos têm a função de resgatar os indícios fornecidos pelo comportamento dos verbos.

#### 4.1.2 As classes semânticas e os itens lexicais

Conforme já se mencionou na seção 3.2.5, é possível que tanto a atuação do fator classe semântica quanto a atuação do fator tipo de pronome estejam refletindo a atuação de outro fator: o item lexical. Esse fator se mostrou como um dos responsáveis pela variação e mudança linguística em diversos trabalhos (cf. Madureira (2002); Dogliani (2007, 2009) e Carvalho (2008)).

Bybee (2001) destaca dois tipos de frequência: a frequência de *tokens* e a frequência de *types*. A primeira refere-se à frequência de uma palavra, a ocorrência de uma unidade no decorrer do *corpus*. A segunda refere-se à frequência de um determinado padrão. A autora observa que, em relação à frequência de *tokens*, os itens mais frequentes podem seguir dois caminhos em uma mudança linguística: a) podem ser mais afetados pelo processo ou b) tornam-se mais resistentes à mudança. No que concerne à frequência de *types*, a autora indica que essa frequência determina a produtividade, sendo que a produtividade é a extensão de um padrão a novas formas.

Nesta parte da análise, observam-se os itens lexicais mais frequentes no *corpus* que apresentaram maiores índices de apagamento do pronome. Foram considerados frequentes os itens que apareceram pelo menos cinco vezes ao longo do *corpus*. A tabela seguinte exhibe as ocorrências referentes às classes dos verbos experienciais e beneficiários:

TABELA 3  
As classes semânticas e a frequência dos principais itens lexicais

Classe verbal	Predicador	se		ø		Total	
		N	%	N	%	N	%
Experienciais	Acostumar	1	5	21	95	22	5,6
	Adaptar	18	72	7	28	25	6,4
	Afastar	7	70	3	30	10	2,5
	Assustar	0	0	8	100	8	2
	Casar	3	6	47	94	50	13
	Chamar	1	12	7	88	8	2
	Decepcionar	6	55	5	45	11	3
	Divertir	5	100	0	0	5	1,2
	Estressar	0	0	7	100	7	1,8
	Formar	0	0	34	100	34	9
	Interessar	5	83	1	17	6	1,5
	Lembrar	4	7	55	93	59	15,2
	Levantar	0	0	7	100	7	1,8
	Machucar <sup>2</sup>	0	0	8	100	8	2
	Mudar <sup>3</sup>	0	0	30	100	30	8
	Preocupar	15	39	23	61	38	10
Sentar	0	0	21	100	21	5,5	
Vestir	9	75	3	25	12	3	
Beneficiários	Aposentar	0	0	6	100	6	1,5
	Candidatar	0	0	8	100	8	2
	Preparar	9	82	2	18	11	3
Total		83	22	303	78	386	100

Note-se que os predicadores *aposentar*, *assustar*, *candidatar*, *estressar*, *formar*, *levantar*, *machucar*, *mudar* e *sentar* realizaram-se categoricamente sem o pronome. Os predicadores *acostumar*, *casar*, *chamar*, *lembrar* e *preocupar* realizaram algumas construções com o pronome, mesmo que poucas. Os predicadores *adaptar*,

<sup>2</sup> O predicador *machucar* ocorreu 8 vezes no *corpus*, 7 das quais com contexto de predicador físico e 1 vez com contexto de predicador psicológico.

<sup>3</sup> Ir habitar em outro ponto; transferir-se para outra casa ou local.



*afastar, decepcionar, vestir e preparar* realizaram mais construções com o pronome que sem o mesmo. Todas as realizações do predador *divertir* aconteceram na forma pronominal.

Observa-se uma expressiva concentração de ocorrências sem o pronome em todas as subclasses, em particular na subclasse “outros”. Os predadores *acostumar, casar e formar*, juntos, somam 102 (33,6%) ocorrências sem o pronome e são os que mais se destacam nesta subclasse. As ocorrências que mais estimularam a ausência do pronome na subclasse dos psicológicos foram os predadores *assustar e preocupar*; na subclasse dos físicos, nota-se que os predadores *mudar e sentar* registram 51 ocorrências de ausência de pronome (17%). Na subclasse dos epistêmicos, o predador *lembrar* é responsável por 55 ocorrências sem o pronome (18%). Finalmente, a classe dos beneficiários parece um pouco equilibrada; das 25 ocorrências totais desta classe, os predadores *aposentar e candidatar* respondem por 14 das 16 ocorrências sem o pronome.

Os dados apresentados na tabela 3 corroboram a hipótese do apagamento do pronome, pois, dos 386 itens lexicais mais frequentes do *corpus*, 303 – ou 78% – apresentaram-se sem o pronome. Porém, os 83 itens que se realizaram com o pronome sugerem que há um comportamento bifurcado no que concerne ao uso do pronome: predadores como *acostumar, apostentar, assustar, casar, candidatar, estressar, formar, lembrar, levantar, machucar, mudar e sentar*, que se realizaram categoricamente (ou quase) sem o pronome, apontam claros indícios de apagamento do clítico, ao passo que os predadores *adaptar, divertir, interessar e preparar* indicam o caminho contrário; esses predadores estariam contribuindo para a manutenção do uso do pronome. Destaca-se o predador *adaptar* como o mais frequente deste último grupo.

Os dados sugerem que o fator preponderante não é a classe semântica, mas sim o item lexical. Observe-se que todas as subclasses que apresentaram ocorrências com contexto de pronome também apresentaram um índice significativo de ausência do mesmo.

A próxima seção tratará da análise dos fatores extralinguísticos.

## 4.2 Os fatores extralinguísticos

Os fatores extralinguísticos considerados na análise do apagamento do pronome foram: faixa etária, gênero e escolaridade. A seguir, observe-se o comportamento de cada um desses fatores em relação ao uso/ apagamento do pronome.

### 4.2.1 Faixa etária

Conforme se viu seção 3.1, os informantes foram divididos em dois grupos etários, a saber: grupo 1 – informantes jovens de 19 a 25 anos de idade. Grupo 2 – informantes adultos de 35 a 45 anos de idade. As ocorrências referentes ao uso/ apagamento do pronome distribuem-se da seguinte maneira:

TABELA 4  
A relação entre a faixa etária e o uso do pronome

Grupo etário	Presença de <i>se</i>			Ausência de <i>se</i>			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Grupo 1 – Jovens	87	33	.52	180	67	.48	267	48
Grupo 2 – Adultos	87	30	.48	202	70	.52	289	52
Total	174	31	-	382	69	-	556	100

O que se observa nesta tabela é que, apesar dos altos índices de apagamento nos dois grupos etários, os informantes do grupo 2 tendem a omitir o pronome mais frequentemente que os informantes do grupo 1: 70% de apagamento para o grupo 2 (.52 de probabilidade) e 67% de apagamento para o grupo 1 (.48 de probabilidade). Este resultado nos permite dizer que não são os mais jovens que lideram o uso da forma inovadora, como pressupõe a teoria da variação e mudança.

A próxima seção contempla a análise das ocorrências sob o ponto de vista do gênero.

## 4.2.2 Gênero

Os informantes do gênero masculino respondem por 52% das ocorrências do *corpus* (290 dados) enquanto os informantes do gênero feminino respondem por 48% das ocorrências (266 dados). Analisados sob o ponto de vista do gênero do informante, os dados correspondentes ao apagamento e ao uso do pronome *se* se distribuem da seguinte maneira:

TABELA 5  
A relação entre o gênero e o uso do pronome

Gênero	Presença de <i>se</i>			Ausência de <i>se</i>			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Masculino	115	40	.59	175	60	.41	290	52
Feminino	59	22	.39	207	78	.61	266	48
Total	174	31	-	382	69	-	556	100

Os dados mostram que são as mulheres que lideram este processo linguístico e não os homens, como se imaginava. Apesar de serem vistas como conservadoras perante variantes estigmatizadas, as mulheres representam 78% de ocorrências de apagamento (.61 de probabilidade) contra 60% de apagamento para os homens (.41 de probabilidade).

Com o intuito de identificar a relevância dos fatores faixa etária e gênero em relação ao apagamento do pronome, e de observar possíveis idiosincrasias que justifiquem os resultados obtidos na tabela 4, obteve-se o seguinte resultado ao cruzar esses fatores:

TABELA 6

A relevância dos fatores faixa etária e gênero para o apagamento do pronome

Gênero	Homens				Mulheres				Total			
	se		ø		se		ø		se		ø	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Grupo 1 – jovens	51	17,5	66	82,5	36	13,5	114	86,5	87	33	180	67
Grupo 2 – adultos	64	22	109	78	23	8,6	93	91,5	87	30	202	70
Total	115	40	175	60	59	22	207	78	174	31	382	69
Total por gênero	290				266				556			

A tabela acima retrata o cruzamento dos fatores faixa etária e gênero e sua relevância para o fenômeno do apagamento do pronome. É possível observar que o grupo dos jovens realizou 67% de apagamento contra 70% no grupo dos adultos. Ao analisar os índices de apagamento entre os gêneros, as mulheres se destacam nos dois grupos etários, realizando 86,5% de apagamento no grupo dos jovens e 91,5% no grupo dos adultos. Os homens realizaram 82% e 78% de apagamento nos respectivos grupos.

Conclui-se, assim, que as mulheres se destacam no processo linguístico, pois realizaram mais ocorrências sem o pronome. Tanto no grupo dos jovens como no grupo dos adultos, registrou-se um índice de apagamento superior a 80%. A tabela 6 restabelece, ainda, que no grupo das mulheres há maior índice de apagamento na faixa etária dos adultos.

Na próxima seção, observe-se a relevância do fator escolaridade para a análise.

### 4.2.3 Escolaridade

Verificaram-se 273 (49%) dados referentes aos informantes com ensino médio completo e 282 (51%) dados pertencentes aos informantes com ensino superior já concluído ou em curso. Observe-se a tabela seguinte:

TABELA 7  
A relação entre a escolaridade e o uso do pronome

Escolaridade	Presença de <i>se</i>			Ausência de <i>se</i>			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Ensino médio	69	25	.44	203	75	.56	273	49
Ensino superior	105	37	.55	179	62	.45	282	51
Total	174	31	-	382	69	-	556	100

Como se comprova em outras pesquisas, o fator escolaridade é bastante significativo no que diz respeito ao uso/ apagamento do *se*. Note-se que, apesar de altos os índices de apagamento em ambos os grupos, informantes do nível médio realizaram 75% de supressão do pronome (.56 de probabilidade) enquanto informantes com ensino superior omitiram o pronome em 62% das ocorrências (.45 de probabilidade).

Ao fazer o cruzamento dos fatores faixa etária e escolaridade, obtiveram-se os seguintes números:

TABELA 8  
A relevância dos fatores escolaridade e faixa etária para o apagamento do pronome

Escolaridade \ Faixa etária	Ensino médio				Ensino superior				Total			
	<i>se</i>		∅		<i>se</i>		∅		<i>se</i>		∅	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Grupo 1 – jovens	30	27	81	73	57	37	99	63	87	33	87	30
Grupo 2 – adultos	39	24	122	76	48	38	80	62	180	67	202	70
Total	69	25	203	75	105	37	179	63	267	-	289	-
Total escolaridade	272				283				556			

Através da análise da tabela, nota-se que os informantes com ensino médio realizaram mais de 70% de supressão do pronome em seus respectivos grupos etários. Cumpre destacar, porém, que os informantes adultos realizam 76% de apagamento e os informantes jovens, 73%. No que concerne aos informantes do ensino superior, observa-se, também, mais de 50% de

apagamento em ambas as faixas etárias. Contudo, os falantes jovens registram uma porcentagem pouco maior de apagamento do que os falantes adultos: 63% e 62%, respectivamente.

Conclui-se que, mesmo com uma diferença percentual pequena entre um nível de escolaridade e outro, quanto maior o nível de instrução do falante, menos propenso a suprimir o pronome ele estará, especialmente dentre a faixa etária jovem, onde se registrou 10% a menos de apagamento para informantes com nível superior, contra 14% a menos para informantes adultos com o mesmo nível de formação.

A análise dos fatores extralinguísticos nos aponta que o fenômeno da variação no uso do pronome já está avançado e que a ausência do *se* não é estigmatizada, o que se comprova pelos altos percentuais de supressão em todos os grupos de fatores analisados.

Dentre os verbos que apareceram com mais frequência no *corpus*, nota-se que os que mais apresentam apagamento são: *acostumar, adaptar, aposentar, candidatar, casar, formar, lembrar, levantar, machucar, mudar, preocupar* e *sentar*. Esses verbos somam 386 ocorrências, sendo 183 pertencentes às falantes do gênero feminino e 203 pertencentes aos falantes do gênero masculino. Observe-se a tabela a seguir:

TABELA 9  
Os itens lexicais mais frequentes distribuídos por gênero

Gênero Predicadores	Mulheres				Homens				Total			
	se		ø		se		ø		Se		ø	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Acostumar	1	5	11	50	0	0	10	45	1	5	21	95
Adaptar	6	24	3	12	12	48	4	16	18	72	7	28
Afastar	3	30	1	10	4	40	2	20	7	70	3	30
Aposentar	0	0	3	50	0	0	3	50	0	0	6	100
Assustar	0	0	4	50	0	0	4	50	0	0	8	100
Casar	0	0	25	50	3	6	22	44	3	6	47	94
Candidatar	0	0	4	50	0	0	4	50	0	0	8	100
Chamar	0	0	2	25	1	13	5	62	1	13	7	87
Decepcionar	1	9	2	18	5	45	3	28	6	55	5	45
Divertir	4	80	0	0	1	20	0	0	5	100	0	0
Estressar	0	0	2	29	0	0	5	71	0	0	7	100
Formar	0	0	23	68	0	0	11	32	0	0	34	100
Interessar	1	17	1	17	4	66	0	0	5	83	1	17
Lembrar	2	3	22	37	2	2	33	58	4	7	55	93
Levantar	0	0	4	57	0	0	3	43	0	0	7	100
Machucar	0	0	4	50	0	0	4	50	0	0	8	100
Mudar	0	0	19	63	0	0	11	37	0	0	30	100
Preocupar	1	2	4	11	14	37	19	50	15	39	23	61
Preparar	2	18	1	9	7	63	1	9	9	82	2	18
Sentar	0	0	16	76	0	0	5	24	0	0	21	100
Vestir	8	67	3	25	1	8	0	0	9	75	3	25
Total parcial	29	16	154	84	54	27	149	73	83	22	303	78
Total geral	183 (47%)				203 (53%)				386 (100%)			

Das 183 ocorrências pertencentes ao gênero feminino, 154 (84%) apareceram sem o pronome. As 29 (16%) restantes referem-se aos verbos *acostumar*, *adaptar*, *afastar*, *decepcionar*, *divertir*, *interessar*, *lembrar*, *preocupar*, *preparar* e *vestir*. A maioria, exceto *divertir*, também apresentou índices relevantes de apagamento. As ocorrências pertencentes ao gênero masculino distribuem-se em 149 (73%) de apagamento e 54 (27%) de presença de pronome. Os verbos que mais mantiveram o

pronome foram: *adaptar, afastar, casar, chamar, decepcionar, divertir, interessar, lembrar, preocupar, preparar e vestir*. Observe-se que os verbos *casar, lembrar* e *preocupar* também obtiveram altos índices de apagamento. Como no grupo das mulheres, o verbo *divertir* não apresentou índices de apagamento.

## 5 Considerações finais

Observou-se um índice de 69% de apagamento, sendo que os pronomes pseudo-reflexivos foram mais apagados que os reflexivos – 71% e 44%, respectivamente. Porém, a observação dos pesos relativos mostram um panorama diferente: tem-se .51 de probabilidade de presença do pseudo-reflexivo e .36 de presença do pronome reflexivo. As subclasses dos predicadores epistêmicos, físicos e “outros” foram as que registraram índices mais altos de apagamento – 93%, 83% e 75%, respectivamente. A subclasse dos psicológicos realizou 55% de supressão do pronome. Ainda que considerável, classe dos beneficiários registrou o menor índice de apagamento do pronome, a saber, 47%.

A análise dos itens lexicais mostrou que há itens que favorecem o apagamento do pronome, tais como *aposentar, casar, lembrar, mudar, sentar*, da mesma maneira, há itens que favorecem a manutenção do pronome, como *adaptar, divertir* e *interessar*. Esta análise sugere que há uma bifurcação no comportamento dos verbos no que diz respeito ao uso do pronome, pois há itens que favorecem o apagamento e outros que favorecem a manutenção. A análise dos itens lexicais mais frequentes do *corpus* também indicou que o apagamento do pronome encontra-se equilibrado entre homens e mulheres, mesmo sendo as últimas apontadas como favorecedoras do processo.

No que diz respeito aos fatores extralinguísticos, observou-se que os jovens realizaram menos apagamentos que os adultos (67% contra 70%). Contrariamente ao que mostram as pesquisas baseadas na Teoria da Variação e Mudança, as mulheres não se mostraram tão conservadoras quanto à



variação do uso/ apagamento do pronome, pois apresentaram altos índices de apagamento do mesmo, destacando-se no grupo dos jovens (86,5% de apagamento) e no grupo dos adultos (91,5% de apagamento). Corroborando a análise de Rocha (1999) e Melo (2005), o fator escolaridade revelou-se bastante significativo, visto que informantes que cursaram apenas o ensino médio realizaram 25% (.44) de preenchimento do pronome e informantes com nível superior realizaram 37% de preenchimento (.55).

## Referências

CARVALHO, G. C. *Um Estudo Descritivo dos Predicadores Experienciais, Psicológicos, Físicos, Epistêmicos e de Percepção do Português: análise das correlações sintático-semânticas orientada pela frequência dos tipos de construções morfológicas*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

CIRÍACO, L. S. *A Alternância Causativo/ Ergativa no PB: Restrições e Propriedades Semânticas*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2007.

CIRÍACO, L. S.; CANÇADO, M. Inacusatividade e Inergatividade no PB. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 46 (2) UNICAMP, 2006.

CIRÍACO, L. S.; CANÇADO, M. A alternância causativo-ergativa no PB. V CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. *Anais...* Belo Horizonte, 2007.

D'ALBUQUERQUE, A. C. R. C. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. In: LEMLE, M. (Org.). *Revista Tempo Brasileiro: Sociolinguística e o Ensino do Vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. 78/79, p. 97-121, 1984.

DOGLIANI, E. O papel do tipo discursivo na integração entre perspectiva do evento e tipos de construções verbais. In: MACHADO, I. L. *et alli* (Org.). *Análise do Discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, v.1, p. 65-74, 2006.

DOGLIANI, E. Relação sintaxe-semântica: uso e frequência das principais estruturas dos verbos psicológicos. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v. 15, p. 17-38, 2007.

DOGLIANI, E. A construção gradual das condições de ergativização entre os verbos experienciais. VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. *Anais...* João Pessoa, 2009.

KURY, A. da G. *Lições de Análise Sintática*. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. Field methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (Ed.). *Language in Use: readings in sociolinguistics*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984.

LIMA, B. F. Z. de. *O percurso diacrônico das construções com o pronome se na Língua Portuguesa como um processo de gramaticalização*. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2006.

LIMA, C. H. da R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

LOPES, C. *Gramaticalização: definição, princípios e análise de casos (versão preliminar)*. Manuscrito inédito. [s.d.]. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/Gramaticaliza%E7%E3o-novo.pdf>. Acessado em 21/01/08.

MADUREIRA, D. Variação nas construções pronominais dos verbos psicológicos: uma decorrência de diferentes percursos históricos. In: COHEN, M. A. A. M.; RAMOS, J. M. (Org.). *Dialeto Mineiro e Outras Falas – Estudos de Variação e Mudança Linguística*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2002.

PERINI, M. A. *Estudos de Gramática Descritiva – as valências verbais*. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

ROCHA, A. F. *Clíticos Reflexivos: uma variante sociolinguística na cidade de Ouro Preto*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 1999.

VEADO, R. M. A. *Comportamento Linguístico do Dialeto Rural de Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 1980.

VITRAL, L.; RAMOS, J. M. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

## O apagamento do pronome *se* na cidade de Santa Luzia/MG

Gabriele Cristine Carvalho\*

**RESUMO:** Este trabalho trata do apagamento do pronome *se* pseudo-reflexivo, reflexivo e recíproco dos verbos experienciais. Orientada pelos pressupostos da Teoria da Variação (Labov 1972), a pesquisa tomou por base dados de uso, obtidos através de entrevistas gravadas em Santa Luzia. Registraram-se todas as ocorrências dos verbos experienciais que apresentaram contexto de uso dos pronomes analisados, o que propiciou a organização de um *corpus* constituído de 168 dados. A análise mostrou um índice elevado de apagamento do pronome em Santa Luzia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Verbos experienciais. Sociolinguística variacionista. Difusão lexical.

**ABSTRACT:** The aim of this work is to analyze the deletion of the pronoun *se* pseudo reflexive, reflexive and reciprocal of experiential verbs. The research was guided by the Variation Theory (Labov 1972) and it was based on use's data, that was taken by recorded interviewers in Santa Luzia. All the realizations of experiential verbs that had the context of using of the analyzed pronouns were registered, what lead to organize a *corpus* of 168 data. The analysis showed a high level of pronoun deletion at Santa Luzia.

**KEYWORDS:** Experiential verbs. Variationist sociolinguistics. Lexical diffusion

---

\* Doutoranda da Pós-graduação de Estudos Linguísticos da UFMG.  
Contato: bibasic2@yahoo.com

## 1 Introdução

Este trabalho trata do estudo das construções pronominais de um subgrupo de verbos experienciais.<sup>1</sup> Os verbos experienciais são aqueles que possuem um argumento experienciador e expressam eventos de cognição, emoção e sensação (física ou psicológica). Estudou-se, portanto, o apagamento dos pronomes pseudo-reflexivos, reflexivos e recíprocos dos verbos psicológicos, como *preocupar, desanimar, assustar*; dos verbos físicos, como *ferir, machucar, queimar*; dos verbos epistêmicos, como *lembrar, esquecer*; dos verbos de percepção, como *ouvir, ver, avistar*.

Vários pesquisadores já se dedicaram ao estudo do apagamento do pronome *se*, destacam-se os trabalhos de Veado (1980), Nunes (1990) e Rocha (1999). Analisando a micro-região Sanfranciscana de Januária/MG, Veado (1980) constata que o apagamento do *se* reflexivo é praticamente categórico na região. Nunes (1990) realiza um estudo sincrônico e diacrônico das construções com o *se* apassivador e o *se* indeterminador. Nunes destaca que o fenômeno do apagamento do *se* nas passivas pronominais, apesar de ter surgido há pouco mais de um século, já alcança um índice de 79% na entrevistas sociolinguísticas. Rocha (1999) realiza um estudo quantitativo da variável *se* – ausência e presença do *se* reflexivo e falso reflexivo – na cidade de Ouro Preto/MG. Os resultados da pesquisa mostram que, nas entrevistas sociolinguísticas, o apagamento do pronome alcança um índice de 71%. Todas essas análises apontam para a mesma tendência: observa-se que o índice de apagamento do pronome é muito alto. Os dados de Santa Luzia corroboram essas análises.

O estudo das construções pronominais dos verbos experienciais de Santa Luzia orientou-se pela consideração de fatores linguísticos e não-linguísticos, como postula o modelo variacionista laboviano. Os fatores linguísticos considerados foram: tipo de pronome, classe semântica do verbo e item

---

<sup>1</sup> Este capítulo é um recorte de Carvalho (2008).

lexical. As variáveis não-linguísticas estabelecidas foram: faixa etária, classe socioeconômica e gênero. Os dados obtidos foram codificados e submetidos a uma análise quantitativa pelo programa Goldvarb/Varbrul (2001). Após a análise quantitativa, foi realizada uma análise qualitativa dos dados.

Na próxima seção, apresentam-se considerações sobre a metodologia aplicada. A análise dos fatores linguísticos e não-linguísticos encontra-se na seção seguinte. Em seguida, apresenta-se um estudo comparativo com outros trabalhos que também analisaram a variável estudada. Os resultados mostraram que as cidades mineiras apresentam um índice de apagamento maior do que as cidades do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Português Europeu e que esse apagamento é mais acentuado em Santa Luzia.

## **2 Metodologia**

Para a análise do apagamento do pronome pseudo-reflexivo, reflexivo e recíproco foram utilizados dados coletados na cidade de Santa Luzia/MG. A coleta dos dados orientou-se pelo modelo variacionista laboviano, que determina que sejam feitas entrevistas gravadas com informantes previamente selecionados. Realizaram-se entrevistas com grupos de informantes selecionados de acordo com as seguintes variáveis não-linguísticas: faixa etária, gênero e classe socioeconômica. Essas variáveis foram selecionadas, porque o apagamento do pronome é uma variável sociolinguística, conforme trabalhos anteriores. Os fatores linguísticos selecionados para a análise foram: tipo de pronome, classe semântica do verbo e item lexical. Os 168 dados coletados foram submetidos a uma análise quantitativa realizada pelo programa Goldvarb/Varbrul (2001). Após a análise quantitativa, foi realizada uma análise qualitativa dos dados.

### **2.1 Os fatores não-linguísticos**

Os dados foram obtidos de aproximadamente doze horas de entrevistas realizadas com dezesseis moradores de ambos

os sexos da cidade de Santa Luzia. Os informantes foram divididos em dois grupos etários: o grupo 1, constituído por informantes acima de 70 anos e o grupo 2, cujos informantes têm entre 37 e 62 anos. O grupo dos jovens não integra a amostra, pois se pretende observar o padrão linguístico de Santa Luzia e os jovens mantêm muito contato com a capital. Já os informantes dos dois grupos etários selecionados nasceram, estudaram e realizam suas atividades na cidade. Selecionaram-se informantes de dois bairros, Centro e Adeodato, que configuram classes sociais distintas. Os moradores do bairro Centro foram classificados com uma classe socioeconômica mais alta do que os moradores do bairro Adeodato.

Como se viu, o fator escolaridade foi excluído da análise, pois, em primeiro lugar, constatou-se que os informantes, de uma maneira geral, possuíam o primário completo ou incompleto. O fator saliente na seleção dos informantes é a faixa etária e esse fator está associado a outro mais proeminente – viver em Santa Luzia.

## **2.2 Os fatores linguísticos**

As variáveis linguísticas selecionadas para o estudo do apagamento dos pronomes pseudo-reflexivo, reflexivo e recíproco são: tipo de pronome, classe semântica do verbos e item lexical.

A variável tipo de pronome foi considerada, porque Madureira (2000) mostra que, no dialeto mineiro, o pronome pseudo-reflexivo sofre variação nos verbos psicológicos e Rocha (1999) verifica que o tipo de pronome condiciona a variável *se*, pois seus resultados indicam que o pronome reflexivo favorece a presença do pronome, ao passo que o pronome pseudo-reflexivo favorece o apagamento do clítico. A presente pesquisa observou se o fator tipo de pronome favoreceu/desfavoreceu o uso do clítico.

Observou-se, portanto, o comportamento do *se* ergativo, do *se* reflexivo, do *se* inerente e do *se* recíproco. Como a

distinção entre esses pronomes não se realiza sem dificuldade, explicitam-se, a seguir, os critérios utilizados para a classificação dos clíticos.

Foram considerados reflexivos os pronomes que puderam ser substituídos por *a si mesmo* (em todas as suas variações de pessoa, como por exemplo, *a mim mesmo*). Observem-se os exemplos abaixo:

- (1) a) Ele se cortou.
- b) Ele cortou a si mesmo.

Pode-se ver que em (1), quando substituímos o pronome pela expressão *a si mesmo*, obtém-se um sentido reflexivo, ou seja, o sujeito *Ele* simultaneamente pratica e recebe a ação.

Foram considerados recíprocos os pronomes que puderam ser substituídos por *um ao outro*. Por exemplo, em *Eles se abraçaram*, pode-se substituir o pronome por *um ao outro*; o sentido de reciprocidade se mantém como vemos em *Eles abraçaram um ao outro*.

Já os pronomes *se* ergativo e *se* inerente foram agrupados sob um único rótulo; foram denominados *se* pseudo-reflexivo, devido às dificuldades de se fazer uma separação sistemática entre essas classes. Os pronomes dessa classe, então, podem marcar o alçamento do argumento interno para a posição de argumento externo, como por exemplo, *Maria preocupou João = João se preocupou* e também podem acompanhar os verbos chamados de pronominais (ocasionalmente pronominais ou essencialmente pronominais) na Gramática Normativa, como por exemplo, *Paulo se queixou*. Destaque-se que a classificação dos clíticos que acompanham os verbos *preocupar* e *queixar*, apresentados acima, não gera dúvidas. No primeiro caso, o pronome é ergativo e no segundo é inerente. Contudo, essa classificação nem sempre é facilmente estabelecida.<sup>2</sup>

As classes semânticas constituem um fator linguístico, devido à possibilidade de ocorrência do pronome nas classes

---

<sup>2</sup> Confira Carvalho (2008).

analisadas, isto é, apesar de todas exibirem um argumento experienciador, sabe-se que nem todas as classes semânticas de verbos ilustram a possibilidade de ocorrência dos diferentes pronomes. Por exemplo, os verbos de percepção não podem apresentar o pronome pseudo-reflexivo e Madureira (2000) destaca que a maior parte dos verbos psicológicos admite o pronome ergativo, mas poucos admitem o reflexivo. Entre os verbos físicos, a maioria admite o pronome reflexivo. Outras classes, como a dos epistêmicos, raramente admitem o pronome, seja ele reflexivo ou pseudo-reflexivo.<sup>3</sup>

O terceiro fator que orienta a análise das construções pronominais é o comportamento do item lexical. Foi observado se determinados itens lexicais favoreceram/desfavoreceram o uso do pronome, pois vários estudos<sup>4</sup> mostram que os itens lexicais podem ser apontados como os responsáveis pela variação e implementação da mudança linguística.

### 3 Análise

Os 168 dados<sup>5</sup> podem ser divididos em: i) dados em que o pronome foi realizado fonologicamente (presença) e ii) dados em que o pronome não foi realizado fonologicamente (ausência).

Em princípio, trataremos do fenômeno de apagamento do pronome como um caso de variação, já que outras pesquisas assim o fizeram e mostraram que, em outras regiões de Minas Gerais e em outros estados do Brasil, o pronome pode ser realizado ou não.

---

<sup>3</sup> Essa classe semântica foi incluída na pesquisa devido a outro objeto de análise que este capítulo não contempla.

<sup>4</sup> Confira Phillips (1984), Leslau (1969), Viegas (1995), Oliveira (1992), Madureira (2000) e Bybee (2001).

<sup>5</sup> O baixo número de ocorrências deve-se ao fato de que se analisou somente o apagamento do pronome *se* dos verbos experienciais que exibem construções pronominais.



Vejamos, então, como as variantes presença e ausência do pronome se distribuem nos dados do *corpus* de Santa Luzia. Observe-se o gráfico a seguir:

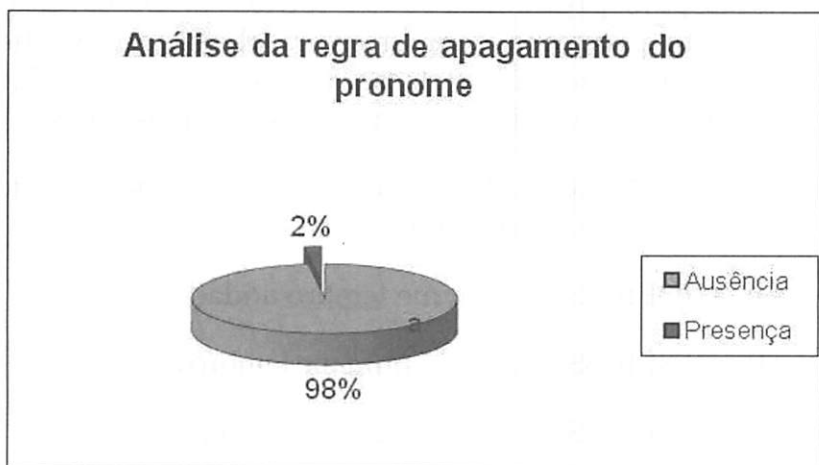


GRÁFICO 1 - Distribuição dos casos de presença/ausência do pronome

Observando-se o gráfico 1, pode-se notar que o apagamento do pronome é praticamente categórico, pois o pronome se realizou apenas em 2% das ocorrências. Portanto, 98% dos dados ilustram o apagamento do clítico. Pode-se dizer, então, que entre os verbos experienciais analisados não há variação.

Vejamos os dados da tabela 1 que mostra os pronomes que ocorreram no *corpus*:

TABELA 1  
Distribuição dos casos de presença em função do tipo de pronome.

	Presença do pronome		Total
	Casos	%	Casos
Reflexivo	0	0	16
Recíproco	0	0	9
Pseudo-reflexivo	4	3	143
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>168</b>

A tabela 1 atesta a ausência quase categórica do pronome de um modo geral. Não se registra presença dos clíticos reflexivos e recíprocos. As quatro ocorrências de presença são ilustradas pelo pronome pseudo-reflexivo. Os casos de presença do pronome ocorreram na classe dos verbos epistêmicos (3 casos) e na classe dos verbos psicológicos (1 caso). Essas ocorrências podem ser visualizadas abaixo:

- (2) (1P5M1C3SP MG foi até muito pacífica nessa parte.. porque...e...eu me lembro)
- (3) (1P8F1C3SP num me lembro a idade que ele)
- (4) (1P8F1C3SP assim...num me lembro a idade dela...)
- (5) (1P8F1C2SP porque eu não me importava)

Como se vê, os casos de presença do pronome são ilustrados por dois verbos apenas: *lembrar* e *importar*. Dos quatro casos de presença ilustrados pelos dados, *lembrar* exhibe três ocorrências em que o pronome pseudo-reflexivo está presente e o verbo *importar* ilustra uma ocorrência do mesmo pronome. Observemos, agora, se a frequência desses verbos pode ser relacionada ao uso do pronome pseudo-reflexivo.

No quadro a seguir, os verbos estão divididos de acordo com a classe semântica a que pertencem e com o pronome para o qual apresentaram contextos relevantes. Deve ser observado que o número de ocorrências de possibilidades de uso do pronome encontra-se entre parênteses, para que se possa observar a frequência do verbos.

QUADRO 1

Verbos experienciais divididos por classe semântica e tipo de pronome a que apresentaram contextos relevantes.

	Pseudo-reflexivo	Reflexivo	Recíproco
<b>Percepção</b>			olhar (1).
<b>Epistêmicos</b>	esquecer (5), lembrar (84), recordar (2).		conhecer (8).
<b>Físicos</b>	deitar (3), gripar (1), levantar (12), sentar (15).	çoçar (1), esquentar (1), ferir (1), furar (1), machucar (7), molhar (1), queimar (4).	
<b>Psicológicos</b>	apavorar (1), apegar (2), assustar (6), contentar (1), distrair (1), divertir (2), importar (2), preocupar (2), queixar (4).		

Como se pode ver, alguns verbos são muito frequentes no *corpus* de Santa Luzia. Se considerarmos como itens frequentes aqueles que ocorreram mais de sete vezes no *corpus*, temos os seguintes itens frequentes: *conhecer*, *lembrar*, *levantar*, *machucar* e *sentar*. Contudo, *lembrar* ainda se destaca mais do que os outros, pois ocorre 84 vezes no *corpus* e é responsável por 50% dos contextos de uso, considerando-se todos os pronomes estudados. Os outros 24 verbos restantes são responsáveis, juntos, pelos outros 50% dos contextos relevantes ao uso dos pronomes. É importante ressaltar que a frequência do item *lembrar* pode ter favorecido o uso do pronome, pois esse verbo é responsável por 84 ocorrências de contexto propício ao clítico e três dos quatro casos de presença do pronome são ilustrados por esse item lexical. Contudo, essa hipótese fica enfraquecida já que os outros itens frequentes que ocorreram no *corpus* não ilustraram nenhum caso de presença do pronome. Além disso, o verbo *importar*, que é pouco frequente, também apresentou um caso de presença.

Destaque-se que os dois itens que apresentaram os casos de presença do pronome ilustraram o pronome pseudo-reflexivo.<sup>6</sup>

### 3.1 Considerações sobre as variáveis não-linguísticas

Como se viu, a ausência do pronome é praticamente categórica nos dados de Santa Luzia. Contata-se, portanto, que, entre os verbos analisados, não há variação. O volume de apagamento do clítico é tão alto que praticamente inviabiliza a análise dos fatores sociais.

Pode-se, no entanto, especular que, no caso de Santa Luzia, a ausência do pronome seja resultado de um processo de mudança: em primeiro lugar, porque há indícios de uso, o que pode ser interpretado como evidência de resíduo; em segundo lugar, porque a variação, muitas vezes, em progresso, atesta-se em alguns trabalhos resenhados neste capítulo. Em nenhuma das outras localidades pesquisadas, no entanto, o índice de apagamento do pronome é tão alto. Na próxima seção, poderemos ver como o fenômeno se apresenta em outras cidades mineiras, no Rio de Janeiro, São Paulo e no Português Europeu.

## 4 Análise do pronome em Santa Luzia comparada à de outros trabalhos

Os resultados obtidos da pesquisa realizada na cidade de Santa Luzia nos permitem fazer uma comparação com outras pesquisas realizadas. Essa comparação torna-se possível a partir da observação dos dados da tabela 2, apresentada a seguir, que contém os dados de Rocha (1999)<sup>7</sup> e dos autores por ela selecionados, os dados do *corpus* de Santa Luzia e os dados de Dogliani (2004). Observemos os dados da tabela a seguir:<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Carvalho (2008) apresenta maiores considerações sobre a relação entre a frequência de *tokens* e *types* e o uso do pronome.

<sup>7</sup> Deve-se destacar que Rocha (1999), que havia computado em sua pesquisa todas as formas do pronome *se*, retirou os pronomes de primeira pessoa para poder compará-los com os dados de Manhauçu, São Paulo e Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Os dados da tabela 2 têm seguinte fonte: tabela 29 de Rocha (1999), tabelas 4 e 5 de Dogliani (2004) e Carvalho (2008).

TABELA 2  
 Comparação entre os dados de entrevistas sociolinguísticas de Ouro Preto, Manhuaçu, Rio de Janeiro, São Paulo, Português Europeu, Santa Luzia, Serro e Belo Horizonte

Dialeto	Pronome		Ø		Total	
	Casos	%	Casos	%	Casos	%
Santa Luzia	4	2	164	98	168	100
Belo Horizonte	24	38,7	38	61,3	62	100
Serro	1	5,3	18	94,7	19	100
Manhuaçu	54	16	265	83	319	100
Ouro Preto	117	25	351	75	468	100
São Paulo	227	48	243	52	470	100
Rio de Janeiro	549	70	229	30	778	100
Português Europeu	62	86	10	14	72	100

Apesar de os trabalhos apresentarem diferenças quanto às classes semânticas analisadas e a região, é interessante observar como o falar das cidades de Minas, em relação ao uso do clítico, diferencia-se do Português Europeu, pois esse dialeto apresentou 86% de presença do pronome, ao passo que nas cidades mineiras o percentual de apagamento é muito maior do que o de presença do clítico. Deve-se observar, entretanto, que o uso do clítico na capital de Minas Gerais é muito maior do que o uso do pronome nas demais cidades mineiras. Destaque-se também que os falares do Rio de Janeiro e de São Paulo aproximam-se do Português Europeu, uma vez que apresentam um índice considerável de uso do pronome.

## 5 Conclusão

Este trabalho analisou o apagamento do pronome *se* pseudo-reflexivo, reflexivo e recíproco nos verbos experienciais psicológicos, físicos, epistêmicos e de percepção nos dados coletados na cidade de Santa Luzia/MG. Os resultados da pesquisa mostraram que o apagamento do pronome é praticamente categórico, o que pode sinalizar um processo de mudança.

## Referências

- BYBEE, J. L. *Phonology and language use*. Cambridge: University Press, 2001.
- CARVALHO, Gabriele Cristine. *Um estudo descritivo dos predicadores experienciais psicológicos, físicos, epistêmicos e de percepção do português: análise das correlações sintático-semânticas orientada pela frequência dos tipos de construções morfológicas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and its Social Significance*. Blackwell: Oxford UK & Cambridge USA, 1995.
- DOGLIANI, Evelyne. A relação forma-sentido entre os verbos psicológicos no falar do Serro. SEVFALE IV. *Anais...* Belo Horizonte, Faculdade de Letras, UFMG, 2004.
- DOLABELLA, Japhet. *Santa Luzia nasceu do rio...* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, Press, 1972.
- LESLAU, W. Frequency as determinant of linguistic change in the Ethiopian languages. *Word*, n. 25, p. 180-89, 1969
- MADUREIRA, Evelyne Dogliani. *Difusão lexical e mudanças sintático-semânticas: os verbos psicológicos*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.
- NUNES, Jairo Morais. *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. 1990. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
- OLIVEIRA, Marco Antonio de. Sobre . Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudo da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, ano 1, v. 1, p. 31-44, 1992.
- PHILLIPS, B. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, v. 60, p. 31-58, 1997.
- ROCHA, Ângela de Fátima. *Clíticos reflexivos*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.
- VEADO, Rosa Maria Assis. *Comportamento lingüístico do dialeto rural – MG*. 1980. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

## A influência da variável redes sociais na variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos

Ana Paula Mendes Alves de Carvalho\*

**RESUMO:** Este trabalho trata da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos – nomes próprios de pessoas – no português brasileiro, focalizando a fala dos jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte. À luz da Sociolinguística Variacionista, observa-se a influência de fatores sociais no estudo do fenômeno, sobretudo, no que se refere à análise das redes sociais em que se encontram inseridos os falantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropônimos. Artigo definido. Sociolinguística. Redes sociais

**ABSTRACT:** The aim of this work is to investigate the syntactic variation absence/presence of the definite article before antroponyms – people names – at Brazilian Portuguese, the data was took from the speak of young people from Barra Longa – MG that live in Belo Horizonte. The work is guided by the variational sociolinguistics and shows the social factors influence at the phenomena, specially, when the social network of these speakers is analyzed.

**KEYWORDS:** Anthroponyms. Definite article. Sociolinguistics. Social Network.

---

\* Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: alvesapm@gmail.com

## 1 Introdução

A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos – nomes próprios de pessoas – como em “*João foi ao cinema/O João foi ao cinema*”, constitui um caso de variação sintática que vem sendo estudado sob diferentes perspectivas teóricas no português brasileiro, tanto em língua escrita quanto na língua falada [cf. Silva (1996), Moisés (1995), Callou e Silva (1997), Callou (2000), Mendes (2000), Costa (2002), Amaral (2003; 2004; 2007), Alencar (2006) e Alves (2007; 2008)].

Este trabalho trata do fenômeno variável em questão, focalizando a fala dos jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte.<sup>1</sup> De acordo com estudos anteriores, as duas cidades, apesar de não muito distanciadas uma da outra possuem padrões divergentes em relação ao fenômeno estudado. Enquanto em Belo Horizonte predomina a presença do artigo (Moisés, 1995), em Barra Longa, predomina a ausência (Mendes, 2000). Alves (2008) observa que a manutenção da ausência de artigo na fala dos jovens barra-longuenses que migram para Belo Horizonte ocorre de forma variável. Investiga, então, os fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem no processo variável de manutenção linguística. Os resultados dessa pesquisa serão retomados neste estudo a fim de elucidar a influência da variável redes sociais para o estudo da variação e da manutenção linguística.

## 2 Pressupostos teórico-metodológicos

Adotando os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista propostos por Labov (1972), analisam-se quantitativa e qualitativamente dois *corpora* constituídos a partir de dados de fala de vinte informantes: o grupo I, constituído de dezesseis informantes jovens de 18 a 30 anos

---

<sup>1</sup> O trabalho tem como base Alves (2008), dissertação de mestrado defendida e aprovada no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Evelyne Jeanne André Angèle Madeleine Dogliani, a quem deixo meu agradecimento.



nascidos em Barra Longa, que se mudaram para Belo Horizonte depois dos quatorze anos; e grupo II, constituído de quatro jovens da mesma faixa etária que não saíram da cidade de Barra Longa.

Os dados do grupo II, grupo de controle, foram obtidos com intuito de verificar como se comportam os jovens que permanecem na cidade em relação à variação estudada, visto que Mendes (2000), apesar de ter observado que os jovens de Barra Longa não usam o artigo diante do contexto estudado, trabalhou apenas com entrevistados de idade superior a setenta anos.

O tratamento quantitativo das ocorrências de antropônimos encontrados nos *corpora* foi feito a partir do programa estatístico de análise de dados variáveis Goldvarb (2001), o que possibilitou revelar alguns fatores favorecedores e desfavorecedores das variantes.

Cabe ressaltar que, na análise quantitativa dos dados, nem todas as estruturas envolvendo antropônimos foram consideradas, pelo contrário, alguns casos foram desconsiderados, como, por exemplo, os usos não referenciais do antropônimo em que a ausência do artigo ocorre de forma categórica. A seguir, são enumerados alguns casos descartados da análise:

a) Usos não referenciais do antropônimo

a.1) Vocativos:

- (1) ...eu num sabia frita peixe:: aí eu falei “ô Maurílio:: eu vô liga pra mãe” (INF.09)<sup>2</sup>

a.2) Antropônimos usados com fins de nomação didática, isto é, usados para dizer formal ou informalmente, que um nome particular está associado a uma pessoa por uma convenção pré-existente:

---

<sup>2</sup> Todos as ocorrências que se encontram neste texto foram retiradas dos *corpora* analisados em Alves (2008).

- (2) Meu pai chama *Nilo*... minh'mã chama *Marlene* e...  
a minha irmã chama *Daniele* e a outra chama *Daiane*  
(INF.03)
- (3) ...num sei se era *seu Manoel* que ele chamava...  
(INF.12)
- b) Topônimos (antropônimos usados com referência a nomes de lugares):
- (4) Lá no/*no Padre Eustáquio* a gente se encontra::  
aquele galerão de Barra Longa... umas vinte  
pessoas:: trinta pessoas (INF.01)
- (5) O Glória tá lá perto *do Alípio de Melo*... (INF.10)
- c) Usos metonímicos:
- (6) ...pai só escuta *Roberto Carlos*:: né... (INF.11)
- (7) Mais assim autor qu'eu gosto assim... foi por acaso  
mesmo:: de caí no vestibular e qu'eu comecei a  
ler e adorei foi *Guimarães Rosa* (INF.12)
- d) Antropônimos precedidos por demonstrativos:
- (8) ... é esse *Fábio* aí qu'eu tava falano:: que faz o curso  
lá... INF.09)
- (9) Inf: o *Murilo Benício* também é um cara que...  
Pesq.: E *Murilo Benício* é...  
Inf: *Aquele Artur* da novela (INF.01)
- e) Estruturas em que os antropônimos são iniciados por vogais homófonas aos artigos quando nem sempre é possível identificar a ocorrência do artigo devido à possibilidade de ocorrer crase entre os dois sons vocálicos:
- (10) ... eu já coroei com *Aline*... (INF.10)

- (11) *Welliton* agora tá terminano a faculdade de Direito...(INF.15)
- (12) ... o *Humberto* falava tamém na música... (INF.11)

### **3 A análise dos dados: a influência da variável redes sociais**

Com base no que diz a literatura variacionista quanto ao processo de aquisição da linguagem, espera-se que os jovens residentes em Belo Horizonte preservem a variante de Barra Longa, visto que a maioria deles se muda para capital depois dos quinze anos de idade, quando o processo de aquisição de linguagem já se completou. Mas, tendo-se observado que a manutenção da estrutura preferida na comunidade de origem submete-se a um processo de variação na fala desses jovens, investigam-se os fatores que intervêm nesse processo de variação. Parte-se, pois, da hipótese de que o processo da manutenção da ausência de artigo definido na fala dos jovens que residem em Belo Horizonte é variável e de que essa variação está relacionada, sobretudo, a fatores sociais.

Embora o comportamento linguístico dos jovens que permanecem em Barra Longa tenha sido observado, cumpre lembrar que o foco da análise centra-se nos resultados obtidos a partir dos dados de fala dos jovens que residem em Belo Horizonte.

Nas dezesseis entrevistas, realizadas com os jovens que residem em Belo Horizonte, foram encontrados 1163 SN's com antropônimos, e nas quatro entrevistas, realizadas com jovens que permanecem em Barra Longa, foram encontrados 340 SN's com antropônimos. Esses dados foram submetidos, separadamente, a uma análise quantitativa realizada com a utilização do programa estatístico para computadores GOLDVARB/VARBRUL (2001). A seguir, são apresentados os resultados obtidos para o grupo de controle e para o grupo de Belo Horizonte.

Em relação ao grupo de controle, dos 340 dados obtidos, 95% (322) são de ausência de artigo e apenas 5% (18), de presença, como é mostrado no gráfico 1, na sequência.

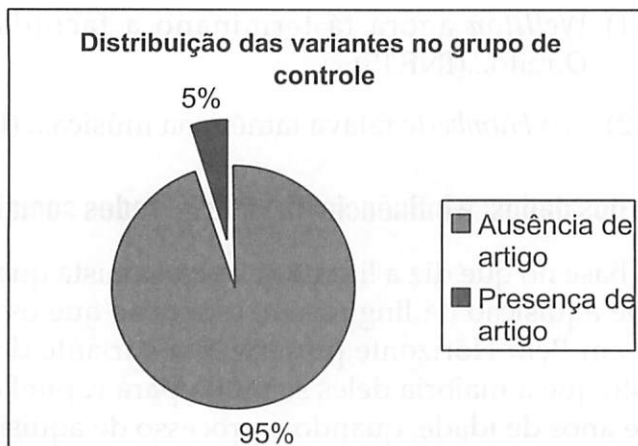


GRÁFICO 1 - Distribuição das variantes no grupo de controle

Os resultados apresentados vão ao encontro dos trabalhos anteriores – Mendes (2000) e Alves (2007) –, corroborando os indícios de que, em Barra Longa, prevalece a ausência de artigo definido diante de antropônimos não só na fala dos idosos, conforme foi demonstrado em Mendes, mas também na fala dos jovens.

O comportamento linguístico dos dezesseis informantes que residem em Belo Horizonte pode ser observado através do gráfico 2, a seguir:

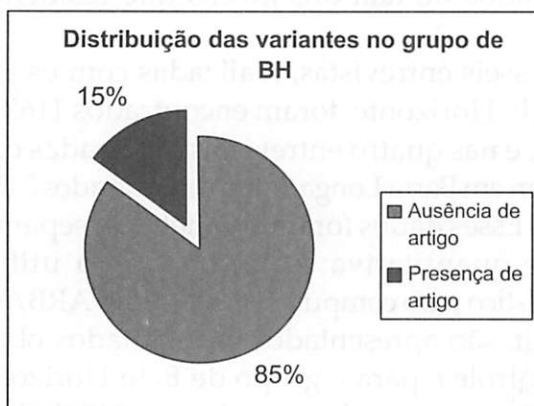


GRÁFICO 2 - Distribuição das variantes no grupo de Belo Horizonte

De acordo com as informações contidas no gráfico 1, a ausência do artigo diante de antropônimos corresponde a 85% (993) dos dados e a presença corresponde a 15% (170). Constatado o aumento do uso do artigo definido diante de antropônimos pelos jovens que se mudam para Belo Horizonte, a partir dos resultados apresentados, buscou-se verificar que fatores estariam favorecendo a preferência pela variante usada em Belo Horizonte na fala desses jovens.

Foram considerados, então, dez grupos de fatores, cinco de natureza linguística – forma como aparece o antropônimo, circunstância em que o antropônimo é citado, estrutura do SN, item de uma enumeração e função sintática – e cinco de natureza extralinguística ou social – grau de intimidade do entrevistado com o referente, gênero, convívio diário com pessoas de Barra Longa, grau de contato com a cidade de origem e tempo de residência em Belo Horizonte.<sup>3</sup> Dentre esses grupos de fatores, dá-se ênfase, neste trabalho, aos dois grupos de fatores que mais se destacaram na análise desenvolvida em Alves (2008), a saber: o convívio diário com pessoas de Barra Longa e o grau de contato com a cidade de origem. Diretamente relacionados às redes sociais dos informantes, esses dois grupos de fatores foram selecionados como estatisticamente relevantes em três rodadas do programa estatístico utilizado na análise quantitativa, o que justifica o nosso interesse em retomar os resultados desse estudo para comprovar a influência da variável redes sociais no fenômeno variável aqui estudado.

### 3.1 O convívio diário com pessoas de Barra Longa

Esse grupo de fatores foi controlado com o intuito de se verificar o quanto o convívio diário com pessoas de Barra Longa é relevante para o comportamento linguístico dos

---

<sup>3</sup> Para os dois *corpora* foram controlados os mesmos grupos de fatores linguísticos, no entanto, no que se refere aos fatores extralinguísticos, para o grupo de controle foram controlados apenas gênero e grau de intimidade, visto que os outros fatores não se aplicam a esse grupo.

jovens que residem em Belo Horizonte. A tabela 1, a seguir, apresenta a distribuição da presença do artigo em função desse grupo de fatores.

TABELA 1  
A presença do artigo definido de acordo com o convívio diário com pessoas de Barra Longa

Convívio diário com pessoas de Barra Longa	Casos	%	Peso relativo
Mora/trabalha com pessoas de Barra Longa	51/584	9	0.34
Não mora/não trabalha com pessoas de Barra Longa	119/579	21	0.66
<b>Total</b>	<b>170/1163</b>	<b>15</b>	

Apesar de os percentuais não serem elevados e nem muito diferentes, os pesos relativos apontam que, na fala dos jovens que residem em Belo Horizonte, a presença de artigo diante de antropônimos é favorecida (0.66) quando os informantes não convivem diariamente, em casa ou no trabalho, com pessoas de Barra Longa. A partir desses resultados, observa-se que, na fala do grupo sob análise, a manutenção ou não da estrutura preferida em Barra Longa se orienta pela manutenção do contato diário com pessoas da comunidade.

Conforme Milroy (1980), as redes densas e multipléxicas das comunidades pequenas e tradicionais como é o caso de Barra Longa – onde todos se conhecem – funcionam como um mecanismo de reforço da norma partilhada entre os falantes de uma comunidade linguística. Os resultados apresentados permitem propor que, quando os laços dessas *redes* permanecem fortes entre os falantes que migram para outra comunidade, a norma partilhada entre eles, na comunidade de origem, tende a ser mantida, ou seja, percebemos que, quando os jovens que estão em Belo Horizonte continuam mantendo contato com pessoas de Barra Longa diariamente, eles tendem a preservar a variante de sua cidade de origem.

Como se vê, a análise da variável *redes* parece ser de fundamental importância para a explicação desse fenômeno

variável. A seguir, são apresentadas mais informações acerca das redes sociais dos informantes a partir dos resultados do grupo de fatores grau de contato com a cidade de Barra Longa.

### 3.2 O grau de contato com a cidade de Barra Longa

O grau de contato com a cidade de Barra Longa foi medido de acordo com a frequência com que os informantes vão a Barra Longa durante o ano. Assim, foi considerado contato frequente, quando o informante vai a Barra Longa de dez a doze vezes por ano; e contato não frequente, quando o informante vai de quatro a seis vezes por ano. Dessa forma, dois fatores foram controlados em relação ao uso do artigo, conforme os resultados da Tabela 2, a seguir:

TABELA 2  
A presença do artigo de acordo com o grau de contato com a cidade de Barra Longa

Grau de contato com a cidade de Barra Longa	Ocorrências	%	PR
C. contato frequente	42/674	6	0.31
I. contato não frequente	128/489	26	0.75
Total	170/1163	15	

Esse grupo de fatores foi controlado para testar a hipótese de que o contato frequente com a cidade Barra Longa desfavoreceria a presença do artigo, ou seja, a hipótese inicial em relação à atuação desse grupo é de que quanto maior o número de vezes que o informante vai a sua cidade de origem, maior será a probabilidade de não ocorrer a presença do artigo em sua fala. Os números da tabela 2 confirmam tal hipótese: com um peso relativo de 0.75, o contato não frequente é o fator que mais favorece a presença do artigo diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa que residem em Belo Horizonte e o contato frequente, por sua vez, desfavorece o uso do artigo (0.31). De acordo com esses resultados, podemos dizer que a manutenção da estrutura de Barra Longa se relaciona diretamente à manutenção ou não de laços de

afetividade dos jovens que residem em Belo Horizonte com as pessoas (familiares, amigos, vizinhos, etc.) que eles deixaram para trás em sua comunidade de origem.

A esse respeito Milroy (1980), em sua pesquisa sobre a variação vocálica no vernáculo de três bairros de classe trabalhadora de Belfast (Irlanda), afirma que o estudo da fala do indivíduo inserido no seu contexto social diário deve ser levado em conta nos estudos sociolinguísticos. Segundo a autora, o empreendimento de tal tarefa se dá através da observação das redes sociais em se integram os informantes e permite perceber os mecanismos sociais diários que levam os indivíduos a manter ou não o seu comportamento linguístico diante de determinada variável linguística.

Oliveira (1992), por sua vez, ao analisar aspectos da difusão lexical a partir de um estudo sobre o alçamento das vogais médias pretônicas em Belo Horizonte, sugere que o comportamento do indivíduo, muitas vezes, é mais homogêneo do que o comportamento do grupo. Segundo o autor, em um estudo sociolinguístico, não se pode ignorar o comportamento individual dos falantes em relação ao fenômeno variável.

Desse modo, com o intuito de observar sistematicamente o comportamento individual em função desse fator, agrupamos os informantes em dois subgrupos: o grupo que mantém contato frequente com a cidade de origem e o grupo que não mantém contato frequente. Vejamos, a seguir, a divisão do grupo, a distribuição das variantes em função dos dois subgrupos.



**TABELA 3**  
**Informantes que residem em Belo Horizonte e mantêm contato frequente com a cidade Barra Longa<sup>4</sup>**

Nº	Gênero	Convívio diário com pessoas de Barra Longa	Tempo de residência em Belo Horizonte	Presença de artigo	
				Casos	%
01	Masc.	Mora/trabalha	2 a 5 anos	8/137	6
02	Fem.	Mora/trabalha	2 a 5 anos	0/71	-
05	Masc.	Mora/trabalha	6 a 10 anos	1/80	1
06	Fem.	Mora/trabalha	6 a 10 anos	0/38	-
09	Masc.	Não mora/não trabalha	2 a 5 anos	14/81	17
10	Fem.	Não mora/não trabalha	2 a 5 anos	5/98	5
13	Masc.	Não mora/não trabalha	6 a 10 anos	10/88	11
14	Fem.	Não mora/não trabalha	6 a 10 anos	4/81	5
Total				42/674	6

**TABELA 4**  
**Informantes que residem em Belo Horizonte e não mantêm contato frequente com a cidade Barra Longa**

Nº	Gênero	Convívio diário com pessoas de Barra Longa	Tempo de residência em Belo Horizonte	Presença de artigo	
				Casos	%
03	Masc.	Mora/trabalha	2 a 5 anos	16/76	22
04	Fem.	Mora/trabalha	2 a 5 anos	11/105	10
07	Masc.	Mora/trabalha	6 a 10 anos	11/37	30
08	Fem.	Mora/trabalha	6 a 10 anos	4/40	10
11	Masc.	Não mora/não trabalha	2 a 5 anos	12/66	18
12	Fem.	Não mora/não trabalha	2 a 5 anos	26/67	39
15	Masc.	Não mora/não trabalha	6 a 10 anos	33/63	52
16	Fem.	Não mora/não trabalha	6 a 10 anos	15/35	42
Total				128/489	26

<sup>4</sup> Os dezesseis informantes foram divididos em função do grau de contato com a cidade permanecendo, portanto, com a identificação numérica a eles atribuída inicialmente (cf. Alves (2008)).

Ao analisar as informações das tabelas 3 e 4, verifica-se que, apesar de preservarem o padrão de Barra Longa, os dois grupos se comportam de forma distinta em relação à variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos.

O grupo que mantém contato frequente, isto é, que vai mais vezes a Barra Longa ao longo do ano, preserva mais a estrutura dessa comunidade, ao contrário do grupo dos falantes que vai menos a Barra Longa. O primeiro grupo exhibe 6% de presença de artigo e o segundo, 26% conforme pode ser visto no gráfico 3:

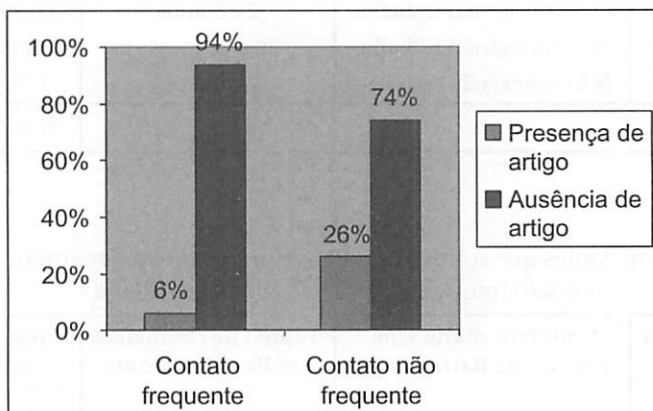


GRÁFICO 3 - Distribuição das variantes nos dois subgrupos

A diferença entre os percentuais de presença de artigo entre os dois grupos é de apenas 20%. Porém, quando levamos em conta o comportamento individual dos informantes de cada grupo (cf. tabelas 3 e 4), essa diferença se torna significativa, pois o índice de presença do artigo na fala dos informantes do primeiro grupo varia de 0 a 17%; ao passo que na fala do segundo grupo, essa variação está entre 10 e 52%, o que nos permite afirmar que o processo de manutenção da estrutura de Barra Longa na fala dos jovens que residem em Belo Horizonte se orienta pelo grau de contato que esses jovens mantêm com a sua cidade de origem.

Observa-se, mais uma vez, a influência de fatores sociais na manutenção ou não da estrutura da comunidade. O grupo

de fatores tempo de residência, por exemplo, antes descartado pelo programa, em uma nova rodada dos dados, passa a ser selecionado para os dois subgrupos e com resultados distintos: a presença do artigo é favorecida na fala dos informantes que estão há menos tempo em Belo Horizonte e desfavorecida na fala daqueles que estão há mais tempo em Belo Horizonte, conforme pode ser visto no gráfico, a seguir:

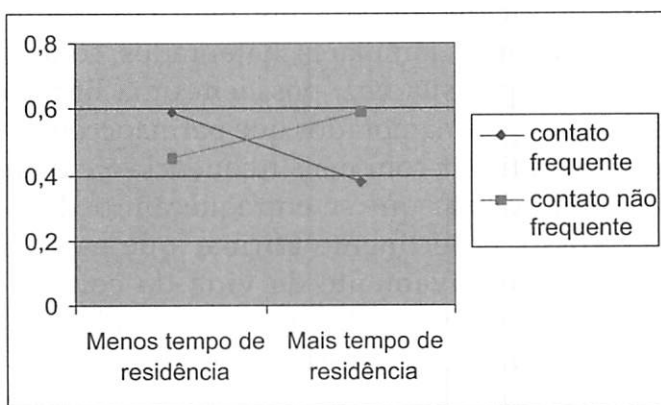


GRÁFICO 4 - A presença do artigo em função do tempo de residência em Belo Horizonte para os dois subgrupos em peso relativo

Os resultados em pesos relativos apresentados no gráfico 4 nos permitem afirmar que a atuação desse grupo de fatores se dá de forma diferente para cada um dos subgrupos. Isto significa que, em relação à variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos, o tempo de residência em Belo Horizonte está diretamente relacionado ao grau de contato que os informantes mantêm com a cidade de Barra Longa, ou seja, o tempo de residência em Belo Horizonte só interfere na variação do uso do artigo, quando se observa a frequência com que esses jovens voltam a sua cidade de origem durante o ano.

Verifica-se, então, que a relação de interdependência entre esses dois grupos de fatores pode ser explicada pelo fato de que, ao ir mais vezes a Barra Longa, os jovens permanecem integrados às redes densas e múltipléxicas – todos se conhecem

e compartilham mais de um tipo de relação, como amizade e companheirismo profissional – que caracterizam as relações sociais entre os moradores da cidade de Barra Longa.

Vale ressaltar, entretanto, que a atitude de ir mais ou menos à cidade, por si só, não justifica o fato de os laços entre os falantes de uma comunidade continuarem densos ou se tornarem frouxos. No caso desses jovens, observou-se que aqueles que vão menos a Barra Longa, muitas vezes, possuem um número maior de contatos em Belo Horizonte, como amigos mais próximos, familiares, namorados, cônjuges, etc.; os que vão mais, por sua vez, possuem uma ligação maior com parentes, amigos, namorados que permanecem em Barra Longa, o que justifica ir com mais frequência à cidade e, por esse motivo, não deixar que se enfraqueçam os laços dessa rede. Além disso, é pertinente afirmar que esses últimos participam mais efetivamente da vida da comunidade e acompanham os acontecimentos diários ocorridos na cidade.

Outra observação interessante, no que diz respeito à análise das redes sociais dos informantes que integram a amostra, é que os jovens que vão mais a Barra Longa, coincidentemente, são os que mantêm mais contato entre si em Belo Horizonte, o que se caracteriza como uma extensão das redes densas existentes em Barra Longa. A seguir, na figura 1, representam-se os laços da rede em que estão integrados os informantes de cada subgrupo, mantendo a numeração dos informantes apresentada nas tabelas 3 e 4. Levando em consideração que todos os informantes ou se conhecem entre si ou conhecem as suas respectivas famílias, foram representadas apenas as relações de amizade consideradas mais estreitas, como por exemplo, ex-colegas de turma, vizinhos em Barra Longa ou em Belo Horizonte, primos, amigos, etc.

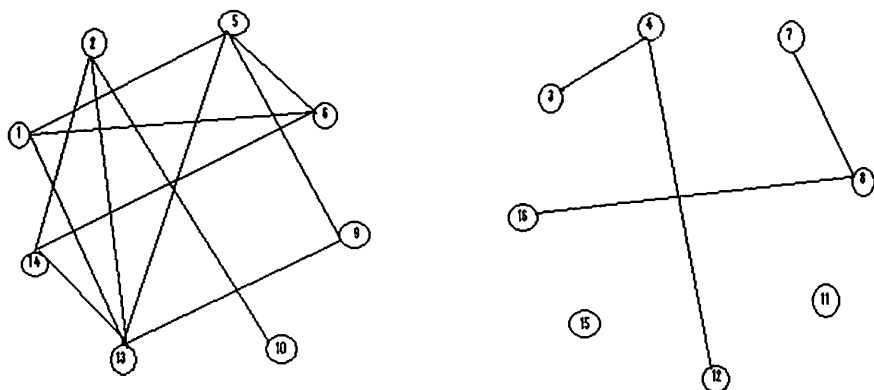


FIGURA 1 - As redes de contatos entre os informantes. À esquerda, os informantes que mantêm contato frequente com a cidade de Barra Longa e à direita, os que não mantêm. Os números representam os informantes e as linhas, os contatos que eles mantêm entre si

A figura acima mostra que os jovens do subgrupo representado à esquerda mantêm-se integrados entre si em uma rede densa. Os informantes n.º05 e n.º06, por exemplo, são primos e moram no mesmo apartamento que compartilham com mais uma pessoa de Barra Longa. Esses, por sua vez, são vizinhos do n.º01 e também do n.º13; moram todos no mesmo bairro e costumam sair juntos nos finais de semana em Belo Horizonte. Além disso, embora não esteja demonstrado na figura, alguns mantêm contato em mais de um tipo de interação, o que caracteriza uma rede multipléxica. A multiplexidade dessa rede de contato pode ser percebida, sobretudo, quando se observa a interação entre os homens. Os informantes 01, 05 e 13, por exemplo, além de serem vizinhos e saírem juntos nos finais de semana, como já dissemos, costumam jogar bola juntos, quinzenalmente, com outros jovens de Barra Longa. Nesse sentido, além de ir mais a Barra Longa durante o ano, os membros do subgrupo representado à esquerda, convivem frequentemente com membros dessa comunidade, quando estão em Belo Horizonte, conforme se registrou na fala do informante n.º13, transcrita a seguir:

- (13) Geralmente quando eu... final de semana qu'eu tô lá [em Belo Horizonte] eu vou pra casa dos minino de Barra Longa... vou pra casa de Saulo vou pra casa de... de otra pessoa de parente:: alguma coisa assim... de amigos que tÃo morano lá em república lá tamém igual Gustavo... Bruno (INF.13)

Desse modo, podemos dizer que a manutenção de laços fortes com pessoas da comunidade de origem em Belo Horizonte serve para justificar o fato de a estrutura de Barra Longa ser mais preservada na fala desse grupo do que na fala do grupo que está representado à direita que, pelo contrário, vai menos a Barra Longa e mantém menos contato com barralonguenses em Belo Horizonte.

#### **4 Conclusão**

Ao analisar quantitativamente os dados mediante a utilização do Programa estatístico para computadores GOLDVARB/VARBRUL (2001), verificamos que os jovens de Barra Longa que residem em Belo Horizonte mantêm o padrão de Barra Longa em relação ao fenômeno. Observamos, no entanto, que o processo de manutenção da estrutura preferida nessa localidade ocorre de forma variável e está associada a fatores extralinguísticos, principalmente os que se relacionam diretamente às redes sociais em que se integram os informantes, como o convívio diário com pessoas de Barra Longa, o grau de contato com a cidade de Barra Longa e o tempo de residência em Belo Horizonte.

Em outras palavras, dizer isso significa que, para o grupo sob análise, a atitude de preservar mais ou menos o padrão de Barra Longa se relaciona diretamente com variáveis sociais, isto é, variáveis ligadas ao informante ou ao meio em que ele vive.

Desse modo, ao final da análise, percebe-se que a observação das redes sociais dos informantes associada à análise do comportamento individual é de significativa importância para a compreensão de como se dá o processo de

manutenção da estrutura de Barra Longa na fala dos jovens que residem em Belo Horizonte.

Em síntese, verifica-se a relevância de integrar ao estudo da variação linguística de vertente laboviana a análise das redes sociais dos informantes, o que segundo Milroy (1980:17)<sup>5</sup> permite ao pesquisador “dar conta das diferenças sistemáticas nos usos linguísticos entre indivíduos e entre subgrupos de indivíduos de uma comunidade que, em termos de *status* social, são relativamente homogêneos.” Em outros termos, através da análise das redes de relacionamentos sociais em que se integram os membros de uma comunidade de fala é possível buscar explicações para uma melhor compreensão dos mecanismos diários que levam os indivíduos a preservar ou não seu comportamento linguístico diante de determinado fenômeno variável.

## Referências

ALENCAR, Patrícia Vargas. *Direcionalidade da aquisição do artigo definido frente a N próprio em contexto de input variável*. Tese (Doutorado em Linguística) Rio de Janeiro, UFRJ/Faculdade de Letras, 2006.

ALI, Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. melh. e aum. de lexeologia e formação de. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971. 375p. (Biblioteca Brasileira de Filologia, v. 19)

ALVES, A. P. M. *Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa que residem em Belo Horizonte*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: FALE/UFMG.

---

<sup>5</sup> “...to account for systematic differences in language use between individuals, and between subgroups in the population of communities which, in terms of social *status*, are relatively homogeneous.” (Milroy, 1987:17) (tradução nossa)

ALVES, A. P. M. *A Variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte: um estudo piloto*. 2007. Monografia (Curso de Especialização em Língua Portuguesa “lato sensu”) – PREPES/PUC – Minas. (inédita)

ALVES, A. P. M. A ausência de artigo definido diante de antropônimos na cidade mineira de Barra Longa: um estudo sociolinguístico de sua manutenção na geração jovem. Comunicação. ABRALIN. *Anais...* 2007.

AMARAL, Eduardo T. R. A importância do fator intimidade na variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos. In.: *Veredas on Line – ATEMÁTICA – 1/2007*. p. 116-127, 2007

AMARAL, Eduardo T. R. A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos: um caso de variação diatópica em Minas Gerais. In: *Estudos Linguísticos XXXIII*. Campinas: Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo. (UNICAMP), p. 163-168, 2004. 1 CD-ROM.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: FALE/UFMG.

CALLOU, Dinah; SILVA, Giselle M. e. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, Dermeval da.(Org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa-PB, 1997. p. 11-27.

CALLOU, Dinah. A variação no Português do Brasil: O uso do artigo definido diante de antropônimo . Faculdade de Letras da UFRJ, *Série Conferência*, v. 9. Rio de Janeiro, 2000.

COHEN, M. A et al. BTLH – Banco de textos para pesquisa em linguística histórica – dados de Barra Longa – MG. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 119-142.

COSTA, Iraneide. O uso do artigo definido diante de nome próprio de pessoa e possessivo do século XIII ao século XVI. In: MATTOS e SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A.V. L. (Org.). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS, 2002. p.285-306.



LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *The study of language in its social context*. In: *Sociolinguistic Patterns*. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.

LABOV, William. Field methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, J.; SHERZER (Ed.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

LABOV, William. *Principles of Linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, William. *Principles of Linguistic change: external factors*. Cambridge: Blackwell, 2001.

MENDES. Soélis Teixeira do Prado. *A ausência de artigo definido antes de nomes próprios no português mineiro de Barra Longa: um caso de retenção?* 2000. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: FALE/UFMG

MILROY, James. Linguistic variation and change. *On the historical sociolinguistic of English*. GB: Basil Blackwell, 1992.

MILROY, Lesley. *Language and Social Networks*. 2. ed. Massachusetts: Blackwell, 1987.

MILROY, Lesley. Social Networks. In.: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SHILLING-ESTES, N. (Ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002. p. 549-572.

MOISÉS, Juliana de Assis. *O “lugar” do artigo no discurso: considerações sobre o uso do artigo no português culto falado em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) \_ Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995

OLIVEIRA. M. A. Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso. *Ensaios de Linguística.*, Belo Horizonte, FALE/UFMG: ano IV, n. 7, p. 71-89. 1982.

OLIVEIRA. M. A. Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso. *Revista de Estudos de Linguagem*, Belo Horizonte, FALE/UFMG: ano 1, v. 1, p. 31-41, jul./dez. 1992.

OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline de. Um caso de definitude. *Variação no Português do Brasil*. Revista do Instituto de Letras da Universidade do Rio Grande do Sul, ORGANON, 5 (18): 1991. 164

OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline de. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In: OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline de.; SCHERRE, Maria Marta P. (Org.). *Padrões Sociolinguísticos – Análise de fenômenos variáveis do Português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 119 – 145.

SEABRA, M.C.T.C. *A Formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte

TRINDADE, J. C. P. Minha bela Barra Longa. In.: CARNEIRO, A. P. et al (Org.). *I Sarau de Barra Longa: um canto de amor à cidade*. Barra Longa: Prefeitura Municipal, 2004, p. 14.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Monographia da Parochia de S. José da Barra Longa*. São Paulo: A. Campos Editor , 1917.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Monografia de Barra Longa*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares, 1962.

## A ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios na zona rural das cidades de Matipó e Abre Campo – MG

Andréia Almeida Mendes\*

**RESUMO:** O fenômeno da ausência ou presença de artigo definido diante de antropônimos – nomes próprios de pessoas – e de topônimos – nomes próprios de lugar – é analisado na fala dos moradores do Córrego do Pouso Alto, zona rural de Abre Campo, e do Córrego dos Lourenços, zona rural de Matipó; apesar de serem vizinhas limítrofes, essas duas localidades apresentam padrões diferentes em relação a esse fenômeno sintático.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialetoologia. Sociolinguística. Artigo Definido. Antropônimos. Topônimos.

**ABSTRACT:** The phenomenon of absence or presence of definite article before antroponyms – people names – and toponyms – places names – it is analyzed through the speech of inhabitants from Córrego do Pouso Alto, country district of Abre Campo, and from Córrego dos Lourenços, Countryside of Matipó; despite of being close neighbours, these both places present different patterns related to this syntactic phenomenon.

**KEYWORDS:** Dialectology. Sociolinguistics. Definite Article. Anthroponyms. Toponyms.

---

\* Doutoranda em Estudos Linguísticos na UFMG.  
Contato: andrealettras@yahoo.com.br

## 1 Introdução

As ideias apresentadas neste capítulo são resultantes de pesquisa de mestrado cujo objetivo central foi investigar a ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios, mais especificamente antropônimos e topônimos, na fala dos habitantes da zona rural de Matipó e Abre Campo. A hipótese inicial baseou-se no fato de que os habitantes da zona rural da cidade de Abre Campo, Córrego do Pouso Alto, têm como característica de sua fala o predomínio da ausência de artigo definido diante de nomes próprios; os habitantes de Matipó, Córrego dos Lourenços, por sua vez, apresentam a presença de artigo definido como predominante nesse mesmo contexto. As cidades estudadas são localidades limítrofes, estando uma a 22 Km da outra; os córregos, por sua vez, foram escolhidos por serem vizinhos.

Inicialmente, será analisado o surgimento e o processo de implementação pelo qual o artigo passou. Na próxima seção, a onomástica será definida, bem como os antropônimos e os topônimos. Em seguida, o artigo definido e o nome próprio serão vistos sob o ponto de vista das gramáticas tradicionais e de estudos linguísticos recentes. Posteriormente, serão apresentados os pressupostos teóricos, a hipótese inicial e os procedimentos teórico-metodológicos adotados. Para finalizar o trabalho, os dados serão analisados e as considerações finais serão apresentadas.

## 2 O artigo definido

O artigo é uma categoria morfológica encontrada nos idiomas românicos que não existia no latim clássico. Eles são determinantes do substantivo; junto a ele, os artigos formam um grupo nominal – SN; devido a esse fato, alguns estudiosos consideram o artigo definido como expressão de uma categoria do nome – a categoria da determinação.

Segundo Cunha, dá-se nome de artigo definido às palavras *o* (com variações *a*, *os*, *as*), que se antepõem aos

substantivos para indicar que se trata de um ser claramente definido. (CUNHA, 1975, p. 144)

Bechara chama atenção para o valor atualizador do artigo:

O artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos de mesma classe como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte quer através do discurso (que dele faz menção) quer pela “dêixis” (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos. (2001, p. 153).

Llorach afirma que o artigo definido, embora seja também um determinante, o é de maneira diferente dos demais. Ele seria, no caso, um acidente do substantivo, assim como os morfemas de número, podendo estar presente ou não, acarretando com isso, uma diferença de significado (LLORACH, 1970, p. 170).

### **3 A onomástica: os antropônimos e os topônimos**

A Lexicologia é o estudo científico do léxico, o estudo de todas as palavras de uma língua, levando-se em consideração sua estruturação, funcionamento e mudança. Integrada à Lexicologia, temos a Onomástica, que estuda os nomes próprios e possui duas sub-áreas: a Antroponímia e a Toponímia, conservando, as duas, antigos estágios denominativos.

Vasconcellos (1928) já estabelecia conceitos e classificação acerca da ciência que estuda os nomes próprios:

Temos, como se vê, muitas espécies de *nomes próprios*. A secção da Glotologia que trata d’ eles (origem, razão de emprego, fôrma, evolução, etc.), convieram os filólogos em a designar por *Onomatologia*, que, de acôrdo com aquelas espécies, deverá decompor-se em tres disciplinas secundarias:

1) Estudo de nomes locais, ou *Toponímia*, na qual se incluye igualmente o elemento liquido (rios, lagos, etc.), e outros produtos da natureza, como árvores, penedos, que dão frequentemente nomes a sitios (a *Toponímia* é pois Onomatologia geografica).

2) Estudo dos nomes de pessoas, ou *Antroponímia*, expressão que o autor pela primeira vez propôs e empregou em 1887, na *Revista Lusitana*, I, 45.

3) Estudo de vários outros nomes próprios, isto é, de astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, cousas: Panteonímia (de παντίος, que quer dizer “de toda espécie”, “variado”). No estudo dos nomes de seres sobrenaturais nada nos impede de chamar Teonímia (Theonymia) ao dos nomes de deuses. (VASCONCELLOS, 1928, p. 02)

Interessa, portanto, à Onomástica, o nome. Neste trabalho, focar-se-á especificamente a atenção na Antroponímia e na Toponímia, pois nosso interesse aqui se restringe ao estudo de como o artigo definido comporta-se diante de antropônimos e topônimos.

Assim, a Antroponímia é uma das áreas de estudo da Onomástica que tem como objeto de estudo o antropônimo – nomes próprios individuais, nomes parentais ou sobrenomes e alcunhas ou apelidos.

Câmara Júnior afirma que:

Geralmente o indivíduo se identifica por dois ou mais vocábulos antroponímicos que formam uma locução. Aí, se destaca o prenome, que é o nome próprio individual, e o sobrenome, que situa melhor o indivíduo em função da sua procedência geográfica, da sua profissão, da sua filiação, de uma qualidade física ou moral de uma circunstância de nascimento. (CÂMARA JÚNIOR, 1984, p. 53-54).

A Toponímia, por sua vez, tem por objeto de estudo os nomes próprios de lugar. O topônimo surge da necessidade de se indicar algo; diferente dos nomes comuns, que tem a função de significar algo; assim, ao se “batizar” uma localidade, o que era arbitrário linguisticamente, transforma-se, no ato do batismo, em um termo essencialmente motivado.

#### **4 O artigo definido e o nome próprio**

Com relação aos antropônimos, as gramáticas tradicionais apregoam que,

todo nome se rége sem artigo, e o caso genitivo muitas vezes se rége desta preposição de. (BARROS, 1971:313).

Os nomes próprios de pessoa não levam artigo, porque aquele a quem falo em geral não conhece, uma por uma, as pessoas que eu conheço (...) Na linguagem de intimidade (...) antepõe-se com frequência o artigo a nomes de pessoas conhecidas daqueles com quem conversamos. (SAID ALI, 1971, p. 186)

É frequente no Brasil e em Portugal o uso do artigo definido antes de nomes de batismo, o que lhes daria um tom de afetividade ou familiaridade (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 218).

Segundo Neves, o artigo definido é utilizado antes de antropônimos de pessoas conhecidas ou famosas, especialmente no registro coloquial. A autora reconhece, entretanto, que esse é um uso ligado a costume regional, familiar e, por isso, também há ocorrências de antropônimos sem o artigo. (2000, p. 404).

Com relação ao uso do artigo definido diante de topônimos, todas as considerações realizadas pela gramática tradicional são muito variáveis e insuficientes para explicar o fenômeno, nota-se que existem alguns nomes que repelem e outros que exigem artigo, mas não existe nenhuma regra para separá-los nesse agrupamento. A maior parte dos gramáticos nem citam a questão e, a maior parte dos que citam, apresentam meras listagens contendo casos que se encaixam ao que é postulado e inúmeras exceções.

Cegalla normatiza que alguns locativos que repelem artigo deixarão de repelir “sempre que vierem caracterizados por adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva: o velho Portugal, a Roma dos Césares, a Atenas de Péricles, a soberba Catargo, (...)” (CEGALLA, 1981, p. 452). Para Mira Mateus (1983, p. 73), em português, “o artigo definido precede a maioria dos nomes próprios geográficos (*a Espanha, Os Himalaias, o Pacífico, o Sado, ...*). Exceptuam-se os nomes de cidade – salvo os formados historicamente a partir de nomes comuns (*Porto, ...*) – e os nomes de alguns países (*Portugal, Angola, Cabo Verde, Cuba, Moçambique, S. Salvador, S. Tomé e Príncipe*). (cf. CUSTEA e LUZ, 1980, p. 464)”.

Apesar das prescrições gramaticais acima, o que se percebe, no entanto, é que, tanto em outras línguas como no

português existe um comportamento diferenciado a respeito da ausência/presença do artigo diante de nomes próprios. Em trabalhos anteriores que dizem respeito apenas ao estudo do antropônimo, temos o de Moisés (1995), no qual se constatou que no português culto de Belo Horizonte há uma tendência ao emprego do artigo definido; o de Mendes (2000), no qual se percebe que os falantes idosos de Barra Longa tendem a utilizar o artigo zero antes do antropônimo; o de Amaral (2003), no qual foram realizadas entrevistas nas cidades de Paracatu, Minas Novas e Campanha, mostrando que o fenômeno estudado parece configurar áreas linguísticas no espaço mineiro diferentes daquelas em que estão os falares propostas por Zágari; nota-se que a presença/ausência do artigo diante de antropônimo parece configurar um caso de variação dialetal em Minas Gerais; e o de Alves (2008), em que se pesquisou a fala dos jovens da cidade mineira de Barra Longa que residem em Belo Horizonte com relação à variação da ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios, afirma-se que a atitude de preservação do padrão falado em Barra Longa está ligada a variáveis sociais, ou seja, aquelas que dizem respeito ou ao indivíduo ou ao meio em que ele vive. Com relação a trabalhos desse tipo referentes ao uso do topônimo, não foi encontrado estudo que tivesse por objeto esse fenômeno, apenas uma menção a eles no trabalho de Callou (2000), no qual, ao identificar o seu objeto de estudo, deixa claro que tratará apenas do uso do artigo definido diante de antropônimos, deixando o estudo dos nomes próprios locativos para outra análise uma vez que eles apresentam um comportamento diverso, variando conforme o item lexical.

## **5 Pressupostos teóricos**

Toda língua apresenta variação interna, mas a necessidade de comunicação faz com que essa variação obedeça a certos limites. Assim, essa variação é determinada por diversos fatores sendo necessário considerar as diferenças diatópicas, diacrônicas, diastráticas e diafásicas. Lidar com a variação é,



pois, lidar com heterogeneidade. Cabe lembrar que essa heterogeneidade é ordenada – a língua é uma realidade inerentemente variável e ordenada.

Foi a Dialetoлогия que chamou a atenção inicial para a variação linguística. Apesar do pioneirismo, a Dialetoлогия foi criticada por vários motivos, Trudgill (1983 *apud* CALLOU 2000) aponta que lhe faltou basicamente duas coisas:

- 1) saber aliar as técnicas tradicionais de estudo do dialeto ao estabelecimento e quantificação das variáveis linguísticas e
- 2) basear seus resultados em número maior de dados, a fim de dar um quadro não só da variação diatópica ou regional, mas também da diastrática ou social (TRUDGILL, 1983 *apud* CALLOU, 2000, p. 5)

Ao se limitar apenas a descrever os dados e sua distribuição geográfica, a Dialetoлогия esqueceu-se de analisar as razões que motivaram a sua distribuição: “só assim serão capazes de chegar a uma compreensão do mecanismo sociolinguístico subjacente à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos, da localização das isoglossas, e da difusão das inovações”. (CALLOU, 2000, p. 6)

É nesse ponto que os pressupostos teóricos da Sociolinguística vêm somar-se aos da Dialetoлогия. Ambas possuem um objetivo maior que é “o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala” (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p. 19). Baseado nisso, o trabalho propõe unir as duas teorias, efetuando uma descrição linguística dos dados das localidades, tentando analisar as razões que motivaram essa distribuição. Para tanto, a pesquisa adota alguns pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e outros pressupostos da Dialetoлогия; aqueles tendo por base os estudos de Labov (1972) e Milroy (1980) e (1992), vendo a língua como variável, considerada em seu contexto sócio-cultural, uma vez que é uma prática social; e esses, baseados nos estudos de Nelson Rossi (1963) e (1980) e Antenor Nascentes (1922), com o intuito de realizar uma descrição dos dados coletados nas duas localidades

## 6 Hipótese e procedimentos teóricos adotados

A escolha dessas duas cidades ocorreu devido ao fato de, apesar de serem próximas (22 km), possuírem sua fala marcada pela ausência/presença do artigo definido diante dos antropônimos e topônimos. A hipótese inicial proposta, neste trabalho, baseia-se no fato de se encontrar mais ausência de artigo definido no contexto de antropônimo e topônimo na fala dos moradores de Abre Campo e mais presença de artigo definido na fala dos moradores de Matipó nesse mesmo contexto

O *corpus* baseou-se em 8 narrativas orais com duas faixas etárias: uma formada por falantes idosos com mais de 70 anos e outra por jovens com idade entre 18 a 30 anos, em um total de 858 dados: 620 antropônimos e 238 topônimos; essas entrevistas foram realizadas nas zona rural das cidades de Matipó e Abre Campo. Quatro das entrevistas foram realizadas apenas com a presença do pesquisador e do informante, uma vez que eram pessoas conhecidas; para as outras quatro, houve a presença de uma terceira pessoa que apresentou os informantes e presenciou o decorrer da entrevista. Após gravadas, essas entrevistas foram transcritas segundo as normas do projeto NURC.

Esses dados foram submetidos a uma análise quantitativa que foi realizada sem a ajuda de programas computacionais, pois se acreditou que um maior contato com os dados traria maior sensibilidade à pesquisadora. Sendo o objetivo deste trabalho analisar a variação da ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos, algumas ocorrências de antropônimos ou topônimos foram excluídas da análise quantitativa pelo fato de não existir a possibilidade de variação ausência/presença de artigo definido ou por apresentarem estruturas em que não foi possível perceber a presença do artigo.

A variável dependente foi composta de duas variantes: ausência e presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos; logo após, as variantes independentes foram definidas, considerando 9 grupos de fatores que encontram-se descritos no quadro abaixo:

QUADRO I  
As variáveis independentes ou grupos de fatores

<b>VARIÁVEIS INDEPENDENTES</b>	
<b>Grupos</b>	<b>Fatores</b>
1. Localidade	- Pouso Alto – zona rural de Abre Campo - Córrego dos Lourenços – zona rural de Matipó
2. Gênero	- Masculino - Feminino
3. Idade	- 18 a 30 anos - acima de 70 anos
4. Tipo de antropônimo	- Nome próprio de pessoa (prenome) - Sobrenome - Apelido - Nome completo - Hipocorístico
5. Grau de intimidade do informante em relação ao antropônimo a que se refere	- Pessoa mais próxima - Pessoa mais distante
6. Antropônimos com qualificativos	- Doutor, dotô - Seu, sô, sá e sinhazinha - Padre - Compadre, cumpadre, cumpá - Dona, dom, dô - Tio, ti, tia - Vêi - Nhonhô - Capitão - Professor
7. Antropônimos com estrutura de genitivo	- Ausência de artigo definido - Presença de artigo definido
8. Topônimos da cidade natal	- Cidade natal - Outras localidades
9. Tipo de topônimo	- Cidade ou distrito - Bairro - Córrego - Rua - País - Igreja - Região - Estabelecimento comercial - Serra

## 7 Análise dos dados

Como já foi mencionado anteriormente, este capítulo analisa a variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos no português brasileiro, focalizando a fala dos moradores da zona rural de duas localidades mineiras: Abre Campo e Matipó, mais especificamente, Córrego do Pouso Alto e Córrego dos Lourenços. Observou-se, de maneira assistemática, que os moradores da zona rural de Abre Campo pareciam ter preferência a utilizar em sua fala a ausência do artigo definido diante dos nomes próprios; enquanto que, em Matipó, os moradores do respectivo córrego pareciam ter sua fala marcada pela presença do artigo definido nesse mesmo contexto.

Optou-se por estudar a fala dos moradores da zona rural dessas duas cidades, pois, de acordo com Milroy (1992), esse tipo de comunidade possui laços mais fortes, uma vez que os relacionamentos tendem a ser mais fortes e múltiplos, o que irá caracterizar uma maior preservação dos traços linguísticos da comunidade. Como já foi citado, foram adotados como grupos de fatores localidade, gênero, idade, tipo de antropônimo, grau de intimidade do informante em relação ao antropônimo a que se refere, antropônimos com qualificativos, antropônimos com estrutura de genitivo, topônimos da cidade natal, e tipo de antropônimo, atrelados ao fator rede social.

Trabalhou-se, após a exclusão dos dados obtidos na entrevista, com o total de 848 (oitocentos e quarenta e oito) ocorrências, sendo 620 (seiscentos e vinte) antropônimos, assim divididos: 414 (quatrocentos e quatorze) de Matipó e 206 (duzentos e seis) de Abre Campo; e 228 (duzentos e vinte e oito) ocorrências de topônimos, assim divididos: 113 (cento e treze) de Matipó e 115 (cento e quinze) de Abre Campo.

Na zona rural de Abre Campo, computou-se um total de 321 (trezentos e vinte e uma) ocorrências de SN's cujo núcleo é um nome próprio; sendo 206 (duzentos e seis) de antropônimos e 115 (cento e quinze) de topônimos. Das ocorrências de antropônimos, 107 (cento e sete) não eram articuladas e 99 (noventa e nove) tiveram a presença do artigo definido. Com

relação aos topônimos, constatou-se que 60 (sessenta) ocorrências eram articuladas, ao passo que 55 (cinquenta e cinco) não. O que pode ser observado no gráfico abaixo:

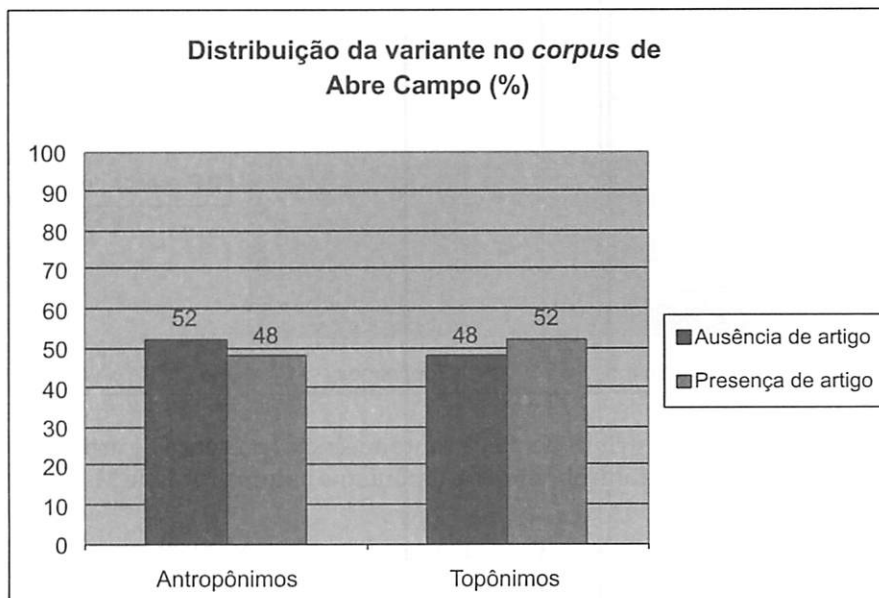


GRÁFICO 1 - Distribuição da variante ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos na zona rural de Abre Campo

Pela análise do gráfico (1), percebe-se que, na zona rural de Abre Campo, há a variação do fenômeno em questão e o número de casos de ausência de artigo definido diante de antropônimos é ligeiramente maior do que a presença; ao passo que o número de ausência de artigo definido diante de topônimos é ligeiramente inferior.

Já na zona rural de Matipó, foram computados um total de 527 (quinhentos e vinte e sete) ocorrências; sendo 414 (quatrocentos e quatorze) de antropônimos e 113 (cento e treze) de topônimos. Das ocorrências de antropônimos, 344 (trezentos e quarenta e quatro) tiveram a presença de artigo definido e 70 (setenta) não foram articuladas. Com relação aos topônimos, constatou-se que 57 (cinquenta e sete) ocorrências eram articuladas, ao passo que 56 (cinquenta e seis) não. O gráfico abaixo demonstra essas ocorrências de forma mais nítida:

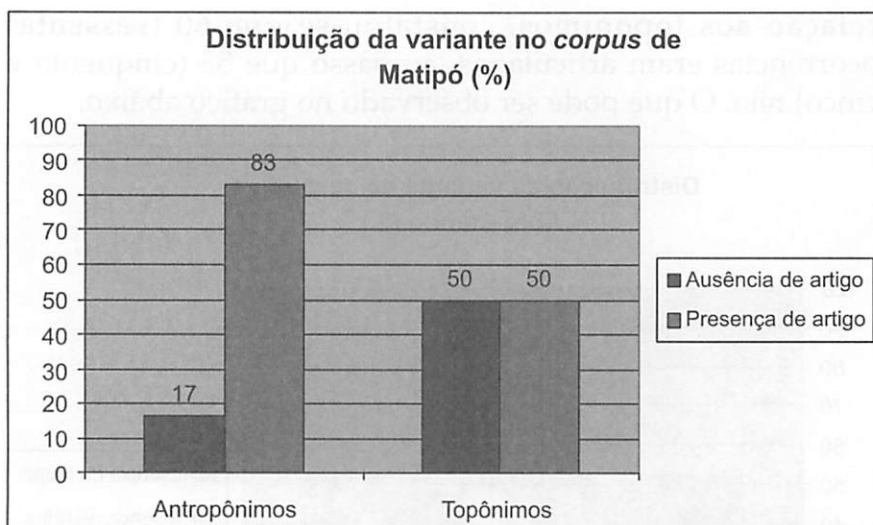


GRÁFICO 2 - Distribuição da variante ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos na zona rural de Matipó

Observa-se que esse é um fenômeno variável na cidade de Matipó, mas que a diferença sintática com relação à ausência ou à presença de artigo definido, bastante acentuada diante dos antropônimos (17% X 83%), é nula quando se analisam os topônimos.

Ao se analisar separadamente cada uma das variáveis independentes, percebeu-se que:

- Com relação ao gênero, em Abre Campo, as mulheres usam mais a presença de artigo diante de antropônimo (56%) do que os homens (43%) com relação aos antropônimos. Já com relação aos topônimos, a situação quase se iguala, a variante presença é ligeiramente mais utilizada pelos homens (53%) do que pelas mulheres (51%). Em Matipó, por sua vez, com relação aos antropônimos, são os homens que mais utilizam o artigo definido (90%) do que as mulheres (80%). A situação repete-se com relação aos topônimos, os homens utilizam mais artigo definido (62,5%) do que as mulheres (46%).

- Em Abre Campo, o fator idade não foi determinante para a análise do fenômeno em questão; o uso do artigo definido tanto diante dos topônimos quanto diante dos antropônimos não parece ser motivado pelo fator idade. Já em Matipó, o fator idade não possui muita diferenciação quanto ao uso de artigo diante dos topônimos; mas, no emprego diante de antropônimos, fica claro que tanto os idosos (79%) quanto os jovens (90%) tendem a utilizar mais o artigo definido nesses contextos, sendo que estes últimos, tendem a utilizar um pouco mais.
- Ao analisar se o tipo de antropônimo utilizado pelo informante seria fator responsável pelo fenômeno de variação da ausência ou presença de artigo definido diante de antropônimos, verificou-se que em Abre Campo, o número maior de ocorrências está relacionado ao nome próprio de pessoa: 46% dos casos apresentaram presença de artigo e 54% de ausência; com relação ao nome completo, houve 46% de presença e 54% de ausência; os hipocorísticos, por sua vez, tiveram 58% de presença e 42% de ausência, o que é interessante pois, se é o fator intimidade que realmente controla a ausência ou a presença de artigo diante dos antropônimos, são os hipocorísticos os antropônimos que possuem uma carga maior de intimidade ou familiaridade. Com relação a Matipó, percebe-se que o maior número de ocorrências está relacionado ao nome próprio de pessoa; dessas ocorrências, 88% foram articuladas e 12% não; esse número é seguido pelos hipocorísticos, neles encontramos 84% de presença de artigo definido e 16% de ausência; o maior percentual de artigo ocorreu relacionado aos sobrenomes (93%). Os apelidos tiveram 71% de presença de artigo e os nomes completos 66%.
- O fator grau de intimidade do informante com relação ao antropônimo a que se refere, visto não só pelas gramáticas tradicionais como determinante para o uso ou não do artigo definido diante dos antropônimos, mas

também por Amaral (2007), foi analisado com o intuito de que se comprovasse ou não essa afirmação. Segundo os gramáticos tradicionais, o uso do artigo definido diante dos nomes próprios de pessoa denota um tom de familiaridade ou afetividade; assim, antepõe-se o artigo definido diante de antropônimos com o intuito de marcar intimidade. Para Amaral (2007), os falantes usam a variante não predominante, seja ela a ausência ou a presença, para fazer referência a pessoas com as quais não têm nenhum grau de intimidade e a variação predominante para fazer referência às pessoas com as quais possui contato. Verificou-se, em Abre Campo, que o fator intimidade não interfere na variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos com relação a pessoas mais distantes (50%) e interfere ligeiramente com relação a pessoas mais próximas (53% de ausência). Já em Matipó, percebe-se que o artigo é predominante tanto no emprego com relação a pessoas mais próximas quanto no emprego com relação a pessoas mais distantes, sendo um pouco mais relevante no primeiro caso; em contrapartida, ao se analisar apenas a ausência nessa mesma localidade, fica claro que quando se trata de pessoa mais distante, os falantes empregam muito mais a ausência de artigo definido (29%), ao passo que, ao se referirem a pessoas mais próximas, empregam muito menos essa ausência (11%).

- Com relação à ausência/presença de artigo definido nas ocorrências de antropônimos em estruturas de genitivo, verifica-se que o uso é bem diferente nas duas localidades. Em Abre Campo, há uma ligeira tendência ao uso de artigo definido (54%); enquanto que, em Matipó, a presença de artigo definido nesse tipo de estrutura é quase absoluta (91%). Essa diferença de percentual explica o “estranhamento” percebido por certos falantes e que aparece como marca de distinção da fala dos moradores dessas localidades.



- Quando se analisa os topônimos da cidade natal do informante, vê-se que, em Abre Campo, esse fator não foi determinante (56% de presença); mas que, em Matipó, os falantes tendem a utilizar o artigo definido para se referirem aos topônimos de sua cidade natal (71% de presença), ao passo que usam a ausência de artigo definido para se referirem aos topônimos de outras localidades, isso pode ser atrelado também ao fator intimidade, ou seja, os informantes de Matipó empregam mais artigo definido a se referirem a localidades com as quais eles possuem mais familiaridade e afetividade: a relação de proximidade com os topônimos da cidade natal é muito maior, o que justifica o uso do artigo; quando se trata de topônimos de outras localidades, não existe ou quase não existe esse tipo de relação, o que justificaria a ausência do artigo definido.
- Quanto ao fator tipo de topônimo, colocado por alguns gramáticos como determinante para o emprego ou não do uso do artigo definido, verificou-se que, em Abre Campo, o número de ocorrências de alguns fatores não foi suficiente; quase todos os topônimos referiram-se a nomes de cidade ou de distrito, sendo vista uma leve tendência a utilizar esses nomes sem artigo definido (55%); já os nomes de córrego, foram quase todos utilizados com a presença de artigo (86%). Em Matipó, o número de ocorrências de diversos fatores também não foi suficiente; assim como em Abre Campo, a tendência é não se empregar artigo definido diante de nomes de cidade ou distrito, sendo que o percentual de empregos sem artigo nessa cidade é um pouco maior (65%); já os nomes de fazenda, sítio ou casas, tendem a ser empregues com artigo definido (64%); assim como os nomes de bairro (86%).

Para se ter uma visão mais clara de todos os resultados, apresentar-se-ão aqui quadros que englobarão todos os resultados anteriores. Nos quadros (2), (3), (4) e (5), têm-se os resultados relativos aos antropônimos e topônimos em Abre Campo e Matipó:

TABELA 1  
Resultado geral da quantificação dos antropônimos em Abre Campo

		Presença (%)	Ausência (%)
Gênero	Mulheres	56	44
	Homens	43	57
Idade	18 a 30 anos	50	50
	Acima de 70 anos	46	54
Tipo de antropônimo	Nome próprio de pessoa (pré-nome)	46	54
	Sobrenome	100	0
	Apelido	0	0
	Nome Completo	46	54
	Hipocorístico	58	42
Grau de intimidade com relação ao antropônimo a que se refere	Pessoa mais próxima	47	53
	Pessoa mais distante	50	50
Distribuição de Qv no corpus	—	60	40
Antropônimos em estruturas de genitivo	—	54	0

TABELA 2  
Resultado geral da quantificação dos topônimos em Abre Campo

		Presença (%)	Ausência (%)
Gênero	Mulheres	51	49
	Homens	53	47
Idade	18 a 30 anos	51	49
	Acima de 70 anos	53	47
Topônimos de cidade Natal	Cidade Natal	56	44
	Outras localidades	51	49
Tipo de Topônimo	Cidade ou distrito	45	55
	Bairro	50	50
	Córrego	86	14
	Fazendas, sítio, casa	100	0
	Rua	0	0
	País	0	0
	Igreja	0	0
	Região	100	0
	Estabelecimento comercial	100	0
	Serra	100	0

TABELA 3  
Resultado geral da quantificação dos antropônimos em Matipó

		Presença (%)	Ausência (%)
Gênero	Mulheres	80	20
	Homens	90	10
Idade	18 a 30 anos	90	10
	Acima de 70 anos	79	21
Tipo de antropônimo	Nome próprio de pessoa	88	12
	Sobrenome	93	7
	Apelido	71	29
	Nome Completo	66	34
	Hipocorístico	84	16
Grau de intimidade com relação ao antropônimo a que se refere	Pessoa mais próximo	89	11
	Pessoa mais distante	71	29
Distribuição de Qv no corpus	---	76	24
Antropônimos em estruturas de genitivo	---	91	9

TABELA 4  
Resultado geral da quantificação dos topônimos em Matipó

		Presença (%)	Ausência (%)
Gênero	Mulheres	46	54
	Homens	62,5	37,5
Idade	18 A 30 anos	50	50
	Acima de 70 anos	50	50
Topônimos da Cidade Natal	Cidade natal	71	29
	Outras Localidades	23	77
Tipo de Topônimo	Cidade ou distrito	35	65
	Bairro	86	14
	Córrego	50	50
	Fazenda, sítio ou casa	64	36
	Rua	100	0
	País	50	50
	Igreja	67	33
	Região	0	0
	Estabelecimento		
	Comercial	0	0
Serra	0	0	

A última análise realizada diz respeito às redes sociais das comunidades pesquisadas; para Milroy (1980), as redes sociais representam a organização social, ajudando a esclarecer os mecanismos sociais diários que levam os indivíduos a manter sua modalidade de fala, ou seja, que reforçam seu comportamento linguístico.

A rede dos 4 informantes, considerados em cada localidade, foi analisada tanto na dimensão da densidade quanto na dimensão da multiplexidade, sendo analisados tanto o número e tipo de contatos quanto o grau dos relacionamentos interindividuais. Todas as informações consideradas foram obtidas juntamente com os informantes, sendo considerado também o conteúdo das entrevistas. Com base em Battisti (2007, p. 19), criou-se o quadro a seguir:

#### QUADRO 2

##### Graus de relacionamento em rede em Abre Campo e Matipó

- |   |
|---|
| <p><b>1. Primeiro grau</b><br/>1A - Marido ou mulher.<br/>1B - Pai ou filho.</p> <p><b>2. Segundo grau</b><br/>2A - Tios, sobrinhos, primos, genro, nora ou cunhados com interação.<br/>2B - Colega de trabalho com interação.<br/>2C - Amigo íntimo.<br/>2D - Vizinho íntimo.</p> <p><b>3. Terceiro grau</b><br/>3A - Amigo não-íntimo.<br/>3B - Vizinho não-íntimo.<br/>3C - Colega de trabalho sem interação.<br/>3D - Tios, sobrinhos, primos, genro, nora ou cunhados sem interação.</p> |
|---|

Tanto os informantes de Abre Campo, como os de Matipó, interagem entre si através de uma rede de 6 (seis) contatos cada; os membros das redes de cada localidade se conhecem mutuamente, o que confirmam os cálculos de frequência e a multiplicidade dos laços. O gráfico abaixo mostra a frequência de contato nas localidades, discriminados por grau:

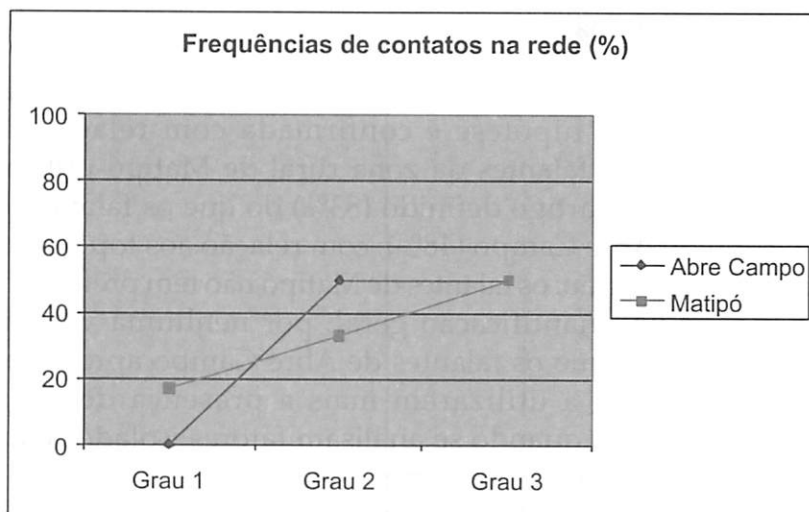


GRÁFICO 3 - Frequência de contatos na rede nas localidades de Matipó e Abre Campo

Verificou-se que, nas duas localidades, as redes sociais são densas e múltiplas, formadas a partir de laços fortes, uma vez que todos os indivíduos se conhecem e quase todos partilham de pelo menos mais de um tipo de relação. É justamente isso que faz com que, apesar de serem localidades limítrofes, os dois córregos estudados – Córrego do Pouso Alto, em Abre Campo, e o Córrego dos Lourenços, em Matipó – apresentem padrões linguísticos diferentes no que diz respeito à ausência ou presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos, principalmente com relação aos antropônimos, estrutura em que o uso é mais variável. São as redes densas e múltiplas, formadas por laços fortes, que são as responsáveis pela estabilidade da língua e que mantém o vernáculo de cada localidade resistente às pressões linguísticas e sociais de outros grupos; apesar de tão próximas, as redes sociais possuem laços fortes o suficiente para resistirem às pressões do grupo vizinho e manter estável a norma linguística da comunidade.

## 8 Considerações finais

Ao se analisarem os dados e as quantificações obtidas, verifica-se que a hipótese é confirmada com relação aos antropônimos: os falantes da zona rural de Matipó utilizam mais presença de artigo definido (83%) do que os falantes da zona rural de Abre Campo (48%); com relação aos topônimos, não há a confirmação: os falantes de Matipó não têm preferência, pelo menos na quantificação geral, por nenhuma variante (50%), enquanto que os falantes de Abre Campo apresentam ligeira tendência a utilizarem mais a presença de artigo definido (52%); só quando se analisam fatores isolados é que sobressai a preferência por certas estruturas.

Os fatores que se destacaram como favorecedores da ausência de artigo definido em Abre Campo foram: com relação aos antropônimos, o gênero (homens – 57%) e idade (pessoas com mais de 70 anos – 54%); com relação aos topônimos, nenhum fator se mostrou determinante com relação à ausência. Com relação aos fatores favorecedores da presença de artigo definido em Matipó foram: com relação aos antropônimos, estrutura de genitivo (91%), homens e jovens (90% cada), intimidade (pessoas próxima – 89%) e hipocorísticos (84%); já em relação aos topônimos, o fato de o topônimo se localizar na cidade natal do informante foi visto como favorecedor (71%).

Mas, uma das indagações iniciais ainda se mantém: o que faz com que, apesar de serem vizinhos limítrofes, a fala dos moradores desses dois córregos apresente-se diferenciada? Apesar de limítrofes, os moradores dessas duas localidades pertencem a redes sociais diferentes; além de diferenciada, cada uma dessas redes sociais caracterizam-se por serem densas e multipléxicas. O sentimento de pertença ao grupo de que fazem parte e os laços íntimos que mantêm entre si são reforçadores do vernáculo local, fazendo com que sejam mantidas normas diferentes no que diz respeito ao emprego do artigo definido diante de antropônimos e topônimos, principalmente com relação aos antropônimos. Assim, a identidade social e linguística de cada permanece e essa manutenção só ocorre porque há uma espécie de acordo ou

aceitação das normas particulares de uso na norma das comunidades.

## Referências

ALVES, Ana Paula Mendes. *Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens moradores de Barra Longa/ MG que residem em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Edição Comemorativa dos dois séculos e meio da Capitania de Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora Saterb- Ltda., 1971.

BARROS, João de. Dos artigos. In: *Gramática da Língua Portuguesa – Cartinha, Gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*. Reprodução fac simulada por BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. Lisboa, 1971.

BATISTI, Elisa *et all*. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 Disponível em: <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)> Acesso em: 25 de janeiro de 2009.

BECHARA, Ivanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CALLOU, Dinah. *A variação no Português do Brasil: o uso do artigo definido diante de antropônimo*. Faculdade de Letras da UFRJ, *Série Conferência*, vol. 9. Rio de Janeiro, 2000.

CALLOU, Dinah; SILVA, Giselle M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, Demerval da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattos. Morfologia Pronominal. In: *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1968.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*: com numerosos exercícios. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1981.

COTTA, Orlando de Abreu. *O Dr. Orlando de Abreu Cotta, prefeito Municipal de Matipó, empenhado de conhecer minuciosamente os casos de alto interesse do município, resolve fazer a juntada do documento tendente do terreno doado para fundar o arraial de São João do Matipó e bem assim outros documentos que possam mostrar antigas provas do caso em apreço*. Matipó, [s.d.],[s.e.]

CUNHA, C.; CINTRA L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DOMINGUES, José Henrique. Histórico de Abre Campo. In: TAVARES, Sandra Luiza Nacif Bastos; COTTA, Heber Sanches; DOMINGUES, José Henriques. *Redescobrimo Abre Campo*. Viçosa: Folha de Viçosa, 2006. p. 19-26.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição Indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

JOSÉ, Oíliam. *Índigenas do Brasil – Aspectos sociais, políticos e etnológicos* – Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1965.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LLORACH, Emílio A. *Gramática de la lengua española*. Real Academia Española. Madrid: Espasa Calpe, 1970.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. *A ausência/presença do artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?* Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

MOISÉS, Juliana de Assis. *O “lugar” do artigo no discurso: considerações sobre o uso do artigo no português culto falado em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) \_ Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

MILROY, James. *Linguistic, variation e change. On the historical sociolinguistic of English*. GB: Basil Blackwell, 1992.



MILROY, Lesley. *Language and Social Networks*. (1980). Massachusetts, Blackwell, 1980.

MIRA MATEUS, Maria Helena *et al.* *Gramática da Língua portuguesa*. Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual. Coimbra: Almedina, 1983.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1922.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, Vol. I, 1958; Vol. II, 1961.

NEVES, Maria Helena Moura Neves. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, MEC, 1963.

ROSSI, Nelson. Dialectologia. In: Houaiss, Antônio. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo: Melhoramentos, 1980, p. 3.298-3.304. v. 7.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponímia em Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.

VASCONCELOS, José Leite de. *Antroponímia portuguesa: tratado comparativo da origem, significação, e vida do conjunto dos nomes próprios, e apelidos, usados por nós desde a Idade Média até hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

## A variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na cidade de Paracatu

*Eduardo Tadeu Roque Amaral\**

**RESUMO:** Neste trabalho, que constitui um desdobramento de Amaral (2003), analisamos a variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos. Os dados foram obtidos em gravações de língua oral espontânea feitas com informantes da cidade de Paracatu (MG). A análise está baseada em pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Além da apresentação e discussão dos fatores que foram selecionados como estatisticamente relevantes após a quantificação dos dados, os resultados são comparados àqueles obtidos em outras localidades onde o fenômeno já foi pesquisado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nomes próprios. Antropônimos. Artigo definido. Falar paracatuense.

**ABSTRACT:** In this paper that is an extension of Amaral (2003), we analyse the variation absence/presence of the definite article in the face of anthroponyms. The data was collected from recordings of spontaneous spoken language of informants in the city of Paracatu (MG). Analysis is based on the presuppositions of the Variationist Sociolinguistics. As well as the presentation and discussion of the factors that were selected as statistically relevant during the data qualification, the results are compared to those obtained in other places where the phenomenon has already been researched.

**KEYWORDS:** Proper names. Anthroponyms. Definite article. Paracatu speech.

---

\* Professor Adjunto da Faculdade de Letras da UFMG.  
Contato: [eduamaralbh@uol.com.br](mailto:eduamaralbh@uol.com.br).

## 1 Introdução

### 1.1 A pesquisa linguística com dados de Paracatu

Na análise linguística que se segue, são apresentados os resultados de uma pesquisa realizada em Paracatu com o objetivo de descrever a variação do fenômeno ausência/presença de artigo definido diante de nomes próprios de pessoa (antropônimos). Essa pesquisa, desenvolvida como parte da investigação de Amaral (2003),<sup>1</sup> inseria-se em outros dois projetos maiores: *Filologia Bandeirante* e *Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua das Gerais*. A meta inicial do primeiro projeto era fazer uma incursão nas trilhas das bandeiras de fins do século XVII e sua repercussão no século XVIII, com o objetivo de recolher traços da língua portuguesa antiga ou dos séculos XVII e XVIII (v. Cohen, 1997:79; Megale, 2000). O segundo projeto possui como objetivos a descrição da língua portuguesa contemporânea e a caracterização sócio-histórica do português rural de Minas Gerais, a fim de se identificarem fenômenos linguísticos que tenham sido preservados em determinadas redes sociais.<sup>2</sup>

Os dados que são analisados foram coletados em gravações de língua oral espontânea realizadas em Paracatu no mês de dezembro de 2001. As entrevistas foram conduzidas por mim e por outros integrantes da equipe mineira do projeto *Filologia Bandeirante*,<sup>3</sup> frequentemente com a presença de um intermediário, ou seja, uma pessoa que havia mantido contato prévio entre os pesquisadores e os entrevistados. O papel desse intermediário é o de propiciar uma atitude mais

---

<sup>1</sup> Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, sob orientação da Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

<sup>2</sup> Este projeto foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

<sup>3</sup> Participaram dessa coleta de dados as professoras pesquisadoras Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen e Soélis Teixeira do Prado Mendes.

cooperativa do informante, a fim de que se possa garantir maior espontaneidade no diálogo.

Conforme apontado acima, a área de mineração que hoje forma parte do município de Paracatu foi uma das que sofreu despovoamento após o declínio dessa atividade, o que não contribui para se defender a preservação de traços linguísticos da época. Contudo, o fato de a história do município remontar ao período colonial justifica a inclusão da cidade nas pesquisas que buscam caracterizar os falares de Minas Gerais, uma vez que se pressupõe que povoadamentos recentes teriam características linguísticas ainda não consolidadas. De qualquer forma, acredita-se que este trabalho, que se configura como uma descrição linguística de um fenômeno variável do falar paracatuense contemporâneo, possa lançar hipóteses para estudos sobre os falares pretéritos da região.

Antes de passar à análise linguística, queremos agradecer àquelas pessoas que contribuíram para a realização desta pesquisa. Agradecemos à professora Idalena Chaves por ter contribuído como intermediária nos contatos entre os pesquisadores e os informantes. Agradecemos também aos paracatuenses que nos receberam na cidade e em especial àqueles que abriram as portas de suas casas para, durante alguns momentos, propiciarem conversas agradáveis que constituiriam a matéria prima essencial para este trabalho.

Nos exemplos (1) e (2), temos fragmentos de entrevistas realizadas com falantes de Paracatu (MG), nos quais estão em negrito os nomes próprios de pessoa, também chamados de *antropônimos*. Como é possível observar, em (1), tais nomes não estão precedidos por artigo definido. Já em (2), todos os antropônimos estão precedidos por um artigo definido.

- (1) *Inf.:* **Daniel Leonardo** mas eu sô fã memo é de **Amado Batista** adoro música de **Amado Batista**... muita gen[te] fala assim ah música de **Amado Batista** música de corno num sei o quê... eu gosto mesmo  
*Pesq.:* e quem mais que cê gosta?

*Inf.:* (cê fala de música?) eu gos[to] de Ivete Sangalo (Amaral, 2003, p. 222)<sup>4</sup>

- (2) *Pesq.:* quem mais? de pulíticos quais são os mais conhecidos?

*Inf.:* de pulíticos tem o Almir Paraca... né... o Almir Cristóvão né?... e o Arquimedes Borges (Amaral, 2003, p. 219)

Essa possibilidade de o nome próprio de pessoa ocorrer sem ou com artigo constitui um caso de variação linguística do português brasileiro, estudada já em algumas localidades do país (cf Amaral, (2003); Amaral (2004), Callou e Silva (1997); Mendes (2000); Moisés, (1995); Silva, (1996a); Silva, (1996b)). Paracatu, município situado no noroeste do estado de Minas Gerais, constitui uma dessas localidades.<sup>5</sup>

Em Amaral (2003), descreve-se a variação regional da ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas: Campanha (no sul do Estado), Minas Novas (no Vale do Jequitinhonha) e Paracatu. A coleta e a análise de dados baseiam-se em pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia e da Sociolinguística Variacionista. Mas Paracatu, o primeiro ponto de coleta de dados, coincidia, na verdade, com as localidades escolhidas pelas equipes do Projeto *Filologia Bandeirante*. Portanto, para esse ponto, foram seguidos critérios desse projeto.

Na próxima seção, serão retomados alguns trabalhos que se ocuparam do mesmo fenômeno linguístico. Depois dessa retomada, apresentam-se informações sobre o *corpus* e a metodologia utilizada. Posteriormente, analisam-se os dados coletados e apresentam-se as conclusões.

---

<sup>4</sup> As transcrições completas utilizadas para esta pesquisa estão disponíveis em Amaral (2003).

<sup>5</sup> Nesta obra, trabalhos como os de Ana Paula Carvalho e Andreia Mendes também se ocupam do artigo diante de antropônimos.

## 2 O fenômeno variável ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos

A possibilidade que exhibe o português de realizar o nome próprio sem ou com artigo tem sido investigada por vários autores, sob diferentes perspectivas. Com uma abordagem funcional-discursiva, consulte-se, por exemplo, Moisés (1995) e, para um estudo do fenômeno na aquisição da linguagem, Alencar (2006). Em uma perspectiva histórica, podem-se citar Callou e Silva (1997), Costa (1998) e Mendes (2000). Com um interesse sociolinguístico, estão Alves (2008), Amaral (2003, 2004 e 2007), Silva (1996a) e Silva (1996b).<sup>6</sup> Abaixo, serão retomadas questões levantadas por alguns desses trabalhos, as quais contribuirão para a análise dos dados de Paracatu.

Callou e Silva (1997) apresentam o resultado de análise diacrônica do uso/não-uso do artigo definido antes de possessivos e de antropônimos, com base em *corpora* de língua escrita de Portugal e do Brasil. As autoras observam que há um aumento significativo do uso de artigo diante de antropônimos a partir do século XVII em Portugal e também que, nos dois países, desde o século XIX, tem havido um aumento do uso do artigo no mesmo contexto.

Mendes (2000) investiga a ausência de artigo definido diante de antropônimos na cidade de Barra Longa, situada a 172 km de Belo Horizonte, na Zona da Mata. A autora trabalhou com um *corpus* de língua escrita pretérita, constituído por textos notariais e eclesiásticos dos séculos XVIII e XIX e um *corpus* de língua oral contemporânea, constituído por *unidades temáticas* de gravações de conversas espontâneas realizadas com informantes idosos nascidos em Barra Longa. Entre os resultados obtidos, Mendes constata que a comunidade

---

<sup>6</sup> Sobre a possibilidade de o antropônimo vir ou não acompanhado por artigo em outras línguas, consultem-se: Gary-Prieur (1994 e 2001), Jonasson (1994), Kleiber (1994) e Leroy (2004) para o francês; Amaral (2008), Bajo Pérez (2002), Coseriu (1967), Fernández Leborans (1999) e Reynoso Noverón (2006) para o espanhol.

pesquisada reteve uma estrutura (a ausência de artigo) da língua pretérita dos séculos XVIII e XIX, a qual por sua vez remonta à língua latina.

Com os dados do *Corpus Censo* (Rio de Janeiro), Silva (1996a e 1996b) investiga a ausência/presença de artigo diante de antropônimos e de possessivos. Apresentam-se a seguir somente os resultados referentes aos nomes próprios de pessoa, bem como às variáveis utilizadas que interessam para este trabalho. Assim, o fator escolaridade, nos adultos, atuou no sentido de privilegiar o emprego do artigo. Conforme os dados de Silva (1996b), os adultos com 2<sup>o</sup> grau (Ensino Médio) utilizam mais frequentemente o artigo antes de patronímicos<sup>7</sup> (76% - 0,57<sup>8</sup>) que aqueles do primário (70% - 0,44) e do ginásio (66% - 0,49) (primário e ginásio correspondem ao atual Ensino Fundamental). A autora observou que os homens não parecem ser sensíveis à escolaridade e as mulheres aumentam regularmente o uso do artigo. Os dados de Silva mostram que as mulheres empregam o artigo de forma ligeiramente mais regular à medida que se escolarizam (primário: 67% - 0,45; ginásio: 76% - 0,49; 2<sup>o</sup> grau: 82% - 0,56). Com respeito à variável idade, observou-se que as mulheres de idade mais avançada empregam mais os artigos, ao passo que os homens os utilizam menos. De forma integral, esta variável foi tida como irrelevante.

Em sua dissertação, Alves (2008) investiga a variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala de jovens da comunidade de Barra Longa que residem em Belo Horizonte. Com base nos trabalhos de Moisés (1995) e Mendes (2000), os quais haviam indicado uma preferência diferente em ambas as localidades (presença em Belo Horizonte e ausência em Barra Longa), a autora pesquisa os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciariam a variação na fala de tais jovens, observando principalmente as redes de

---

<sup>7</sup> A autora chama os antropônimos de *patronímicos*.

<sup>8</sup> Ao lado dos valores percentuais, incluímos os do peso relativo.

relacionamentos sociais em que estão inseridos. Seus resultados mostram que a variante preferida é a da cidade de origem, mas apontam para um ligeiro aumento da preferência pelo uso do artigo (Alves, 2008, p. 101). Sua análise revela apenas um fator linguístico como relevante: a função sintática do SN antroponímico. Os fatores extralinguísticos (grau de contato dos jovens com a cidade de Barra Longa; grau de intimidade do entrevistado com o referente; convívio diário com pessoas de Barra Longa; sexo do informante) são considerados como os principais responsáveis pelo ligeiro aumento de uso do artigo. Vale destacar que Alves (2008, p. 113) constata que manter ou não contato diário com pessoas de Barra Longa, ou seja, com indivíduos do grupo social de origem, é bastante relevante para a escolha de uma das variantes. Com base na noção de redes sociais, a autora mostra que, quando os jovens que estão em Belo Horizonte continuam mantendo contato diariamente com pessoas de Barra Longa, tendem a preservar a variante de sua cidade natal (p. 114). Também favorece a manutenção da variante de origem o contato frequente com a cidade de Barra Longa (p. 115).

Conforme já apontado, os resultados dos trabalhos comentados acima serão importantes para análise das ocorrências de Paracatu. Mas antes de apresentar os dados desta pesquisa, vejam-se a seguir as informações sobre o *corpus* desta pesquisa e a metodologia utilizada.

### **3 Corpus e metodologia**

Durante o período em que a equipe mineira do projeto *Filologia Bandeirante* esteve em Paracatu, foram gravadas entrevistas com informantes de duas faixas etárias e de dois níveis de escolaridade, do seguinte modo: faixa etária 1, de 18 a 30 anos; faixa etária 2, acima de 50 anos; nível 1 de escolaridade: informantes analfabetos ou de escolaridade primária; nível 2 de escolaridade: informantes de formação secundária ou superior. Na escolha dos indivíduos entrevistados, deu-se privilégio para aqueles nascidos em Paracatu, com pais



preferencialmente da região. Acredita-se que esse recorte possa revelar características linguísticas próprias do município.

Para o tratamento quantitativo dos dados coletados, foi utilizado o programa *Goldvarb 2001* (Robinson, Lawrence e Tagliamonte, 2001). Esse programa realiza a quantificação de dados variáveis, a partir de um grupo de fatores que, previamente estabelecidos pelo pesquisador, teriam um potencial condicionador das variantes. Os grupos de fatores estabelecidos foram os seguintes: a) idade do informante; b) nível de escolaridade do informante; c) grau de intimidade do falante com a pessoa mencionada; d) ausência/presença de título; e) posição do antropônimo no turno conversacional; f) presença do antropônimo em estrutura de genitivo; e) antropônimo como item de uma enumeração.<sup>9</sup> A seguir, vejam-se os resultados encontrados.

#### **4 Análise dos dados**

De acordo com o exposto acima, o programa utilizado (*Goldvarb 2001*) realiza a quantificação dos dados e identifica, a partir dos fatores internos e externos estabelecidos previamente, aqueles que são favorecedores e desfavorecedores das variantes. Nesta seção, serão apresentados e discutidos os fatores selecionados pelo programa. Antes, porém, vejam-se os números totais das ocorrências na cidade.

Em Paracatu, totalizaram-se 164 ocorrências de antropônimos, das quais 78 (47%) se encontram com artigo definido e 86 (52%) sem artigo, conforme exposto na Tabela 1.

---

<sup>9</sup> Como o objetivo inicial era o contraste do fenômeno em três localidades (Campanha, Minas Novas e Paracatu), o conjunto desses fatores deveria ser o mesmo para os dados dos três municípios. As informações completas sobre esses fatores, bem como aquelas a respeito das discussões sobre as decisões metodológicas adotadas, encontram-se em Amaral (2003).

TABELA 1  
Distribuição das variantes no *corpus* de Paracatu

	Número de ocorrências	%
Ausência	86	52,4%
Presença	78	47,6%
Total	164	100%

Como se pode observar, o resultado foi equilibrado, com uma pequena vantagem (4,8%) para a ausência de artigo definido antes de antropônimos. Os fatores que se mostraram estatisticamente relevantes foram os seguintes: posição do antropônimo no turno conversacional; faixa etária; e nível de escolaridade.

Com relação ao primeiro fator, o único de caráter linguístico considerado relevante em Paracatu pelo Programa, os dados mostram que a presença do artigo é desfavorecida quando o antropônimo está no início do turno (0.19) e é favorecida quando não está na posição inicial do turno (0.57). Veja-se a Tabela 2.

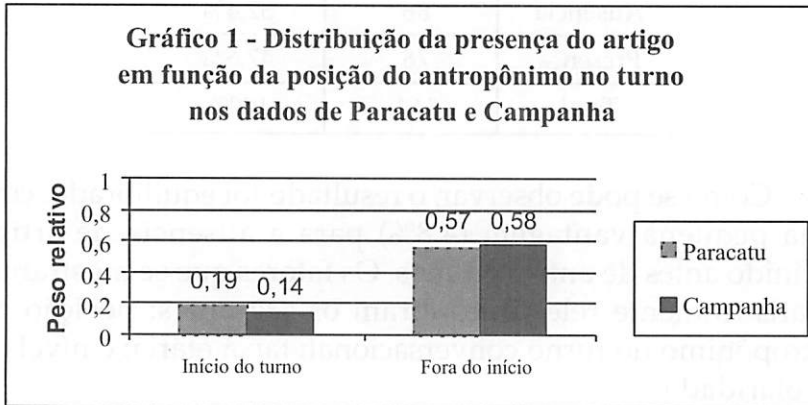
TABELA 2  
Distribuição da presença do artigo em função da posição do antropônimo no turno

	N	%	Peso relativo
Início do turno	6/28	21%	0.19
Fora do início	72/136	52%	0.57

Esse resultado comprovou uma hipótese levantada inicialmente a partir de uma observação prévia dos dados, a de que a posição do antropônimo no turno conversacional<sup>10</sup> poderia influenciar a variação estudada. Essa influência mostra-se relevante não só em Paracatu, mas também em

<sup>10</sup> Entende-se por *turno* a produção de informante enquanto ele está com a palavra (noção baseada em Marcuschi (1991)).

Campanha, cujos dados se encontram igualmente em Amaral (2003). O gráfico seguinte apresenta uma comparação entre os resultados das duas localidades:



Como é possível observar, os números de ambas as localidades são bem semelhantes, o que parece indicar uma possível relação entre a variação e a troca de turnos conversacionais. Observando com maior atenção as 28 ocorrências de Paracatu em que o antropônimo aparece em início do turno, podemos levantar algumas hipóteses. Vejam-se os exemplos abaixo:

- (3) *Pesq.:* o prefeito aqui quem que é?  
*Inf.:* **Arquimedes...** (tá na segunda gestão)... ele ganhô em oitenta e nove... (tentô de novo) ganhô novamente (Amaral, 2003, p. 216)
- (4) *Inf.:* Brad Pitt... Bruce Willis  
*Inf. 2:* Bruce Willis... Arnold Schwazenegger  
*Inf.:* Schwazenegger  
*Pesq.:* quais são os melhores?  
*Inf.:* **Leonar[do] diCaprio** (Amaral, 2003, p. 231)
- (5) *Pesq.:* Jáine... todo mundo istuda?  
*Inf.:* todo mundo... só os dois piquininim que não... um tem dois ano... e meio e o oto tem ( )

*Pesq.*: qual que é o mais velho?

*Inf.*: Flávio

*Pesq.*: Flávio?... quantos anos ele tem?

*Inf.*: treze (Amaral, 2003, p. 220)

(6) *Inf. 3*: isso aí é meu minino que faiz

*Pesq. 1*: ah ele faz?

*Inf. 3*: é ele trabaia na cerâmica que faiz

*Pesq. 1*: que bunitinho

*Pesq. 2*: qual que é o/o filho da sinhora que faz?

*Inf. 3*: o Bené

*Pesq. 1*: quantos anos que ele tem?

*Inf. 3*: vinte e dois ano (Amaral, 2003, p. 211)

De (3) a (6), os antropônimos estão na posição inicial e em todas aparecem após perguntas diretas em que se deseja uma resposta com um constituinte que faça referência a um indivíduo.<sup>11</sup> Casos como esses correspondem a 68% das ocorrências em que o antropônimo está na posição inicial do turno. Se se consideram somente os números relativos à ausência de artigo, como (3) (4) e (5), tem-se um total de 73% de ocorrências em que a produção do falante está após uma pergunta direta cuja resposta esperada deve conter uma referência a um indivíduo. Esses números sugerem uma relação entre a ausência/presença do artigo, a troca de turnos

---

<sup>11</sup> Não se confundem esses casos com os que estão abaixo, chamados de *nominação didática* (Lyons, 1977, p. 178) e excluídos da análise. Na *nominação didática*, informa-se a alguém o nome de um indivíduo por meio de recursos como “o nome dele é X”, “ele se chama X”, em que a ausência de artigo é praticamente categórica (cf. Amaral, 2003, p. 94). Em Amaral (2009), defende-se que a função *primária* dos nomes próprios, para a qual se utilizam construções como essas, está associada ao ato de apresentar (ou de recordar) o nome de um indivíduo.

(i) *Pesq1.*: cumé que ela chama?

*Inf.*: Marina... (Amaral, 2003, p. 199)

(ii) *Pesq. 3*: cumé que é o nome dele?

*Inf.*: Zamir (Amaral, 2003, p. 197)

conversacionais e a oposição pergunta/resposta nos dados de Paracatu.

O segundo fator selecionado, de caráter extralinguístico, revela que a presença do artigo é favorecida pela faixa etária 1 (0.62) e desfavorecida pela faixa etária 2 (0.35), o que está representado na Tabela 3.

TABELA 3  
Distribuição da presença do artigo em função da faixa etária

	Nº	%	Peso relativo
Faixa etária 1 (18 a 30 anos)	46/90	51%	0.62
Faixa etária 2 (a partir de 50 anos)	32/74	43%	0.35

Esses resultados mostram que a presença de artigo tem sido privilegiada pelos falantes mais novos, o que difere dos dados encontrados por Silva (1996b) no Rio de Janeiro, onde esta variável foi considerada irrelevante ao se observar a amostra integral – foi importante apenas na análise separada entre os dois sexos. Se as perspectivas históricas do fenômeno adotadas por Callou e Silva (1997) e Mendes (2000) forem aplicadas aos dados de Paracatu, poderemos afirmar que a cidade, diferentemente de Barra Longa, não reteve uma estrutura pretérita da língua e levantar a hipótese de uma mudança, na medida em que as duas faixas etárias mostram comportamento linguístico diferente. No entanto, para confirmar essa hipótese, seria necessária uma amostragem de dados maior, com ocorrências de outras faixas etárias.

A Tabela 4, por sua vez, representa o resultado da influência do fator escolaridade. Em Paracatu, o nível 2 de escolaridade favorece a presença do artigo (0.63), ao passo que o nível 1 a desfavorece (0.30).

TABELA 4  
Distribuição da presença do artigo em função do nível de escolaridade

	Nº	%	Peso relativo
Nível 1 (analfabeto ou com primeiros anos do Ensino Fundamental)	26/68	38%	0.30
Nível 2 (com Ensino Médio ou Superior)	52/96	54%	0.63

Pela tabela anterior, vê-se que os falantes mais escolarizados, com Ensino Médio ou Superior, tendem a utilizar mais o artigo. Esse resultado é semelhante ao que encontrou Silva (1996b) nos dados do Rio de Janeiro, onde a escolarização também atua no sentido de privilegiar o emprego do artigo. Convém discutir um pouco sobre o que significariam esses dados.

Parece pouco provável que a escolarização atue diretamente no aumento da presença do artigo diante de antropônimos, principalmente pelo fato de que o fenômeno investigado não é estigmatizado pelos falantes. Percebe-se que os falantes um pouco mais atentos à linguagem notam a variação entre indivíduos, mas não existe um preconceito linguístico com relação ao uso de uma variante ou outra. Por esse motivo, não seria a escola o lugar de “correção” no caso da ausência/presença de artigo antes de antropônimos. Mas se considerarmos que os falantes escolarizados geralmente possuem acesso maior a textos e discursos e mesmo falares diferentes do seu, poderíamos supor que seria esse contato o que explicaria o favorecimento da presença do artigo entre os indivíduos de maior escolaridade. Nesse caso, tal como encontrou Alves (2008) na análise dos jovens que saem de Barra Longa, supõe-se que um contato maior ou menor dos falantes com uma ou outra variante estaria atuando na variação também em Paracatu.

## **5 Conclusões**

Neste trabalho, apresentamos resultados da pesquisa de um fenômeno linguístico variável na cidade de Paracatu. Foi analisado o comportamento das variantes ausência e presença de artigo definido diante de antropônimos. Tendo em vista que o mesmo fenômeno já foi observado em outras localidades do país, comentaram-se alguns dos resultados de análises anteriores. Foram retomados os trabalhos que investigaram o tema seja em uma perspectiva histórica seja com uma base sociolinguística. Essa retomada permitiu confrontar os resultados de tais investigações com os dados de Paracatu.

A análise se deu a partir dos dados de língua oral espontânea obtidos em gravações com informantes paracatuenses. Verificou-se um resultado equilibrado entre as variantes, com uma pequena preferência pela ausência do artigo. Em seguida, apresentamos e discutimos os fatores que foram selecionados pelo programa *Goldvarb* como estatisticamente relevantes. A análise do primeiro fator, posição do antropônimo no turno conversacional, permitiu concluir que existe uma relação entre as variantes, a troca de turnos e a oposição pergunta/resposta. Viu-se que a posição inicial no turno favorece a ausência de artigo e que, na maioria dos casos em que o falante começa o turno com um nome próprio de pessoa, ele o faz após ter ouvido uma pergunta direta cuja resposta esperada deveria incluir um sintagma que fizesse referência a um indivíduo.

A observação do fator faixa etária mostrou que os falantes mais novos privilegiam o uso do artigo antes de antropônimos, o que nos permitiu levantar a hipótese de uma mudança linguística, deixando a questão em aberto para novas pesquisas na região. O segundo fator revelou que os mais escolarizados tendem a utilizar mais o artigo. No entanto, por parecer pouco provável que a escola seja a única responsável pela diferença na realização das variantes (uma vez que nenhuma delas é estigmatizada), sugerimos que outros fatores sociais sejam investigados, como a exposição dos falantes a diferentes gêneros e o contato com grupos linguísticos que tenham predomínio de uma ou outra variante.

Conforme proposto, este trabalho discutiu a atuação dos fatores considerados relevantes pela análise de Amaral (2003). Em Paracatu, apenas um dos fatores linguísticos foi selecionado pelo programa e dois dos fatores sociais ou extralinguísticos. Merece destaque o fato de que essa maior relevância de fatores extralinguísticos atuando na variação pesquisada também foi encontrada por Alves (2008). Podemos relacionar esses resultados à natureza do nome próprio e ao seu comportamento nas línguas, o qual depende frequentemente de fatores extralinguísticos para ser explicado.

## Referências

ALENCAR, Patrícia Vargas. *Direcionalidade da aquisição do artigo definido frente a N próprio em contexto de input variável*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

ALVES, Ana Paula Mendes. *Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos: um caso de variação diatópica em Minas Gerais. In: *Estudos Linguísticos XXXIII*. Campinas: Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo (UNICAMP), 2004. 1 CD-ROM.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. A importância do fator intimidade na variação ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 1, p. 1-10, 2007.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *Nomes próprios: análise de antropônimos do espanhol escrito*. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. El acto de nombrar a un individuo como función primaria de los nombres propios. V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS / I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISPANISTAS. *Anais...* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. v. 1. p. 2511-2520.

BAJO PÉREZ, Elena. *La caracterización morfosintáctica del español*. Noia (A Coruña): Toxosoutos, 2002.

CALLOU, Dinah; SILVA, Giselle M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, Demerval da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997.



COHEN, Maria Antonieta A. M. et al. *Filologia Bandeirante. Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 1, p. 79-94, 1997.

COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1967.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais: com estudo histórico da divisão territorial e administrativa*. 2. ed. Belo Horizonte, BDMG Cultural, 1997.

COSTA, Iraneide Santos. *Uso do artigo definido diante de possessivo e de nome próprio de pessoa: período arcaico*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

FERREIRA, Jurandyr Pires (Org.). *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959. v. XXVI.

GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle. *Grammaire du nom propre*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle. *L'individu pluriel: les noms propres et le nombre*. Paris: CNRS, 2001.

JONASSON, Kerstin. *Le nom propre: constructions et interprétations*. Lourain-la-Neuve: Duculot, 1994.

KLEIBER, Georges. *Nominales: essais de sémantique référentielle*. Paris: Armand Colin, 1994.

LEROY, Sarah. *Le nom propre en français*. Paris: Ophrys, 2004.

LYONS, John. *Semântica*. vol. 1. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1977.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MEGALE, Heitor. *Filologia bandeirante: estudos*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000. v. 1.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. *A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?* Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

MOISÉS, Juliana de Assis. *O "lugar" do artigo no discurso: considerações sobre o uso do artigo no português culto falado em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

PIMENTEL, Helen Ullhoa. *Histórico da cidade*. Disponível em <<http://www.paracatuonline.com.br/noticias/historico.htm>>. Acesso em 29 maio 2009.

NASCIMENTO, Edson Mendes. Histórico. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 31 mar. 2009.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

ROBINSON, J.S.; LAWRENCE, H. R.; TAGLIAMONTE, S.A. *Goldvarb 2001: a multivariate analysis application for Windows*, 2001.

REYNOSO NOVERÓN, Jeanett. Determinante + nombre propio en el español de nahuatlatos ¿evolución interna o contacto de lenguas? Angelita Martínez (Ed.). *Huellas del contacto lingüístico, Tópicos del seminario*, 15, Puebla, ene/jun. 2006, p. 73-96. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx>>. Acesso em 7 abr. 2009.

SILVA, Giselle Machline de O. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In: SILVA, Giselle Machline de O.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a. p. 119-145.

SILVA, Giselle Machline de O. O emprego do artigo diante de possessivos e de patronímicos: resultados sociais. In: SILVA, Giselle Machline de O.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996b. p. 265-281.

Pelas trilhas de Minas até Belo Vale:  
garimpando em busca de traços  
conservadores do português do Brasil

*Eunice Nicolau\**

**RESUMO:** Este estudo busca verificar se o português falado em Belo Vale/ MG exibe traços conservadores que se explicam por razões históricas; ou seja, refletem a ação dos Bandeirantes (Expedição de 1674). Assim, inclui uma análise quantitativa da variação linguística *você ~ ocê ~ cê* e algumas considerações sobre o léxico utilizado pelos falantes de Belo Vale.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português. Traços conservadores. Variação.

**ABSTRACT:** This study aims to check whether the portuguese spoken in Belo Vale/ MG shows archaic traces that are explained by historical reasons, i.e, reflect the action of the Bandeirantes (Expedition of 1674). Thus, it includes a quantitative analysis of the linguistics variation *you ~ ocê ~ cê* and some considerations about the lexicon used by speakers of Belo Vale.

**KEYWORDS:** Portuguese. Archaic traces. Variation.

---

\* Professora Associada da FALE/UFMG (Faculdade de Letras).  
Contato: eunicenicolau@gmail.com

## 1 Considerações iniciais

Desde as últimas décadas do século XX, inúmeros fatos do português do Brasil (PB) vêm sendo submetidos a análises que têm como objetivo identificar as particularidades dessa modalidade linguística e, em muitos casos, apontam indícios de mudanças que a distanciam do português europeu (PE).

Atentando para as possíveis mudanças ocorridas/em curso no PB, Cohen *et alii* (1997) defendem a necessidade de pesquisa que evite o risco de se perder para sempre uma camada linguística da colonização de povoamento de localidades nas áreas das trilhas das Bandeiras, ou seja, das localidades pelas quais a Expedição de 1674 (chefiada por Fernão Dias Pais Leme) passou em busca de minas de ouro e, atualmente, integram ou constituem municípios dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Nessa preocupação, está, pois, implícita a hipótese de que a língua portuguesa falada nas regiões brasileiras que coincidem com as trilhas da Bandeira de 1674 mostra-se mais conservadora do que a língua portuguesa falada em outras regiões do Brasil.

Essa hipótese motivou a realização do presente estudo, que toma como objeto a língua falada na região de Belo Vale/MG, focalizando, principalmente, a co-ocorrência das formas pronominais você, ocê e cê. Tais formas são submetidas a uma análise, que é apresentada na seção 2, a seguir, na qual se encontram, também, observações em relação ao léxico utilizado pelos informantes; a delimitação do objeto do estudo não contemplou o léxico, que, portanto, não é submetido ao referido tipo de análise, mas merece considerações por revelar itens que são de uso raro, mesmo na comunidade pesquisada.

Os fatos foram observados em dados obtidos através de 16 (dezesseis) entrevistas individuais, gravadas com falantes de dois grupos etários: um grupo constituído de falantes com idade acima de 60 anos e um grupo constituído de falantes com idade entre 30 e 45 anos (de modo a se obter a representação de duas gerações claramente distintas). No estudo das formas pronominais *você* ~ *ocê* ~ *cê*, esses dados

foram codificados em função dos grupos de fatores pré-estabelecidos (explicitados mais adiante) e submetidos a uma análise quantitativa, em termos de frequência. Os resultados das observações anunciadas apontam para algumas considerações, que são apresentadas na seção 3.

## 2 Dos fatos linguísticos: o comportamento da variável *você* ~ *ocê* ~ *cê*

### 2.1 Preliminares

O uso de *você* ~ *ocê* ~ *cê* é analisado por RAMOS (1997 e 2000); o primeiro estudo utiliza dados da língua falada em Belo Horizonte, e o segundo, dados da língua falada em Ouro Preto/MG. Em ambos os estudos, assumindo a perspectiva variacionista, a autora busca verificar se tal variação se caracteriza como uma mudança em progresso. Os resultados obtidos mostram que a variante inovadora, *cê*, apresenta mais alto percentual de ocorrência nos dados das duas comunidades pesquisadas (indicando uma mudança já implementada na língua). E, com base nos resultados relativos à fala de Ouro Preto, a autora registra a forma inovadora, *cê*, como a mais frequente nos contextos de referência definida e observa que *poderá estar havendo uma certa "especialização" no uso das variantes, sendo uma delas usada preferencialmente com referência definida e outra com referência indefinida.*

O comportamento dessa variável na fala de São Francisco (Norte de Minas) é analisado por Coelho (1999). Os resultados obtidos através dessa análise mostram que:

- 1) A variante *cê* é preferencial tanto na área urbana quanto na área rural – essa liderança corrobora a posição de Ramos de que a forma *cê* já está implementada no PB.
- 2) A hipótese de que a forma *você* com interpretação indefinida é a mais usada não se confirma nessa comunidade, pois os resultados apontam maior ocorrência das formas estudadas nos contextos de interpretação *definida*, nos quais *você* e *cê* ocorrem igualmente (em 70% dos casos).

Mas as duas conclusões de RAMOS são corroboradas por Peres (2006), que, ao investigar o uso das referidas formas na língua falada em Belo Horizonte, em duas épocas distintas (1982 e 2002), atesta a ocorrência da forma *cê* bastante superior à ocorrência da variante *você*, em todas as faixas etárias analisadas, além de número muito pequeno da variante *ocê* nas duas amostras. E, de acordo com Peres (2006, p. 5):

Os principais resultados encontrados indicam que está havendo mudança em progresso com relação à forma *cê* e também uma especialização das formas com respeito à expressão da referência, sendo *você* preferencialmente usado nas referências indefinidas e *cê*, nas referências definidas.

À semelhança de tais estudos, a alternância *você* ~ *ocê* ~ *cê* – preliminarmente, observada nos dados da fala de Belo Vale – foi analisada na fala da comunidade belovalense adotando-se os pressupostos básicos do modelo variacionista (LABOV, 1972, 1994), de modo que essa análise foi orientada pela seguinte hipótese geral: tais formas alternantes constituem variantes de uma variável linguística, cujo comportamento depende de fatores linguísticos e extralinguísticos. E, tendo-se em vista ser Belo Vale uma das localidades nas quais, supostamente, ainda se encontram traços conservadores da língua portuguesa (como reflexo da ação dos bandeirantes), a pesquisa foi realizada considerando-se as seguintes hipóteses específicas:

- I. A variante *você* – que consiste na forma mais conservadora – é a mais frequente na fala dos belovalenses.
- II. A variante *você* é mais usada em contextos de referência definida do que em contextos de referência indefinida; ou seja, não se mostra, como nos dados de Belo Horizonte analisados por Ramos (1997), cedendo os contextos de referência definida à variante inovadora, *cê*.
- III. Essa variação exibe característica de uma variável estável.

Do suposto conservadorismo da língua falada em Belo Vale resulta a necessidade de se atentar para dois fatos. O primeiro é que, nessa cidade, o nível de escolarização não se associa diretamente ao nível do estilo de vida, definido pelo acesso aos bens responsáveis pela satisfação psicológica, que inclui: condições de moradia, acesso a bens de consumo (aparelhos eletro-eletrônicos e automóveis), a lazer (prática de esportes e de turismo, nacional e internacional, frequência a restaurantes, etc.), a bens culturais (cinemas, teatros, bibliotecas, jornais impressos de grande circulação, revistas, etc.). O segundo é que, sabidamente, a escrita é mais conservadora do que a fala, de modo que os falantes, mesmo não-portadores de alto nível de escolarização, que mantêm contato intenso com a escrita constituem, por hipótese, agentes responsáveis pela manutenção de traços linguísticos ausentes (ou escassos) na fala daqueles que não mantêm tal contato. Diante desses fatos, não se considerou, na constituição da amostra, a distribuição dos falantes segundo o estilo de vida (considerado na análise realizada por Nicolau, 1984, em substituição ao nível social, normalmente, associado a condição econômica e postulado, no âmbito do modelo laboviano, como um grupo de fatores capaz de fornecer evidência para a caracterização de uma variável linguística); optou-se pela distribuição dos falantes segundo o grau de contato com a escrita.

Assim sendo, a análise buscou, especificamente:

- 1º) Identificar os grupos de fatores que atuam sobre o comportamento da variável linguística em questão, assumido, por hipótese, que tal comportamento é condicionado pelos grupos de fatores linguísticos (Função sintática da forma pronominal e Natureza semântica do contexto) e extralinguísticos (Idade e Grau de contato com a língua escrita); os fatores incluídos em cada um desses grupos são explicitados na apresentação dos resultados da análise;

- 2º) Verificar se a atuação do grupo de fatores Idade pode ser interpretada como evidência de que a variação analisada constitui, nos termos labovianos, uma variável estável.

## 2.2 Análise dos dados

O objetivo inicial da análise do total de 217 sentenças contendo uma das variantes *você*, *ocê* e *cê* coletadas na fala dos belovalenses foi verificar a distribuição de uso dessas variantes, em termos de frequência. Os resultados obtidos estão contidos na Tabela 1, a seguir:

TABELA 1  
Frequência de uso das variantes.

Variantes	<i>Você</i>		<i>ocê</i>		<i>Cê</i>		Total	
	No	%	No	%	No	%	No	%
Ocorrências	98	45	54	25	65	30	217	100

Esses percentuais atestam a preferência pela forma pronominal mais conservadora, *você* (45%), o que parece confirmar a primeira hipótese específica perseguida através dessa análise da variável *você* ~ *ocê* ~ *cê* e, obviamente, da hipótese básica assumida na pesquisa da qual resultou o estudo aqui apresentado. No entanto, cabe destacar que a opção pela forma *você* é bem menos frequente do que a opção pelas outras duas variantes juntas (55%), e o percentual de uso da forma mais inovadora, *cê*, é relativamente alto (30%).

Diante de tais fatos, foi, então, examinado o comportamento da variável tendo-se em vista a idade dos informantes; ou seja, atentando-se para a terceira hipótese específica que orienta a análise. Os resultados inicialmente obtidos encontram-se na Tabela 2:



TABELA 2  
 Frequência das variantes segundo a Idade dos Informantes.

Grupo de Fatores	Fatores	Você		Ocê		Cê		Total
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº
Idade	G-1 (60-80 anos)	41	42	24	44	34	52	99
	G-2 (30-45 anos)	57	58	30	56	31	48	118
<b>TOTAL</b>		98	100	54	100	65	100	217

Conforme atestam os valores acima, o total de 217 casos analisados inclui 98 ocorrências da variante *você*, mais frequente na fala da geração mais nova (58%), e 65 ocorrências da variante *cê*, mais usada pelos falantes com idade acima de 60 anos (52%). A distribuição do uso das variantes pode ser visualizada no Gráfico 1, abaixo, através do qual fica claro que a relação entre o comportamento da variável em estudo e a Idade dos falantes não configura, portanto, a evidência de tempo aparente, que, de acordo com Labov, é um dos elementos que caracterizam a mudança em progresso.

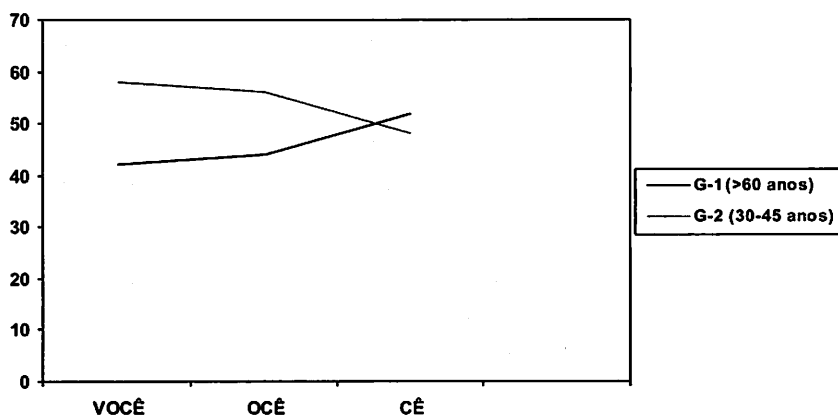


GRÁFICO 1 - Relação entre uso das variantes e Idade dos falantes

Mas o fato de a variante *ocê* aparecer associada a um percentual de uso mais elevado na fala da geração mais nova (56%) do que na fala da geração mais idosa (44%) chama a atenção, na medida em que essa variante é, também, inovadora em relação à forma *você*. É que tal fato suscita a seguinte questão: A ocorrência da forma *ocê* na fala da geração mais nova refletiria a preferência no interior desse grupo configurando um estágio de mudança no qual essa variante resiste na competição com a forma *cê* (a mais inovadora)?

Diante dessa questão, os dados foram reexaminados, a fim de se explicitar a distribuição das três variantes na fala de cada uma das duas gerações consideradas. Os resultados obtidos estão registrados na Tabela 3:

TABELA 3  
Distribuição das variantes na fala de cada faixa etária considerada.

Grupo de Fatores	Fatores	Você		Ocê		Cê		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Idade	G-1 (60-80 anos)	41	42	24	24	34	34	99	100
	G-2 (30-45 anos)	57	48	30	26	41	26	118	100
<b>TOTAL</b>		98	-	54	-	65	-	217	-

Através de uma leitura horizontal dos valores da Tabela 3, constata-se que:

- a) A variante *você* (a mais conservadora das três) mostra-se como preferencial pelos falantes de ambas as faixas etárias consideradas;
- b) A variante *cê* (a mais inovadora das três), apontada em estudos anteriores como concorrente que caminha na direção de substituir a forma *você* em contextos de interpretação definida (inclusive, segundo Ramos, 1997, levando a uma especialização do uso de *você* em contextos de interpretação indefinida), figura como mais usada pela geração mais velha (34%) do que pela geração mais nova (26%);

- c) A variante inovadora *ocê* mostra-se apenas ligeiramente mais frequente na fala da geração mais nova (26%) do que na fala da geração mais nova (24%).

Essa distribuição está representada pelo Gráfico 2:

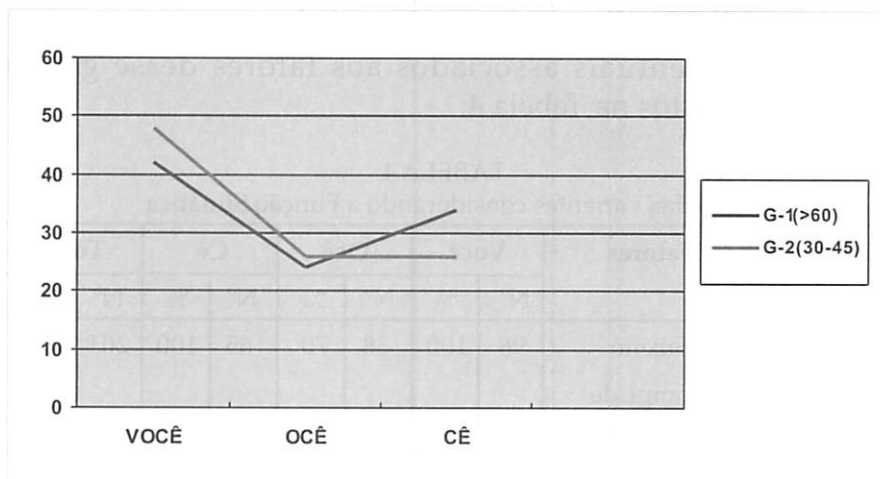


GRÁFICO 2 - Distribuição das variantes na fala de cada faixa etária considerada

A variante inovadora *ocê* mostra-se ligeiramente menos frequente na fala da geração mais velha (24%) do que na fala da geração mais nova (26%), que a utiliza em percentual idêntico ao associado à forma mais inovadora *cê*, ou seja, a ocorrência da forma *ocê* não revela resistência significativa na competição com a variante mais inovadora. Mas o comportamento quase idêntico dos dois grupos de falantes quanto ao uso da variante *ocê* chama a atenção na medida em que essa variante é a menos prestigiosa (chegando a ser estigmatizada), de modo que, supostamente, seria evitada pelos falantes mais jovens, responsáveis pelo mais alto percentual de uso da variante *você*, reconhecida como a forma da norma-padrão. Esses fatos suscitam questões, e a primeira remete ao grupo de fatores função sintática exercida pelas variantes, considerado na análise e possível fundamento para a formulação da seguinte hipótese:

A frequência relativamente alta da forma *ocê* pode ser explicada pela posição que essa forma ocupa nas estruturas sintáticas, por ser a sua ocorrência concentrada na função de complemento de preposição (implicando contrações de preposição com uma vogal, no caso, segmento da forma pronominal: “de + o(cê)”, “pra + o(cê)”).

Os percentuais associados aos fatores desse grupo podem ser vistos na Tabela 4:

TABELA 4  
Uso das variantes considerando a Função Sintática

Grupos de Fatores	Fatores	Você		Ocê		Cê		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Função Sintática	Sujeito	98	100	38	70	65	100	201	93
	Compl. de preposição	0	0	16	30	0	0	16	7
<b>TOTAL</b>		98	100	54	100	65	100	217	100

Os percentuais contidos na Tabela 4 mostram que a forma *ocê*, embora sendo a única registrada na função de complemento de preposição (em 16 casos), ocorre muito mais na posição de sujeito (38 casos). Isso significa, portanto, que a sua ocorrência na fala dos mais jovens (somando 30 casos) não se deve à razão estrutural acima hipotetizada.

Os percentuais de uso das variantes exibidos através da Tabela 3 suscitam, também, esta segunda questão: Como se explica a aparente contradição revelada na fala dos mais jovens, que, apesar de usarem preferencialmente a variante *você* (de prestígio), usam a forma *ocê* (menos prestigiosa) na mesma frequência que os mais velhos?

A primeira parte da referida contradição parece se explicar pela experiência dos falantes com a escrita, ou seja, na medida em que *você* é a variante da norma-padrão, a preferência pelo seu uso parece resultar da atuação do grupo de fatores Grau de contato com a escrita sobre o comportamento

da variável, previamente estabelecido. Conforme explicitado na subseção 2.1 deste estudo, o “estilo de vida” não foi considerado, por hipótese, como elemento relevante a ser considerado na análise de fatos linguísticos observados na comunidade beloalense. Tal decisão justifica-se pelo fato de o “estilo de vida” não se mostrar como um elemento capaz de sustentar uma distribuição dos lugares mais ou menos prestigiosos nessa comunidade, na qual, se observa que: de um lado, o acesso aos bens que trazem satisfação psicológica (fundamento para a distinção de diversos “estilos de vida, conforme Nicolau, 1984) são compartilhados por pessoas que desfrutam e que não desfrutam de prestígio político e social; de outro lado, o prestígio político e social é desfrutado não só por pessoas às quais o referido acesso é permitido. Em vista disso, foi considerado como relevante para a explicação do comportamento da variável o Grau de Contato com a escrita, constituindo um grupo com dois fatores: Grau 1 (pouco contato que o falante tem com a escrita, em virtude das suas atividades profissionais, que não exigem trabalho intelectual e/ou contato com textos impressos); Grau 2 (intenso contato que o falante tem com a escrita, em virtude das suas atividades profissionais – que exigem trabalho intelectual e, portanto, contato com textos impressos – e político-sociais, que exigem leitura de leis, documentos e textos impressos vinculados na mídia.

No entanto, essa relação, expressa através dos valores contidos na Tabela 5, a seguir, não aponta para esse sentido, pois: os falantes que têm pouco contato com a escrita (Grau 1) figuram como os responsáveis pelo total de casos da variante *cê* e pelo índice significativamente mais alto de ocorrência da forma *ocê* mas, também, pela frequência mais alta da variante *você*:

TABELA 5

Comportamento da variável, segundo o Grau de Contato com Escrita

Grupo	Fatores	Você		Ocê		Cê		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Grau-contato com a escrita	Grau 1: Pouco contato	79	81	50	93	65	100	194	89
	Grau 2: Intenso contato	19	19	4	7	0	0	23	11
<b>TOTAL</b>		98	100	54	100	65	100	217	100

Diante desse resultado, procedeu-se à observação dos dados atentando-se para os diversos perfis exibidos pelo grupo de falantes que constituíram a amostra utilizada na pesquisa, esboçados com base na combinação de Idade, Grupo de maior convivência (estabelecido tendo-se em vista o maior tempo de permanência na área urbana ou na área rural) e Papel social do falante. Assim, foi possível distinguir seis subgrupos de falantes compondo a amostra, caracterizados no Quadro 1, abaixo, onde são mencionadas as variantes registradas na fala de cada subgrupo formas:

QUADRO 1

Uso das variantes pelos subgrupos que compõem a amostra

Idade	Grupo de maior convivência - Área		Papel social		Formas usadas
	Urbana	Rural	[+Prestígio]	[-Prestígio]	
G-1 (> 60 anos)	1		1		Nomes > você
		2		2	Ocê > Cê
		3	3		Cê > Ocê
G-2 (30-45 anos)	4		4		Você
		5	5		Cê > Ocê
	6			6	Você > Cê

A forma *você* é registrada na fala daqueles que convivem na área urbana, onde é mais frequente na fala dos mais novos, cedendo espaço para maior uso de nomes na fala dos mais

velhos que exercem papel social de prestígio (professor, historiador, ex-prefeito), em cujas entrevistas predominam reflexões, exposição de opiniões e relatos de fatos históricos e políticos com identificação das pessoas neles envolvidas.

A forma *ocê* é registrada na fala daqueles que convivem na área rural, onde é mais frequente na fala dos mais novos, cedendo espaço para maior uso da forma *cê* na fala dos mais velhos que exercem papel social de prestígio (em cujas entrevistas predominam casos vivenciados, incluindo diálogos entre as pessoas neles envolvidas).

A forma *cê* é registrada tanto na fala daqueles que convivem na área urbana quanto na fala daqueles que convivem na área rural, e é menos frequente na fala dos mais novos, o que provavelmente se explica pelos seguintes fatos: na fala dos que convivem na área rural, é a forma preferencial dos mais velhos que exercem papel social de prestígio, na medida em que compete com a variante *ocê*, menos prestigiosa; na fala dos que convivem na área urbana, compete com a variante *você*, a opção mais usada pelos mais novos que, mesmo não exercendo papel social de prestígio, buscam usar a forma mais prestigiosa prescrita/exigida pela escola, com a qual ainda têm (ou tiveram até recentemente) contato intenso.

Atentando-se para as hipóteses específicas orientadoras da análise, resta, portanto, examinar a relação entre a Natureza do contexto linguístico e o comportamento da variável, expressa através dos valores contidos na Tabela 6:

TABELA 6

Uso das variantes considerando a Natureza do Contexto Linguístico em que ocorrem

Grupos de Fatores	Fatores	<i>Você</i>		<i>Ocê</i>		<i>Cê</i>		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Natureza do contexto linguístico	Interpretação Definida	79	81	45	83	51	78	175	81
	Interpretação Indefinida	19	19	9	17	14	22	42	19
<b>TOTAL</b>		98	100	54	100	65	100	217	100

A distribuição do uso das três variantes entre os dois contextos de interpretação mostra que os contextos de interpretação definida são os que ocorrem com mais frequência (175/217), e a maioria desses contextos (79/175) é preenchida pela forma *você*. Quanto à ocorrência de cada forma pronominal nos referidos contextos, *cê* figura mais frequentemente nos contextos de interpretação definida do que nos de interpretação indefinida; isso, no entanto, não significa *cê* estar ocupando espaços cedidos pela forma *você*, que, também, é mais usada nos contextos de interpretação definida. Assim sendo, a hipótese de especialização no uso das variantes estudadas (defendida por Ramos e Peres) não foi confirmada pelos dados de fala de Belo Vale.

### 2.2.1 Sobre o léxico dos falantes registrado nos dados analisados

Os dados analisados incluem alguns itens (e expressões) encontrados, apenas, na fala de belovalenses com idade acima de 70 anos, que são listados em (1), abaixo:

- (1) a. ... é só gritar X que os **impropérios** [palavrões] vem todos.  
(AR)
- b. ... e ele tinha também horário, o dia certo de **esmolar** nas casas dos outros (AR)
- c. ... pedindo a praga porque o fulano brigou com ele, tal e aquilo ... era a **cantilena** [o falar em excesso]; e cantava aquelas pragas o tempo todo. (AR)
- d. ... então eu falei com o padre: o senhor fica prevenido, porque se ele **saí comigo com má versão** [me agredir]...  
(AP)
- e. – E o L. foi escravo, então eles contavam que não era daqui, não era do... do... capitão. Meu bisavô é capitão....  
– Ah. O bisavô do senhor era capitão.  
– É, chamava ele di capitão AFS, mas não tinha nome de capitão, apelido de capitão, né.  
– Naquela época ganhava mesmo os títulos...



– É tudo comprava a **patena** né, tinha a **patena** [= patente] então... (LC)

f. ... num foi pra **agrává** [= ofender] o sinhô, não... (LC)

Mas, ao lado desses itens, já em desuso entre os belovalenses menos idosos, são encontrados itens que constituem elementos inovadores de variações comumente encontradas no PB, tais como o verbo ter alternando com o verbo haver (no sentido de existir), o que é atestado em (2):

(2) a. – Ah!... bem mais fácil, ensino hoje bem mais facilitado, com carro, **tem** merenda na escola, **tem** isso **tem** aquilo... meu tempo, não, **tinha** nem água, não dava nem água mesmo... as aulas, em Belo vale ... sem condições , nem água para beber...

– Então não tinha nada

– **Tinha** nada **tinha** nada , hoje **tem** tudo e a meninada não quer

– Verdade

– Só querem fazer bagunça , nada mais

– Verdade

– **Havia** mais respeito, nós tínhamos mais amor com as professoras, um respeito uma coisa louca ... Professora falava era uma vez só...

(...)

– Hoje acabou a central Brasil (...) acabou com lugares igual Belo Vale, Jeceaba... acabou com Lafaiete, estação de Lafaiete não **tem** mais nada, Moeda... (TN)

b. ... lá **tem** esses elementos por escrito ... na minha época **tinha**... naturalmente **deve ter** ainda, **deve ter**... guardado e, por outro lado, **deve ter** escrito até mais enriquecido ainda... é isso que eu espero, mas vou....(AP)

### 3 Conclusão: o que mostram os fatos observados

Com base nos dados da fala de Belo Vale, é possível concluir que:

- 1 – À semelhança da fala de diversas outras comunidades do território brasileiro (ressaltando-se que não só de Minas Gerais), a fala de Belo Vale exhibe casos de variação;
- 2 – A ocorrência de variantes linguísticas inovadoras comumente encontradas no PB é atestada na fala dos belovalenses, conforme mostra a análise da variação *você* ~ *ocê* ~ *cê* apresentada na seção 2 do presente estudo;
- 3 – Através dessa análise, foram obtidos índices de frequência de cada uma dessas variantes que evidenciam:
  - a) uso mais frequente da variante *cê* nos contextos de interpretação definida do que nos de interpretação indefinida, sendo essa a mesma relação registrada entre a ocorrência da forma *você* e os contextos considerados – o que significa que a hipótese de especialização no uso das variantes estudadas (defendida por Ramos e Peres) não se confirma;
  - b) preferência pela forma mais conservadora, *você*, independentemente da idade dos falantes; esse fato constitui indício de que a variação *você* ~ *ocê* ~ *cê* presente na fala de Belo Vale exhibe características de uma variável estável;
- 4 – A hipótese assumida na análise dessa variação – de que, nas regiões oriundas da ação dos Bandeirantes, são preservadas formas linguísticas conservadoras – impõe que qualquer fenômeno ao qual se associe indício da sua confirmação deve ser interpretado considerando-se tal fenômeno também em outras regiões – tanto com, quanto sem, a referida origem; os resultados da análise do uso das formas pronominais *você* ~ *ocê* ~ *cê* na fala de Belo Vale comparados aos obtidos por análises da fala de duas outras regiões de Minas Gerais (a análise de Ramos, 1997, que focaliza a fala de Belo Horizonte, e a análise de Coelho, 1998, que toma como objeto a fala de São Francisco, no Norte de Minas) apontam no sentido de confirmação da referida hipótese, como mostra a Tabela 7, a seguir:

TABELA 7  
O uso das formas *você ~ ocê ~ cê* em Belo Vale, BH e São Francisco

Variantes	Belo Vale		Belo Horizonte		São Francisco	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
VOCÊ	98	45	112	33	125	20
OCÊ	54	25	41	12	142	23
CÊ	65	30	189	55	355	57
TOTAL	217	100	342	100	622	100

- 5 – Alguns elementos lexicais encontrados na fala do município de Belo Vale também confirmam a hipótese geral da investigação, de que por ser um município cuja origem remonta a ação dos Bandeirantes, esse município seria uma das regiões do Brasil nas quais ainda se preservam traços já antigos da língua portuguesa.

## Referências

COELHO, Maria do Socorro V. *Uma abordagem variacionista do uso da forma Você no Norte de Minas*. Dissertação (Mestrado), Belo Horizonte, UFMG, 1999.

COHEN, M. A..A. *et alii*. O projeto Filologia Bandeirante. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 1, p. 9-94, São Paulo, 1997.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford, Blackwell, Vol. 1, 1994.

NICOLAU, E. M. D. *A Ausência de Concordância Verbal em Português - uma abordagem sociolinguística*. Dissertação (Mestrado), Belo Horizonte, UFMG, 1984.

NICOLAU, E. M. D. Sobre o português falado em Belo Vale/MG no início do Século XXI. Projeto de pesquisa aprovado pelo Departamento de Letras Vernáculas, FALÉ/UFMG (e pela FAPEMIG, como integrante do projeto: *Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua das Gerais*). FALÉ/UFMG, 2001.

PERES, Edenize Ponzo. *O Uso de Você, Ocê e Cê em Belo Horizonte: Um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real*. Tese (Doutorado), Belo Horizonte, UFMG, 2006.

RAMOS, Jânia M. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval da. (Org.). *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Ed. Idéia, 1997.

RAMOS, Jânia M. O surgimento de um novo clítico no português brasileiro: análise quantitativa e qualitativa da forma cê. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). *Estudos de sociolinguística brasileira e portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 2000.

SITE: <http://www.belovale.mg.gov.br/index-1.html> . Acesso em 26/10/2010.

## Descrição e análise das preposições em dois recortes sincrônicos: dados orais da região de Sumidouro – MG e do Livro das Aves

*Maria Auxiliadora da Fonseca Leal\**  
*Soelis Teixeira do Prado Mendes\*\**

**RESUMO:** Descrevemos e analisamos sumariamente as preposições portuguesas em dois recortes sincrônicos: dados orais da região de Sumidouro – MG, constituído de estruturas autênticas corridas naturalmente na fala e o Livro das Aves (século XIV), cujo objetivo foi descrever e sistematizar as preposições mais freqüentes nas duas sincronias observadas. Para tal, utilizamos como suporte teórico/metodológico o Software “WordSmith Tools” adotado na Linguística de , através da das ferramentas denominadas “Concord” e “WordList”. Observou-se que as preposições mais recorrentes nos dados são de, para, com, em, a e por.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preposições. Descrição. Análise. Sincrônico.

**ABSTRACT:** We have described and analysed briefly the portuguese prepositions in two clippings synchronic: oral data from the Sumidouro region - MG, structures consisting of occurring in authentic speech and Livro das Aves (14<sup>th</sup> century), whose goal was to describe and to systematize the most frequent prepositions in both synchronicities observed. To this end, we used as theoretical and methodological support the Software “WordSmith Tools”, adopted in Linguistics, through the tools called “Concord” and “WordList. It was observed that the most frequent prepositions found in the data are de, para, com, em, a and por.

**KEYWORDS:** Prepositions. Description. Analysis. Synchronic.

---

\* Professora Adjunta da FALE/UFMG. Contato: [dorale230@yahoo.com.br](mailto:dorale230@yahoo.com.br)

\*\* Doutora em Linguística pela FALE/UFMG.  
Contato: [soelismendes@ufpa.br](mailto:soelismendes@ufpa.br)

## 1 Introdução

No presente trabalho, investigamos o uso das preposições em dois recortes sincrônicos de épocas diferentes, utilizando como material de reflexão dados coletados na região de Sumidouro<sup>1</sup> – Minas Gerais e dados de um manuscrito do português antigo denominado *Livro das Aves*, cuja edição crítica foi elaborada sob orientação de N. ROSSI. O texto vem precedido de uma introdução, na qual seus autores examinam detidamente as características do manuscrito, comparam o texto português com o original latino e tecem comentários acerca da linguagem arcaica da referida obra.

A escolha do texto arcaico não foi aleatória, conforme o tradutor, repetindo o texto latino (cf. *Prologus alter*), se propõe a escrever para os “símplezes” e não para os “letrados”. Segundo os editores, o fato de se ter em vista a fidelidade desse propósito, e, devido à singularidade como “volucário medieval em português”, por si só, justifica-se a edição.

Ainda de acordo com os editores, o autor da tradução portuguesa é desconhecido. O códice pertenceu ao Dr. Jorge de Faria, que o emprestou à Biblioteca Nacional de Lisboa, onde, por volta de 1925, “foi lido e copiado por Pedro de Azevedo”, o qual caracteriza a letra do manuscrito como pertencendo ao século XIV. Embora seja um texto fragmentado, o *Livro das Aves* é um dos manuscritos portugueses antigos mais preciosos e conhecidos, daí a sua escolha como texto em prosa representativo do século XIV, para a análise das preposições portuguesas, no confronto com os dados do século XXI, coletados na região de Sumidouro, Minas Gerais.

Deve-se esclarecer que o fato de propormos um exame descritivo para as preposições portuguesas, envolvendo dois recortes sincrônicos de épocas diferentes e de modalidades diversas, não invalida nossa proposta de análise, pois como já

---

<sup>1</sup> O termo **Sumidouro** se refere a um sumidouro debaixo de uma pedra, através do qual há uma passagem de água que desemboca no rio das Velhas. O termo é tradução do vocábulo indígena **Anhonhecanhuva** que significa água que some.

é sabido não há como reconstituir a modalidade oral de épocas pretéritas a não ser através de textos escritos.

A pesquisa se iniciará com os dados da modalidade oral contemporânea, nos moldes de Labov “o emprego do presente para explicar o passado” e voltando ao presente no movimento de vai-e-vem típico dos estudos diacrônicos: presente > passado > presente. Atentaremos para o fato já observado por alguns pesquisadores de que a falta de normatização gramatical e ortográfica da língua portuguesa arcaica permite que variações da modalidade oral se manifestem muito mais facilmente nestes textos escritos. De acordo com Milroy (1992: 132),

o fato de as línguas de períodos anteriores serem tão variáveis, estes períodos, deveriam, em princípio, estarem aptos para o mesmo tipo de análise que utilizamos na dialetologia atual. Assim, ao utilizarmos métodos variacionistas, seríamos capazes de explorar pelo menos alguns limites na variação que pode ter existido na língua medieval.

Segundo o Autor, em uma comunidade atual esses limites podem ser observados na língua falada. Devemos localizá-los, na língua medieval, inicialmente, através da escrita. A variedade da língua escrita de sincronias passadas deveria servir de fonte, em vez de obstáculo, para as análises linguísticas contemporâneas. Também Cohen (1994: 2) argumenta:

Ao trabalhar com textos escritos de épocas pretéritas o lingüista não disporá da possibilidade de testar suas hipóteses com falantes/ouvintes da época em que foi escrito: fará uma descrição sincrônica necessária – e relativamente uniformizada. A variação lingüística será, portanto, reduzida em sua análise, obscurecido, conseqüentemente o “locus” onde detectar mudanças. O estudo das mudanças se efetivará, no âmbito leitor/escritor e não no âmbito falante/ouvinte.

O pesquisador que lida com análise de períodos passados da língua não tem como fugir a esse paradoxo que, a nosso ver, pode ser minimizado à medida que o linguista garante uma descrição/análise isenta de sua intuição de falante/leitor de língua moderna contemporânea para os textos antigos.

Segundo Cohen, op. cit., p. 3, “o lingüista histórico à maneira do arqueólogo terá de proceder a um trabalho de reconstituição de dados, a partir de textos muitas vezes fragmentados”. No entanto, o conhecimento da língua contemporânea servirá de referência para contrapor a projeção da nossa leitura de textos antigos.

As preposições portuguesas referentes ao período pretérito foram analisadas tendo como parâmetro um texto em prosa. Segundo Mattos e Silva (1989), é este estilo que melhor permite inferências quanto à modalidade oral da época, na possibilidade de comparação com dados hodiernos, nos moldes laboviano.

A representatividade do *corpus* é de suma importância. Para que isso ocorra é necessário buscar evidências que o aproxime da forma mais autêntica possível. Por isso adotamos uma abordagem empirista que, com se sabe, privilegia os dados provenientes da observação da linguagem, reunidos sob a forma de um *corpus*. Focalizamos, de um lado, os dados coletados na região de Sumidouro – Minas Gerais (doravante RS) como resultado de 8 horas de gravações em fitas cassetes de 4 informantes com mais de 70 anos, dois homens e duas mulheres, que fazem parte do Subprojeto vinculado a um Projeto maior intitulado: *Projeto “Pelos Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais”*.<sup>2</sup> De outro lado, examinamos a obra *Livro das Aves* (doravante LA), do século XIV, com o intuito de apresentar uma análise descritiva parcial das preposições portuguesas. Partimos do pressuposto de Douglas Biber (1996) “abordagem baseada em corpus”, sem, entretanto, deixar de verificar a linguagem em uso em um contexto social como em Stubbs (1998). Além das razões expostas acima, foi esse o outro motivo principal da escolha do referido material para compor os *corpora*.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Projeto coordenado pela professora Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

<sup>3</sup> Plural do vocábulo latino “*corpus*”.



## 2 Análise quantitativa

Identificou-se, inicialmente pela *wordlist* 3.621 *types* e 35.693 *tokens* para as transcrições da região de Sumidouro (RS) e 1.745 *types* e 7.945 *tokens*, para a obra *Livro das Aves* (LA). Em Linguística de *corpus*, “tipo” – em inglês, *type* – denomina qualquer item lexical que aparece em um determinado *corpus*. A palavra ocorrência ou token, em inglês, significa o número de vezes que cada tipo figura em um *corpus*. Veja a tabela 1

TABELA 1

	Região de Sumidouro	<i>Livro das Aves</i>	Total
<i>Types</i>	3.621	1.745	5.366
<i>Tokens</i>	35.693	7.945	43.638

Edwards (1998), em seu texto intitulado: “based descriptions of English” destaca a utilização de alguns tipos de *corpus* já organizados para estudos comparativos de várias classes de palavras. No *Brown corpus*, por exemplo, 12,21% de todas as palavras são preposições. No *LOB corpus*, 12,34%. Nos dados, por nós coletados, as preposições estão na relação daquelas classes de palavras que apresentam as maiores taxas de ocorrência, tanto nos *corpora* contemporâneos, quanto pretéritos. Os nexos preposicionais têm um importante papel/função para o estabelecimento da coesão intra-proposicional, sobretudo, pelo conceito de ligação lexicalizada em termos de *lugar, duração, associação, agência, tempo, causa*, dentre outros. A tabela 2, abaixo, evidencia uma visão panorâmica da frequência de ocorrência das preposições portuguesas “simples” ou “essenciais” utilizadas pelos informantes da RS e as mais empregadas no LA, de acordo com a *wordlist* do Programa *WordSmith Tools*.

TABELA 2

Preposições	Região de Sumidouro	Total	Livro das Aves	Total
A		90		67
Ante		0		4
Até	(até 80/~té 11/~inté 2)	93	Ata (que)	1
Após		0		0
Com	(com/cum)	303	(com= 4/com= 7/cõ= 8)	19
Contra		0	Cõtra	10
De		737		183
Desde		7		0
Em		133	(en= 103 / (ẽ= 3)	106
Entre		1	antr'	4
Para	(pra/pro)	447	(pêra= 60 / para= 1)	61
Perante		2		0
Por	(por 57/pur 27)	84	(per= 73/ por= 32)	105
Sem		37	(sen= 9/ sê= 5)	14
Sob		0		zero
Sobre		0	(sobr'= 6/sobre= 6/sobrelo/a/os/as= 8)	20
Trás		3		0

Tratamos, nesta tabela, das preposições constituídas de um só elemento, tradicionalmente denominadas de preposições “essenciais” conforme Bechara (2001), Cunha (1983), Maciel (1931). Os itens preposicionais mais recorrentes, no *corpus* da sincronia hodierna são, respectivamente, **de**, **para** (pra/pro), **com** (cum), **em**, **até**, **a**, **por** (pur) e **sem**. Já na sincronia pretérita, por ordem de frequência, temos: **de**, **em~ẽ**, **per~por**, **a**, **pera~para**, **sobr'~sobre~sobrelo/a/os/as**, **com~con~cõ** e **sen~sê**. Vimos pela tabela acima que a preposição **de**, segundo os *corpora* documentados, é, dentre todas as preposições, a mais frequente. Segundo a lista de palavras do *software* utilizado para a análise quantitativa, este é o vocábulo que aparece em 5<sup>o</sup>. lugar no rol de todos os itens mais recorrentes em ambas as sincronias.

### 3 Discussão dos dados

Bechara (2001) denomina “essenciais” as preposições *a, ante, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás*. No entanto, na seção dedicada ao “emprego da preposição”, ele arrola apenas nove, quais sejam, *até, com, contra, de, em, entre, para, por* (e *per*). Provavelmente dando um indício de que estas são as preposições mais usuais na língua. Ademais, o referido autor não relaciona o item *após* na lista das preposições “essenciais”.

Já Cunha (1983) classifica as preposições *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por* (*per*), *sem, sob, sobre, trás* quanto à forma como preposições simples denominando-as, também, “essenciais”, para se distinguirem de certas palavras que, segundo ele, “pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições e, por isso, se dizem preposições *acidentais*”. Define-as como vocábulos gramaticais invariáveis que relacionam dois termos de uma oração. O “antecedente” é explicado ou completado pelo sentido do “conseqüente”. À página 515 afirma que “as relações sintáticas que se fazem por intermédio de preposição obrigatória selecionam determinadas preposições exatamente por causa do seu significado básico. Cf. o verbo “combinar com”.

Maciel (1931) assegura que as preposições são palavras intervocabulares que indicam a relação sintática entre dois termos, a saber, “antecedente e conseqüente”. Classifica como “*próprias ou essenciais*” as preposições *a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sobre, sob, trás*, também denominadas por ele de “palavras de natureza preposicional”. No entanto, diferentemente de Cunha, op. cit., não utiliza o termo “*acidentais*” para classificar as palavras que funcionam, às vezes, como preposições. Maciel as intitula “*palavras preposicionais*” que, segundo ele, são usadas, porém “invariavelmente”, como preposição. Apesar de não ter relacionado o item *perante* na seção das preposições ditas “essenciais”, Maciel a inclui na lista das preposições que indicam “relações de trajeto”.

Bechara não apresenta em sua relação de preposições “essenciais” *após* e *per*. No entanto, ele menciona a preposição

*per* ao lado de *por*, ilustrando o emprego daquela com as formas antigas do artigo definido: lo(s), la(s), ao explicar as “combinações” e “contrações” preposicionais. Em síntese, Bechara lista 16 itens preposicionais ditos “essenciais”, Cunha (1983) relaciona 18 preposições acrescentando *após* e *per* que não foram incluídas na relação de Bechara, e Maciel cita 17 preposições, não incluindo em sua lista *perante*, mas a contempla quando fala das relações expressas pelos itens preposicionais.

Dentre as relações expressas pelas preposições, Bechara destaca as relações de “fim, meio, instrumento, modo, lugar, aproximação, semelhança, distribuição, preço, posse, introdução de complementos, matéria, razão, causa, assunto, posição, medida, lugar onde, tempo, destinação, preço, avaliação”. Cunha chama atenção para a idéia de “*movimento global*” que envolve espaço, tempo, noção e *situação* que engloba também espaço, tempo, noção. Já Maciel ressalta as relações de “assunto, causa, companhia, conformidade, distância, exclusão, fim, favor, instrumento, lugar onde, lugar d’onde, lugar por onde, lugar para onde, matéria, medida, meio, modo, oposição, origem, preço, quantidade, tempo, substituição, relatividade”, etc.

Deve-se observar que embora não seja utilizada, no português hodierno, a preposição “*per*” continua a ser arrolada na lista das preposições portuguesas, sem nota explicativa para demonstrar que esta preposição foi amplamente utilizada em textos pretéritos e não mais em textos contemporâneos. Atualmente, temos resquícios dessa preposição apenas nas combinações preposicionais, quando, por um processo de assimilação, ela ocorre ligada a lo(s), la(s): formando as contrações pelo(s), pela(s). De outro lado, a preposição *pera* que era coetânea da preposição *per* não foi citada por nenhum dos três autores consultados. Assim como a preposição *por* substituiu *per*, também *para*, por sua vez, substituiu *pera*, segundo pesquisas por nós realizadas, talvez esta mais tardiamente que aquela.

As hipóteses que orientam esta pesquisa situam-na no centro das discussões relacionadas ao caráter científico das investigações que consideram a enunciação como fonte de pesquisa e a teoria da linguagem que trata a língua como uma atividade social, considerando-se a língua em uso. O suporte metodológico para a análise dos dados segue todas as linhas de pesquisas propostas por vários estudiosos de fenômenos linguísticos do inglês que adotam a linguística computacional como ferramenta de trabalho, dentre eles Sinclair (1991), (1995), Atkins, S. *et al* (1992), Filmore (1992), (1993), Stubbs (1996), Leech (1997), Kennedy (1998), Biber *et al* (1998) e Sardinha (2000).

#### 4 Descrição das preposições nos *corpora* da região de Sumidouro - MG

##### A preposição a

1ª. posição à esquerda do <i>a</i>	1ª. posição à direita do <i>a</i>
Verbos (58%) "... aí eu continuei a caíno caíno..."	Verbos (48%) "...bê...cumeçô a vendê pruns aos ..."
Nome (40%) "...casei com ela, graças a Deus setenta ano[s]..."	Nome (41%) "...quando cheguei a Be[l]o [Hori]zonte..."
Adv./prep.(2%) "...eu ajudei muito a conservá...esse..."	Adv. Pron.(11%) "...ela passô a num querê..."
"... [es]tava contan[d]o a a serhora..."	"...a me ajudô a me levantá..."

O item *a*, nos dados da região de Sumidouro, apresenta cerca de 1.260 ocorrências. No entanto, após a triagem verificou-se que apenas 90 itens funcionam como preposição. Isso pode ser verificado pelo fato de o *a* poder exercer várias funções gramaticais como, por exemplo, artigo definido feminino, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo átono de 3ª. pessoa do singular. Nos dados sob análise, 80% das ocorrências de *a* são como artigo definido, apenas 7% dos casos são itens preposicionais. Diante do exposto, pode-se inferir que a preposição *a* parece não ser tão usual na língua como se imagina, na modalidade oral hodierna. Nos dados da RS ela ocorre ligada prioritariamente a sintagmas nominais, cerca de

35% dos casos, com ênfase na expressão “graças a Deus” que, curiosamente, aparece em 28 das 90 construções. O informante 4 foi o que mais a utilizou (17 vezes), já o informante 1 não a empregou em nenhuma circunstância. Parece tratar-se de uma expressão já cristalizada e muito recorrente na modalidade oral, principalmente, entre os mais idosos. Nos demais contextos, o **a** aparece ligado a verbos como *começar a, continuar a, ajudar a, contar a,*<sup>4</sup> etc. Na 1<sup>a</sup>. posição à esquerda do **a** e na 1<sup>a</sup>. posição à direita ocorrem, preferencialmente, itens verbais, cerca de 58% do total de casos.

As relações estabelecidas pelas preposições são diversas e variadas. Nesta pesquisa optamos por ilustrar mais exaustivamente as relações expressas pela preposição **de**, nosso maior foco de interesse.

A preposição **ante** não ocorre nos dados da RS. É um item pouco utilizado nessa modalidade da língua.

O item **até**, para Cunha (1983), indica **movimento**, aproximação a um limite com insistência nele: a) no espaço, b) no tempo. No entanto, à página 298, o autor diz que **até** denota inclusão e equivale a **mesmo, também, inclusive**. “E até eu já tive hoje quem me oferecesse champanhe” (J. Régio, SM, 156 *apud* Cunha, 1983). Observamos que o referido autor inclui **até** na relação das palavras que indicam inclusão. Vejamos então o ambiente de ocorrência desse item no *corpus* sob análise:

Utilizando a ferramenta “concordance” do Programa *WordSmith Tools*, registramos 93 entradas de **até** e suas variantes nos *corpora* da RS. O seu uso é bem restrito, apesar de ocorrer ligado a muitos contextos.

---

<sup>4</sup> Ao contrário do que imaginamos, as pessoas falam segundo a norma culta. É óbvio que a modalidade oral apresenta características diversas da modalidade escrita sem “ferir”, no entanto, os princípios da comunicação. Vale notar que em construção com o verbo **continuar** os informantes empregam categoricamente a preposição **a** antes de formas infinitivas.

Até~té~inté

1 <sup>a</sup> . posição à esquerda do até~té~inté	1 <sup>a</sup> . posição à direita do até~té~inté
Verbo (27%) "...o médico era até bonzinho..."	Nome (35%) "...com a vida até Deus deixá[r]..."
Adv.(24%) "...éa fico aí até eu arrumá ..."	Pron. (15%) "...morreu...até eu tava no coisa..."
Nome (20%) "...pronto socorro até que num tava..."	Adv. (10%) "...ele até muito competente..."
Pron.(18%) "...eu sinto ela até hoje...aí..."	Prep. (16%) "...pra lá te de noite ês vem tucaia..."
Introdutores(7%) "...inté hoje nun[ca]/nunca..."	Num. (8%) "...comi até dez horas..."
Conj. (4%) "...e até poços dii'...'lambique..."	Verbo (16%) "...mixi até levano mercaduria..."

O contexto de uso do até é bastante diversificado na modalidade oral, o que dificulta a sua sistematização, pois ele ocorre ligado a várias classes gramaticais. Na verdade, esse item parece funcionar muito mais como vocábulo de inclusão, reforçando uma ideia, que como simplesmente um nexo prepositivo. Essa assertiva pode ser confirmada pela ocorrência de outra preposição ou palavra de igual teor como **mesmo**, **então**, **que**, junto ao até. Portanto, não podemos incluí-lo no rol das preposições simples como fizeram os autores das gramáticas consultadas. Além disso, até não se comporta como as outras preposições, isto é, apenas relacionando dois termos de uma oração. Assim sendo, ele deveria estar no rol das chamadas preposições "acidentais", que, segundo as gramáticas normativas, são palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições. É como uma preposição "acidental" que até ocorre sistematicamente em nossos dados. Nos textos examinados, o item sob análise funciona como um elemento introdutor, na enunciação, após uma longa pausa. Esse dado demonstra que uma análise descritiva que leva em conta a língua em uso facilita a percepção de ocorrência real dos

fenômenos que, de fato, aparecem na língua, nos livrando de certas ilusões.

O item **após** não aparece nos *corpora* da RS. Pode ser uma lacuna dos nossos dados; no entanto, pode ser também uma preposição pouco usual na fala, possivelmente devido a sua característica mais formal.

## Com~Cum

1. <sup>a</sup> posição à esquerda do <i>com~cum</i>	1. <sup>a</sup> posição à direita do <i>com~cum</i>
Verbo (67%) "...e num teve <b>com</b> ela...nessa hora..."	Nome (42%) "...sofre <b>cum</b> coisa que..."
Conj. (19%) "...E eu <b>com</b> onze ano, meu pai..."	Pron. (38%) "...e num teve <b>com</b> ela..."
Adv.(11%) "...ele chega aí <b>com</b> a família..."	Num. (20%) "... [es]tá <b>com</b> sete ano[s], nunca..."
Introdutores(3%) "... <b>Com</b> o mistério de Deus..."	

Observou-se, pela descrição acima, que a preposição **com** parece ter um status prototípico de nexos preposicionais. O que comprova a sua alta incidência nas relações entre termos de orações, ligando verbos e nomes. Dois aspectos interessantes evidenciados no *corpus* são: a co-ocorrência de **com** junto a numerais para indicar um limite de tempo e o seu uso como elemento introdutor em construções do tipo de: "com a força de Deus".

A preposição **contra** não foi documentada nos *corpora* da modalidade oral da RS.



De

1 <sup>a</sup> . posição à esquerda do <i>de</i>	1 <sup>a</sup> . posição à direita do <i>de</i>
Nome(49%) "...tipo o instrumento <b>de</b> congado ..."	Nome (46%) "...é o fim <b>de</b> ano outubro..."
Verbo 23%) "...que não deixo <b>de</b> jeito nenhum..."	Pron. (20%) "...fuman[d]o per]to] <b>de</b> meu pai..."
Adv.(6%") "...gosto muito <b>de</b> ficá na ca' ..."	Verbo (15%) "... ea acabô <b>de</b> morrê..."
Pron. (5%) "...os remédio tudo <b>de</b> acordo..."	Adv.(10%) "...esse oro é <b>de</b> lá também..."
Prep. (9%) "...eu...té <b>de</b> meus irmão[s]..."	Prep.(6%) "...exploradô[r] <b>de</b> <b>de</b> problemas..."
Introdutores(5%) "... <b>De</b> novo; éé jogo né <b>de</b> sinuuca..."	Num. (3%) "... O minino <b>de</b> dez ano[s]..."
Conj./num.(3%) "...durmo não! E <b>de</b> novo... é sete <b>de</b> agosto..."	

A preposição **de** dentre todos os itens preposicionais é a mais frequente e a que apresenta maior variabilidade de uso. Esta preposição, nos *corpora* por nós observados, introduz complementos nominais e complementos verbais. Exerce função de ligação entre dois sintagmas nominais, indica distância, origem, matéria, proximidade, especificidade, localização, reforço, quantidade, definição de datas, se liga a verbos, advérbios, nomes, locativos, conjunções e a outras preposições para indicar ênfase, etc. Enfim, devido à gama de variedades de relações por ela expressa é praticamente impossível arrolar todas elas sem cometer algum tipo de equívoco, portanto, por ora, citamos apenas algumas relações por ela expressa.

Segundo Edwards op. cit., o ambiente linguístico no qual ocorre a preposição **de** é um fator determinante para sua alta incidência. O padrão dominante de uso onde **de** combina com nomes precedentes e seguintes para expandir o grupo nominal, segundo ele, é de extrema importância. De outro lado,

preposições como **a**, **por**, **para**, revelam um desenvolvimento cujo comportamento se apresenta de uma forma mais restrita.

Deve-se destacar, ainda, que, de um modo geral, as preposições são itens muito utilizados na língua para exercer várias funções. Embora pareça um assunto simples, Sousa da Silveira (1951), que escreveu uma obra sobre a *Sintaxe da Preposição de* nos alerta para o fato de que “um dos pontos de sintaxe que, a quem deseja conhecer bem a língua, importa estudar com atenção é o emprego das preposições”. Diferentemente dos outros nexos prepositivos, o **de** é a preposição que pode substituir “sem prejuízo de sentido” várias outras preposições, dentre elas, **em**, **por**, **para**, **locuções**, etc. Vejam-se alguns exemplos:

(1) “...até agora ele entrô de de (**em=no**) emedebê junto com...”

A preposição **de** ocorre, ainda, precedida de infinitivo ligada a verbos transitivos como:

(5) “...intão...di/ **prometeu de fazê** e e tá certo em...”

(6) “... não...num **pricisa de procurá** ambulança ...”

(7) “...“não eu vem”... **marcô de vim** aí eu fiz o doce...”

(8) “... a gente vai buscá **divia de i** né?...”

Deve-se observar que a regência dos verbos **combinar**, **dever**, **prometer** e **precisar** ligados através da preposição **de** ao infinitivo, presentes nos *corpora* da RS, aparece em 100% dos casos. Apesar de a NGB<sup>5</sup> condenar tais regências, nos textos examinados, todas as ocorrências encontradas seguem esse

---

<sup>5</sup> Nomenclatura Gramatical Brasileira, conforme Portaria N. 36, de 28 de Janeiro de 1959.

Art. 2º. Aconselhar que entre em vigor:

a) para o ensino programático e atividades dele decorrentes, a partir do início do primeiro período do ano letivo de 1959;

b) para os exames de admissão, adaptação, habilitação, seleção e do art. 91, a partir dos que se realizarem em primeira época para o período letivo de 1960.

padrão. Percebe-se que o regime desses verbos já apresenta uma nova forma no português contemporâneo. Não houve nenhum caso de emprego da regência, segundo a gramática normativa, qual seja, verbo transitivo não precedido pela preposição **de** antes infinitivo. Em todas as situações de uso, os referidos verbos foram empregados categoricamente ligados pela preposição **de**. A regência verbal é um fenômeno polissêmico. No português contemporâneo, muitas regências seguem padrão diverso daquele proposto pela NGB. Ademais, pelo fato de a regência ter sempre uma relação direta com o “estilo” individual, ela é um fenômeno dinâmico que está vinculado, inclusive, às instituições sociais. Stubbs (1996), ao discutir as principais idéias de Firth, Hill e Giddens quanto às linguísticas institucionais e sua relevância no desenvolvimento da linguagem afirma que muitos fatos sobre a linguagem são fatos sociais. Há uma estreita relação entre análises institucionais e análises textuais. Para ele, tipos de textos e gêneros têm estabilidade por causa das instituições sociais.

A regência, em nosso ponto de vista, é um fenômeno social que expressa as relações sintáticas segundo uma perspectiva institucional. Firth (1957) propõe uma abordagem linguística essencialmente social. Essa visão da linguagem é relevante pelo fato de possibilitar uma análise que privilegia tanto os fatores estruturais como os não-estruturais. Uma regência não pode permanecer sempre a mesma. Se a cultura e as instituições mudam, também com elas mudam as formas de regência. Para Labov (1975a) “a análise do contexto social em que a língua é utilizada demonstra que muitos elementos da estrutura linguística estão imbricados à variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralingüísticos”. Não há como desvincular os fatores não-estruturais dos estruturais em uma pesquisa linguística.

A perspectiva do estudo da regência, por exemplo, segundo os fundamentos do contexto, da análise do texto orientado para o contexto, da língua como uma instituição social, da importância da rotina no desenvolvimento lingüístico, bem como a transmissão de cultura, dentre outros,

são aspectos fundamentais que devem ser levados em conta em qualquer visão de análise linguística hodierna. Assim como o significado emerge do contexto, a regência surge da necessidade de melhor expressar um sentimento, o qual varia e muda de acordo com o tempo. A língua é uma atividade social e por isso ela existe em função de seus falantes. Como oportunamente diz Firth (1957 b, p. 29) *apud* Sttubs (1996) “we are in the world, and the world is in us”. Por meio de *corpora* que possibilitam análises mais precisas e confiáveis temos evidências empíricas, acerca do funcionamento da linguagem, numa abordagem interativa instituição social e construção do sentido, por meio de vários fenômenos lingüísticos.

Diante do exposto, pode-se inferir, sem nenhuma pretensão, que esse fascinante nexos prepositivo **de** é o mais produtivo na língua contemporânea e, pelo que parece, também na língua pretérita, funcionando como uma preposição “curinga” em português a exemplo do pronome **que** na substituição dos relativos.

#### Desde~des

1ª. posição à esquerda do <i>desde~des</i>	1ª. posição à direita do <i>desde~des</i>
Nome(30,5%) “..minha filha, <b>desde</b> o tempo que eu...”	Nome (65%) “..filha, <b>desde</b> o tempo que eu....”
Prep. (30,5%) “...geral de <b>desde</b> criança qu’eu..”	Pron.(35%) “...mesmo partido... <b>desde</b> de mil novicento..”
Verbo (13%) “...qu’eu fa/dise <b>dês’</b> do início...”	
Pron.(13%) “...começan[do]de mim <b>desde</b> o nascimento...”	
Introdutor(13%) “ <b>Desde</b> novo...”	

Nos dados da RS, **desde~des** não é muito recorrente. Após o refinamento, identificamos apenas 7 entradas para esse item. As relações por elas estabelecidas parecem restringir-se à origem.

**Em**

1 <sup>a</sup> . Posição à esquerda de <i>em</i>	1 <sup>a</sup> . posição à direita de <i>em</i>
Nomes (33%) "...d'uma família <b>em</b> Pedro Leopoldo..."	Nomes (70%) "... a médica vem aqui <b>em</b> casa..."
Adv.(26%) "...azul que tem lá <b>em</b> riba..."	Adv.(23%) "...pega ost(l) <b>em</b> lá foora trazêê..."
Verbo (26%) "... medo é de fica <b>em</b> cima da cama..."	Pron.(5%) "... quem ta siguro <b>em</b> mim...num..."
Pron. (12%) "... ,e deixa eu <b>em</b> paz, mi[nh]a..."	Prep (1%) "... de a <b>em em</b> ...todos os canto..."
Prep. (1,5%) "... de a <b>em em</b> que sintido que..."	Num. (1%) "... num fizeram <b>em</b> quatro mêse..."
Introdutor (1,5%) " <b>Em</b> lapinh(a) ...só que..."	

A preposição **em**, curiosamente, foi empregada para indicar movimento, no sentido de um limite de interioridade, posição no interior de, dentro dos limites de, bem como para ilustrar o limite de uma localização ou de um espaço, posição em relação à, tempo determinado. Semelhante ao uso recomendado pela NGB.

Deve-se lembrar que todas as preposições da modalidade oral podem ser elementos introdutores, tanto após uma longa pausa, como também depois de um momento de interrupção do pensamento. Tanto é que, em geral, as preposições que ocorrem antes ou depois de outras preposições parecem exercer essa função de elemento de apoio.

**Entre**

Esse item teve apenas uma entrada, conforme a ferramenta "concord" utilizada para a análise quantitativa, como ilustraremos a seguir:

(9) " a sant'anaton... é ...é **entre** pedro leopoldo e eiqui..."

Segundo o dado acima, o vocábulo grifado foi usado para indicar um espaço entre dois limites/locativos.

**Para**

1ª. posição à esquerda de [para] <i>pra~pro~pa</i>	1ª. posição à direita de [para] <i>pra~pro~pa</i>
Verbo(50%) "... éa casô e mudo <b>pra</b> lagoa santa..."	Nome (30%) "...vão trenano <b>pro</b> dia da festa..."
Nome(20%) "...de ôns toda hora <b>pra</b> ped' leupoldo..".	Pron. (29%) "...ainda nuum deu <b>pra</b> mim pó..."
Adv.(12%) "... disse que ia lá <b>pra</b> casa da sogra..."	Verbo (20%) "...num deu <b>pra</b> acredita nês/..."
Pron. (9%) "...cê leva ela <b>pra</b> sua casa com'..."	Adv.(17%) "... e noite passiano <b>pra</b> lá...te..."
Prep. (4,5%) "...algua coisa <b>pra</b> ajuda..."	Prep. (3%) "... pagano os ôtro <b>pra</b> ...pra mexe..."
Conj. (3,5%) "... fora e <b>pra</b> mim aa acha as..."	Num. (1%) "...lá vai <b>pra</b> vinte e cinco...dia..."
Numeral/né (1%) "...duzentos réis era um <b>pra</b> hoje/o transporte né? <b>pro</b> povo i ee..."	

A preposição **para** realizada foneticamente como *pra~pro~pa* estabelece, nos *corpora*, vários tipos de relações, dentre elas destacam-se: direção final, objetivo, meta, destinação, espaço entre um tempo e outro, a pessoa a quem a ação se dirige, objetivo, perspectiva; e ocorre preferencialmente adjacente a pronomes tônicos à sua direita. Nos dados documentados na RS, é a segunda preposição mais produtiva, depois do **de**.

**Perante**

1ª. posição à esquerda de <i>perante</i>	1ª. posição à direita de <i>perante</i>
Nome (50%) "...aqui...sszinho <b>perante</b> uaass ...dez légua..."	Nome (precedido de determinantes (100%) "...aqui...sszinho <b>perante</b> uaass ...dez légua..."
Prep. (50%) "... aquele sinoo...pera/ <b>perante</b> o meu paai..."	"... aquele sinoo...pêra/ <b>perante</b> o meu paai..."

Como se demonstrou, **perante** aparece, nos dados da RS, apenas duas vezes, ditas pelo mesmo informante. Não é um item produtivo na língua atual. Observamos que o informante, ao utilizá-la, ainda mantinha um distanciamento formal em relação ao entrevistador. No decorrer da gravação, percebeu-se uma situação de maior intimidade e pelo que se notou o item não foi mais empregado. Ademais, dentre todos os informantes pesquisados, este é o mais escolarizado e o que mantém maior contato social na comunidade de origem. As relações por essa preposição estabelecidas são de “no espaço de” e “diante de” respectivamente.

**Por~pur**

1ª. posição à esquerda de <i>por~pur</i>	1ª. posição à direita de <i>por~pur</i>
Nome (45%) “...dexamo a casa <b>pur</b> conta dela...”	Nome (50%) “...que manda é <b>pur</b> direção deles...”
Verbo (34%) “... e tão se arrumano <b>pur</b> lá...quando...”	Que (25%) “... tomando conta <b>por</b> que eu fico...”
Adv. (14%) “...essa campanha aqui <b>pur</b> isso <b>pur</b> que...”	Adv. (20%) “... a gente tá <b>por</b> aqui <b>mesm’</b> ...”
Conj./prep. (6%) “...deito ...e <b>por</b> aí nós vamu...”	
Pron. (1%) “..explico ela <b>por</b> que quando a minin...”	

A preposição **por** ocorre, na modalidade oral ligada a nomes, verbos e ao item **que** e parece formar uma conjunção causal ou explicativa com este. Além disso, as relações por ela expressas são bastante diversificadas. Parece denotar motivo, esclarecimento, justificativa, lugar por onde, reiteração, causa, explicação, distribuição diária, etc.

**Sem**

1ª. posição à esquerda de <i>sem</i>	1ª. posição à direita de <i>sem</i>
Verbo (48%) "... em pé tava <b>sem</b> jeito..."	Nome (40%) "... doze ano[s] andava <b>sem</b> camisa..."
Nome (35%) "...num cume sal <b>sem</b> gurdura..."	Pron. (24%) "...fica <b>sem</b> ele ou com poco..."
Adv. (13%) "...qu'eu ficô meio <b>sem</b> paciência..."	Adv. (24%) "... do peito sem pele <b>sem</b> nada..."
Conj./prep. (2%) "...vô" ... e <b>sem</b> carro ê num vem..." um pouquinho e <b>sem</b> saúde/	Verbo (12%) "... dexá eu ficá <b>sem</b> anda..."

A preposição **sem**, que não é tão produtiva em relação às outras, indica basicamente ausência, imprecisão e falta de um modo geral.

As preposições **sob** e **sobre** não foram documentadas nos *corpora* sob análise; a nosso ver, na modalidade oral, a ocorrência delas é muito baixa devido a sua ambiguidade sonora, além disso, a diferença fônica entre **sob** e **sobre** é muito tênue.

**Trás**

1ª. posição à esquerda de <i>trás</i>	1ª. posição à direita de <i>trás</i>
Prep. (100%) "...há uns ano[s] pra <b>trá</b> , tem conta..."	Verbo (75%) "... resta há uns ano[s] pra <b>trás</b> , tem contá[r] com..."
	Nome (25%)...esses dia pa' <b>trás</b> MUITOS dia..."...

É pouco usual o item **trás**. Foi empregado sempre ligado à preposição **para** (pra/pa), indicando uma situação posterior. A exemplo de **até** parece ter função adverbial e está, como nos casos mencionados acima, sempre anteposta de outro item preposicional.

Cunha (1983) afirma que o item **trás** arcaizou-se. Segundo ele, "na língua atual é substituída pelas locuções **atrás de** e **depois de**, mais raramente, por sua sinônima **após**".

Examinaremos a seguir os dados referentes à fase arcaica da língua extraídos do *Livro das Aves*.



## 5 Descrição das preposições nos *corpora* do Livro das Aves

Ao quantificar os dados através da ferramenta “concord” do Programa WorSmith Tools, registramos 218 entradas para o *a*, no LA, o qual pode ser artigo definido feminino *a*, pronome oblíquo feminino *a*, preposição, 3<sup>a</sup>. pessoa do singular do verbo *haver a*. Vejamos as ocorrências:

A	
1 <sup>a</sup> . posição à esquerda do <i>a</i>	1 <sup>a</sup> . posição à direita do <i>a</i>
Nomes (42%) “...por cujas almas devẽ dar razão a Nostro Senhor...”	Verbos (49%) “...assi o preegador deve a ffazer departamento...”
Verbo (40%) “...que o prelado deve a seer cabdel...”	Pron. (34%) “...as horas de noyte a sseus sujeytos,...”
Pron. (12%) “...Mais deve-lhis a dizer cousas...”	Nome (17%) “...passaros nõ escaesce a Deus, ca verdadeiramẽte...”
Adv. (2%) “...que tomará senpre a ssa ordi con...”	
Conj. (2%) “.. deseja assayr e a ffogir aas amarguras...”	
Prep. (2%) “ O erege em a [algũũ] ...entõ he...”	

De acordo com os dados do século XIV, a preposição *a* apresenta uma frequência de ocorrência relativamente baixa se comparada a outras preposições do mesmo período como *de*, *per*, *pera*, *em*. Dos 100% de entrada, apenas cerca de 30% parece ser de fato preposição. A maioria dos pronomes que precede esse item funciona como pronomes tônicos e constitui os casos clássicos de objeto direto preposicionado em português. Parece-nos que, nesse período da língua, a tonicidade pronominal é um fator determinante para a alta incidência do *a*.

**Ante (que)**

1 <sup>a</sup> . posição à esquerda de <i>ante</i>	1 <sup>a</sup> . posição à direita de <i>ante</i>
Nome (75%) “...o bõõ preegador <b>ante</b> que preegue ...”	Que (100%) “... do filho de Deus <b>ante</b> que carne recebesse...”
Pron. (75%) “...enpeezer e <b>que</b> ante que lhi enpeesca ...”	

Dos 8 itens listados, apenas 4 ocorrências documentadas no LA parecem exercer a função de preposição. Os outros casos provavelmente são advérbios. Ilustrar-se-á um exemplo da cada estrutura, a nosso ver, com o significado de “antes” e “diante de”, respectivamente:

- (10) “... no que era **ante** coberto de penas leves...” (p. 42)  
 (11) “...seus sojeytos, indo **ante** eles per vida e per bõ...” (p. 31)

O item sob análise indica uma situação anterior. No entanto, não é fácil estabelecer com exatidão a sua função, visto que o mesmo pode estabelecer também noção circunstancial.

**Ata (que)** - Apareceu apenas uma vez no LA. Ilustramos a seguir a sua ocorrência:

- (12) “...en vertude pelas boas obras que faz **ata que** se que se vay pera a [gloria do] parayso...” págs. 36/37.

**Após**

A exemplo do que ocorreu com os dados documentados nos *corpora* da RS, essa preposição não apareceu nos dados do LA.

Com~com~cõ

1ª. posição à esquerda de <i>com~con~cõ</i>	1ª. posição à direita do <i>com~con~cõ</i>
Nome (30%) "...rrenẽbrança do pecado <b>con</b> aquel deleyto que homẽ..."	Nome (75%) "...do purgatorio ou <b>com</b> a justiça de Deus..."
Verbo (30%) "... amerguda pera cobrir <b>com</b> ela a prestumeyra..."	Pron. (25%) "...pelos clavos <b>con</b> que foy pregado na cruz ..."
Pron. (20%) "...cõ verdade e estes cõ amor de Deus..."	Adv. (5%) "...que faz tã firme e <b>con</b> tã gram cuydado..."
Conj. (15%) "...estes cõ infinita e <b>con</b> falsidade..."	
Adv. (5%) "... se fer-se primeiramẽte cõ sas aas ante..."	

A relação de associação expressa pela preposição **com** e suas variantes fonéticas, bem como pela preposição **sen~sẽ**, no século XIV, denotam associação de elementos. A última expressa uma relação oposta à primeira.

Cõtra

1ª. posição à esquerda de <i>cõtra</i>	1ª. posição à direita de <i>cõtra</i>
Verbo (50%) "...responde aos ereges que son <b>cõtra</b> a ffe de Christo..."	Nome (70%) "...moles e fracos <b>cõtra</b> as tẽtações, assi..."
Nome (40%) "...se levãta <b>cõtra</b> Deus per sobervha..."	Pron. (30%) "...seede fortes <b>cõtra</b> el per fe. Anima..."
Conj. (10%) "...cõtra Deus e <b>cõtra</b> as alma..."	

A preposição sob análise parece indicar uma situação de confronto. No entanto, em "... torcian-lhi a cabeça **cõtra** as penas e vertiam o sangue..." (p. 47) a preposição estabelece uma situação de confronto em direção a, indicando uma aproximação intensa para apertar, esmagar, etc.

## De

1ª. posição à esquerda do <i>de</i>	1ª. posição à direita do <i>de</i>
Nomez (65%) "...segraes pera serviço de Deus e depois mata-os,..."	Nome (66%) "...como o filho de Deus prendeu..."
Verbo (24%) "...nõ se paga de dizer mal de nêgũũ..."	Pron. (22%) "...deve deytar de seu coraçõ os pecados..."
Conj. (11%) "... d'algũũ deleyto ou de prazer que..."	Verbo (10%) "...e aos rudes ca de dar e d'acrescentar sabença..."
	Adv.(2%) "...aqueles que son de muyto alto entêdimento..." Conj. (10%)

Segundo G. Moignet (1976), *apud* Mattos e Silva (1983), o número de relações expressas pelas preposições é muito elevado, tanto pelo fato de elas serem numerosas do ponto de vista quantitativo, como pela "tenuidade de sua substância sêmica que favorece a polissemia", sobretudo as mais recorrentes como é o caso do *de*.

Como são várias as relações expressas pelas preposições portuguesas, como já foi dito, não é nossa pretensão relacionar todas as possibilidades relacionais desses itens. Ademais, não é fácil sistematizá-las, principalmente pelo fato de muitas delas, usuais na sincronia pretérita, não terem se fixado no português contemporâneo. As principais relações expressas por esses itens, no período arcaico, são: *origem: de; direção; a, pera, ata, etc.; associação; com~con~cõ; situação en~ẽ, negação sen~sẽ*.

Os *corpora* da sincronia pretérita revelaram que de todas as preposições documentadas, o *de* é a mais recorrente. A referida preposição tradicionalmente usada para indicar movimento = afastamento de um limite, precedência, origem, pode vir também ligada a verbos. Esse comportamento de forma bastante generalizada obscurece ainda mais a fronteira entre léxico e gramática. A preposição *de*, em inglês, segundo Edwards (1998), tende a se colocar mais com os itens precedentes que com os seguintes, parece-nos que o mesmo pode ser confirmado em relação ao português. Os contextos

acima descritos revelam-nos que esse nexso preposicional tem muito mais familiaridade com nomes precedentes que com os seguintes.

A preposição **de**, no PA, segundo o *corpus*, apresenta um contexto de ocorrência bem definido. Ela se relaciona tanto com nomes à esquerda quanto com nomes à direita. No entanto, quando ela se relaciona com verbos o tempo preferencial é a forma infinitiva, principalmente, quando o infinitivo aparece posposto ao **de**. Além disso, quando ela se liga a nomes, estes podem vir precedidos de qualquer item que segue o nome em português: adjetivos, pronomes, numerais, artigos, etc.

A preposição **desde** não ocorre no do LA.

En	
1ª. Posição à esquerda de <i>em</i>	1ª. posição à direita de <i>en</i>
Nomes (50%) "...entêdemos a cruz <b>en</b> que prendeu morte..."	Pron.(63%) "...ou de prazer que <b>ẽ</b> eles queira..."
Verbo (30%) "... que o que esta <b>en</b> verdadeyra pêdêça..."	Nome (30%) "...propheta Isayas <b>en</b> pessoa de Nostro Senhor,..."
Conj. (12%) "...que voã muytas e <b>en</b> cõpanha. Ca	Verbo (7%) "...sse coyta muyto <b>en</b> voar, mais voa pouco..."
Pron. (5%) "...verrá sobr'eles <b>en</b> este mûdo..."	
Adv. (3%) "...nõ sse coyta muyto <b>en</b> voar, mais..."	

O nexso prepositivo indica, dentre outras relações, alcance de uma situação dentro de um espaço, em contato, em cima de, etc. A preposição **en** parece se relacionar de uma forma mais íntima com o pronome, quando este ocorre à sua direita. Já ligada a verbos, ela ocorre preferencialmente com aqueles a que vêm antepostos.

**Antr'**

1ª. posição à esquerda de <i>antr'</i>	1ª. posição à direita de <i>antr'</i>
Conj. (40%) "...senelhãça de boy porque <i>antr'</i> os outros..."	Nome (80%) "...morou a[nt]r'os justos que..."
Verbo (40%) "...fazer-se homẽ e aparecer <i>antr'</i> os homẽs e..."	Prep. (20%) "...departimento <i>antr'</i> as dos pecadores..."
Nome (20%) "...ffazer departamento <i>antr'</i> as dos pecadores..."	

Listamos *antr'* na mesma ordem alfabética que seria empregada no português hodierno levando-se em conta o seu emprego e não a sua grafia. Item pouco usual, nesta fase da língua, parece exercer a mesma função de *entre* atualmente, qual seja 'posição intermediária'.

**Pera~para**

1ª. posição à esquerda de <i>pera~ (para=1)</i>	1ª. posição à direita de <i>pera~ (para=1)</i>
Nome (55%) "... quis seer homẽ <i>pera</i> poderẽ viir aa gloria..."	Verbo (70%) "...do seu entẽdimento <i>pera</i> cuydar e cõtẽprar..."
Verbo (22%) "...parayso en que viverã <i>pera</i> todo senpre..."	None (16%) "...ainda que a aguya <i>para</i> os olhos dos seus..."
Conj. (9%) "... correger seus erros e <i>pera</i> fazer aquelas..."	Adv. (7%) "...esterco a lõge <i>pera</i> nõ apodrecer o corpo..."
Pron. (9%) "...regnara cõ ele <i>pera</i> todo senpre..."	Pron. (7%) "... lediça e prazer <i>pera</i> todo senpre e sobre..."
Adv. "... (5%) "... a Escritura demanda nõ <i>pera</i> dar a entẽder..."	

**Para** é uma preposição que indica tradicionalmente **movimento** = tendência para um limite, finalidade, direção, dentre outros. Esta preposição como a preposição *a*, sugere principalmente direção. **Pêra**, nesse período, parece designar o ponto de chegada e não apenas a noção de direção, típica do *a*.

Deve-se observar, ainda, que *pera* é utilizada também para denotar finalidade. O fim é sempre expresso pela referida

preposição, principalmente, quando ela vem ligada à forma verbal no infinitivo.<sup>6</sup> Veja-se que 70% dos vocábulos que ocorrem na primeira posição à direita de **pera** são itens verbais.

Como foi demonstrado, o item **para** ocorreu apenas uma vez no *corpus* examinado. Isto sugere que esta forma, no século XIV, ainda era pouco frequente. Parece-nos que a variação **pera/para** vai permanecer na língua ainda por um longo período, provavelmente até o início do século VXII, visto sua frequência de ocorrência, no século XIV e XV,<sup>7</sup> ser bastante inferior à preposição **pera**. Na sincronia pretérita, a preposição **pêra**, apesar de ser mais utilizada que **para**, não permaneceu na língua contemporânea. Vimos, assim, que nem sempre o item mais frequente em uma sincronia será predominante em outras sincronias. Esse fato pôde ser constatado através do analisado. No processo de variação, o item mais frequente desapareceu e o menos frequente foi mantido. Ademais, a sistematização da preposição **para** em substituição à preposição **pera** ocorreu mais tardiamente que a substituição de **per/por**.

A preposição **perante** não aparece nos corpora do LA.

Per~por	
1ª. posição à esquerda de <i>per~por</i>	1ª. posição à direita de <i>per~por</i>
Conj. (32%) "... o louva alça a coa e <b>por</b> esse dizẽ..."	Nome (44%) "...solitario o hũũ <b>per</b> razõ da vertude da..."
Nome (25%) "...de nêhũa animalha <b>por</b> grande que seja..."	Pron. (34%) "...algũũs dizẽ que <b>per</b> estes dous pardaes..."
Pron. (20%) "..., indo ante eles <b>per</b> vida e <b>per</b> bõõs..."	Que (14%) "... o galo faz, <b>por</b> que son ta certas..."
Verbo (20%) "...propriedade he ca nõ vive <b>per</b> prea d'outras aves..."	Verbo (8%) "...Deus Padre <b>por</b> salvar os pecadores..."
Adv. (3%) "... que sse nõ movẽ se nõ <b>per</b> sas vertudes..."	

<sup>6</sup> É curioso o fato de *pera~para* ocorrerem, frequentemente, ligadas ao infinitivo, pois uma das preposições que a substitui, nesse contexto, é o **de**, a qual também ocorre frequentemente ligada a formas infinitivas.

<sup>7</sup> Como já pudemos constatar, também na obra "Leal Conselheiro", do século XV, o uso de **para** em relação a *pera* é muito menor.

A relação indicada pela preposição **por** parece ser de percurso de uma extensão entre limites e fim. Segundo Said Ali (1964:215), “Do emprego outrora florescente de **per** preposição não conserva a linguagem moderna mais que os seus vestígios de *per si*, *per meio*, perante e pelo < pello (contração de per+lo), forma esta que usada a par de polo < pollo (por+lo) acabou por suplantá-la”.

Daí talvez o motivo de alguns gramáticos contemporâneos arrolarem **per** na lista das preposições “essenciais” do português. Na fase arcaica, tal preposição era utilizada para denotar “meio ou instrumento” através do qual se atinge algo. Tanto é que, na sequência de **per** 50% dos vocábulos são pronomes, com proeminência de **que**, sem distinção entre um e outro item preposicional.

#### Sen~sẽ

1ª. posição à esquerda de <i>sen~ sê</i>	1ª. posição à direita de <i>sen~ sê</i>
Conj. (35%) “... viver <b>sen</b> a provision e <b>sen</b> a mercee de Deus...”	Nome (80%) “...homildade, ca <b>sen</b> homildade nõ...”
Nome (35%) “...cousa de ssa voontade <b>sen</b> mandado de seu...”	Pron. (20%) “... <i>sobrela terra sê meu padre?</i> ...”
Verbo (30%) <i>nũca ja mortal e viver <b>sen</b> coytaa</i>	

O nexso prepositivo **sem** indica uma situação de ausência. A preposição **sob** não foi documentada nos *corpora* do LA.

#### Sobre

1ª. posição à esquerda de <i>sobre~sobr'~sobrela/a(s)</i>	1ª. posição à direita de <i>sobre~sobr'~sobrela/a(s)</i>
Nome (40%) “... pos o seu corpo <b>sobre</b> todo los sanctos...”	Pron. (95%) “... aqui a glosa <b>sobr'</b> este vesso que...”
Verbo (40%) <i>hũũ deles nõ caerá <b>sobrela</b> terra sê fin...</i>	Nome (5%) “... cousa que era <b>sobre</b> as vertude e sobre...”
Conj. (20%) “... alti <b>sobrela</b> mar ou <b>sobre</b> outra agua...”	



A preposição acima descrita indica uma situação superior, destacando-se a incidência de pronome depois de **sobre**, como o primeiro elemento à sua direita.

**Trás** não ocorre no do LA. Pode ser uma lacuna dos dados dessa fase da língua, mas se levarmos em conta os dados da RS, verifica-se que se trata de uma preposição de baixíssima frequência.

Nota-se pelos contextos de ocorrência das preposições que, no PA, a facilidade de sistematização no âmbito da descrição é mais claro que no português hodierno. Há nesta última sincronia uma variação preposicional muito maior que naquela. Pode-se constatar, então, que a língua contemporânea passa por um processo de variação muito mais intenso que a língua da época pretérita analisada, no que se refere ao nexos preposicional.

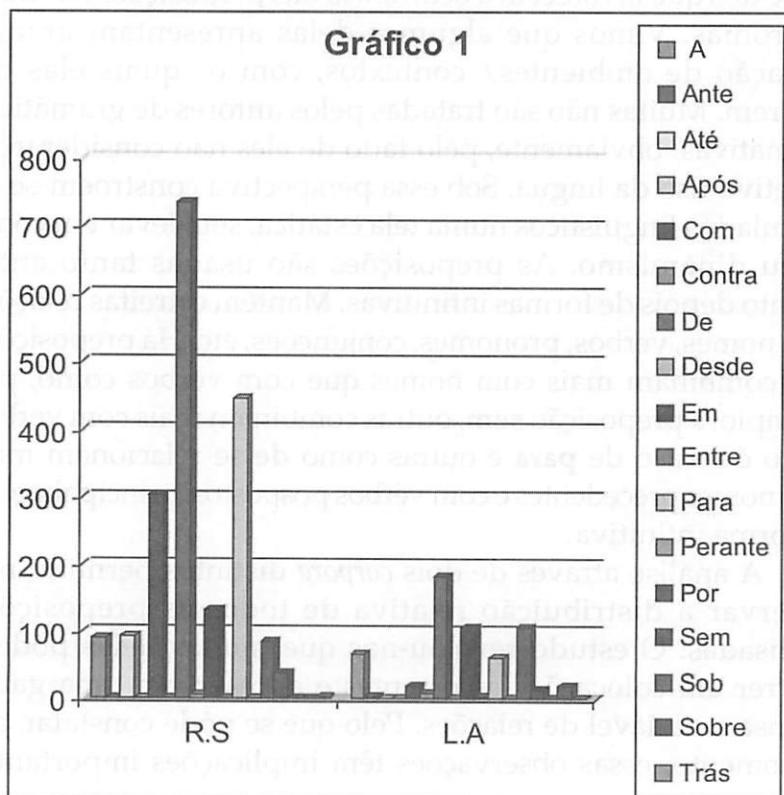
A descrição proposta permitiu-nos estabelecer alguns contextos que favorecem a ocorrência das preposições nas duas sincronias. Vimos que algumas delas apresentam grande variação de ambientes/ contextos, com os quais elas co-ocorrem. Muitas não são tratadas pelos autores de gramáticas normativas, obviamente, pelo fato de eles não considerarem o efetivo uso da língua. Sob essa perspectiva constroem-se os postulados linguísticos numa tela estática, sem levar em conta o seu dinamismo. As preposições são usadas tanto antes quanto depois de formas infinitivas. Mantêm estreitas relações com nomes, verbos, pronomes, conjunções, etc. Há preposições que combinam mais com nomes que com verbos como, por exemplo, a preposição **sem**; outras combinam mais com verbos como é o caso de **para** e outras como **de** se relacionam mais com nomes precedentes e com verbos pospostos, principalmente na forma infinitiva.

A análise através de dois *corpora* distintos permitiu-nos observar a distribuição relativa de todas as preposições analisadas. O estudo revelou-nos que muitas delas podem ocorrer em colocações recorrentes e apresentam uma gama imensa e variável de relações. Pelo que se pôde constatar, até o momento, essas observações têm implicações importantes

na seleção do conteúdo de ensino de línguas, no mínimo pela alta frequência de ocorrência desses itens, como por exemplo, a preposição **de**. Vale a pena, então, insistir em conteúdos que, de fato, são pertinentes dentro do sistema. Também foi demonstrado que determinados tipos de regências como “**deve de i**”; “**precisa de procurá**”; “**prometeu de fazê**” correntes no português contemporâneo deveriam ser consideradas adequadas por não serem pertinentes para os falantes as tênues diferenças semânticas apresentadas pela NGB.

Consideramos que esses regimes verbais deveriam ser inseridos no rol das regências possíveis pela NGB já que, para os usuários da língua, essas formas são reconhecidas como legítimas.

O gráfico seguinte resume a incidência das preposições nos dois *corpora* examinados.



## 6 Considerações finais

As comparações da “word list” e a utilização da ferramenta “concordance” permitiram-nos fazer uma descrição/análise preliminar das preposições portuguesas em duas sincronias diferentes. Existem semelhanças e diferenças gramaticais, semânticas e estilísticas entre as sincronias analisadas. Além disso, algumas mudanças são observadas no âmbito das preposições nos dois *corpora*. O contexto **Pronome + preposição + Pronome** é muito mais frequente no LA que na RS. Vimos, também, que a mudança **per/por** foi anterior à mudança **pera/para**.

Quanto à natureza categorial ou funcional das preposições como uma das hipóteses de análise, constatou-se, pelos dados observados, uma forte evidência de natureza funcional para esses itens. Preposições como **com**, **sem** parecem ter algum tipo de conteúdo semântico, apresentando um contexto de realização bem mais restrito que as demais preposições. O item **até**, segundo o analisado, não funciona apenas como preposição, o seu comportamento nos *corpora* faz com que ele se aproxime muito mais da classe dos advérbios. O mesmo pode ser observado com relação à “preposição” **sem**. Vimos, pois, que alguns itens preposicionais possuem valores semânticos, embora sejam tênues e dependentes das relações estabelecidas com os vocábulos vizinhos.

Parafraseando Filmore (1992, p. 35), *apud* Sardinha (2000), podemos dizer que não há nenhum *corpus* que contenha toda a informação que queremos explorar, mas, mesmo assim, todo *corpus* nos ensina coisas sobre a linguagem que não poderiam ser descobertas de nenhum outro modo. Como demonstramos, a pesquisa com suporte em *corpora* é muito interessante porque ela não camufla a realidade. Os *corpora* permitem-nos verificar como a língua é usada na construção dos gêneros e em outras relações sociais. Demonstram a sua importância na construção do sentido, na criação do léxico, nas relações sintáticas, na elaboração de textos, na inserção de novos fenômenos linguísticos no rol das normas gramaticais.

A diversidade linguística é inerente às línguas. As pessoas falam de formas diferentes porque são diferentes, do ponto de vista socioeconômico, geográfico, ideológico, linguístico, dentre outros. Certamente, aquelas que mantêm maiores laços sociais adquirem maior mobilidade linguística. Esse fato, no entanto, não invalida nenhum processo de comunicação entre os usuários de qualquer língua.

A descrição<sup>8</sup> das preposições em duas sincronias distintas possibilitou-nos uma visão panorâmica e clara do emprego dos referidos itens nas duas modalidades examinadas. Um dos pontos interessantes observados diz respeito à alta incidência de algumas preposições como é o caso do **de**. Essa constatação, a nosso ver, permite inferir que a escola opte por pelo menos duas posturas diferentes, segundo o seu ponto de vista filosófico-pedagógico: a) se o principal objetivo é levar o aluno ao domínio do dialeto “padrão”, torna-se patente centrar sua atenção pedagógica naqueles itens que são menos usuais, pois estes oferecem uma dificuldade maior de aprendizagem. No caso das preposições descritas são elas: **após, entre, perante, trás, sob e sobre**, sobretudo as duas últimas devido à similaridade fonética existente entre elas; b) se a meta da escola for uma abordagem sociocomunicativa como aquisição de uma segunda língua, não se justifica contemplar os itens que não são utilizados hodiernamente. Deve-se dar atenção às preposições mais frequentes e mais produtivas na comunicação entre os usuários. Considerando-se o uso real, os *corpora* revelaram que apenas cerca de 50% das preposições arroladas pelas gramáticas são de fato produtivas.

---

<sup>8</sup> A descrição, por si só, configura de certa forma uma análise.

## Referências

- ATKINS, S. et al. Design criteria. *Literary and Linguistic Computing*, 7: 1-16, 1992.
- BEBER SARDINHA. Linguística de corpus: Histórico e Problemática. *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BIBER, Douglas; CONRAD, Susan; REPPEN, Randi. *Linguistics: investigating language structure and use*. 2nd edition. Cambridge University Press, 2000.
- BIBER et al. *Linguistics – Investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BIBER, D. Representativeness in design. *Literary and Linguistic Computing*, 8:243-257, 1993.
- BYNON, T. *Historical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CAMÕES, Lvis de. *Os Lusíadas. Reprodução paralela das duas edições de 1572*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.
- CESCHIN, Oswaldo. *História da língua portuguesa; século XIII e século XIV*. São Paulo: Ática, 1988.
- CHRISTIANO, Elizabeth da (Org.). *Estudos lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. p.95-106.
- COHEN, Maria Antonieta. A língua do Século XVII e a língua contemporânea. XI ENCONTRO INTERNACIONAL DA ALFAL, *Anais...* Las Palmas: Gran canária, 1996.
- COHEN, Maria Antonieta. Análise 'a posteriori' de mudanças sintáticas. IX ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, *Anais...* vol. II, Linguística, p. 1468-85.
- COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história; o problema da mudança linguística*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo: EDUSP, 1979.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F.L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa, 1984.

CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. 9. ed. Rio de Janeiro: FAE/ Ministério da Educação e Cultura, 1983.

DIAS, Epiphânio da Silva. *Sintaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.

EDWARDS, Jane. Based descriptions of English. In: *An introduction to linguistics*. 2nd Impression. Londres New York: Longman, 1998.

FILMORE, C. 'Linguistics' or 'computer linguistics'. In: J. SWARTVIK (Org.). *Directions in Linguistics. Proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 4-8 August 1991*. Berlin, N. Y: De Gruyter, 1992.

FIRTH, J. R. *Paper in Linguistics – 1934 – 1951*. Oxford: Oxford University Press, 1957.

HARRIS, M. *The evolution of french syntax; a comparative approach*. London: Logman, 1978.

HAUY, Amini. *História da Língua Portuguesa I; séculos XII, XIII e XIV*. São Paulo: Ática, 1989.

KENNEDY, Graeme. *An Introduction to Linguistics*. 2nd Impression. London e New York: London, 1998.

MACIEL, Maximino. *Grammatica Descriptiva*. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1931.

LABOV, William. *Language and Society. Principles of Linguistic Change – Internal Factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975a. 343p.

LEAL, Maria Auxiliadora. *Complementos preposicionados no sintagma verbal do português: uma abordagem sincrônica e diacrônica*. Belo Horizonte: UFMG. Dissertação (Mestrado), 1992.

LEAL, Maria Auxiliadora. O Complemento infinitivo variável em quinhentos anos de Língua Portuguesa. In: COHEN, Maria Antonieta M.; LARA, Gláucia Proença. (Org.). *Linguística, tradução, discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 11-26.

LEECH, G. Introducing annotation. In: R. GARSIDE et al (Org.). *annotation - Linguistic Information from Computer Text Corpora*. London and New York: Longman, 1997.

*Livro das Aves*. (Dicionário da Língua Portuguesa. Textos e Vocabulários-4). Cunha, A. G. (Org.). Instituto Nacional do Livro - MEC, 1965.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas Trecentistas; elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

MENDES, Soelis Teixeira do Prado. Qualificativo "Dona" e nomes próprios: análise diacrônica de dados do português mineiro de Barra Longa - MG. In: COHEN, Maria Antonieta M.; RAMOS, Jânia. (Org.). *Dialeto Mineiro e outras falas. Estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2002, p. 141-153.

MILROY, James. *Linguistic Variation and Change, on the historical sociolinguistics of English*. GB: Blackwell, 1992.

PERINI, Mário. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo lingüístico. *Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 7(2):29-59, jul/dez de 1998.

SINCLAIR, J. MCH et al. *COBUILD English Dictionary*: London and Birmingham: Collins COBUILD, 1987.

SINCLAIR, J. *Concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SINCLAIR, J. From Theory to practice. In: G. LEECH et al. (Org.). *Spoken English on computer - Transcription, mark-up and application*. London: Longman, 1995.

SOUSA DA SILVEIRA. *Sintaxe da Preposição De*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

STUBBS, Michael. *Text and analysis*. Cambridge, Mass: Blackwell Publishers, 1996.

## A consoante lateral palatal na região do Serro

*Evelyne Dogliani\**

**RESUMO:** Este capítulo apresenta resultados parciais da análise do uso da lateral palatal na região do Serro – MG. Constata-se que a variante vocalizada é usada com menor frequência do que a sua correspondente padrão. Dentre os fatores controlados – gênero, faixa etária, escolaridade e item lexical – salienta-se o primeiro na realização da variante padrão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística. Consoante lateral palatal. Fatores linguísticos e não linguísticos. Itens lexicais.

**ABSTRACT:** This chapter presents partial results of the palatal lateral consonant analysis at Serro – MG. It was observed that the vocalized variant is less frequent than its standard correspondent. Among the controlled variables, such as gender, age, scholarship and lexical item, the first one emerges as the favouring parameter of the standard variant.

**KEYWORDS:** Linguistic variation. Palatal lateral consonant. Linguistic and non-linguistic factors. Lexical items.

---

\* Professora Adjunta da Fale-UFGM. Contato: [evedogliani@yahoo.com.br](mailto:evedogliani@yahoo.com.br)



## 1 Introdução

Este capítulo apresenta resultados parciais da distribuição da variante vocalizada da consoante lateral palatal – (ʎ) – na fala de habitantes do Serro – MG. A variável (ʎ) realiza-se como [ʎ], [ly], [l], [y]. A primeira representa a lateral com seu ponto de articulação no palato, pronúncia razoavelmente rara, geralmente substituída, pelo menos no português brasileiro, pela segunda, a alveolar palatalizada. Ambas representam a pronúncia culta do português brasileiro. O terceiro fone representado tem a sua ocorrência condicionada pelo segmento seguinte à variante. A pronúncia [l], quando ocorre, em palavras como *colher* – [ku'le] – tem a sua realização determinada pela presença da vogal /e/ após a variante. Típica da pronúncia nordestina, teve a sua realização assinalada na fala belorizontina em Madureira (1997), Oliveira (1983), Pinheiro (2010). A quarta realização – a variante [y] – ilustra a vocalização propriamente dita e representa a pronúncia estigmatizada.

A vocalização da consoante lateral palatal é fenômeno conhecido em diversas regiões brasileiras. Sem indícios de ocorrência no português europeu, apesar de seu perfil românico, revelado por sua identificação em línguas como o francês, o espanhol e o romeno, sua emergência no português brasileiro associa-se reiteradamente à influência da fala de povos indígenas e africanos, cujas línguas ignoram a articulação da lateral palatal.

Em trabalho anterior, Madureira (1997), constatou-se que todas as variantes aparecem no português falado em Belo Horizonte. A ocorrência da variante [y] mostrou-se sensível ao fator grupo socioeconômico, sendo preferencialmente implementada pelo grupo socioeconomicamente desfavorecido e de menor escolaridade. A variante [y] foi também identificada, ainda que em percentuais reduzidos, no grupo socialmente mais favorecido e, portanto, mais escolarizado. As ocorrências registradas, nesse caso, restringem-se a contexto de fala espontânea e limitam-se a dois itens, praticamente: *trabalhar* e *velho*.

Em Madureira (1999) apresentei uma reanálise do fenômeno e propus que, em certas comunidades – como as de descendentes de escravos e de outros falantes que integram as mesmas redes sociais – o fonema palatal nunca existiu. Nesse caso, a variação é resultado de um processo de introdução da pronúncia da lateral palatal, promovido pelo contato com a modalidade escrita, através da escola. O mesmo processo extrai-se da análise de Castro (2006), que investiga a fala dos integrantes de uma comunidade quilombola de Jaboticatubas, em Minas Gerais, e demonstra que a lateral palatal está sendo introduzida, nessa comunidade, pelos jovens que frequentam a escola. Como se verá, também o comportamento linguístico dos falantes do Serro ilustra a atuação do fator escolaridade, ao qual se sobrepõe, todavia, o fator gênero.

## **2 Metodologia da análise**

O *corpus* que orienta a análise constitui-se de 238 dados, extraídos de fala gravada e transcrita de seis informantes. Observa-se a distribuição da variante padrão – [ʎ] ou [lʲ] e da variante vocalizada – [y]. A análise não considera a distribuição da variante [l]. Os fatores não linguísticos considerados são: faixa etária – velhos (acima de 70 anos) e jovens (menos de 20 anos); escolaridade – fundamental (1º. e/ou 2. ciclo) e ensino médio (em curso ou completo) e, por último, gênero.

Os seis informantes pertencem ao mesmo grupo socioeconômico: são trabalhadores que se dedicam (ou se dedicaram) a tarefas domésticas, trabalho em roças alheias. No caso dos jovens, é essa também a situação dos pais.

## **3 Análise**

Os resultados gerais apresentam um percentual apreciável da variante lateral palatal, conforme mostra a TAB. 1.

TABELA 1  
Distribuição das variantes

Dados	VARIANTES		
	ɫ	y	Total
Total	169	69	238
%	71,0	29,0	-

Como se verá adiante, há informantes que exibem comportamento linguístico mais categórico em relação a uma ou outra variante.

### 3.1 Os fatores faixa etária escolaridade e gênero

Vejamos, por ora, como o fator faixa etária interfere na produção das duas variantes (TAB. 2):

TABELA 2  
Variantes por faixa etária

Faixa etária	VARIANTES					
	ɫ	%	y	%	Total	$\chi^2$
Velhos	87	63,0	51	37	138	9,571
Jovens	82	82	18	18	100	
Total	169	-	69	-	238	

Conforme se previa, os falantes mais jovens favorecem<sup>1</sup> a realização da lateral palatal: a diferença de 19 pontos percentuais revela-se significativa no valor expresso do  $\chi^2$ : 9,571. Como se sabe, entretanto, que, entre os informantes analisados, a relação hierárquica entre grau de escolaridade e faixa etária não é biunívoca, é conveniente analisar separadamente esse fator. De fato, a TAB. 3 mostra que o fator escolaridade interfere nos resultados globais.

<sup>1</sup> Na escala adotada -  $P < 0,05$  - o resultado igual ou maior do que 3,841 refuta a hipótese nula.

TABELA 3  
Variantes por escolaridade

Escolaridade	VARIANTES					$\chi^2$
	$\lambda$	%	y	%	Total	
Fundamental	116	64	64	36	180	15,468
Ensino médio	53	91,4	5	8,6	58	
Total	169	-	69	-	238	

Conforme revela a TAB. 3, a diferença de produção linguística dos falantes acirra-se quando esses se agrupam por escolaridade. Nesse caso, a diferença na produção da lateral palatal é de 27,4%, o que permite propor que o fator escolaridade tem proeminência em relação ao de faixa etária. A manutenção dessa hipótese é possível quando se leva em conta o valor do  $\chi^2$  – 15,468, o que permite sustentar que o fator escolaridade interfere nas variantes usadas: quanto menor a escolaridade, maior o uso da variante vocalizada

De fato, a atuação do fator escolaridade era esperada, já que a pronúncia vocalizada da consoante palatal é estigmatizada. A observação da atuação do fator gênero (TAB. 4) reforça a análise, como se verá, já que, conforme assinala a literatura relevante, se é esse o *status* da variante, as mulheres tenderão a evitá-la.

TABELA 4  
Variantes por gênero

Gênero	VARIANTES					$\chi^2$
	$\lambda$	%	y	%	Total	
Homens	72	55,4	58	44,6	130	33,964
Mulheres	97	89,8	11	10,2	108	
Total	169	-	69	-	238	

O agrupamento dos informantes por gênero amplia as diferenças relativas à produção das variantes. A diferença entre homens e mulheres alcança 34,4%, o que se confirma no teste de significância que exhibe, na TAB. 4, o  $\chi^2$  de mais alto valor: 33,964.

A TAB. 5, em que se apresentam os dados individuais, confirmará essa análise, segundo a qual as mulheres privilegiam a variante-padrão, independentemente do grau de escolaridade em que se classificuem.

TABELA 5  
Dados por informante

INFORMANTES	VARIANTES				
	λ	%	y	%	Total
1	20	69	9	31	29
2	23	39	36	61	59
3	44	88	06	12	50
4	29	69	13	31	42
5	27	87,1	4	12,9	31
6	26	96,3	1	3,7	27
Total	169	71,00	69	29,00	238

A comparação dos dados individuais permite constatar que as mulheres (informantes 3, 5 e 6) vocalizam menos. As informantes 5 e 6 são jovens e estavam à época cursando o ensino médio. A informante de número 3 (que tinha à época 72 anos) é dona de casa, cursou apenas o primário. Como se pode ver, essas três informantes apresentam percentuais de vocalização bem mais baixos do que os demais informantes (1, 2 e 4), que são homens. O maior percentual de vocalização entre as mulheres é de 12,9% – informante 5 –, ao passo que o menor entre os homens é de 31%. A variante vocalizada exibe 18,1 pontos percentuais de diferença entre a maior produção entre as mulheres e a menor entre os homens. Digna de nota é a produção do informante 5, que à época iniciava o segundo ciclo do fundamental: apesar de ter escolaridade superior aos informantes 1 e 2, ele exibe percentuais de vocalização equivalentes aos daqueles.

### 3.2 Algumas reflexões sobre o fator gênero

Conforme se viu, no que concerne ao uso da variável < ʎ >, a atuação do fator gênero se sobrepõe ao de faixa etária. Os falantes de fato se distinguem quando se agrupam por gênero.

A diferença de comportamento linguístico entre homens e mulheres tem respaldo na literatura. Os trabalhos realizados na linha laboviana apontam esse comportamento feminino, segundo o qual as mulheres da classe média, principalmente, tendem a evitar as formas estigmatizadas. Alguns trabalhos chegam a estabelecer relação direta entre comportamento linguístico de cada gênero social e padrões de comportamento sexual. Gordon (1997) propõe que as mulheres da classe média da Nova Zelândia tendem a evitar as formas linguísticas que se associam à fala da classe baixa, numa tentativa de impedir a sua associação a padrões de comportamento sexual indesejável, normalmente associado às mulheres dos grupos socialmente menos favorecidos. Integram esse padrão de “comportamento sexual indesejável” fatores bastante distintos entre si, tais como o hábito de fumar, o espírito de camaradagem e o senso de humor.

Essa associação entre uso de certas formas linguísticas e o estabelecimento de padrões de comportamento identifica-se em diversas comunidades e pode explicar a diferença do comportamento entre homens e mulheres. Gordon (1997) avalia que, se as mulheres mudam a sua fala para evitar a associação de certos traços linguísticos à vida sexual promíscua, no caso dos homens, essa associação não causa incômodo algum; pelo contrário, como se sabe, em diversas comunidades, o estabelecimento desse tipo de padrão sexual é até desejável para eles.

O uso da variante vocalizada pelos falantes do Serro e de outras comunidades brasileiras parece ilustrar a análise mencionada. Se essa pronúncia se associa a grupos que se classificam à margem da sociedade, e que, como tais, se submetem à avaliação negativa de seus padrões de comportamento, sexual, inclusive, é de se esperar que, na sociedade brasileira, de base ainda patriarcal, as mulheres dos grupos sociais mais favorecidos

tendam a impedir essa associação, e não os homens. Um dado adicional vem corroborar essa reflexão. Em Madureira (1997), detectou-se que, na classe média, a pronúncia vocalizada da lateral palatal associa-se a itens lexicais específicos, usados em interlocuções nas quais predomina a função afetiva da linguagem. Dentro da situação afetiva, o espaço mais saliente seria o que envolve conotação pejorativa. Nessa situação específica, as mulheres assumem conscientemente, quando se lhes chama a atenção para o fato, a pronúncia estigmatizada – com a semivogal da lateral palatal. Nesse perfil de uso, associam-se, conforme Dogliani (2006, p. 212), o referente “feio” – uma mulher submetida à avaliação negativa, por exemplo, e a palavra “feia” – *muié* (e não *mulher*) – como resultado dos embates de dois quadros ideológicos, cuja atualização é determinada pelo grau de consciência que os indivíduos têm acerca de suas vivências.

A observação da produção linguística dos seis informantes serranos, cujas falas orientam esta análise, confirma como o gênero realmente distingue a produção linguística dos falantes. Resta observar se há itens que favorecem uma ou outra variante.

### 3.3 A variação e os itens lexicais

Dois itens destacam-se por seus percentuais de vocalização. São eles: *trabalhar/trabalho*, e *velho*, que exibem percentuais de vocalização superiores à média de vocalização obtida. Os percentuais de variante [y] são 39,1%, 36,4%, respectivamente. O item *trabalhar/trabalho*, além de ser item frequente na língua, exibe alta frequência no *corpus* (81 ocorrências). Já o item *velho* exibe frequência bem inferior, no *corpus*, mas se alinha com outros, como *filho/filha*. Esses itens têm em comum a alta frequência no *corpus*. Observando apenas os itens mais frequentes desse *corpus*, constata-se que a análise das 238 ocorrências revela que 148 (51.2%) delas concentram-se em três itens, quais sejam, *trabalhar/trabalho*; *velho*; *filho/filha*. Conforme se viu na TAB. 1, a variante [y] teve 69 ocorrências, das quais 44 (63.7%) exibem vocalização nesses itens.

O item campeão é o verbo *trabalhar* (e seu substantivo cognato), responsável por 27 (39.1%) dos casos de [y]. Esse item teve 81 ocorrências e apresentou vocalização em 27 (33.3%). O fenômeno destaca-se, principalmente, na flexão em que a palatal está na sílaba tônica. Ex: *trabalhar* e *trabalhava*.

O item *velho*, que teve 22 ocorrências, apresentou vocalização em 36.4% delas. O outro item é *filho/filha*, que apresentou, dentre os três, o menor percentual de vocalização: 20%.

Os três itens têm em comum o fator frequência, tanto nas interlocuções em geral como no *corpus* sob análise. O fator frequência é, segundo Phillips (1987), favorecedor para a implementação de processos fisiologicamente motivados, o que se aplica a esse processo de vocalização.

Mas a análise desse fator frequência é ainda incipiente neste estudo. Observa-se que há outros itens, como *mulher* (1 ocorrência) e *olhar* (19 ocorrências, das quais 8 foram vocalizadas), que, como se vê, não tiveram alta frequência no *corpus* analisado. O item *mulher* ilustra-se em 11 ocorrências e não sofreu vocalização em momento algum. Nem mesmo na fala do informante 2, que, conforme se vê na TAB. 5, é o que apresenta o maior percentual de vocalização. As cinco ocorrências desse item em sua fala foram com a lateral palatal. Pode-se, por um lado, conjecturar que seja mera coincidência; por outro, pode-se pensar que esse item seja marcado, de alguma forma. A segunda opção parece razoável quando se consideram os itens que apresentaram maior percentual de vocalização. O destaque dos itens *trabalhar* e *velho*, neste estudo, vai ao encontro dos resultados de pesquisa anterior realizada em Belo Horizonte: também nos dados coletados nessa cidade, os maiores percentuais de vocalização foram ilustrados por esses itens. O contexto favorecedor parece ser, nesse caso, o de conotação pejorativa. Repetindo-se a situação nos dados do Serro, não há como se furta à reflexão, segundo a qual alguns itens favorecem processos em curso, por razões ligadas a sua conotação.<sup>2</sup> No caso dos itens em pauta, sugeriu-se que

---

<sup>2</sup> Ver Pinheiro e Biscardi & Dogliani, neste livro.



a conotação negativa que pode ser atribuída a eles decorre de valores sociais que se associam ao significado dos mesmos. Pode-se, então, pensar que, no caso do item *mulher*, que nos dois *corpora* recebeu percentuais baixos ou nulos de vocalização, o processo se desenvolve no mesmo sentido: se a figura da mulher tem sido alvo, nas últimas décadas, de um processo de valorização, esse item passa a ser marcado em relação a uma pronúncia estigmatizada: ser velho não é bonito; a pronúncia tampouco precisa ser bonita; ser mulher é especial; pronúncia estigmatizada não lhe pode ser associada.

#### **4 Conclusão**

Este capítulo apresentou os resultados parciais da variação da lateral palatal na região do Serro. O fator gênero destacou-se como fator atuante no processo. As mulheres tendem a evitar a vocalização, seja qual for a faixa etária ou a escolaridade.

A análise aponta também a atuação de determinados itens lexicais, que parece se dar em dois sentidos, conforme a conotação que lhes é associada. Quando positiva, parece inibir o processo de vocalização; quando negativa, favorece-o.

#### **Referências**

CASTRO, E. F. *Sobre o uso da semivogal [y] e a inserção da lateral palatal no português brasileiro* – Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Poslin – FALE/UFMG, 2006.

DOGLIANI, E. Os itens lexicais e sua atuação na interface entre ideologia e produção linguística. In: SEABRA, M.C.T.C. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

GORDON, E. Sex, speech, and stereotypes: why women use prestige speech forms more than men. *Language in Society* 26: 47-64, 1997.

GOULART, E.M.A. *Nos ermos e nas brumas da Serra do Espinhaço*. Belo Horizonte: Coopmed, 2000.

MADUREIRA, E, D. Difusão Lexical e variação fonológica: o fator semântico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 5: 5-22, 1997.

MADUREIRA, E, D. Reanálise de alguns aspectos da vocalização da lateral palatal no português. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 8: 125-45, 1999.

OLIVEIRA, M.A. *Variation and change in Brazilian Portuguese: the case of liquids*. Tese (Doutorado) - Universidade da Pensilvânia. 1983.

PHILLIPS, B. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, 60, n. 2: 320-42, 1984.

PINHEIRO, N.L.A. *O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras da UFMG. 2009.

SOUZA, M. E. *Aconteceu no Serro*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999.

## Vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG

*Karoline Biscardi\**  
*Evelyne Dogliani\*\**

**RESUMO:** Este trabalho traz uma análise variacionista da vocalização da lateral palatal /ʎ/ no português de Papagaios, Minas Gerais, considerando as variantes [ʎ] e [y] em relação aos fatores gênero, escolaridade e classe social. Através de oito entrevistas orais, foram obtidos 432 dados, dos quais 108 (25%) apresentaram vocalização. Confirmou-se a influência dos fatores classe social e escolaridade. Não foi confirmada a influência do fator gênero. Apresenta-se uma breve discussão sobre o papel de nomes próprios nas mudanças linguísticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística. Teoria da Variação. Dialectologia. Lateral palatal.

**ABSTRACT:** This paper presents a variationist analysis of the vocalization of the palatal lateral /ʎ/ in the Portuguese spoken in Papagaios, Minas Gerais, Brazil, considering the variants [ʎ] and [y] in relation to gender, education level and social class. The vocalization of /ʎ/ was detected in 25% of the data. Only the influence of social class and level of education could be confirmed. A brief discussion on the role that proper nouns play on linguistic change is also presented.

**KEYWORDS:** Sociolinguistics. Variationist Theory. Dialectology. Palatal lateral.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFMG. Contato: karolbiscardi@yahoo.com.br

\*\* Professora Adjunta da Faculdade de Letras da UFMG. Contato: evedogliani@yahoo.com.br

## 1 Introdução

O processo de vocalização da consoante lateral palatal, representada na escrita por “lh” e, por vezes, por “li” em posição intervocálica, como em “família”, tem sido objeto de estudos sociolinguísticos no Brasil devido a evidências de que tal segmento estaria em variação em algumas comunidades falantes do português brasileiro, apresentando principalmente as realizações [ʎ] (pronúncia lateral palatal) e [y] (pronúncia vocalizada). Pode ocorrer também como a lateral [l], sendo esta última característica mais saliente do dialeto falado na região Nordeste do Brasil.

Partindo do pressuposto de que a variável <ʎ> no português brasileiro apresente, dentre outras variantes, os fones [y] (pronúncia vocalizada, estigmatizada) e [ʎ] (pronúncia lateral palatal, considerada padrão), conforme apresentado em Madureira (1987), pretendeu-se verificar a influência dos fatores gênero, escolaridade e grupo social nesse fenômeno na comunidade linguística de Papagaios, Minas Gerais, para a faixa etária de 40 a 60 anos. A análise dos dados foi realizada pelo viés da Sociolinguística Variacionista.

Devido à possibilidade de a variante vocalizada [y] ser estigmatizada, esperava-se que fosse maior o percentual de vocalização entre os falantes do grupo menos escolarizado e menos favorecido economicamente. Além disso, e pelo mesmo motivo, esperava-se que as mulheres fossem mais conservadoras que os homens no que diz respeito à vocalização da lateral palatal.

## 2 Objeto de estudo

Acredita-se que a variável <ʎ> reúna as três características consideradas mais úteis por Labov (1972, p. 8) para o estudo de uma comunidade linguística: é frequente o suficiente, a ponto de não precisar ser provocada; é estrutural, isto é, tem valor distintivo em relação a outras estruturas; e é estratificada socialmente, conforme mostram os trabalhos de Oliveira

(1983), Madureira (1987), Pinheiro (2009) e Aragão (2003 *apud* PINHEIRO, 2009).

Do ponto de vista estrutural, é curioso o fato de haver variação entre [ʎ] e [y], uma vez que esse processo pode tornar iguais palavras de uso comum no dialeto em questão, ocasionando a união de alguns pares mínimos, definidos por Silva (2005, p. 126) como duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora é idêntica, distinguindo-se por um único fonema. Como exemplos de pares mínimos que se desfazem através da vocalização da lateral palatal, temos:

- a) pilha > pia, igualando-se a “pia”, lugar onde se lavam pratos, mãos etc.
- b) vasilha > vasia, igualando-se a “vazia”, o contrário de “cheia”.
- c) telha > teia, igualando-se à “teia” de aranha, que também pode significar “rede”.
- d) filho > fio, igualando-se a “fio”, que significa “fibra” ou “linha”.
- e) afilhado > afiado, igualando-se a “afiado”, que significa “cortante”.
- f) molho (de chaves, pronunciado com “o” aberto) > moio (também pronunciado com “o” aberto), igualando-se à primeira pessoa do verbo “molhar”.

Apesar de, muitas vezes, a ambiguidade poder ser eliminada através da observação do contexto, a variação entre [ʎ] e [y] é um processo interessante do ponto de vista estrutural, uma vez que as duas variantes parecem ter valor distintivo no sistema linguístico em questão.

Embora o fenômeno de vocalização da lateral palatal esteja presente em outras línguas românicas, alguns pesquisadores argumentam que tal processo ter-se-ia dado por influência das línguas indígenas e africanas, devido ao fato de o processo ser mais evidente, no Brasil, nas “zonas mais africanizadas” (MELO, 1975, p. 81) e ao fato de os índios e negros terem se

mostrado “sempre incapazes de pronunciar lh” (SILVA NETO, 1970, p. 595).

Através da observação do parâmetro item lexical em dados da comunidade linguística de Belo Horizonte, Madureira (1987) demonstra que a pronúncia [y] para a variável <λ> no grupo social mais alto, em que predomina a pronúncia [λ], pode ser explicada através da afetividade atribuída pelo falante ao referente. É preciso, portanto, levar em conta, em um estudo deste e de todos os fenômenos de variação, a questão da manutenção do valor de verdade postulada pela Teoria da Variação. Não foram identificados, no trabalho em questão, fatores fonológicos que favorecessem a realização de [y] em lugar de [λ].

Madureira (1999) reforça a sua tese anterior de que a implementação da pronúncia vocalizada em lugar de [λ] se daria de um grupo social economicamente menos favorecido para um grupo social economicamente mais favorecido. Essa implementação se daria através de um contexto de fala afetivo, conforme mencionado.

Castro (2006) mostra que a pronúncia [λ] é favorecida pelos jovens da comunidade afrodescendente de Matição, na cidade mineira de Jaboticatubas, enquanto a pronúncia [y] é favorecida pelos falantes mais idosos. A variante [y] estaria, portanto, em declínio. A autora propõe como explicação para esse fato, além da diferença de graus de escolaridade, o maior contato dos jovens da referida comunidade com a comunidade urbana de Jaboticatubas, onde a pronúncia [λ] é a mais comum.

Segundo Madureira (1987), não há evidências da expansão da variante vocalizada no português. O presente estudo não contempla essa questão, uma vez que todos os informantes selecionados se encontram na mesma faixa de idade. No entanto, este trabalho poderá ser acrescido futuramente de dados que possibilitem testar a direção dessa variação na comunidade de Papagaios.

Optou-se por não se incluir nesta análise as diferenças entre a consoante lateral palatal [λ] e a lateral alveolar palatalizada, representada foneticamente por [lʲ]. Essa decisão

se deveu ao fato de as duas pronúncias serem consideradas padrão no português atual, não sendo, portanto, estigmatizadas. De qualquer forma, dificilmente essas diferenças poderiam ser incluídas na análise sem o emprego de equipamento mais refinado para gravação das entrevistas, uma vez que as duas consoantes apresentam pronúncias muito parecidas.

### **3 Metodologia**

Foram realizadas oito entrevistas, conforme a metodologia da Teoria da Variação descrita por Tarallo (1985). Foram entrevistadas somente pessoas nascidas em Papagaios, sem distinção entre área rural e urbana. Por se tratar de uma cidade bastante jovem, que se tornou município apenas em 1954 e que recebeu nas décadas posteriores uma quantidade muito grande de migrantes que vieram a suprir a necessidade de mão de obra para os setores de extração e beneficiamento de pedra ardósia, não foi possível selecionar apenas informantes que tivessem pais nascidos em Papagaios.

A escolha da faixa etária 40-60 para uma primeira análise do comportamento do fenômeno de vocalização da lateral palatal na fala da comunidade de Papagaios se deveu ao fato de estudos anteriores apontarem para a estabilidade (OLIVEIRA, 1983; MADUREIRA, 1987) ou para o recuo (CASTRO, 2006) da variante não padrão [y]. Assim, optou-se por estudar o fenômeno em questão na fala de pessoas pertencentes à faixa etária que – supõe-se, através dos estudos mencionados que foram realizados em outras comunidades mineiras – têm chances de apresentar um percentual mais alto de vocalização da lateral palatal.

Tentou-se conduzir as entrevistas em lugares silenciosos e em horários do dia em que os informantes estavam menos ocupados, para evitar ruídos que inutilizassem dados e interrupções. Estas, no entanto, acabaram acontecendo na maioria das entrevistas pelos mais variados motivos. Os dados provenientes das interrupções e das interações do informante com outras pessoas foram incluídos na análise.

A entrevistadora optou pela presença de familiares ou amigos dos entrevistados, em duas das oito entrevistas, pelos motivos a seguir:

- a. Não havia tido qualquer contato prévio com o informante.
- b. Acreditava que a presença de uma terceira pessoa, que fosse amiga ou pertencesse à família do informante, o deixaria mais à vontade para conversar com ela.

Em uma das entrevistas, ocorreu a inclusão inesperada de uma terceira pessoa, amiga da informante e que já estava na casa da mesma no início da entrevista. As perguntas da entrevista foram direcionadas à informante, mas sua amiga participou da conversa e ajudou a aclarar alguns pontos do suposto objeto da entrevista (a história de Papagaios) de acordo com sua memória. Permitir ou solicitar a presença de uma terceira pessoa na entrevista, apesar de por vezes dificultar a transcrição dos dados, revelou-se um procedimento bastante eficaz no sentido de ajudar a eliminar ou diminuir a inibição dos informantes em relação às gravações e, com isso, aumentar a naturalidade de sua fala. Foi constatado, ao final da coleta, que o procedimento poderia ter sido usado em um maior número de entrevistas.

Foram entrevistados quatro informantes de cada gênero. De cada um desses grupos de quatro informantes, foram entrevistados dois falantes sem Ensino Superior e dois falantes com Ensino Superior completo. De cada grupo de dois informantes, um pertence ao Grupo 1 (G1), grupo socioeconomicamente mais favorecido, e um pertence ao Grupo 2 (G2), grupo socioeconomicamente menos favorecido. Todos os oito informantes têm entre 40 e 60 anos. O QUADRO 1 ilustra esse plano.



QUADRO 1  
Esquema de agrupamento de informantes

Faixa etária	Gênero	Escolaridade	Grupo social
8 informantes entre 40 e 60 anos de idade	4 mulheres	2 sem Ensino Superior	1 G1
			1 G2
		2 com Ensino Superior	1 G1
			1 G2
	4 homens	2 sem Ensino Superior	1 G1
			1 G2
2 com Ensino Superior		1 G1	
		1 G2	

Fonte: Dados da pesquisa.

O fator grupo social, que determina se o informante pertence ao Grupo 1 ou ao Grupo 2, foi controlado de acordo com os dados do QUADRO 2:

QUADRO 2  
Critérios para classificação de informantes de acordo com o grupo social

0 ponto	1 ponto
Não possui nenhum imóvel	Possui algum imóvel
Possui renda individual abaixo de R\$1.500	Possui renda individual acima de R\$1.500
Exerce profissão de <i>status</i> 2	Exerce profissão de <i>status</i> 1
Reside em bairro de <i>status</i> 2	Reside em bairro de <i>status</i> 1

Fonte: Dados da pesquisa.

As profissões a que se atribuiu *status* 1 nesta pesquisa são aquelas que exigem curso técnico ou superior e/ou são dotadas de prestígio, como professor, gerente, comerciante, farmacêutico, médico, encarregado. As profissões a que se atribuiu *status* 2 são aquelas que não exigem preparo formal e/ou são menos valorizadas socialmente, como pintor, serrador de pedra, pedreiro, carvoeiro e frentista.

Quanto aos locais de residência, atribuímos *status* 1 aos bairros preferidos pela classe média e alta, como Cidade Nova, Centro e Lagoa, e *status* 2 aos bairros habitados por pessoas menos favorecidas economicamente, tais como Abel Duarte, Nossa Senhora Aparecida e Aguada.

Somente as pessoas que receberam quatro pontos de acordo com a tabela foram incluídas no G1, o grupo economicamente favorecido, e somente as pessoas que receberam dois pontos ou menos de acordo com a tabela foram incluídas no G2, o grupo economicamente menos favorecido. Deve-se salientar que não foram feitas aos informantes perguntas a respeito de suas posses ou renda. Conforme já foi dito, trata-se de uma cidade pequena, em que as pessoas conhecem até mesmo detalhes da situação financeira umas das outras. Assim, não foi difícil, através da consulta a membros da comunidade da confiança das autoras deste trabalho, estimar a renda e as posses de cada um dos entrevistados.

A transcrição dos dados desta pesquisa foi feita através da digitação do áudio das entrevistas em oito arquivos de texto separados. Foi feita de forma integral e segundo critérios baseados naqueles estabelecidos pelo Projeto Pelas Trilhas de Minas, que congrega pesquisas de diferentes regiões de Minas situadas na rota das bandeiras.

#### **4 Análise quantitativa**

De 432 dados obtidos através de oito entrevistas, 108 apresentaram vocalização da lateral palatal, isto é, 25% dos dados foram pronunciados com [y] em lugar de [ʎ]. Serão apresentados, a seguir, os resultados da análise quantitativa segundo os fatores grupo social, escolaridade e gênero.

Adotou-se um nível de significância de 5%, com grau de liberdade 1, que leva a uma região crítica de 3,84. Isto significa que, sempre que  $X^2$  for maior que 3,84, a hipótese nula pode ser refutada.

Para a TAB. 1, a hipótese nula era: o fator grupo social e a vocalização da lateral palatal são independentes. A hipótese

alternativa era: o fator grupo social e a vocalização da lateral palatal não são independentes.

TABELA 1  
Aplicação da regra de vocalização da lateral palatal na comunidade de Papagaios segundo o fator grupo social

Grupo social	[y]	[ɥ]	Total de dados	% AP	X <sup>2</sup>
G1	24	125	149	16%	9,59
G2	84	199	283	30%	
Total	108	324	432	25%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Para os dados da TAB. 1, tem-se um grau de certeza de 9,59, que permite a anulação da hipótese nula. Portanto, o fator grupo social tem influência no fenômeno em questão considerando-se os dados obtidos, o que vai ao encontro dos resultados de trabalhos anteriores realizados na comunidade de Belo Horizonte (OLIVEIRA, 1983; MADUREIRA, 1987; PINHEIRO, 2009).

Para a TAB. 2, a hipótese nula era: o fator escolaridade e a vocalização da lateral palatal são independentes. A hipótese alternativa era: o fator escolaridade e a vocalização da lateral palatal não são independentes.

TABELA 2  
Aplicação da regra de vocalização da lateral palatal na comunidade de Papagaios segundo o fator escolaridade

Escolaridade	[y]	[ɥ]	Total de dados	% AP	X <sup>2</sup>
Ensino Médio	81	154	235	34%	24,63
Ensino Superior	27	170	197	14%	
Total	108	324	432	25%	

Na TAB. 2, o grau de certeza de 24,63 permite a refutação da hipótese nula. Portanto, o fator escolaridade tem influência no fenômeno em questão, considerando-se os dados obtidos. Esse resultado vai ao encontro dos resultados obtidos por Pinheiro (2009, p. 92) para a comunidade de Belo Horizonte.

Para a TAB. 3, a hipótese nula era: o fator gênero e a vocalização da lateral palatal são independentes. A hipótese alternativa era: o fator gênero e a vocalização da lateral palatal não são independentes.

TABELA 3  
Aplicação da regra de vocalização da lateral palatal na comunidade de Papagaios segundo o fator gênero

Gênero	[y]	[ɥ]	Total de dados	% AP	X <sup>2</sup>
Feminino	67	171	238	28%	2,78
Masculino	41	153	194	21%	
Total	108	324	432	25%	

Na TAB. 3, o grau de certeza de 2,78 não permite a anulação da hipótese nula. Portanto, não se pode dizer que o fator gênero tenha influência no fenômeno em questão, considerando-se os dados obtidos. Estes resultados vão de encontro ao que se esperava, uma vez que trabalhos realizados anteriormente na comunidade de Belo Horizonte, como Oliveira (1983) e Pinheiro (2009), mostram que o fator gênero tem influência na vocalização da lateral palatal, sendo a variante vocalizada realizada com mais frequência pelos homens que pelas mulheres. É possível que, a partir de um número maior de dados, seja detectado um favorecimento da variante vocalizada pelos homens de Papagaios, levando em consideração a possível estigmatização dessa variante na comunidade em questão.<sup>1</sup>

## 5 Análise qualitativa

Ao discutir as relações entre léxico e mudança, Oliveira (1992) aposta no papel do léxico como porta de entrada para a mudança sonora, e o contexto fonético como atuante a posteriori, apenas como estabilizador de mudanças. O item

<sup>1</sup> Ver também os resultados deste fenômeno nos trabalhos de Dogliani e de Pinheiro neste volume.

lexical seria, portanto, o licenciador de um processo de mudança, que depois seria submetido à avaliação local pelo contexto fonético (OLIVEIRA, 1992, p. 36). Em um trabalho posterior (OLIVEIRA, 1995), o autor retoma essa discussão, perguntando quais seriam as características dos itens lexicais mais propensos a servir de ponto de partida para um processo de mudança. Para Oliveira (1995, p. 88), “os nomes próprios são menos propensos a mudanças, tomados isoladamente. Contudo, se o ajuste entre dois falantes for marcado por um alto grau de empatia, não há nada que impeça que ocorram alterações exatamente nos nomes próprios”. Assim, apesar de parcialmente blindados contra a variação e a mudança, os nomes próprios não estariam completamente imunes a elas, pois esses fenômenos estariam sob a influência também de outros fatores, sendo o “ajuste entre dois falantes”, segundo se acredita, apenas um deles.

A seguir são expostas duas situações interessantes envolvendo variação fonética em nomes próprios que ocorreram durante as entrevistas.

### **5.1 Variação em nomes próprios: o caso da Rua da Palha**

Na TAB. 4 apresentam-se os nomes próprios ilustrados no *corpus* sob análise, acompanhados do número de realizações de cada item e do percentual de aplicação da regra de vocalização da consoante lateral palatal:

TABELA 4  
 Nomes próprios: itens, número de realizações e porcentagem  
 de aplicação da regra de vocalização

ITEM	TOTAL DE REALIZAÇÕES	% DE APLICAÇÃO
Aurélio	2	0%
Brasília	4	0%
Cecília	7	0%
Getúlio [Vargas, Avenida]	2	0%
Getúlio [o ex-presidente]	1	0%
Hélio	6	0%
Ilhéus	1	0%
Julia	2	0%
Lília	1	0%
Maravilhas [cidade vizinha]	7	14%
Mulher [Zé Mulher, apelido]	1	100%
Palha [Rua da Palha]	3	100%
Velha [Fazenda Ponte Velha]	3	33%

Observa-se que não houve vocalização em dados referentes a nomes de pessoas, mas apenas em dados referentes a nomes de lugares. Interessa-nos, em especial, o caso da Rua da Palha, em que, de três realizações, todas foram vocalizadas – por dois informantes, com graus de escolaridade diferentes.

Segundo moradores da cidade, o nome da rua vem do fato de que as casas aí costumavam ser, há cerca de quarenta anos, feitas de palha. Olga Biscardi, uma professora de 48 anos que mora na cidade desde os dois, assim relatou as suas memórias a respeito da rua:

“O nome ‘Rua da Paia’ é porque as casas ali eram todas de palha... eu era menina, e lembro das casinhas. Eu era menina assim, de não estar nem na escola ainda. E ali era uma comunidade negra, uma espécie de quilombo. Uma família tinha um lote e fazia várias casas nesse lote, e assim morava todo mundo mais ou menos junto.”

Ainda segundo Olga, apesar de hoje as casas de palha não existirem mais, podem-se observar atualmente claros resquícios dessa maneira antiga de construir as casas naquela rua, com vários lotes que abrigam mais de uma construção cada um.

A Rua da Palha é famosa na cidade de Papagaios, apesar de não ser a principal. Fica bem próxima do Centro e todos sabem da sua localização. A rua abriga um bloco de carnaval que desfila todos os anos e que se chama “Unidos da Rua da Palha”. Segundo observação intuitiva, é possível que no nome desse bloco também exista uma tendência à categoricidade da vocalização. Mas será que essa aparente categoricidade se aplica também ao substantivo comum “palha”? A TAB. 5 mostra a comparação entre os dois itens:

TABELA 5  
 Percentual de vocalização da lateral palatal em “palha”, substantivo comum, e “Palha”, nome de uma rua da cidade de Papagaios

ITEM	TOTAL DE REALIZAÇÕES	% DE APLICAÇÃO
palha (nome comum)	2	50%
Palha (nome da rua)	3	100%

A TAB. 5 mostra que [ʎ] no item “palha” parece estar mais suscetível ao fenômeno de vocalização enquanto este faz parte do nome “Rua da Palha”, do que quando usado como nome comum. Duas hipóteses podem ser propostas para explicação desse fato: 1) o nome próprio “Palha” já completou o processo de mudança, enquanto a palavra comum “palha” permanece em variação. Isto iria de encontro à proposta de Oliveira (1992) sobre a resistência de nomes próprios à mudança; 2) o nome próprio “Palha” preserva a categoricidade da vocalização, que pode ter existido na localidade antes da chegada da urbanização. Isto estaria de acordo com a proposta de Oliveira (1992). De qualquer forma, acredita-se que seria interessante, além de pesquisar a história linguística da rua e do município em busca de indícios que nos permitam confirmar ou refutar qualquer uma das hipóteses, refazer essa comparação a partir de um número maior de dados.

A fim de melhor documentar o fenômeno de vocalização da lateral palatal presente no item “Palha” da construção “Rua da Palha”, seria interessante realizar entrevistas em que os informantes fossem induzidos a pronunciar o nome dessa rua através de perguntas a respeito do passado da mesma, dos blocos de carnaval da cidade ou mesmo de perguntas que envolvam instruções, tais como “Saindo da Igreja Matriz, como você faria para chegar a...?” e, claro, inserir aí lugares que fiquem próximos da rua.

Quanto à cidade de Maravilhas, fica a impressão, confirmada pela TAB. 4, de que a vocalização ocorre, mas em menor proporção. Seria interessante, também neste caso, realizar entrevistas com perguntas que induzam respostas já planejadas, a fim de forçar a ocorrência do nome desta cidade na sua fala.

## 5.2 A influência do entrevistador: o caso da Ponte Veia

Um fato interessante ocorreu durante a entrevista de V., pertencente ao grupo menos escolarizado e mais favorecido economicamente. Ao ser perguntado sobre a sua origem rural, o informante, oriundo da Fazenda Ponte Velha, reagiu da seguinte forma:

(...) o senhor morô sempre im Papagaio vida inteira?  
morei sempre im Papagaio

mais sior né da sior é daa... é senhor né da rua não  
não não não {ENTR: senhor nasceu numa fazenda} da Fazenda  
Ponte Velha é

aah na Ponte Veia  
é ((risos)) na Ponte Velha é

ah tá... é eu confundo a Ponte Veia com a Puntinha  
não Ponte Veia<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Esses dados geraram alguma divergência quanto às pronúncias da palavra “Velha”. Diante disso, consultamos mais duas pessoas (uma aluna do curso de Letras e um nativo da cidade de Papagaios) pedindo para que escrevessem as três realizações do nome da fazenda feitas pelo informante da exata maneira como as ouvissem. O resultado, nos dois casos, foi idêntico à transcrição feita anteriormente e aqui apresentada.



A pronúncia “Ponte Velha” causou estranheza às autoras deste trabalho, uma vez que, apesar de ser este o nome oficial do lugar, o nome dessa localidade é mais comumente pronunciado, segundo uma observação intuitiva, como “Ponte Veia”. Apesar disso, pode-se observar, na transcrição, a resistência do informante à pronúncia vocalizada do nome deste local: somente na terceira vez em que ele disse o nome da fazenda e após duas sugestões da entrevistadora é que o informante aderiu à pronúncia “Ponte Veia”. Acredita-se que isto possa ser explicado pela inibição do informante em relação ao fato de sua voz estar sendo gravada. Vale lembrar que esse assunto surgiu aos seis minutos e meio da entrevista, isto é, ainda no seu início. Infelizmente, não houve mais nenhuma realização do nome dessa fazenda no restante dos dados.

Fato diferente ocorreu na entrevista da informante número dois, em que a sugestão de vocalização da lateral palatal, embora não tenha sido insistente como no exemplo anterior, foi rejeitada:

quem ficô na minha frente só a Eliana (...)

**e ela trabaia lá ainda ô não?**

eu mais Eliana e Soraia ficamo quase igual... trabalha... sabe...  
das que tá lá das que passô no concurso que num tá lá é só a  
Soraia que saiu...

Observa-se que a informante optou, consciente ou inconscientemente, pela norma culta, apesar de a entrevistadora ter vocalizado a pronúncia de [ʎ] na mesma palavra poucos segundos antes.

Esses ocorridos levantam perguntas merecedoras de atenção, embora este trabalho não tenha a pretensão de responder a elas:

- a. Teria o informante 5 conscientemente mudado a sua pronúncia de “Velha” para “Veia”, ou teria ele apenas se distraído? Teria a informante 2 feito uma opção consciente pela não vocalização da lateral palatal? Até que ponto um falante tem consciência de suas escolhas linguísticas?

- b. A fala do entrevistador pode influenciar as escolhas linguísticas de seus informantes? Se sim, até que ponto? Como minimizar a influência desse fator<sup>3</sup>

Há que se considerar, evidentemente, que outros fatores não relacionados à fala do entrevistador – estilo e contexto de fala, por exemplo – podem estar atuando sobre a fala das pessoas em casos como esses. Acredita-se, no entanto, que seria interessante repetir o experimento da sugestão insistente com outros informantes, a fim de verificar até que ponto cedem ou resistem a certos usos linguísticos e, quem sabe, a partir daí, fazer propostas para a sistematização da análise desse fator.

## 6 Conclusão

Este trabalho apresentou uma análise variacionista do fenômeno de vocalização da consoante lateral palatal no português da comunidade de Papagaios, município localizado na macrorregião central de Minas Gerais, a 150 quilômetros da capital, Belo Horizonte.

A pesquisa contou com 432 dados, obtidos através de entrevistas gravadas com oito informantes entre 40 e 60 anos do município de Papagaios. A análise qualitativa desses dados levou a um número maior de perguntas que de respostas. Explorou-se brevemente a questão da vocalização da consoante lateral palatal [ʎ] em nomes próprios, através da análise do caso da Rua da Palha, e a questão da possível influência do entrevistador sobre a fala dos informantes.

Através da análise quantitativa, foi possível concluir que, em relação à regra de vocalização da lateral palatal na comunidade de Papagaios e para os dados apresentados,

1. não se pode dizer que o fator gênero tenha influência significativa sobre o fenômeno;

---

<sup>3</sup> Devido à constatação da influência desse fator sobre os dados, alguns pesquisadores optam por excluir da análise o primeiro dado que segue a fala do entrevistador.

2. o fator grupo social parece influenciar significativamente o fenômeno;
3. o fator escolaridade parece influenciar significativamente o fenômeno.

Fato é que há muito a ser feito no sentido de desvendar fatores que influem na variação linguística, assim como há um longo caminho a se percorrer quanto à sistematização da análise de alguns desses fatores. Espera-se que este trabalho possa contribuir, ainda que minimamente, para esse tipo de análise e, em particular, para os estudos da variação linguística em Minas Gerais.

## Referências

CASTRO, E. F. *Sobre o uso da semivogal [y] e a inserção da palatal [ʎ] no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MADUREIRA, E. D. *Sobre as condições de vocalização da lateral palatal no português*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1987.

MADUREIRA, E. D. Reanálise de alguns aspectos da vocalização da lateral palatal no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 8, n. 1, p. 125-145. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1999.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1975.

OLIVEIRA, M. A. de. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*. Tese (Doutorado). Philadelphia: University of Pennsylvania, 1983.

OLIVEIRA, M. A. de. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 1. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1992.

OLIVEIRA, M. A. de. O léxico como controlador de mudanças sonoras. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 1, ano 4. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

PINHEIRO, N. L. de A. *O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA NETO, Serafim. *História da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1986.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

## Variação e mudança dos róticos no português do Brasil: dados do sul de Minas Gerais

*Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen\**  
*Soélis Teixeira do Prado Mendes\*\**

**RESUMO:** Neste trabalho estuda-se uma realização dos róticos no português mineiro. Registra-se a presença do erre retroflexo em localidades rurais da região sul de Minas Gerais. Dados de língua oral contemporânea foram coletados, descritos e comparados a dados da região de Taubaté, São Paulo. Aventa-se uma hipótese sobre sua origem e seu desenvolvimento convergente ao do ele, que também sofre retroflexão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Retroflexão. Desenvolvimento histórico. Neutralização.

**ABSTRACT:** In this paper the realization of the 'r' in the Portuguese of Minas Gerais is described. The presence of the retroflex 'r' is registered in rural communities from the South of Minas Gerais and a comparison between these contemporary spoken language data and similar ones from Taubaté, São Paulo is carried out. A hypothesis about a merging origin and development of the 'r' and the retroflex 'l' is proposed and discussed;

**KEYWORDS:** Retroflexion. Historical development. Neutralization.

---

\* Professora Titular de Filologia Românica. Fale/UFMG.  
Contato: tilah@letras.ufmg.br

\*\* Professora da Universidade Federal do Pará.  
Contato: soelismendes@ufpa.br

## 1 Introdução

A partir do projeto *Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*<sup>1</sup> três áreas de pesquisa foram delimitadas com o objetivo de coleta e descrição de dados que representassem a língua portuguesa de Minas Gerais, tanto contemporânea, quanto passada: no sul de Minas, Lavras, Carmo da Cachoeira, Novo Macaia e Ijací, no norte, Minas Novas (NE) e Paracatu (NO), Serro, e na região metalúrgica, Belo Vale e Sumidouro.

Ocupamo-nos da região sul: as localidades visitadas são próximas a Lavras se desdobraram em: Novo Macaia (município de Ijací), Cervo (município de Lavras) e Carmo da Cachoeira. Colocamos o nome do município de Lavras por ser a cidade maior da região, que serviu de base aos pesquisadores. Essas localidades distam no máximo 30 km uma da outra.

Essa região consta como sendo rota das bandeiras, o que foi confirmado por informações e bibliografia coletada no local. Carmo da Cachoeira foi roteiro de bandeirantes, de acordo com RESENDE (1980).<sup>2</sup> Segundo o autor, Fernão Dias teria estado na região da Fazenda da Boa Vista, onde mais tarde surge Carmo da Cachoeira. Boa Vista teria sido o primeiro local da região habitado por civilizados. A data correta da estadia dos bandeirantes na região é difícil de ser demarcada, mas supõe-se que tenha sido entre 1675 e 1678, no século XVII, portanto. Pelo que se conta, não houve índios na localidade, pois a região era desnuda de matas, de caça e de pesca, e não teria sido escolhida por índios para nela se instalarem.

---

<sup>1</sup> Apoiado pela Fapemig: SHA 8444/02.

<sup>2</sup> RESENDE, Wanderley F. *Carmo da Cachoeira – Origem e Desenvolvimento*. 2. ed. aum. Carmo da Cachoeira, 1980.



FIGURA 1 - Localidades pesquisadas nas proximidades de Carmo da Cachoeira e Lavras

Os dados de língua falada gravados nas proximidades da cidade de Lavras foram coletados em uma visita de quatro dias, por duas pesquisadoras, em fevereiro de 2004. Foram gravadas 10 entrevistas, das quais 03 foram excluídas, uma pelo fato de o informante ter morado muitos anos fora da região, contrariando o perfil sedentário necessário para a caracterização do informante de fala rural prevista pelo projeto, outra devido à má qualidade da gravação e pelo fato de a conversa não ter fluído, outra pelo fato de o informante ter alto grau de escolarização. Ficamos, portanto, com 07 entrevistas de aproximadamente 45 minutos cada (~300 horas de gravação). A faixa etária dos informantes variou de 74 a 92 anos. Todos moravam e trabalhavam na zona rural, embora frequentassem a cidade próxima.

Abordaremos neste capítulo a retroflexão do erre, típica dessas áreas. Alguns trabalhos sobre este tema já foram desenvolvidos, publicados e ou/apresentados em eventos com base nesses dados (cf. COHEN, 2006). Daremos aqui continuidade a esses estudos. Esses serão comparados a dados de Taubaté, no estado de São Paulo.<sup>3</sup>

A retroflexão do erre, objeto deste estudo, encaixa-se no que convencionalmente se chamam os róticos, ou seja, aqueles

<sup>3</sup> Dados do projeto Filologia Bandeirante, apoiado pela Fapesp.

sons que elencam a classe dos erres fonológicos e ortográficos. É um traço fônico que caracteriza por excelência a fala de localidades do sul e sudoeste do estado de Minas Gerais, causando um estranhamento às pessoas de outras regiões do estado, como Belo Horizonte, onde prevalecem as variantes velares [x] ou glotais [h] do erre, embora possa existir em falantes que morem na capital, mas que sejam procedentes do sul do estado. Em Belo Horizonte esse erre é ligeiramente estigmatizado e identificado como sendo de pessoas do interior, da roça, o que para os mineiros é 'ser caipira'. Na verdade essa distinção rural/urbano 'caipira', 'jeca', 'da roça', por um lado, e urbano, por outro, não é simplesmente dicotômica, como observado por BORTONI-RICARDO (1998).

Nos trabalhos mencionados, (COHEN, 2006), por exemplo, investiga-se a retroflexão do 'r' como uma questão diatópica no Brasil, incluindo-se nessas áreas o sul e sudoeste do estado de Minas Gerais, através de seu registro e descrição e depois volta-se ao passado para o estabelecimento de seu percurso histórico.

Sob a perspectiva românica e histórica, o primeiro aspecto que merece menção é o fato de a retroflexão do erre ser um fenômeno brasileiro, ausente do português lusitano e da língua latina. Segundo HEAD (1987) "não há dados congêneres no português europeu, nem nas outras línguas românicas". Os atlas linguísticos de Portugal também não registram essa pronúncia, como colocado pelo autor, nem o *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* ALPI (1962) e nem o *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental* de BOLÉO & SILVA (1962). É, portanto, uma inovação do português brasileiro, um fenômeno da România Nova registrado nas regiões sul, centro-oeste e sudeste do Brasil, incluindo-se nesta última o sul/ sudoeste do estado de Minas Gerais, que nos interessa mais de perto.

Descreveremos todos os casos da retroflexão do erre nas entrevistas feitas na região. Como se verá, embutido na questão da retroflexão está um fonema que em outros dialetos e mesmo ortograficamente não é um rótico, mas uma líquida lateral, o



[l] lateral velarizado [alma] ou sua vocalização [‘awma] ‘alma’.

Nos dados analisados ‘alma’ ocorre como a<sub>l</sub>ma coincidindo com ‘arma’ (‘arma de fogo’), que nos outros dialetos tem outras realizações: [‘axma], [‘ahma], [‘arma].

A exemplo da tradição em fonologia histórica, os segmentos serão analisados de acordo com sua posição nas sílabas em que ocorrem; aqui serão registrados primeiramente os que ocorrem em coda silábica, interna e externa. Em outras posições, como em grupos consonantais, ou no ataque silábico, a retroflexão também ocorre, embora com menos frequência, como em: p<sub>l</sub>aça, sob<sub>l</sub>ado, c<sub>l</sub>ia, g<sub>l</sub>aça, t<sub>l</sub>abaiava, ca<sub>l</sub>apina, (PT:MG)<sup>4</sup>

## 1 A retroflexão do r

O fenômeno da retroflexão do erre é, ao que se sabe, típico do chamado dialeto caipira, referido por muitos na literatura linguística, em especial aqueles que se ocuparam da questão da língua brasileira, como AMARAL (1920); CHAVES de MELLO (1946). Além do interior de São Paulo e de Goiás, regiões do estado de Minas Gerais também exibem o fenômeno.

O trabalho mais abrangente sobre a questão é o já referido de HEAD (op. cit.), em que todas as hipóteses, internas e externas, que possam explicar o fenômeno, foram aventadas. O autor culmina numa análise que encaixa a questão num universo mais amplo que só o do r e inclui as consoantes laterais. Da mesma forma o fazemos aqui, talvez por caminhos diferentes. No presente estudo os corpora foram exaustivamente descritos e nos levaram a aproximar o r do l. No caso dele a proximidade fonética entre os segmentos foi o que primordialmente o guiou. Certamente havia dados esparsos, mas as características fônicas dos segmentos próximos já estabelecidos na literatura é que foram decisivos na postulação dessa proximidade. Para o autor, tanto a pronúncia retroflexa do r, quanto a l velar, partilham da propriedade ‘rebaixado’ ou recuado

---

<sup>4</sup> PT: dados do projeto “Pelas trilhas de Minas...”/Fapemig.

(back), além de que ambos ocorrem num mesmo ambiente, ou seja, “final de sílaba interna e final de palavra” (p. 16).

Mais recentemente, CALLOU, MORAIS & LEITE (1996) estudaram as realizações do “r” em posição posvocálica em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, as capitais do projeto NURC. O perfil traçado foi o urbano (Norma Urbana Culta). A aproximante retroflexa<sup>5</sup> é uma das realizações fonéticas do “r” posvocálico, (as outras são: vibrante apical múltipla, vibrante uvular, fricativa velar, fricativa laríngea, vibrante apical simples e zero fonético); e ocorre, segundo o texto citado, em uma porcentagem baixa em apenas duas das cinco capitais investigadas: Porto Alegre, com apenas 7% do total de ocorrências (~303) e São Paulo, com 5% (~216), de um total de 4334 ocorrências do “r”. Se tivessem sido levadas em conta outras regiões urbanas e a área rural, provavelmente sua ocorrência teria sido maior.

Os sons associados ao erre ortográfico têm sido chamados róticos (cf. HORA e MONARETTO, 2003; ABAURRE & SANDALO, 2003) e podem assumir múltiplas formas. Os autores pontuam o fato de essa associação em torno de diferentes realizações fônicas para o erre ortográfico ser uma convenção e o de não se questionar a diversidade de sons que estão sob essa rubrica. HORA & MONARETTO não tratam da realização retroflexa. Basearam-se em dados da fala de João Pessoa (Paraíba), onde tal variante não foi registrada.

Vejam-se os dados a seguir, em que o erre se realiza em coda silábica interna e externa, em localidades do sul de Minas Gerais:

- (1) **Coda interna “r”:** peitence, poico, serviço, carta, perder; puique; verdura; engorda; ordem; carne; larguei; formado; quarta; firma; Cerivo; concoida (PT:MG)

---

<sup>5</sup> Como o trabalho citado é quantitativo, não são dados exemplos dessa aproximação retroflexa.

- (2) **Coda externa “r”:** mulhe<sub>r</sub>, professo<sub>r</sub>, a<sub>r</sub>, calo<sub>r</sub>, luga<sub>r</sub>; valo<sub>r</sub>; milho<sub>r</sub>; ba<sub>r</sub>; Leono<sub>r</sub>; de co<sub>r</sub>; do<sub>r</sub>; po<sub>r</sub>; pa<sub>r</sub>; seto<sub>r</sub>; sio<sub>r</sub> ~ siôØ ~ sino<sub>r</sub>. (PT:MG).

## 2 A retroflexão do l

Além das realizações do “r” retroflexo apresentadas, trataremos aqui também do outro retroflexo, já referido, resultante da retroflexão do “l” em posição posvocálica, de coda silábica interna e externa. Esse “l” velarizado se vocaliza em grande parte dos falares brasileiros como em mał (n.)>maw e maldade>mawdade, mas na fala rural sob análise sofreu retroflexão e se rotacizou.

Os dados de Minas Gerais em que a retroflexão se associa ao “l” ortográfico são elencados em (3) e (4) abaixo. Em (3) estão os que ocorrem em posição posvocálica e coda interna; e em (4), em posição posvocálica e coda externa:

- (3) **Coda interna:** voltô (voltou); voltei (voltei); volta (volta) (v.); falta (falta) (v.); Ada<sub>r</sub>beito~Adałbeito (Adalberto); a<sub>r</sub>ma (alma); qua<sub>r</sub>queØ (qualquer); Campos A<sub>r</sub>toØ (Campos Altos); a<sub>r</sub>guma (alguma); a<sub>r</sub>moçaØ (almoçar); so<sub>r</sub>ta (solta); reso<sub>r</sub>vi (resolvi); Gerałdino~Gera<sub>r</sub>dino (Geraldino); Pa<sub>r</sub>mital (Palmital); serviçal (serviçal).<sup>6</sup> (PT:MG):
- (4) **Coda externa :** serviça<sub>r</sub> (serviçal); rura<sub>r</sub>~rurał (rural); Manueł (Manuel); Palmita<sub>r</sub> (Palmital); mił (mil); hoteł (hotel); cascavew~cascavéØ~cascave<sub>r</sub> (cascavel); ria<sub>r</sub> (real); agradaveØ (agradável). (PT:MG):

Verifica-se, portanto, comparando-se (1)-(2), a (3)-(4) uma neutralização da oposição entre r e l em posição de coda silábica interna e externa, pois o retroflexo tanto pode ser um erre em realização retroflexa, como em ba<sub>r</sub>ba, cerveja, pe<sub>r</sub>to e luga<sub>r</sub>, valo<sub>r</sub>, ma<sub>r</sub> ou um l (ortográfico), também em realização

<sup>6</sup> O segmento que ocorre em coda interna e externa, na mesma palavra, é registrado nas duas listas.

retroflexa: arto, asfatar, culpa, e cafezar, pessoa, sina, cascavei, ou seja, no dialeto rural mineiro do sul do estado, l sofre retroflexão e se funde ao r retroflexo, variante do fonema /r/.

Conforme CÂMARA Jr. (1970), as únicas consoantes possíveis em posição posvocálica no português seriam o l, o r (líquidas) e o s (fricativas não-labiais). Uma vez que esse l se vocaliza em w, desaparece da língua o /l/ posvocálico, posição fraca para consoantes. É preciso que se acrescente também que ao se retroflexizar, deixa de ser um 'l', pois funde-se ao 'r', que também sobre retroflexão.

### 3 Os erres etimológicos do português

Voltando à perspectiva histórica, faremos um breve retorno aos erres etimológicos do português, a partir do latim, via português lusitano, que não incluíam em seu repertório de fonemas e variantes a variante retroflexa. A bibliografia tradicional sobre a língua portuguesa no Brasil (AMARAL, 1920; ELIA, 1963; CHAVES de MELO, 1971; MENDONÇA, 1948) atribuiu a retroflexão do r ao empréstimo indígena ou ao africano, ou a ambos. Tais hipóteses carecem de comprovação, como colocado por HEAD (op. cit.).

(1) A consoante rr geminada latina se simplifica na evolução para o português e gera o chamado 'r' [R] forte em posição inicial. Há atualmente variantes posteriorizadas, que surgiram, ao que tudo indica, no século XIX. No Brasil as variantes posteriorizadas, com vários modos de realização são as que predominam (MATTOS e SILVA, 1991:96), como [x] ou [h]. O 'r' forte procede, portanto, de uma geminada.

(i) r > R ~ h ~ x

(2) O erre simples intervocálico latino sofreu lenização [r]:

a) o tepe intervocálico procede de um 'r' intervocálico (coda interna) latino. A partir daí é que vai sofrer mutações como a retroflexão: V r V (port.) < V r V (lat.)

- (3) Em final de palavra (coda externa) o 'r' é resultado da apócope do -e final latino, como em **amore->amorØ**. Também a partir daí pode sofrer retroflexão.

Em ambas as posições esse 'r' pode sofrer retroflexão no português brasileiro. Em qual das duas a retroflexão teria acontecido primeiro: em coda interna ou externa?

- (4)  $r$  (lat.) >  $r$  (port.) >  $ɹ$  (e suas variantes)

#### 4 O l etimológico em português

Por sua vez, o [l] inicial procede de uma lateral inicial latina e o l ortográfico final resulta da apócope da vogal final latina -e, como em **sole->sol**.

- (vi)  $l$  (lat.) >  $l$  (inicial)

- (vii)  $l$  (lat.) >  $l$  (final)

#### 5 Retroflexão (e outras variantes) do r e do l posvocálicos nos dados de Minas Gerais

##### IV – Retroflexão (e outras variantes) do 'r' posvocálico em dados de Minas Gerais

[r] posvocálico (PT:MG)	
Coda interna	Coda externa
perder	lugar
porque	valor
verdura	milho
engorda	ba
ordem	Sinhor
carne	Leonor
larguei	de cor
formado	do
quarta	po
firma	pa
Cervo	setor
concorde	sior ~ siôØ

- (5) coda interna: [r] > ɹ  
 (6) coda externa: [r] > ɹ ~ Ø

## VI - Retroflexão (e variação) do [l] posvocálico em Minas Gerais

### [l] posvocálico (PT:MG)

Coda interna	Coda externa
Vo.ɹtô/vo.ɹtei/vo.ɹta	se.ɹviçaɹ
fa.ɹta (v.)	ru.ɹaɹ~ ru.ɹaɹ
Ada.ɹbe.ɹto~Adaɹbe.ɹto	Ma.ɹueɹ
ar.ɹma (alma)	Pa.ɹmi.ɹtaɹ
qua.ɹquêØ	miɹ
Cam.ɹpos A.ɹto	ho.ɹteɹ
a.ɹguma	cas.ɹcave.ɹw~cas.ɹcave.ɹØ~cas.ɹcave.ɹ
a.ɹmoçáØ	ri.ɹaɹ
so.ɹta	agr.ɹdave.ɹØ
reso.ɹvi	
Ge.ɹraɹldino	

- (7) coda interna: [l] > ł ~ɹ  
 (8) coda externa) [l] > ł ~ɹ ~ w ~ Ø

A variação do l em coda externa é maior do que em coda interna, em que a variante vocalizada [w] não ocorre.

O ł velar aparece em coda interna (2/15) e externa (4/9). Interessante observar que das 6 ocorrências, 3 são nomes próprios de pessoa (Adaɹbe.ɹto, Ma.ɹueɹ, Ge.ɹraɹldino) ou em palavras de certa forma marcadas no meio rural: o próprio ru.ɹaɹ, referindo-se ao Fundo Rural, que funciona como um nome próprio, e ho.ɹteɹ, palavra de rara ocorrência no ambiente rural. Também no monossílabo miɹ.

## 6 Retroflexão (e outras variantes) do r e do l posvocálicos em dados de São Paulo

[r] posvocálico (FB:SP)<sup>7</sup>

Coda interna	Coda externa
bar <b>ba</b>	ma <b>ɹ</b>
ce <b>ɹ</b> ta	lua <b>ɹ</b>
ce <b>ɹ</b> veja	tira <b>ɹ</b>
la <b>ɹ</b> gava	maio <b>ɹ</b>
pe <b>ɹ</b> to	calo <b>ɹ</b>
pe <b>ɹ</b> tinho	doto <b>ɹ</b>
ta <b>ɹ</b> de	lugá <b>∅</b> , (a)madurá <b>∅</b>
pa <b>ɹ</b> te~pa <b>∅</b> te	ope <b>ɹ</b> á <b>∅</b>
pe <b>ɹ</b> doar	perdo <b>ɹ</b> ~perdoá <b>∅</b>
su <b>ɹ</b> giu~su <b>∅</b> giu	pa <b>ɹ</b>
fo <b>ɹ</b> ça	seto <b>ɹ</b>
ne <b>ɹ</b> voso	sio <b>ɹ</b> ~ si <b>∅</b>

(9) coda interna: [r] > ɹ ~ ∅

(10) coda externa: [r] > ɹ ~ ∅

Nos dados de São Paulo, não há diferenças na variação em coda externa e interna. Ocorre, no entanto, a retroflexão no início de sílaba interna em ope**ɹ**á**∅**, que nos dados de Minas Gerais não se registra e também a realização **∅** em coda interna (pa**∅**te, su**∅**giu), não registrada nos dados mineiros.

[l] posvocálico (FB:SP)

Coda interna	Coda externa
ama <b>l</b> diçoado	cafeza <b>ɹ</b> ~cafezá <b>∅</b>
vo <b>l</b> temo	pessoa <b>ɹ</b> ~ pessoa <b>∅</b>
pu <b>l</b> mão	mé <b>∅</b> (mel)
a <b>l</b> to	car <b>l</b> navaw
cu <b>l</b> pa	pape <b>ɹ</b> w, cascave <b>ɹ</b> w
consu <b>l</b> ta	reaw
a <b>l</b> guma	igu <b>ɹ</b>
bo <b>l</b> so	catedra <b>ɹ</b>
descu <b>l</b> pá	agradave <b>∅</b>

<sup>7</sup> Dados de Taubaté, do projeto Filologia Bandeirante, apoiado pela Fapesp.

(11) coda interna: [l] > ɹ

(12) coda externa: [l] ɹ ~ w  
 ~ Ø

A ausência do l velar diferencia esses dados dos de Minas Gerais, em que essa variante ocorre, como visto acima.

## 7 Neutralização/desfonologização

Tanto o r quanto o l posvocálicos podem sofrer retroflexão e se fundir neste processo neutralizando a diferença l/r em favor da variante retroflexa. O que se quer mostrar é que etimologicamente o retroflexo que hoje se encontra no chamado falar rural em Minas Gerais procede tanto de um r quanto de um l. Eles se fundem, mas tal fusão não é percebida pelos falantes de outras variantes do erre, que tacham todos de erre caipira, do interior, da roça ou mesmo do Sul (de Minas). Segundo observações anteriormente feitas (HEAD, op. cit.:32), o retroflexo no meio urbano tem caráter estigmatizado, principalmente quando substitui a lateral em final de sílaba.

Sintetizando: o r e o l posvocálicos em posição de coda silábica, tanto interna quanto externa, podem convergir ambos para um r retroflexo. Nesses casos pode-se falar de neutralização da diferença existente entre o l e o r e talvez de desfonologização do l em coda silábica interna e externa.

Em outros ambientes ambos apresentam variação, sendo que o l varia mais do que o r, já que conta dentre as variantes com a semivogal w, o l velar e a vocalização. Ou seja, nos casos estudados o r não se vocaliza (embora haja referência na bibliografia a vocalizações do tipo caine/baiba, lugai, caita (cf. CHAVES de MELO, 1975: 106), como também não se fricativa.

## 8 A questão da fala rural: novos dados

Em adição à questão diatópica que deu início à presente investigação, o desenvolvimento do projeto levou a um



refinamento de nossa proposta dentro dessas regiões onde se registra a ocorrência da retroflexão do erre, e a considerar que a dicotomia rural –urbano está em jogo neste processo. Como colocado pelos dialetólogos brasileiros, trata-se mais de um contínuo e do que de uma oposição.

Em projeto desenvolvido na chamada região do Carmo em Minas Gerais, em que os dados de língua falada foram coletados e analisados de acordo com metodologia sociolinguística, verificou-se que fatores condicionadores tais como grau de escolaridade não se mostraram relevantes nos estudos da fala rural. O grau de escolarização parece não influir na chamada fala rural e informantes com maior ou menor escolaridade parecem se valer de um mesmo sistema linguístico que no todo pode ser chamado rural. Faz-se mister a caracterização do que seja o falante rural: o que reside e trabalha na zona rural ou o que reside na zona urbana e trabalha na área rural. Tal constatação instiga-nos a investigar o fenômeno retroflexão enquadrando os fenômenos linguísticos nas redes sociais, tal como Lesley Milroy (1987) e por James Milroy (1992).

Outros dados certamente enriquecerão a discussão, bem como a questão da avaliação da atitude da forma estigmatizada junto aos falantes, o que no momento foge ao objetivo deste capítulo.

## Referências

ALMEIDA MENDES, A. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos na fala das cidades de Matipó e Abre Campo: casos de inovação e retenção?* Dissertação (Mestrado). POSLIN, UFMG, 2009.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Ed. O livro, 1920.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística. In: GORSSE, S.; ZIMMERMANN (Ed.). *Substandard e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998.

CAGLIARI, I. C. *Análise Fonológica*. Vol 1. Campinas: Pontes, 1997.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Fonética e Fonologia do Português*. Roteiro e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2001.

CALLOU, D.; MORAIS. J.; LEITE, Y. *Varição e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil*. IN: KOCH. I. V. (Org.). *Gramática do Português falado*. Vol VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAIS. J. *Processos de enfraquecimento consonantal no português do Brasil*. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Ângela C. S. (Org.). *Gramática do Português falado*. Vol VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHAVES de MELO, G. *A língua do Brasil*. 3. ed. [1. ed.1946]. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

COHEN, M. A. *Percurso do 'r' retroflexo no português do Brasil*. In: RAMOS. J. (Org.). *Estudos sociolingüísticos: os quatro vértices da Anpoll*. FALE, UFMG, 2006. p. 74-83.

COHEN, M. A. *Percurso histórico do 'r' retroflexo no português brasileiro*". Trabalho apresentado ao GT de Sociolinguística da ANPOLL no XX Encontro Nacional. Reunião intermediária UFMG, 9-10/06/2005.

COHEN, M. A. A. M. *Pelas Trilhas de Minas: considerações sobre o "r" caipira*. Simpósio "Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais" do 54º Encontro do GEL, Unicamp, Campinas, julho 2004.

COHEN, M. A. A. M. *História social do dialeto mineiro: o projeto Pelas Trilhas de Minas – as bandeiras e a língua nas Gerais*." VIII Encontro de Letras. ICHL.UFOP. 19/11/2003.

COHEN, M. A. A. M. *Pressupostos teórico-metodológicos do projeto Filologia Bandeirante*, In: MEGALE, H. (Org.). *Filologia Bandeirante*. Estudos 1, São Paulo: Humanitas, 2000.

HEAD, B. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do "R caipira". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 13, 1987, p.5-39.

HORA, D.; MONARETTO, V. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, D.; COLLISHONN, G. (Org.). *Teoria lingüística. Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Imprensa Universitária, 2003.

MATTOS e SILVA, R. V. *O português arcaico*. Fonologia. UFBA. São Paulo: Contexto, 1991.

MENDES ALVES, A. P. *Um estudo sociolingüístico da variação sintática ausência-presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa, MG que residem em belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado) - FALE/UFMG, 2008.

MILROY, JAMES. *Linguistic Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 1992.

MILROY, L. *Language and social networks*. 2<sup>nd</sup> ed. Oxford & New York: Basil & Blackwell, (1987).

SILVEIRA BUENO. *A formação histórica da língua portuguesa*. 2. ed., Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

TRASK, R. L. *Historical Linguistics*. London: Arnold, 1996.

ZÁGARI, Mário R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. *A geolingüística no Brasil*. Caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.

ZÁGARI, Mário R. L. et al. *Esboço de um Atlas lingüístico de Minas Gerais*. 1<sup>o</sup> vol. MEC/UFJF, 1977.

WILLIAMS. E. B. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

## O comportamento da variável lateral palatal na comunidade de fala belorizontina

*Neffer Luiza de Aguiar Pinheiro\**

**RESUMO:** Este capítulo apresenta a análise do comportamento da variável lateral palatal no português falado em Belo Horizonte/MG, com base na Teoria Variacionista (LABOV, 1972) e no Modelo de Difusão Lexical (WANG, 1969). A análise dos dados permitiu observar que a variante [y] não possui condicionamentos fonéticos, ao contrário do observado pela variante [l]. Em relação aos fatores sociais, a variante vocalizada mostrou-se favorecida pelos informantes do sexo masculino e por aqueles do grupo social de menor renda, e a variante [l] apresentou comportamento estável.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lateral palatal. Variação. Teoria Variacionista. Difusão Lexical.

**ABSTRACT:** This paper presents the analysis of the palatal lateral variable behavior in spoken Portuguese of Belo Horizonte (Minas Gerais), based on the Variationist Theory (Labov, 1972) and the Lexical Diffusion Model (Wang, 1969). Data analysis allowed observing that variant [y] has no phonetic constraints, unlike the variation observed by [l]. In relation to social factors, the vocalized variant proved to be favored by male informants and those of the social group with lower income, and the variant [l] presented a stable behavior.

**KEYWORDS:** Palatal lateral. Variation. Variationist Theory. Lexical Diffusion.

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG. Contato: neffer\_luiza@bol.com.br

## **Belo Horizonte – capital em busca de identidade linguística**

Belo Horizonte é uma cidade relativamente jovem se comparada a outras capitais brasileiras. Inaugurada em 12 de dezembro de 1897, sua fundação tinha como objetivo a criação da nova sede administrativa do estado de Minas Gerais, já que sua então capital Vila Rica (Ouro Preto), devido a sua localização, não possuía espaço para suportar uma expansão urbana esperada nas capitais.

A antiga Vila de Curral Del Rei cedeu lugar à nova capital que, planejada para tal, apresentou projeto de construção moderno para a época, sendo delimitada pela Avenida do Contorno, que não só estabelecia os limites da capital como também separava classes, uma vez que as populares se fixaram no entorno dessa avenida.

O aumento populacional começou logo no início da construção da cidade com a vinda de operários contratados para trabalharem nas obras da nova capital e por migrantes em busca de emprego no novo centro urbano que surgia. Ferreira (2001) diz que

[...] Belo Horizonte recebeu um grande contingente de trabalhadores migrantes no período de sua construção, estando entre eles (sic) além da própria mão de obra nacional, ex-escravos [...] e imigrantes principalmente italianos, convocados para a construção da nova capital. (FERREIRA, 2001, p. 986)

Com o passar dos anos, Belo Horizonte foi crescendo desordenadamente recebendo pessoas de várias localidades em busca de novas condições de vida e emprego. Dessa forma, a capital mineira foi constituindo um mosaico populacional e, conseqüentemente, de falares.

Considerando a ocupação populacional da nova capital, nota-se que ela apresenta características linguísticas que, comprovadamente, sofrera influência de diversas comunidades de fala, já que se destaca por possuir traços linguísticos de todos os grupos populacionais que a cidade acolheu. Salienta-

se, aqui, que a maior parte dos imigrantes que fixaram residência em Belo Horizonte é do interior de Minas Gerais, que se caracteriza por apresentar traços linguísticos dos estados com os quais têm limite, como observa Zágari (1998) ao dizer que “a ocupação dos espaços imensos de Minas Gerais, através de três vias a que a geografia e a história deram vida, reforça e ajuda a explicar a existência de três falares no Estado: baiano, paulista e mineiro” (ZÁGARI, 1998, p. 33-34).

Belo Horizonte destaca-se, então, por possuir uma variedade linguística que merece atenção, como é o caso da variação da lateral palatal, visto que se podem encontrar ocorrências como as de (1) a (5):

- (1) “Eu [traba´ley] durante muitos anos numa empresa só.” (informante VLC)
- (2) “Vão [trabay´a] comigo pra ver o que que é bom” (Informante RAS)
- (3) “(...) a [mu´lɛ] dele tem um sanduíche” (informante LFF)
- (4) “[se´hayɐ], lá no mato eu pego e faço afogado.” (informante EBF)
- (5) “(Ela) maltratou muito as [´fiɐ] do homem.” (informante DO)

Com base no processo de variação do fonema lateral palatal encontrado na comunidade de fala belorizontina, decidiu-se por realizar um estudo aprofundado em relação a essa variável com o objetivo de se obter uma melhor caracterização dos aspectos linguísticos de Belo Horizonte.

## 1 Introdução

O fonema lateral palatal, no português brasileiro, já foi estudado sob o ponto de vista da sociolinguística variacionista por diversos pesquisadores (SOARES, 2002; ARAGÃO, 1996; MADUREIRA, 1987; OLIVEIRA, 1983; entre outros), e as pesquisas referentes a essa variável mostraram a presença de variantes nas respectivas comunidades de fala analisadas.

Este capítulo expõe parte dos resultados obtidos pela análise da variação da lateral palatal presente na minha dissertação de mestrado que trata do processo de variação das palatais lateral e nasal em Belo Horizonte (PINHEIRO, 2009), tendo como base a Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972) e a Teoria da Difusão Lexical (WANG, 1969). São exemplos das variantes da lateral palatal: a variante lateral seguida de semivogal – [ly], a vocalizada – [y], a lateral alveolar – [l] e a variante apagada – [ø].

O *corpus* selecionado para a pesquisa é constituído por 24 (vinte e quatro) informantes (doze homens e doze mulheres) que nasceram e residiram durante toda a vida na comunidade de fala belorizontina. Esses informantes foram, ainda, redistribuídos de acordo com o grupo social ao qual pertenciam e, também, conforme a faixa etária, perfazendo, assim, os fatores sociais. Dentre os fatores linguísticos, foram considerados os contextos precedentes e seguintes à variante, a tonicidade da sílaba onde ocorre a variante e o item lexical. Para análise quantitativa dos dados, foi utilizado o Programa de Regras Variáveis Goldvarb-X.

As hipóteses deste trabalho consideram que a comunidade belorizontina privilegia a variante padrão, e que o processo de variação em direção à variante vocalizada não apresenta condicionamentos fonéticos. Além disso, ao se realizar estudo de tendência, comparando os resultados de Madureira (1987) aos atuais, espera-se que a realização da variante [y] não apresente aumento significativo, já que se trata de uma variante estigmatizada socialmente.

Na análise inicial do *corpus* foram encontrados 1.624 ocorrências referentes à variável lateral palatal, distribuídos da seguinte forma:

TABELA 1  
Distribuição das variantes de /ʎ/

Variantes	Ocorrências	
	Nº	%
[ʎ]	1147	70,6
[l]	95	5,8
[y]	355	21,9
[ø]	27	1,7
<b>Total</b>	1624	100

A variante padrão [ʎ] apresentou o maior número de ocorrências, seguida pela variante vocalizada [y], variante lateral alveolar [l] e pela variante apagada [ø]. Para essa análise, optou-se por não distinguir as variantes *lateral palatal* e a *lateral seguida de semivogal*, já que as mesmas podem ser interpretadas, como mostram Câmara Jr. (1970) e Pontes (1972), como uma única variante, uma vez que parece “[...] não existir, na língua coloquial, o contraste que a língua escrita sugere, do tipo óleo-olho, que se pronunciam da mesma maneira /'ɔlʎu/” (PONTES, 1972, p. 16).

Considerando, assim, os dados representativos das variantes de /ʎ/, passa-se à análise dos dados.

## 2 A influência dos fatores linguísticos

### 2.1 Contexto precedente e contexto seguinte

A análise dos contextos precedentes e seguintes à variável teve por objetivo observar se os mesmos influenciam a realização de uma determinada variante da lateral palatal. Os contextos precedentes e seguintes observados, quando aplicáveis, foram /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/, /u/. Esses contextos foram ainda agrupados de acordo com a altura da língua durante a realização do segmento (alta, média-alta, média-baixa, baixa) para possibilitar uma análise baseada nas características fonéticas comuns de cada segmento.



Além disso, observou-se se os fenômenos de variação da lateral palatal dão-se por meio de assimilação de traços, que ocorrem em virtude da contiguidade de segmentos semelhantes do ponto de vista fonético.

A análise do contexto precedente exibiu a configuração apresentada na tabela 2:

TABELA 2  
Distribuição das variantes conforme contexto precedente

Vogais	[ʎ]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alta	336	57,0	171	29,0	55	9,3	27	4,6	589	36,3
Média-alta	210	76,9	35	12,8	28	10,3	00	00	273	16,8
Média-baixa	184	83,3	36	16,3	01	0,5	00	00	221	13,6
Baixa	417	77,1	113	20,9	11	2,0	00	00	541	33,3
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Considerando o comportamento geral das variantes em relação ao contexto precedente pode-se observar que os maiores percentuais registraram-se na variante padrão, cujos dados destacaram as vogais média-baixas como favorecedoras dessa variante.

Já em relação aos valores apresentados pela variante apagada, nota-se que todas as ocorrências referentes à mesma estão relacionadas ao contexto alto, mais especificamente [i]. É importante salientar que todas as realizações de [ø] no *corpus* analisado referem-se ao item *filho (a)*.

Para melhor caracterização do comportamento das variantes [y] e [l], optou-se, então, por analisar cada uma em relação à [ʎ], já que essas variantes apresentam comportamento fonético/fonológico diferenciado no que diz respeito a padrão. Os resultados estão expressos na tabela 3:

TABELA 3  
Comportamento das variantes não-padrão em relação à [ɫ]

Parâmetro	[ɫ]	[y]	[ɫ]	[l]
	Freq./%	Freq./%/ PR	Freq./%	Freq./%/PR
Alta	336/66,3	171/33,7/.63	336/85,9	55/14,1/.76
Média-alta	210/85,7	35/14,3/.36	210/88,2	28/11,8/.73
Média-baixa	184/83,6	36/16,4/.40	184/99,5	01/0,5/.10
Baixa	417/78,7	113/21,3/.48	417/94,4	11/2,6/.34
Total	1147/76,4	355/23,6	1147/92,4	95/7,6

Ao observar a tabela 3, percebe-se que as variantes [y] e [l] apresentam favorecimento das vogais altas (mais precisamente os contextos precedentes [u] e [i]) como esperado pelo processo de assimilação. Destaca-se, também, que a variante [l] apresenta peso relativo referente às vogais média-altas próximos ao das altas, o que possibilita indicar que aquelas podem também favorecer a realização dessa variante.

Seguindo para a análise do contexto seguinte, passa-se aos resultados expressos na tabela 4:

TABELA 4  
Distribuição das variantes conforme contexto seguinte

Vogais	[ɫ]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alta	330	66,4	141	28,4	12	2,4	14	2,8	497	30,6
Média-alta	113	72,9	15	9,7	27	17,4	00	00	155	9,5
Média-baixa	166	52,9	93	29,6	55	17,5	00	00	314	19,3
Baixa	538	81,8	106	16,1	01	0,2	13	2,0	658	40,5
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Mais uma vez, a variante padrão destacou-se como preferida pelos falantes, apresentando contextos de baixa realização, como pelas vogais altas e média-baixas, que se destacam na realização das demais variantes.

A variante apagada, em todas as suas ocorrências, apresentou como contexto seguinte ou o contexto alto ou o baixo. Após refinamentos dos dados, verificou-se que esses contextos correspondiam ao segmento alto [u] e do baixo [v]. Como já foi explicitado, todos os casos de apagamento são relacionados aos itens *filho/filha*, o que mostra que, apesar de aparentemente ser favorecida pelo contexto precedente [i], o mesmo não ocorre em relação ao contexto seguinte, podendo, assim, a variante ser influenciada, no *corpus* analisado, por esse item e não pelo contexto fonético.

A tabela 5 apresenta os resultados da comparação do comportamento das variantes [y] e [ɪ] em relação à [ʌ], lembrando que cada uma dessas variantes não-padrão apresenta comportamento fonético/fonológico diferenciado no que diz respeito à variante padrão.

TABELA 5  
Comportamento das variantes não-padrão em relação à [ʌ]

Parâmetro	[ʌ]	[y]	[ʌ]	[ɪ]
	Freq./%	Freq./%/PR	Freq./%	Freq./%/PR
Alta	330/70,1	141/29,9/ .60	330/96,5	12/3,5/ .67
Média-alta	113/88,3	15/11,7/ .31	113/80,7	27/19,3/ .92
Média-baixa	166/64,1	93/35,9/ .66	166/75,1	55/24,9/ .94
Baixa	538/83,5	106/16,5/ .40	538/99,8	1/0,2/ .09
Total	1147/76,4	355/23,6	1147/92,4	95/7,6

Considerando a variante vocalizada, nota-se que os contextos que apresentaram pesos relativos favorecedores foram os médio-baixos e altos. Após retomada dos dados, encontrou-se os segmentos [u] e [ɛ] como aqueles que se destacaram na realização dessa variante. Entretanto, esse favorecimento não é conclusivo, pois, após cruzamento no Goldvarb-X dos dados referentes ao contexto precedente com os do contexto seguinte, notou-se a que realização dessa variante poderia estar sendo influenciada por itens específicos.

Ao retornar ao *corpus*, observou-se que todos os casos cujo contexto precedente é [u] e seguinte [ɛ] correspondiam ao item *mulher*, e que todos os casos cujo contexto precedente é [i] e o seguinte é [u] correspondiam ao item *filho*. Assim, esses itens podem estar influenciando a realização da variante vocalizada.

A variante [l] obteve maiores números percentuais de favorecimentos pelas vogais média-altas e média-baixas, destacando-se os contextos [i], [ɛ] e [e] (e ditongos [ew] e [ey]), fato que pode evidenciar que esses segmentos em posição seguinte à variável favorecem a realização da variante lateral alveolar, como mostram os exemplos (6) a (9):

- (6) [trabaˈley] quando ela trabalhou num bar aqui em baixo.  
(Informante GEG)
- (7) [...] são os irmãos que a gente [eskoˈlew], não é não.  
(Informante SRFF)
- (8) Primeiro era idosos, segundo [muˈleris], terceiro os homi.  
(Informante LFF)
- (9) [...] E com um [deˈtali]: a mãe também vai fazer tudo por ela. (Informante RVS)

## 2.2 Tonicidade

A tonicidade da sílaba foi analisada com a finalidade de se estabelecer relação entre a utilização de uma determinada variante e a tonicidade da sílaba em que ela ocorre, uma vez que as sílabas tônicas tendem a ser mais resistentes a um processo de mudança. Câmara Jr. (1970) destaca que no português brasileiro as sílabas pré-tônicas e pós-tônicas são mais fracas que as tônicas, sendo as pré-tônicas menos débeis do que as pós-tônicas. Assim, esperava-se que as variantes de [ʎ] ocorressem com maior frequência nas sílabas átonas.

TABELA 6  
Distribuição das variantes conforme tonicidade da sílaba

Parâmetro	[λ]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Tônica	552	67,2	180	21,9	89	10,8	00	00	821	50,6
Pós-tônica	555	73,6	167	22,1	05	0,7	27	3,6	754	46,4
Pré-tônica	40	81,6	08	16,3	01	2,0	00	00	49	3,0
Total	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Os valores expressos na tabela 6 mostram que a variante padrão apresentou maior favorecimento na posição pré-tônica. As maiores realizações de [y] ocorreram na posição tônica e pós-tônica, cujos percentuais apresentaram-se bem próximos. Já a variante [l] obteve maiores percentuais de realização em posição tônica, com poucas ocorrências em posição pós-tônica e pré-tônica.

Todas as realizações da variante [ø] ocorreram em contexto pós-tônico mas, apesar de apresentar comportamento esperado, a variante apagada destaca-se por ocorrer no *corpus* apenas em um item específico (*filho/filha*), o que leva a considerar que a mesma pode sofrer influência desse item e não da tonicidade.

Os resultados dos dados para verificação do comportamento das variantes não-padrão [y] e [l] em relação à [λ] está expresso na tabela 7:

TABELA 7  
Comportamento das variantes não-padrão em relação à [λ] – tonicidade

Parâmetro	[λ]	[y]	[λ]	[l]
	Freq./%	Freq./%/PR	Freq./%	Freq./%/PR
Tônica	552/75,4	180/24,6/ .51	552/86,1	89/13,9/ .80
Pós-tônica	555/76,9	167/23,1/ .49	555/99,1	05/0,9/ .18
Pré-tônica	40/83,3	8/16,7/ .39	40/97,6	01/2,4/ .38
Total	1147/76,4	355/23,6	1147/92,4	95/7,6

Observa-se que os valores dos PR's referentes à variante vocalizada apresentaram-se próximos, principalmente os valores da sílaba tônica e da pós-tônica, o que leva a concluir que a tonicidade não é fator relevante na realização de [y] ( $\chi^2 = 1,73$ ).

O contexto que se destacou como favorecedor de [l] foi oônico, e não o contexto esperado (átono).

Assim, considerando o comportamento apresentado pelas variantes, em que os contextos pré-tônicos e pós-tônicos não se destacaram como possíveis favorecedores das variantes [y] e [l], como era esperado, concluiu-se que a variante vocalizada não sofre influência da tonicidade da sílaba, e a variante lateral alveolar ocorre com maior frequência em contextos tônicos.

### 2.3 Item lexical

O estudo do comportamento do item lexical teve como base a teoria da Difusão Lexical proposta por Wang (1969), que considera o processo de mudança lexicalmente gradual e foneticamente abrupto. Assim, para a análise dos itens, considerou-se o traço [+/- frequente] cuja utilização serve para observar se são os itens mais ou menos frequentes que estão favorecendo o uso de uma determinada variante (OLIVEIRA, 1995; BYBEE, 2001). Para tanto, todos os itens do *corpus* foram controlados, com o objetivo de identificar se o processo de variação está atingindo determinados itens em detrimento de outros.

Após a análise de frequência dos itens, observou-se que aqueles que possuíam maior frequência no *corpus* eram os que apresentavam os contextos precedentes [u] e [i], e os seguintes [ɛ] e [ɔ]. Cruzando os dados referentes a esses contextos, chegou-se aos itens que se destacaram como os mais frequentes no *corpus*: *mulher, filho*.

Assim, esses dois itens destacaram-se pela sua frequência e pela realização dos mesmos com a variante vocalizada, como mostra o quadro 1:

QUADRO 1  
Distribuição das ocorrências de [y] de acordo com a frequência

Item	Proporção de ocorrência	%
Filho	71/204	34
Mulher	86/197	44
<b>Total</b>	<b>157/401</b>	

A porcentagem de ocorrência desses itens mostra que ambos se apresentaram como influenciadores de [y] no *corpus* analisado. Interessante observar que o item *trabalhar* (e suas flexões), que em Madureira apresentou um alto número de dados com alto número de aplicação (27%) da variante [y], nos dados do presente *corpus*, apesar de também possuir alto número de dados (450 ocorrências), apresentou baixa aplicação (16%), o que demonstra que o papel que *trabalhar* possuía na implementação da variante [y] reduziu-se nos vinte anos que separam a pesquisa de Madureira da presente pesquisa.

É possível pensar que o item *trabalhar*, que possui alta frequência na comunidade de fala belorizontina, será, conseqüentemente, submetido a correções, tratando-se, de acordo com Labov (1994:78) de uma mudança *from above*, isto é, acima do nível da consciência. Assim, o processo de Difusão Lexical estaria relacionado ao processo de mudança *from above*, isto é, ao processo de reintrodução de variantes de prestígio, o que parece ocorrer com *trabalhar* na comunidade de fala estudada.

A variante zero, como observado em 2.1, apresentou comportamento categórico em relação ao contexto precedente (todas as ocorrências relacionadas ao contexto [i]), e, em relação ao contexto seguinte, constatou-se que as suas realizações estavam distribuídas entre os contextos [v] e [u]. Assim, a análise dos contextos mostrou que essa variante pode estar sendo influenciada, nesse *corpus*, por determinados itens lexicais, mais especificamente os itens *filho* e *filha*, que são responsáveis por todas as ocorrências de [ø].

A análise da variante [l] não apresentou favorecimento de itens específicos e, como observado em 2.1, essa variante é influenciada pelo contexto fonético seguinte.

### 3 Fatores sociais

Os fatores sociais considerados na presente pesquisa foram: faixa etária, gênero, classe social.

A variante [ø] foi descartada da análise dos fatores sociais devido ao número reduzido de ocorrências no *corpus* (vinte e sete, no total), já que, com valores tão pequenos, torna-se difícil estabelecer precisamente o comportamento dessa variante em relação a um determinado fator social.

#### 3.1 Faixa etária

Os informantes responsáveis pela composição do *corpus* belorizontino foram divididos em três faixas etárias: jovens (19 a 25 anos), medianos (31 a 41 anos) e velhos (47 a 59 anos). Essa divisão teve como objetivo, em primeiro lugar, a obtenção de um resultado em tempo aparente e, posteriormente, um resultado de tempo real (tendência), este com base na comparação dos presentes dados aos de Madureira (1987).

A distribuição total das variantes no *corpus* analisado apresenta-se na tabela 8:

TABELA 8  
Distribuição das variantes conforme a faixa etária dos informantes

Parâmetros	[ʎ]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Jovens	287	70,5	89	21,9	30	7,4	01	0,2	407	21,5
Medianos	485	70,9	129	18,9	48	7,0	22	3,2	684	42,1
Velhos	375	70,4	137	25,7	17	3,2	04	0,8	533	32,8
<b>Total</b>	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	



De acordo com os dados relatados, observa-se que a variante padrão é a que predomina nas três faixas etárias analisadas, fato que leva a concluir que os falantes da comunidade de fala de Belo Horizonte preferem a variante [ʎ], independentemente da faixa etária na qual estão inseridos.

Considerando a distribuição das variantes [ʎ], [l] e [y], tendo como referência a faixa etária do informante, o comportamento das variantes está presente no gráfico 1:

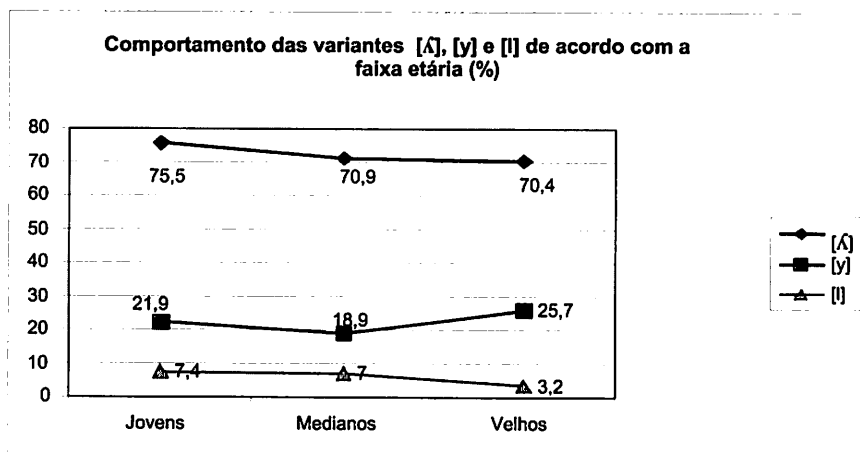


GRÁFICO 1 - Comportamento das variantes [ʎ], [l] e [y] de acordo com a faixa etária

A diferença de idade entre os informantes *jovens* e *velhos* é de 20 anos, isto é, uma geração. Nota-se que a geração *jovem* apresenta percentuais de realização de [ʎ] próximos aos dos informantes classificados como *velhos*, fato que demonstra não haver diferença da utilização dessa variante em relação às duas gerações, o que também ocorre em relação a [y]. A variante [l] também apresenta números percentuais próximos, o que pode indicar que, em relação à faixa etária, o comportamento dessa variante pode indicar possível estabilidade.

Os valores dos pesos relativos, obtidos pela comparação da variante padrão em relação às demais, comprovam a influência dos falantes *jovens* e *medianos* em relação à variação em direção à [l] ( $X^2 = 9,0$ ). Em relação à [y], o fator faixa etária não se mostrou relevante de acordo com os PR's ( $X^2 = 5,1$ ),

fato que leva a concluir que a faixa etária não influencia a realização da variante vocalizada (tabela 9).

TABELA 9  
Comportamento das variantes não-padrão em relação à [ɫ] –  
por faixa etária

Parâmetro	[ɫ]	[y]	[ɫ]	[ɪ]
	Freq./%	Freq./%/PR	Freq./%	Freq./%/PR
Jovens	287/76,3	89/23,7/ .50	287/90,5	30/9,5/ .57
Medianos	485/79,0	129/21,0/ .46	485/91,0	48/9,0/ .56
Velhos	375/73,2	137/26,8/ .54	375/95,7	17/4,3/ .37
Total	1147/76,4	355/23,6	1147/92,4	95/7,6

O mesmo comportamento entre as faixas etárias foi encontrado em Madureira (1987). A autora também não encontrou diferença significativa da realização da variante vocalizada entre as faixas etárias dos informantes, conforme mostra o gráfico 2:

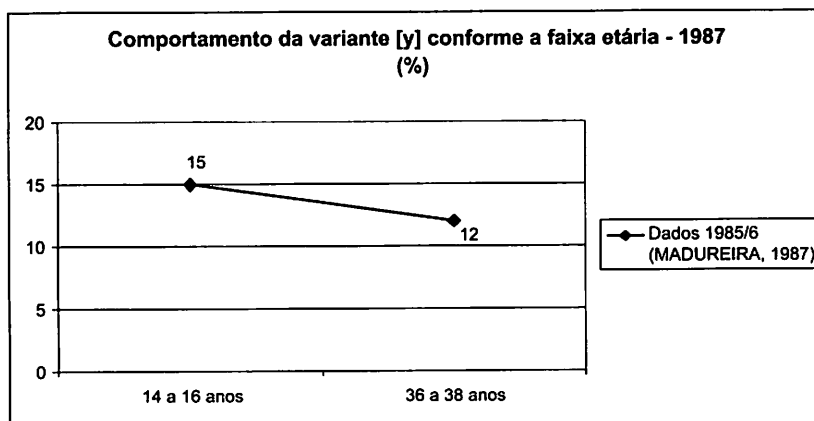


GRÁFICO 2 - Descrição do comportamento da variante [y] conforme faixa etária nos dados de Madureira (1987)

Cabe destacar que os informantes caracterizados como *jovens* (14 a 16 anos) e *adultos* (36 a 38 anos) em Madureira, correspondem, respectivamente, aos informantes *medianos* (31 a 41 anos) e *velhos* (47 a 59 anos) da presente pesquisa. A escolha atual por informantes que correspondessem aos informantes selecionados por Madureira, porém vinte anos mais velhos, teve por objetivo um estudo em tempo real de tendência. Segundo Labov (1994) o estudo de tendência busca analisar, em uma comunidade de fala, o comportamento de uma determinada variante em dois períodos de tempo distintos, com base em informantes que foram selecionados obedecendo-se aos mesmos critérios nos dois períodos. Assim, a atual análise observou se houve mudança de comportamento linguístico dos falantes da comunidade de fala belorizontina, comparando o *corpus* coletado entre 1985 e 1987 (MADUREIRA, 1987) em relação aos dados atuais. O comportamento dos informantes dessas faixas etárias está presente na tabela 10:

TABELA 10  
Comportamento da variante [y] em relação à faixa etária do informante  
(estudo de tendência)

Parâmetro	[y]			
	Madureira (1987)		Dados atuais	
	Aplicação	%	Aplicação	%
Faixa etária 1 (F1)	62/405	15	129/614	21,0
Faixa etária 2 (F2)	41/329	12	137/512	26,8
<b>Total</b>	<b>103/734</b>	<b>14,0</b>	<b>266/1126</b>	<b>23,6</b>

Para compreensão da tabela 10, cabe ressaltar que a nomenclatura das faixas etárias foi redefinida, sendo que F1 corresponde aos informantes *jovens* em Madureira e aos *medianos* na presente pesquisa, e F2 aos informantes *adultos* em Madureira e *velhos* na presente pesquisa.

Nota-se que, pelos valores apresentados nessa tabela, houve um aumento na utilização da variante vocalizada pelas faixas etárias analisadas, aumento que parece significativo pelo

cálculo do  $X^2$  (4,09). Porém, a presente pesquisa captou um número maior de itens favorecedores da variante vocalizada (caso de itens estigmatizados pejorativamente) que se destacam na fala de informantes do sexo masculino.<sup>1</sup> Assim, optou-se por realizar uma rodada dos dados retirando esses itens da análise da faixa etária.

TABELA 11  
Comportamento da variante [y] em relação à faixa etária do informante após retirada de itens favorecedores (estudo de tendência)

Parâmetro	[y]			
	Madureira (1987)		Dados atuais	
	Aplicação	%	Aplicação	%
Faixa etária 1 (F1)	62/405	15	111/596	18,6
Faixa etária 2 (F2)	41/329	12	115/448	25,7
<b>Total</b>	<b>103/734</b>	<b>14,0</b>	<b>226/1044</b>	<b>21,6</b>

O valor do  $X^2$  (3,45), obtido após a exclusão dos itens favorecedores, mostrou que o aumento do uso dos mesmos influenciou os resultados quando da comparação dos dados de Madureira (1987) e os atuais. Como esses itens são utilizados em contextos semânticos específicos, não podem ser conclusivos para determinar o aumento da realização de [y] em relação à faixa etária. Assim, considerando a análise em tempo real (tendência), pode-se afirmar que, ao se analisarem os dados de 1985/86 e 2005/8, o processo de variação relacionada à faixa etária dos informantes apresenta comportamento estável.

Em relação à variante [l], a análise inicial mostrou, de acordo com os números percentuais, um possível comportamento estável. Oliveira (1983), ao analisar o comportamento dessa variante, observou que os dados apresentavam características

<sup>1</sup> As palavras classificadas como pertencentes a esse fator foram: *caralho*, *velho* (não referente à idade cronológica) e *filho(a)* (usado como vocativo, não se referindo ao próprio filho(a) do informante). Ver maiores informações sobre esses itens em Pinheiro (2009).

de uma variante em extinção, pois a mesma realizava-se preferencialmente na fala dos informantes mais velhos. Porém, os dados atuais mostram que essa variante está ocorrendo com mais frequência na fala dos informantes *jovens* e *medianos*. Tal quadro sugere que o processo de extinção de [l], previsto por Oliveira, pode estar retrocedendo, e assim essa variante estaria apresentando um comportamento em direção à estabilidade, posto que os pesos relativos referentes aos usos dos informantes *jovens* e *medianos* estão próximos, como mostra o gráfico 3:

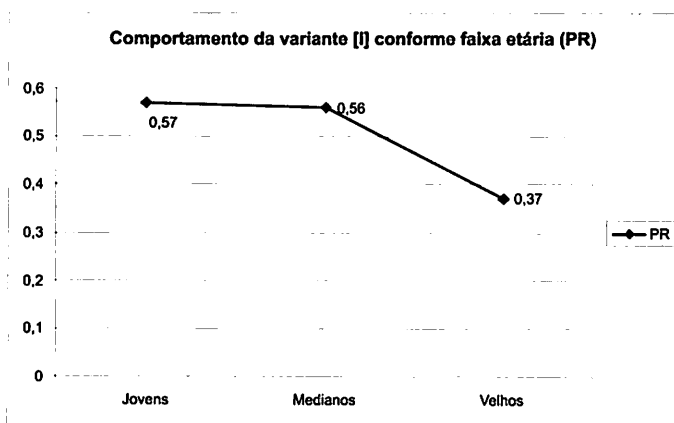


GRÁFICO 3 - Comportamento da variante [l] conforme faixa etária do informante

Concluindo, de acordo com os dados atuais, a faixa etária do informante não é fator favorecedor da variante vocalizada, visto que o estudo de tempo aparente mostrou que os comportamentos linguísticos dos informantes *velhos* e *jovens* apresentaram-se próximos. Já o estudo de tempo real (tendência) mostrou que a diferença entre o comportamento linguístico das faixas etárias apresenta-se estável. A variante [l] também apresentou comportamento estável.

### 3.2 Gênero

As variantes de uma determinada variável costumam apresentar comportamentos diferentes de acordo com o gênero

do informante. As mulheres, pelo papel que possuem na sociedade e, por serem, segundo Labov (1972), mais sensíveis às formas de prestígio, tendem a utilizar a variante mais próxima à variante padrão, enquanto os homens se distanciam mais dessas formas.

A distribuição das variantes de /ɫ/, conforme o gênero do informante, na comunidade belorizontina apresentou a configuração a seguir:

TABELA 12  
Distribuição das variantes conforme gênero do informante

Parâmetros	[ɫ]		[y]		[l]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Masculino	538	66,6	225	27,8	44	5,4	01	0,1	808	49,8
Feminino	609	74,6	130	15,9	51	6,2	26	3,2	816	50,2
<b>Total</b>	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Pelos dados expostos na tabela 12, nota-se que as mulheres utilizam mais a variante padrão do que os homens, sendo que estes apresentam um percentual maior de utilização da variante [y] do que os informantes do sexo feminino. A variante [l] apresenta números percentuais bem próximos, fato que pode levar a concluir que essa variante não é influenciada pelo gênero do informante.

A tabela 13 destaca os pesos relativos dos dados quando da comparação do comportamento de [y] e [l] em relação à variante padrão. Os PR's mostram que os informantes do sexo masculino realizam mais a variante [y], e que os resultados referentes à variante [l] não apresentam significância, comprovando que o gênero não influencia os resultados dessa variante.

TABELA 13

Comportamento das variantes não-padrão em relação à [ʎ] – gênero

Parâmetro	[ʎ]	[y]	[ʎ]	[i]
	Freq./%	Freq./%/PR	Freq./%	Freq./%/PR
Masculino	538/70,5	225/29,5/ .58	538/92,4	44/7,6/ .50
Feminino	609/82,4	130/17,3/ .42	609/92,3	51/7,7/ .50
<b>Total</b>	<b>1147/76,4</b>	<b>355/23,6</b>	<b>1147/92,4</b>	<b>95/7,6</b>

Na análise de tempo real – tendência (LABOV, 1994), ao se compararem os dados de Madureira (1987) com os atuais, percebeu-se que o comportamento em relação ao gênero permaneceu o mesmo, e que a variante [y] continua sendo favorecida na fala masculina, como exposto no gráfico 4:

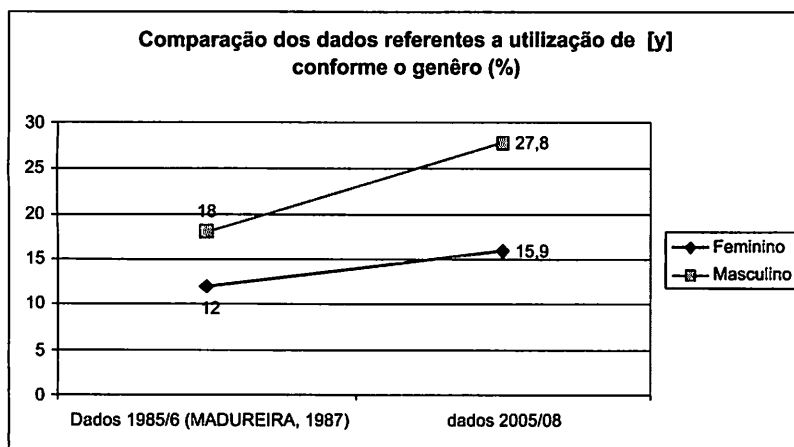


GRÁFICO 4 - Comparação dos dados referentes à utilização de [y] conforme o gênero do informante

O gráfico 4 mostra que houve um crescimento na utilização de [y] na comunidade de fala belorizontina, comportamento que não era esperado, já que se trata de uma variante estigmatizada que tenderia a ter seu uso na comunidade de fala reduzido. O aumento do uso de [y] pode ser explicado pelo fato de a presente pesquisa ter captado mais

itens favorecedores da variante vocalizada (ver seção 3.1) que se destacam na fala de informantes do sexo masculino.<sup>2</sup>

### 3.3 Grupo social

Para o estudo das variantes de [ʎ], realizou-se o controle das mesmas de acordo com o grupo social ao qual os informantes pertencem. Em relação à influência da classe social nos processos de mudança, Labov (1966) destaca que uma mudança linguística sempre começa no interior de um grupo social, e o modo como determinadas variáveis se distribuem por classes pode fornecer evidências de mudança em progresso.

Os informantes foram divididos em dois grupos, sendo o grupo 1 (doravante G1) constituído por informantes que possuem renda média/alta (acima de três salários mínimos) e empregos que exijam maior qualificação; e o grupo 2 (doravante G2) composto por informantes que possuem uma renda baixa (até três salários mínimos) e empregos com baixa qualificação.

TABELA 14  
Distribuição das variantes conforme grupo social

Parâmetros	[ʎ]		[y]		[ɨ]		[ø]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
G1	564	85,7	49	7,4	42	6,4	03	0,5	658	40,5
G2	583	60,4	306	31,7	53	5,5	24	2,5	966	59,5
<b>Total</b>	1147	70,6	355	21,9	95	5,8	27	1,7	1624	

Pelos dados que compõem a tabela 14, nota-se que a variante [ʎ] apresenta maiores números percentuais em G1, e que a variante [y], sendo uma variante desprestigiada socialmente, se destaca em G2.

<sup>2</sup> Ver NR. 1.



Os pesos relativos presentes na tabela 15 destacam o favorecimento da variante [y] pelos informantes do G2 e, em relação à variante lateral alveolar, confirmam que a realização dessa variante não é influenciada pelo grupo social ao qual pertence o informante ( $X^2 = 0,87$ ).

TABELA 15  
Comportamento das variantes não-padrão em relação à [ɺ] –  
por grupo social

Parâmetro	[ɺ]	[y]	[ɺ]	[ɺ]
	Freq./%	Freq./%/PR	Freq./%	Freq./%/PR
G1	564/92,0	49/8,0/ .26	564/93,1	42/6,9/ .48
G2	583/65,6	306/34,4/ .68	583/91,7	53/8,3/ .52
<b>Total</b>	<b>1147/76,4</b>	<b>355/23,6</b>	<b>1147/92,4</b>	<b>95/7,6</b>

De posse dos fatores sociais que parecem influenciar a utilização da variante [y] (gênero e grupo social), realizou-se um cruzamento desses dados com a intenção de delimitar um perfil dos informantes que utilizam a variante vocalizada.

TABELA 16  
Resultado do cruzamento dos resultados dos fatores  
“grupo social” e “gênero”

Parâmetro		[ɺ]		[y]		Total	X <sup>2</sup>
Grupo social	Gênero	Nº	%	Nº	%		
G1	Masculino	279	90	32	10	311	4,47
	Feminino	285	94	17	06		
G2	Masculino	259	57	193	43	452	27,9
	Feminino	324	74	113	26		
<b>Total</b>		<b>1147</b>		<b>355</b>		<b>1502</b>	

Assim, de acordo com os resultados da tabela 16, pode-se perceber que, nos dois grupos sociais analisados, o favorecimento dos informantes do sexo masculino se dá em G2, o que comprova que são os homens pertencentes ao grupo

social de menor renda que mais realizam a variante vocalizada na comunidade de fala belorizontina.

Comparando as informações atuais com as de Madureira (1987), que também destacou a influência de G2 na realização da variante [y], os dados apresentaram a configuração exposta no gráfico 5:

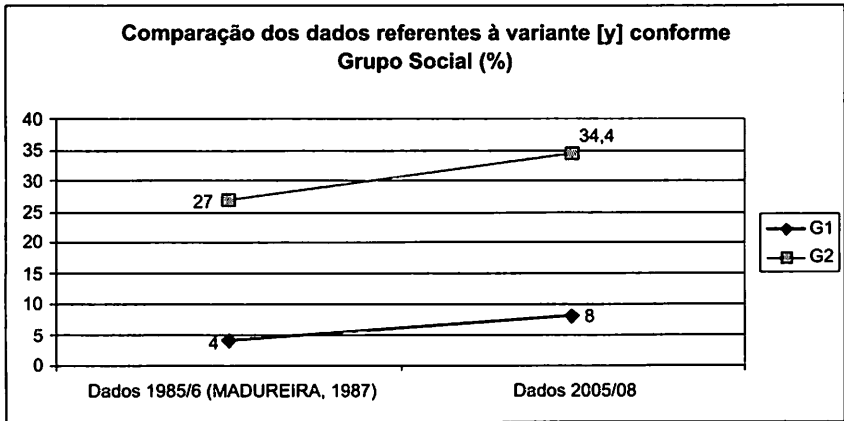


GRÁFICO 5 - Comparação entre os dados de Madureira (1987) e os atuais conforme grupo social

Como se pode observar, a variante [y], por ser uma variante estigmatizada socialmente, não apresentou crescimento significativo nesses vinte anos no grupo social mais alto. Porém, cabe ressaltar que, nos dados atuais, G2 apresentou um aumento de 7,4% em relação aos dados de Madureira, enquanto que em G1 esse aumento foi de apenas 4%. Mesmo com o aparente aumento na utilização da variante [y] pelo grupo social mais baixo, o cálculo do  $\chi^2$  (0,04) revela que a diferença do uso da variante entre os dois períodos de tempo analisados não possui significância estatística.

#### 4 Considerações finais

O comportamento das variantes de /ʎ/ na comunidade de fala belorizontina foi analisado com base em fatores linguísticos e sociais, a partir dos quais foi observado se uma determinada variante apresentava-se em processo de

implementação, extinção ou de estabilização na comunidade estudada.

De acordo com os fatores linguísticos analisados, observou-se que as variantes [y] e [ø], apesar de possuírem contextos fonéticos favorecedores que estão de acordo com regras fonológicas de mudança, esboçam ocorrências relacionadas a itens específicos como *mulher* e *filho* (no caso de [y]) e *filho* e *filha* (no caso de [ø]), não sendo, portanto, variantes explicáveis pelo contexto fonético em que ocorrem. A análise da variante [l] mostrou que a mesma possui condicionamento fonético capaz de explicar sua realização, ocorrendo com maior frequência quando precedida por contextos precedentes altos e médio-altos, e sendo favorecida pelos contextos fonéticos seguintes [i], [ɛ] e [e] e seus ditongos correspondentes ([ew] e [ey]). Além disso, a variante lateral alveolar apresentou maiores ocorrências em posição tônica.

Os fatores sociais mostraram que a variante padrão ainda é preferida por grande parte dos informantes do *corpus* estudado. A variante [ø], por possuir número pequeno de ocorrências, não foi analisada por não se poder estabelecer seu comportamento na comunidade de fala estudada belorizontina. A variante [l] apresentou comportamento estável em relação a todos os fatores sociais analisados, destacando-se o fator idade, que, em comparação a Oliveira (1983), apresentou um retrocesso no processo de extinção previsto por esse autor.

A análise da variante [y] exibiu um perfil que permite propor que são os homens pertencentes ao grupo social mais baixo os que mais utilizam a variante vocalizada.

Após análise de tempo real (tendência) realizada a partir da comparação dos dados de Madureira (1987) e os dados da presente pesquisa, conclui-se que não houve diferenças significativas de usos da variante [y] nos vinte anos que separam a sua pesquisa da atual, o que leva a concluir que a variação na comunidade de fala belorizontina está estável.

## Referências

ARAGÃO, M. S. S. et al. A despalatalização e consequente iotização no falar de Fortaleza. XIV JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO GELNE. *Anais...* Natal: UFRN, 30/10 a 01/11 de 1996.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

FERREIRA, Frederico P.M. Evolução Urbana e Demográfica do Envelhecimento em Belo Horizonte. IX SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA. *Anais...* v. 2. Belo Horizonte: CEDEPLAR, UFMG: 2001.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994. v. 2.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MADUREIRA, Evelyne D. *Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1987.

OLIVEIRA, M. A. de. O léxico como controlador da mudança sonora. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, 1995. p. 75-92

OLIVEIRA, M. A. de. *Variation and change in Brazilian Portuguese: the case of liquids*. Tese (Doutorado) - Universidade a Pensilvânia, 1983.

PINHEIRO, Neffer Luiza de Aguiar. *O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

PONTES, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes: 1972. (Coleção Perspectivas Linguísticas; 5).

SOARES, Eliane Pereira Machado. *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá – PA*. Dissertação (Mestrado) - Centro de Letras de Artes da UFPA, Belém, 2002.

WANG, W. S. Y. Competing changes as a cause of residue. *Language*, 45(1), p. 9-24, 1969.

ZÁGARI, M.R.L. Os Falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. (Org.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998.

Apoio:



Fundação de Amparo à Pesquisa do  
Estado de Minas Gerais



ISBN 978-85-7758-094-1



9 788577 580941